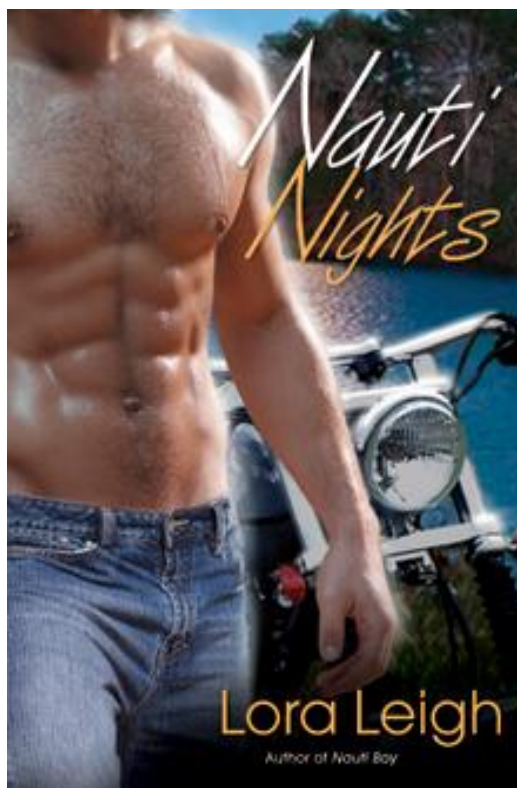


Noites Travessas

Lora Leigh



The Nauti Boys 02

James «Dawg» Mackey passou anos babando por Crista Jansen. Tantos anos quanto ela passou fugindo dele... e dessa perigosa atração que atravessa seu corpo como uma flecha.

Mas agora para Crista, correr não é uma opção porque Dawg tem um plano. É algo mesquinho, mas muito quente.

Chantagem é uma palavra suja, mas Dawg a utilizará se for o que precisa para ter Crista onde quer. Seu desejo é muito intenso e violento para não fazê-lo. Não compreende que Crista também tem seus desejos. Sabe o que ele está tramando, do que é capaz. Não colocaram seu apelido por nada. E antes que termine a noite, Crista lhe fará suar por isso.

Disponibilização em Esp: LLL

Tradução e Formatação: Gisa

Revisão: Lucilene

Revisão Final: Danielle Aguiar

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES



Prólogo

Somerset, Kentucky Lago Cumberland

Oito anos atrás.

Crista Jansen olhou fixamente e com horror à cama e ao homem deitado nela, enquanto tropeçava ao afastar-se, o conhecimento do engano que tinha cometido à noite anterior retumbando em sua cabeça como o som de um pandeiro. Uma e outra vez.

Cobriu a boca com a mão, os olhos completamente abertos, o estômago revoltado com a enojada compreensão da enormidade do engano. O equívoco e o homem. Ocupava quase cada polegada do espaço do colchão, suas poderosas pernas estendidas, os fortes braços movendo-se inquietamente como que procurando... a ela.

E a buscaria. O homem era inesgotável. Uma verdadeira máquina de sexo sem botão de desligar uma vez que tinha começado. E ela deveria sabê-lo agora... ela e toda mulher que tivesse estado alguma vez em sua cama.

Podia sentir a lembrança da noite anterior em cada centímetro de seu corpo: os seios, inchados e sensíveis por seus lábios se amamentando dos ternos picos, os lábios esfolados e sensíveis por seus beijos e entre as coxas...

Essa lembrança quase a fez cair de joelhos ao deslizar o olhar para suas coxas, para a carne semi-ereta que se via ameaçadora e excessivamente grande, inclusive sem estar completamente ereta.

Entretanto tinha entrado. Estirando-a amplamente, com um prazer frequentemente raiando a dor. A tinha preparado para colocar cada centímetro dessa dura e férrea carne em seu interior, isso a tinha destroçado. Amassando dentro dela com uma força que sacudiu a cama e seus sentidos, jogando-a de um orgasmo a outro, lhe dando tal prazer que tinha sido incapaz de negar-se. Incapaz de lhe negar nada, até o final.

Cobriu a boca com a mão quando as lágrimas encheram seus olhos. Meu Deus! Não tinha que tê-lo deixado fazer essas coisas, não? Levantar o traseiro para ele e rogar por mais enquanto sua língua acariciava a carne proibida, logo gritou de prazer e de dor enquanto a cabeça de seu pênis começava a entrar no pequeno buraco lubrificado com excesso.

Tinha-a marcado. Tinha tomado sua virgindade e tinha tomado sua prudência. Quando teve terminado de marcar as úmidas profundidades de sua vagina, deu-lhe a volta sobre o estômago lhe marcando também o traseiro. Com acaloradas bofetadas, com os endemoninhados e talentosos dedos, e por último, com os profundos e controlados

embates de seu pênis.

Tinha-a tomado analmente e o tinha permitido. E quando esteve tombada debaixo ele, lutando para respirar, havia-lhe dito de que modo poderia ser muito melhor. De que modo três pênis tomariam, movendo-se contra ela, agradando-a.

E com essas palavras tinha destruído uma parte de sua alma. Tinha sonhado com palavras doces e tenras. Palavras carinhosas. Beijos ternos e possivelmente pelo menos a promessa de vê-la outra vez. Não tinha esperado que dissesse, tão cedo, que também teria a seus primos.

Eles compartilhavam a suas mulheres; sabia. Não era só um rumor, não era uma insinuação. Alex, seu irmão, tinha-a advertido repetidamente que as histórias nem se aproximavam da realidade do estilo da vida sexual que Dawg e seus primos levavam e ela não tinha feito caso do aviso.

Tremendo de medo, rapidamente vestiu o short e a camiseta, sem incomodar-se em procurar a calcinha e o sutiã. Só Deus sabia onde estavam. Tinha que sair dali antes que ele despertasse, antes que ele se desse conta do quanto incrivelmente estúpida tinha sido.

Tinha estado bêbado. Possivelmente não recordaria. Deus, ele tinha estado bêbado; só levá-lo de retorno à casa flutuante tinha tomado cada onça de força que possuía. Mas tinha entendido sua embriaguez. Seus pais acabavam de morrer em um horrível naufrágio; tinha-os enterrado, tinha permanecido sobre suas sepulturas e sabia que haviam ido para sempre. Merecia umas poucas horas para liberar a dor.

Se não tivesse sido tão estúpida de procurá-lo quando soube que ele não estava com Rowdy e Natches. Se não tivesse se preocupado com ele, tomando emprestado o carro de seu irmão, saindo em sua busca.

Mas foi e sabia. Deveria ter enviado Alex atrás dele. Deveria ter enviado qualquer um atrás dele exceto ela. Porque sabia como acabaria e sabia onde ele queria levá-la.

Em vez de aceitá-lo, enganou a si mesma, pensando que ao tomá-la, ao dar-se conta de sua inocência, de seus sentimentos, mostraria uma faísca de possessividade. Simplesmente um momento de dúvida em compartilhá-la com outros homens, de vê-la com outros homens tocando-a, tomando-a.

Estava chorando quando fechou com cuidado a porta envidraçada que dirigia à cobertura inferior da casa flutuante. Ainda era cedo. A névoa era espessa no lago, rodeando as casas flutuantes e criando um luminescente ar de outro mundo que lhe atravessava a alma. Tocá-lo tinha sido como tocar o poder mesmo. Era enorme, tão alto e longo, o corpo esbeltamente musculoso e ágil. O peito levemente peludo, encrespados cachos que tinham esfregado seus mamilos enquanto empurrava dentro dela. Quando os lábios não os tinham estado chupando. Mas era algo mais que físico. Esse poder se infiltrou em seu interior, enchendo-a com emoções que tinha tratado conter, tentado proteger-se delas. Ela o

amava. Isso oprimia seu coração e fazia doer sua alma. Tinha o poder de colocá-la de joelhos ou fazê-la voar de êxtase com apesars um olhar desses seus estranhos olhos verdes.

E quando a tocou... Quando a tocou, teve o poder de fazê-la esquecer tudo o que sabia sobre quem e o que era Dawg Mackay.

Enquanto descia a plataforma, manteve a cabeça baixa, manteve os olhos sobre a passarela flutuante e rezou para que ninguém a visse. Agora a alvorada mal aparecia sobre as montanhas a maioria dos habitantes das casas flutuantes não se moveriam durante horas.

Teria sorte. Poderia escapar e ninguém nunca saberia que tinha passado a noite com um dos mais notórios deuses do sexo em cinco condados. Um dos três.

Limpou as lágrimas. Odiava chorar. Tinha aprendido anos atrás que não trazia nada bom. Só conseguia fazê-la sentir-se pior que nunca.

Mas não podia deter as lágrimas assim como não podia deter a dor. Dawg a tinha perseguido todo o verão. Esses claros e pálidos olhos de um verde incomum, emoldurados com espessos e escuros cílios negros, tão pálidos que a cativavam e penetravam em sua alma.

Seu sorriso sempre foi tranqüilo e sexy, de cumplicidade. Como se fosse consciente da dor que se concentrava entre suas coxas e a atormentava toda a noite. Como se ele soubesse o quão frequentemente sonhava sentindo-o contra ela, tocando-o, sendo tocada.

O sonho se transformou em mais do que ela tinha esperado. Parte pesadelo, parte tentação. Obrigar-se a sair dessa cama tinha sido quase impossível. Tinha-o querido movendo-se sobre ela; desejava tomar de novo o membro na boca e praticar o que lhe tinha ensinado.

Queria ouvi-lo gemer seu nome outra vez, observar como se obscureciam seus olhos. Queria fugir, esconder-se e estar segura que nunca seria tão vulnerável a ele outra vez.

E isso partiu seu coração. Afastar-se, dar as costas ao único homem que tinha acelerado seu jovem coração a estava matando. Doia fisicamente. Revolveria-lhe o estômago. A fez sentir o coração como uma ferida aberta e dolorosa.

Queria esconder-se. Queria esconder-se, cuidar da dor e do medo. Estava aterrorizada. Aterrorizada das coisas que sabia que Dawg podia fazê-la sentir e aterrorizada ao saber que ela faria qualquer coisa, consumando cada ato que lhe pedisse, por só outra oportunidade de obter um quente e atordoante beijo de seus perfeitos lábios.

Transformaria-se em nada mais que outra em uma longa lista de brinquedos dos meninos travessos e isso a destruiria. Nunca poderia compartilhá-lo com outra mulher e da mesma maneira, ela não sobreviveria, emocionalmente, sendo compartilhada.

Enquanto se movia com rapidez ao longo da passarela flutuante e sobre a ponte que se estendia para a borda, o som de uma motocicleta entrando no estacionamento mais

longínquo acelerou seu coração com pavor.

Não só tinha desbaratado seus sonhos se não possivelmente também uma amizade. Dawg e seu irmão eram muito amigos. Quando os primos Mackay não estavam ocupados compartilhando suas mulheres, Alex sempre estava em sua companhia até que se uniu ao exército. E inclusive agora, quando voltava para casa de licença, passava muito tempo com Dawg e os outros primos Mackay.

Isto poderia destruir essa amizade e Alex não tinha muitos amigos.

As repercussões da noite anterior corriam rapidamente através de sua alma com um poder que arrancavam soluços do seu peito. Chegou ao carro que tinha tomado emprestado ao mesmo tempo em que seu irmão alcançava o veículo com sua motocicleta.

Cessou a poderosa vibração do motor, logo se fez o silêncio enquanto Alex estendia uma longa perna, pondo um pé no pavimento enquanto o outro se apoiava no estribo do outro lado.

Passou a mão lentamente pelo rosto antes de olhar fixamente às casas flutuantes durante um longo e silencioso momento. Era seu irmão mais velho; quase tinha tido que criá-la. Seus pais raramente tinham tempo para ninguém exceto a loja, eles mesmos e qualquer plano que seu pai tivesse para fazer mais dinheiro. Deixando Alex com a responsabilidade de criar a filha com qual nunca pareceram saber o que fazer.

E agora tinha que confrontar o fato de que sua irmã obviamente acabava de deitar-se não só com seu melhor amigo se não com a lenda sexual do condado. E Dawg ainda não tinha completado vinte e cinco anos.

Ela permanecia calada, incapaz de parar de chorar enquanto ele voltou o olhar para ela em silêncio. Os olhos cinzentos estavam cheios de tristeza, em seu majestoso e bonito rosto se desenhava uma expressão de cansaço.

—Disse não para ele? —por fim, perguntou-lhe amavelmente.

Ela negou com a cabeça. Nem sequer tinha pensado em lhe dizer que não.

Virou a cabeça, olhando fixamente para a casa flutuante de Dawg com resignação. Ela pôde ver seu aborrecimento na tensa e controlada linha dos lábios, no brilho da sinistra emoção em seus olhos.

Apertou a mandíbula enquanto os esbeltos músculos de seus ombros e braços se flexionavam ameaçadoramente.

—Queria lhe dizer não?

Negou com a cabeça outra vez, agitada sob o conhecimento de seus olhos.

Não poderia ter dito a Dawg que não, embora sua vida dependesse disso. Cada toque, cada beijo tinha sido uma fantasia feita realidade.

Ele assentiu lentamente.

—Então vá para casa. Lá falaremos disso. Não tem sentido em fazer as coisas piores

prolongando estar aqui o bastante para que alguém possa vê-la. Se quiser manter isto em segredo, terá que fingir que não aconteceu. —Então seu olhar se intensificou— Crista, quer manter isto em segredo?

—Sim. —mordeu os lábios trementes enquanto limpava as lágrimas—Meu Deus, Alex. Só quero sair daqui.

—Tem as chaves?

Tirou-as do bolso de seu short e rapidamente abriu a porta antes de jogá-las.

—Crista. —Sua voz, apesar da amabilidade, soava com uma escura e oculta fúria— Estava sozinho?

Agarrou a maçaneta da porta com a mão quando cruzou com o olhar dele.

—Só estávamos Dawg e eu, Alex. Juro. —Desta vez. Ela sabia que se ocorresse outra vez, se se atrevesse a repeti-lo, então não estaria apesars Dawg. E quando isso ocorresse, Dawg teria em seu irmão um inimigo por toda vida.

—Vamos para casa, Crista. —Inspirou bruscamente—Seguirei você.

Enquanto saíam do caminho de entrada, não pôde conter o soluço que lhe rasgava o peito outra vez nem o medo que a invadia.

A noite anterior tinha chorado quando a tocou pela primeira vez. Porque tinha sonhado com isso durante muito tempo. Porque tinha acariciado mais que seu corpo, beijado mais que seus lábios. Havia tocado esse núcleo íntimo de seu ser que ela não sabia que podia ser possuído. Quando os dedos afastaram as dobras entre suas coxas e sua expressão se endureceu de luxúria, tinha umedecido os dedos em seus sucos, então os levou aos lábios, fechando os olhos sensualmente ante o sabor dela.

Um segundo depois tinha descido os dedos entre suas coxas outra vez e os levou aos lábios dela. E não tinha sido capaz de negar-se. Não tinha sido capaz de lhe negar nenhuma só coisa nas horas que passaram se tocando e saboreando um ao outro.

Cada coisa que ele tinha pedido, o tinha dado. Que Deus a ajudasse se ela tivesse essa fraqueza outra vez. Nunca seria capaz de negar-se. Nunca seria capaz de conservar o orgulho nem a alma. Porque se a compartilhasse, quebraria seu coração para sempre. Mas se o pedisse, ela sabia que nunca seria o bastante forte para dizer que não.

—Deus! Foda, que quente está. Tão apertada. Tão apertada, Crista. Tão apertada que quando Rowdy e Natches tiverem seus membros dentro de você, vai acabar conosco... — Não tinha ouvido o resto da frase; sua mente se apagou. Sua alma tinha murchado no peito.

Tinha que afastar-se de Dawg, porque se não o fizesse, apoderaria-se de sua alma. E isso a aterrorizava mais que pensar em abandonar o lar que sempre tinha tido. Nunca seria capaz de defender-se por si só. Conhecia seu toque, conhecia seu beijo e sabia sem nenhuma sombra de dúvida que nunca amaria a ninguém como amava Dawg Mackay.

Capítulo 1

Somerset, Kentucky

Prefacio

Era um pesadelo.

Não, não era um pesadelo, porque estava malditamente segura de que estava acordada. E nos pesadelos, as balas não eram de verdade. Não eram reais, e não explodiam ao redor do armazém como vaga-lumes infernais destruindo tudo o que tinha no interior.

Os pesadelos originavam-se com certo conhecimento de que era um sonho, não era real. Isto era absolutamente real, e se um milagre não ocorresse muito em breve, ia ter buracos no corpo que supostamente não tinham que estar ali.

Lutou para conter os gritos enquanto as balas zumbiam sobre sua cabeça outra vez, explodindo nas caixas de madeira que havia ao seu redor, enviando uma chuva de lascas e cacos em cima dela.

Isto estava mau. Muito mau. Olhou ao redor, com os olhos, totalmente, abertos e estupefata, enquanto engatinhava entre mais caixas, mais gavetas, procurando tanto amparo entre ela e as balas como pôde encontrar.

Crista Jansen estava segura que seu horóscopo de hoje não havia dito nada sobre balas. Algo sobre atraentes cavalheiros e viagens imprudentes, mas não havia nada sobre balas.

Recordaria-o.

Teria mudado seus planos.

Com certeza, teria mudado seus planos.

Correndo rapidamente atrás do que esperava ser uma grossa caixa embalada, cobriu a cabeça com os braços enquanto os vidros choviam a seu redor.

Estas não eram balas normais. Estas eram balas rápidas. Uma automática? Uma Uzi? Algo do tipo que cuspiu fogo enquanto disparava dúzias de tiros de uma vez. E sabia o porque dos brilhos vermelhos de luz, na outra parte do escuro armazém, eram uma pista muito boa, pensou em silêncio.

Um aterrorizado som, entre um chiado e um gemido, saiu de seus lábios quando uma das caixas de madeira explodiu ao seu lado.

Isso era real. Gente matando gente, e ela estava presa no fogo cruzado e perguntando-se como demônios ia sair dali.

Sabia que isto era uma má idéia.

Sabia. Havia sentido esse mau pressentimento logo que entrou no cavernoso armazém e se deu conta que as luzes não funcionavam. Mas, havia, a estúpida idiota que era, voltado a sair? Oh não, demônios, tinha tirado da bolsa sua lanterna de bolso e percorreu penosa e tranqüilamente seu caminho, procurando essa estúpida caixa. Havia dito à companhia de entrega que o deixassem em sua casa, não aqui. Assim quando voltou para casa do trabalho, o que tinha encontrado? Um aviso oficial de que seu pacote tinha sido deixado no armazém de distribuição local e, olhe bem, até tinha dentro a chave mágica para abrir o maldito fichário.

Bem, adivinha o que? Ali não havia nenhum fichário, pensou sarcasticamente. Fichário não, mas sim um montão de balas cantando uma melodia macabra através da escuridão.

E agora, em vez de pegar seus pertences, estava tentando permanecer viva. Quando o destino decidiu chutar a bunda de Crista Jansen? Pelo amor de Deus! não tinha tido suficiente má sorte nos últimos oito anos?

Tudo era culpa de Dawg, decidiu. Tudo. Ele vivia e respirava e por isso o destino a odiava. O destino era mulher, não? Provavelmente tinha ciúmes. Não podia ter outra explicação.

Isto estava muito mau.

—Onde foi a maldita garota...? —gritou bruscamente uma marcante e áspera voz.

Muito bem, ela era a única garota que conhecia neste estúpido lugar. Só tinha ouvido ordens masculinas, instruções, e gritos desde que o inferno tinha desatado a seu redor.

Crista deu a volta, engatinhando sobre suas mãos e joelhos nus —deveria ter colocado jeans ao invés de uma de suas poucas saias boas— fazendo todo o possível para afastar-se do caos e do massacre.

Sabia que não devia ter entrado, lembrou-se. Recorda esse mau pressentimento? Essa sensação de pânico? Não tinha aprendido anos atrás que isso significava algo errado? Salvando-a de evitar o inferno desse tipo de coisas?

Ultimamente tinha estado sentindo mais freqüentemente. E este era só outro acontecimento de uma enorme lista de estranhos fatos. As roupas que desapareciam e logo voltavam para o armário, recém lavadas. O pressentimento de ser observada, estranhos que pensavam que a conheciam.

Não havia dito a seu irmão, semana passada, que algo ia errado? E falando de irmãos pirados, onde demônios, estava o seu? Que merda! Alex tinha que desaparecer quando mais necessitava.

E não se despediu quando falou com ele.

Estranho que recordasse isso quando estava metida em uma escura e mofada esquina rodeada de caixas e respaldada por uma coluna de cimento.

Não tinha se despedido de Alex quando falou com ele na semana passada. Simplesmente tinha desligado porque havia dito algo completamente estúpido.

Assim como:

—Chame Dawg.

Com certeza que sim. Ia fazer isto.

Deveria ter pensado antes de fazer essa louca sugestão. Onde demônios, estava sua cabeça nos últimos oito anos? Tinha esquecido quão duro foi para ela permanecer em Somerset esse verão? Dawg a tinha perseguido com firme determinação durante meses antes que o resto de seu mundo lhe caísse em cima. Embora foosse mais que óbvio que ela não recordava a única noite roubada que tinha passado em sua cama, mesmo assim perseguia-a com uma tenacidade que a recordava por que o chamavam de Dawg.

Porque ele nunca desistia. Nunca cedia.

Se sobressaltou quando um projétil atravessou o lado da caixa que tinha esperado que fosse o suficientemente grossa para protegê-la. Olhou fixamente o buraco de saída que fez a poucos centímetros de seus joelhos levantados e ofegou.

Era quase do tamanho do seu punho.

—Abaixo!

Ouviu a voz masculina gritando de longe enquanto outra bala ricocheteava contra a viga de cimento, centímetros acima de sua cabeça.

Se agachou. Completamente. E lutou para passar pela pequena fresta entre a coluna e a pesada caixa, perguntando-se como diabos tinha penetrado a bala quando ela nem sequer podia movê-la.

Agarrando desesperadamente a lateral da caixa, pressionou, empurrou, encaixando-se no reduzido espaço e quase... quase a moveu para escapar.

Gritou, o terror percorrendo-a, congelando o sangue quando fortes dedos a agarraram pelo cabelo e a puxaram para trás, sujeitando-a pelas espessas e escuras mechas e provocando uma dor atroz no seu pescoço.

Jogou as mãos para trás, cravando as unhas no braço que a segurava, lutando, lutando enquanto era arrastada do único meio de escapar que havia.

—Estúpida puta! Onde está meu fodido dinheiro? Já a ensinarei a não me trair, puta.

Foi sacudida com força, olhando para trás com horror aos escuros olhos e o rosto cheio de marcas do qual estava segura tinha que ser um demônio.

O gordurento e negro cabelo lhe caía sobre a estreita testa, as maçãs do rosto flácidas estavam vermelhas de raiva, os escuros olhos marrons quase vermelhos de fúria. E tinha uma pistola.

Crista observava em câmara lenta. Tinha ouvido essa expressão, os acontecimentos passavam em câmara lenta, e não o tinha acreditado até agora.

Agora estava observando-o. Insensível. Sem fôlego. Observando em câmara lenta como se elevava seu braço. Uma mão a empurrou contra a coluna de cimento, a outra se elevava. Elevava-se.

Mas o disparo chegou muito cedo.

Um minuto ela estava observando essa arma negra elevando-se para ela, e no seguinte uma chuva vermelha explodiu a seu redor enquanto levava as mãos ao rosto e liberava um grito quando o corpo foi para ela, logo caiu.

Diretamente no seus pés.

—Maldita seja, Crista!

Ela reconheceu essa voz.

Levantou a cabeça da visão da sangrenta ofensa que era agora a cara de seu agressor, voltou o olhar para a escura figura, POLICIA desenhado no colete a prova de balas que estava tirando do amplo peito.

—Ponha-o, maldita seja! —Sua voz era áspera, gutural e animal, enquanto a agarrava e lhe abotoava o colete até que as cintas de velcro estiveram bem presas em seu peito e costas.

—Vamos! —Fortes dedos enluvados envolveram seu braço, enquanto, com um tranco, a caixa que esteve brigando para movê-la foi empurrada para trás como se não fosse mais que uma pesada caixa—Mova-se!

Empurrou-a através da abertura antes de agarrar seu braço outra vez e arrastá-la através da escuridão.

—O que aconteceu? —Respirando com dificuldade. Não podia gritar, não podia chorar. Tudo o que podia fazer era seguir Dawg.

E ela sabia que era Dawg. Esses brilhantes olhos verdes pálido, essa escura, masculina e melosa voz. Nenhum outro homem soava como Dawg. Nenhum outro homem se movia nem cheirava como ele.

Além disso, era somente sua estúpida sorte. Ele estava ali. Ela estava ali. O inferno tinha explodido a seu redor. O destino estava rindo dela, e era culpa de Dawg.

—Cale-se! —disse-lhe bruscamente, sem incomodar-se muito em explicar-se enquanto a empurrava pela escuridão— Mantenha a boca fechada, mantén a cabeça baixa e se hoje Deus estiver de bom humor, possivelmente possa salvar seu traseiro.

Salvar seu traseiro?

—Mas eu somente estava aqui...

—Caramba, cale-se. —Empurrou-a contra um pouco de cimento, a tênue luz que se derramava da janela sobre suas cabeças acentuava as enfurecidas chamas em seus olhos—

Acabo de matar um homem por você, princesa. Um homem que vale muitíssimo mais vivo que morto. Agora fecha essa maldita boca e escute exatamente o que eu digo. Exatamente. Ou a algemarei e a arrastarei para dentro tão rápido, que não terá tempo de retorcer esse precioso traseiro.

Antes que pudesse processar o fato que estavam correndo da parte traseira do armazém, Dawg a elevou para o assento de atrás de sua negra caminhonete quatro por quatro de cabine dupla. Tirou-lhe o colete a prova de balas e o vestiu de novo, os olhos brilhantes de cólera enquanto passava os dedos pelo cabelo. Olhou-a fixamente, sem remorso, antes de agarrar a barra de sua camiseta e esfregá-la sobre a parte inferior Do rosto dela.

Sangue. Encolheu os ombros ante o pensamento. Agora estava manchada com o sangue de outro. Então Dawg jogou para trás sua cabeça um segundo antes de cobrir seus lábios com os seus.

O tiroteio amainou. A realidade se eclipsou. O mundo se reduziu a seus lábios inclinados sobre os seus, a língua pressionando entre eles enquanto os seus se abriam. A eletricidade faiscou, explodiu e crepitou em sua cabeça com um deslumbrante desdobramento de cores enquanto o prazer saqueava seu corpo.

Oito anos sem ele. Sem isto. Sem a fome pela que morria e consumia a ferida aberta em sua alma que abandoná-lo oito anos atrás deixou em seu interior.

Retorceu as mãos no colete a prova de balas, e um gemido que a sacudiu, vibrou desde sua garganta enquanto separava os lábios dos seus tão rápido como os tinha tomado.

Ela o olhou fixamente, os olhos totalmente abertos, abalada, enquanto ele a olhava furioso.

—Onde estacionou? —soltou-a.

Os lábios dela tremiam enquanto lutava para conseguir ar suficiente para responder.

—No estacionamento de trás. — sussurrou enquanto ele abria sua bolsa e antes que ela pudesse detê-lo, tirou as chaves do interior.

—Tem muitíssima sorte de que seu carro não estivesse aqui quando isto começou Crista —lhe espetou— Mais sorte do que imagina. Agora, se agache. Não se mova. Não fale. Não estremeça. Que Deus me ajude, se delatar-se, vou jogá-la em uma cela tão profunda e tão escura que não distinguirá o teto do chão. Está claro?

Tratou de assentir, assim como estava tentando respirar. Um segundo depois a empurrou ao assento, pressionando sua bochecha na negra pele de primeira qualidade com uma áspera ordem de:

—Quieta. — antes que a porta se fechasse e ele desaparecesse.

E ficou sozinha. Ainda podia ouvir o tiroteio, mas estava distante e

tranquilizadamente longínquo. Foi sucedido com ordens a gritos, veículos em movimento e estridentes chamadas.

Dentro da caminhonete se estremeceu, arrastou os joelhos até o peito, e tentou acalmar os tremores de seu corpo.

Comoção. Sabia que tinha que ter algum tipo de reação de choque, porque era pleno verão. Não deveria estar congelada embora estivesse tremendo; custava-lhe respirar. E que Deus a ajudasse se vomitasse na caminhonete de Dawg. Provavelmente atiraria nela.

Obrigou-se a respirar lentamente, com regularidade, aspirar a essência de Dawg que impregnava a caminhonete e encher seus sentidos com as lembranças. Lembranças que tinha lutado para esquecer, durante oito longos anos.

A sensação de suas coxas contra as suas quando as separava e descia para ela. Observando como uma grande mão agarrava a vara de seu membro, golpeando-a brandamente contra os cachos úmidos e quentes entre suas coxas.

—Depile sua concha, —ele tinha grunhido— assim poderei ver sua suave carne agarrando meu pau.

Seu útero se contraiu ante a lembrança, tão clara agora como tinha sido a manhã seguinte.

E ele nem somente recordava. Ainda tinha que reprimir a raiva e a dor por isso. Bastardo. Tinha-a visto dois dias depois e tinha olhado seu rosto cuidadosamente enquanto estava no pequeno armazém de seus pais. Tinha o coração na garganta, segura de que tinha ido lá por ela.

Mas não tinha ido por ela. Tinha sorrido e flertado, e segurando em seus braços uma estúpida e imbecil Barbie loira que se arrulhava em seus músculos enquanto pagava os sorvetes e os lanches.

Tinha feito algum comentário alegre a Crista sobre o cabelo e ela o fulminou com o olhar. Tinha franzido o cenho, provou-o de novo e lhe deu as costas e deixou que Alex o atendesse. Porque não podia olhá-lo; não podia suportar a lembrança e saber que não muito mais que uma luz trêmula dessa noite permanecia em sua lembrança. Sabendo, que se a tinha outra vez, não estariam sozinhos.

E então, semanas mais tarde, soube que não tinha escapado dessa noite sem repercussões. Levava seu filho.

A primeira reação tinha sido de fúria, de ressentimento. Ele estava em festa, desfrutando da vida, de suas mulheres e os lascivos joguinhos sexuais que ele e seus primos praticavam e ela estava grávida.

Mas em uns dias essa fúria se acalmou. Saber que ela sempre teria uma parte dele tinha consumido sua jovem mente e seu coração. O coração que tinha sido entregue a Dawg em uma sedutora noite do verão. E a felicidade tinha aumentado, enchendo-a,

brilhando em seu interior.

Até três meses após o dia em que a tinha tomado. O dia em que tinha perdido o filho que amava tanto. Tinha abandonado a clínica onde Alex a havia levado, empacotado suas coisas e abandonado Virginia com uns amigos que tinham estado de visita nessa semana.

E aqui estava, oito anos depois, com os dedos cravados na pele da poltrona de sua caminhonete, tremendo, aterrorizada enquanto o som do tiroteio por fim se acalmou e em seu lugar os gritos de ordens encheram a noite.

De repente, as implicações de sua, muito precária, posição golpearam na mente. Obviamente estava na cena de algum tipo de operação policial. Não era assim como o tinha chamado? Uma operação policial? Uma emboscada? E ela tinha estado justo no centro disso.

O que significava que estava mesmo no centro de toda suspeita.

FODIDA E SEM REMÉDIO. Isso é no que se converteu toda essa fodida noite. Fodida e sem remédio, e era tudo culpa dele.

Ele olhava fixamente a extensão em sombras do estacionamento do armazém, as sobancelhas abaixadas, tentando encontrar sentido no que tinha feito e por que. O porquê disso mais que nenhuma outra coisa.

O que tinha irrompido através dos resistentes treinamentos e crenças no que estava fazendo, o suficiente para tirar Crista do armazém e escondê-la? O que o tinha feito pôr em perigo desta forma sua própria alma por uma mulher?

Entretanto não qualquer mulher: Crista. A mulher que tinha invadido seus sonhos durante mais tempo do que queria admitir. A mulher que havia, de certa forma, conseguido penetrar em sua alma antes que abandonasse Somerset oito anos atrás. E o porquê disso não tinha explicação. Assim como os sonhos com ela que o tinham atormentado durante anos tampouco tinham sentido.

—Tirei seu Rodeio daqui. — disse Natches, aproximando-se sigilosamente de Dawg enquanto permanecia protegendo a entrada do armazém— Estacionou fora do âmbito das câmaras, e tinha a cabeça encurvada quando passou pela entrada. Com um pouco de sorte, poderemos cobrir sua identidade.

Dawg olhou seu primo e melhor amigo pela extremidade do olho. Estava meio tentado a culpar seu primo por cada segundo desta loucura. Depois da ambígua advertência que lhe tinha dado, Dawg tinha se deslocado para encontrar a quem assumia ser a vendedora que tinha entrado no armazém. Ela era a única coisa inexplicável até agora.

Dawg tinha se movido para interceptá-la antes que o resto da equipe e tinha reagido antes de pensar. Se tivesse parado para pensar, ela agora estaria arremessada no chão do armazém com o resto dos bastardos que tinham detido na emboscada.

Tinham os compradores, os vendedores, quatro mísseis experimentais perdidos e seus chips de orientação. Era um magnífico butim para a investigação. Exceto pelo fato que a mulher que tinha planejado e organizado o trato não se apresentou.

Isso, ou ela estava escondida no assento traseiro da caminhonete de Dawg.

—Me recorde por que cobrimos sua identidade. —perguntou Dawg em voz baixa, percorrendo com o olhar o resto da equipe mistura do ATF e Segurança Nacional.

Merda, ele sabia por que, mas maldito seja se queria admiti-lo. Isto não era algo que Crista faria. Sabia que não. Ao menos, não era algo que faria a Crista que ele tinha conhecido.

—Porque não está envolvida? —Natches aventurou uma resposta zombadora.

—Estava ali. —assinalou Dawg, assim como ignorou o forte brilho mental negando que Crista poderia estar de alguma forma envolvida nisto.

—Ah, sim! —Assentiu Natches—Como eu o adverti. Foi você que a retirou como um lobo protegendo a sua companheira, não eu, primo. Só cobri suas costas. Este é meu trabalho. Lembra-se?

Como um lobo protegendo a sua companheira. Ou um Dawg protegendo a um osso, pensou sarcasticamente.

Tinha-lhe dado uma olhada, e algo dentro dele tinha estalado na consciência. Sabia condenadamente bem o que teria acontecido se não a tirasse dali. Se a tivessem apanhado com os outros, com a descrição que tinham da mulher suspeita, não teria escapado da detenção e o conseqüente encarceramento, estivesse envolvida ou não.

E por que isso deveria lhe importar, não podia entendê-lo.

—Ela não está envolvida. —Natches embalou o rifle em seus braços como um amante enquanto contemplava Dawg— Essa mulher não é Crista, Dawg.

Possivelmente não. Mas de todas as formas, possivelmente sim e simplesmente não o via pela luxúria.

Dawg apertou os lábios e contemplou o caos organizado dentro do agora bem iluminado armazém. Era um filho da puta paranóico. Não confiava em ninguém exceto no Pai, no Filho e no Espírito Santo e a última vez que checkou Crista não estava incluída na Trindade.

Agora estava arriscando sua própria reputação para protegê-la. Não só pela advertência de Natches, mas também pelas suas próprias emoções, que tinham interferido em seu trabalho pela primeira vez em oito anos. E enquanto estava ali de pé, observando as detenções, a recuperação dos mísseis e dos chips, e sentindo a sensação de triunfo que irradiava da equipe, ele se sentia desvinculado.

Estava impaciente. Ansioso por solucioná-lo, porque sua mente estava fervendo, filtrando todas as possibilidades. Era possível que Crista não estivesse implicada. E se não o

estava, então era possível que pela primeira vez desde sua volta um ano antes, tivesse algo contra ela. Não podia dar a volta e fugir, como estava acostumada a fazer cada vez que ele se aproximava.

Oh, não. Já não.

Entrecerrou os olhos, e seus lábios se curvaram com um sorriso de antecipação.

Tinha vivido sob os instintos durante muito tempo para descartá-lo, e o instinto lhe outorgava o benefício da dúvida. Mas ainda formava parte da ATF e ela estava na cena de uma compra de armas. Também se encaixava na breve descrição da única mulher do grupo de ladrões que tinham roubado as armas e tentado vendê-las.

La ter que vigiá-la. Muito de perto.

—Oh merda, odeio esse sorriso. —grunhiu de repente Natches a seu lado— Dawg, que demônios, está tramando?

Dawg olhou por cima dele, elevando as sobrancelhas com inocência fingida.

—Só estou considerando como é melhor decidir quem é culpado e quem é inocente. — disse arrastando as palavras— Não há nada do que preocupar-se, Natches. Nada absolutamente.

Era bastante preocupação para Dawg e ainda mais para Crista.

Para Dawg, porque Crista o fez quebrar suas regras e era algo que nunca tinha feito, sob nenhuma circunstância. E para ela, porque ele ia cobrar o pagamento dessas regras quebradas de seu doce corpinho.

Os ombros de Natches desabaram.

—Merda. Por que agora tenho o pressentimento que eu mesmo deveria ter agido como o cavalheiro da armadura brilhante em vez de te dar a oportunidade de tirar a cabeça do traseiro?

Dawg bufou ante isso.

—Deixa de preocupar-se. Tenho tudo sob controle.

—Asseguro que me preocupo cada vez que me diz para não me preocupar. É uma regra cósmica.

Dawg elevou as sobrancelhas e riu divertido.

—Confia em mim.

Natches o contemplou com preocupada incredulidade.

—Cara, não vá me arrastar a essa merda kamikaze outra vez, certo? Quatro anos disso na Marinha foi suficiente. Prometeu se acalmar uma vez que chegássemos em casa. Lembra-se? —Natches o lembrou— Pensa em seu joelho, cara. Está a um passo de ser um aleijado. Não passe dos limites, certo?

O sorriso de Dawg se fez mais amplo.

—Tomar tudo com calma? Calma não é o que tenho em mente, mas tomá-la,

certamente.

Natches cravou os olhos nele desconfiadamente.

—Não faça algo que irá se lamentar, Dawg. Não tenho tempo de ficar salvando seu traseiro.

Dawg bateu em seu ombro antes de ir para o homem que tinha sido levantado do chão de cimento e preparado para uma bonita excursão à cela do prisão mais próximo.

—Não se preocupe Natches. —Sorriu-lhe sobre o ombro— Não se preocupe por nada. Pega seu carro. Diga a seu comandante que viemos separado, eles não precisam saber mais. Simplesmente pediu emprestado o carro de um amigo. Alcançarei-o mais tarde.

Tinha que fazer planos. Planos que incluíam uma sexy e pequena garçonne, sua cama e todo tipo de úmidos, quentes e lascivos atos sexuais.

A próxima vez que lhe desse as costas, ao menos recordaria como se sentia, o que significava ser possuída por ele. E por Deus, que antes de acabar, seria dela. Com toda a alma. Pelas boas ou pelas más. Dawg tinha deixado de brincar.

Capítulo 2

Ela ainda estava onde a deixou. Não é que não tivesse esperado que estivesse, mas sempre era reconfortante saber que alguém estava certo nesses assuntos.

—Quieta. —disse enquanto se sentava no assento do motorista e colocava a chave no contato— Não quer que ninguém a veja enquanto partimos, não?

Ligou a música. AC/DC estremeceu a cabine da caminhonete enquanto apertava o botão das janelas, abrindo-as totalmente, e saía rapidamente do estacionamento como um homem em uma missão.

Levantou a mão para os oficiais da polícia estadual em frente ao estacionamento, e não pela primeira vez estava agradecido de ter estacionado sua caminhonete ao lado de um dos edifícios abandonados em vez de entrar com o resto da equipe mais tarde.

Ele e Natches se separaram para observar a área durante o dia e dar sinal verde quando a equipe pudesse entrar. Era o que tinha salvado o traseiro de Crista. Ninguém se daria conta quando Natches explicasse que tinham vindo separado e partisse no carro de Crista. Poderiam fazer perguntas, até que chegasse a fofoca que uma tal de Crista Jansen atualmente residia com um tal de Dawg Mackay em sua infame casa flutuante, o Nauti Dawg.

Enquanto punha distância entre a caminhonete e a cena da detenção, deixou que relaxassem seus músculos do pescoço e ombros antes de baixar a música e dar uma olhada

entre as praças do comprido assento da parte traseira.

Algo se encolheu em seu interior ante a visão do pálido rosto e os grandes olhos marrom escuro. Olhos chocolate. Tinha uns grandes e escuros olhos cor chocolate, e ele era um homem que sabia como saborear esse doce em particular.

—Já pode se levantar. —ele disse, devolvendo sua atenção à condução enquanto virava por volta de um dos caminhos vizinhos que serpenteavam através do condado.

Ela se moveu lentamente, desenroscando-se do assento traseiro e mudando-se para o vazio assento do passageiro ao lado dele, antes de ficar cômoda e olhar com rigidez ao exterior pelo pára-brisa.

—Ponha o cinto de segurança. —Dawg apoiou o braço no marco da janela aberta e coçou a mandíbula pensativamente enquanto dirigia.

A seu lado, Crista prendeu o cinto de segurança, movendo-se quase com vacilação, lhe dando uma olhada a cada poucos segundos com silenciosa cautela.

Sabia que estava fodida. Não podia saber o fodida que ia estar, mas definitivamente fodida.

—Vamos jogar. — disse ele por fim, arrastando as palavras com diversão enquanto a percorria com o olhar.

—Estivemos jogando durante um ano. —ela replicou— Simplesmente não se lembrou de me ensinar as regras.

Ele sorriu ante isso. Esta era Crista. Nunca sem uma cortante réplica.

—Este jogo é fácil. —ele prometeu—Um jogo de adivinhações. Me diga, se puder, exatamente que demônios estava fazendo no maldito armazém.

Teve que apertar os dentes enquanto a cólera ardia com cada palavra, invalidando a diversão que havia sentido anteriormente. Outra vez, viu-a, com o olhar cravado no maldito terrorista, os olhos totalmente abertos, o rosto pálido, essa pistola elevando-se sem cessar para seu rosto.

Ela estremeceu.

—Coisas minhas. —logo lhe respondeu, com voz angustiada— Mark enviou o resto de minhas coisas da Virginia. Tenho um aviso. A companhia de entregas disse que estavam no armazém em um dos compartimentos. Tenho aqui a chave. —procurou em sua bolsa, a voz tremendo— Olhe. Tenho a chave.

Estendeu para ele a chave.

Dawg tomou lentamente, dando uma olhada, logo a devolveu. Era de fato uma chave do fichário com as siglas AVM, de Armazene Você Mesmo, gravada nela.

—Onde está o aviso?

Não procurou em sua bolsa. Em lugar disso mordeu nervosamente o lábio inferior com os dentes.

—Onde está o aviso, Crista Ann? —perguntou-lhe outra vez.

Crista estremeceu.

—Deixei-a no Rodeio, meu carro. Atrás do armazém.

Dawg sacudiu a cabeça.

—Não o meteu na bolsa, né? —Olhou-a com suspeita.

—Está ali. No assento do passageiro. —Juntou as mãos no colo e retorceu os dedos.

Ela estava acostumada fazê-lo cada maldita vez que andava a seu redor. Desde que tinha dezesseis anos até, uns meses, antes que abandonasse a cidade, um pouco mais de oito anos atrás.

—Já veremos. —grunhiu ele.

—Já acabou o jogo? —perguntou-lhe zangada— Eu gostaria de retornar para casa.

Nesse momento, Dawg sorriu abertamente.

—Dawg, está me levando para casa, não?

Ouviu-o em sua voz. Estava surpresa.

—Ainda não. —Deu-lhe um rápido sorriso, a antecipação começava a aumentar junto com a acalorada luxúria ante o entendimento que viu em seus olhos.

—Então aonde me leva?

—A sua nova casa.

—E isso é? —Soltou a pergunta através de seus apertados dentes. Dawg quase riu afogadamente. Oh sim, as coisas estavam mudando.

—O jogo de pergunta e resposta é mais tarde. —replicou-lhe, recusando a responder no momento— Por enquanto, me deixe perguntar isto: Tem algum indício, de que demônios, estava ocorrendo no armazém?

Ela exaltou com cansaço, apoiou a cabeça contra o assento, e disse:

—Drogas? —Foi dito com tal ar de resignação que ele se inclinou a acreditar que possivelmente não estava envovida com os terroristas.

Com seus antecedentes, era condenadamente difícil acreditar que o estivesse. Seu irmão, Alex, era um dos melhores soldados das Forças Especiais que Dawg tinha conhecido, sua reputação era sólida, e de fato Dawg sabia que tinha sido Alex quem tinha criado Crista.

—Sabe em que problema está metida?

Deu-lhe uma olhada a tempo de ver como seus cílios se fechavam, batendo as asas sobre as bochechas como sombras escuras.

—Leva-me para a prisão?

Levava-a?

Demônios, não, não o fazia. Se fosse entregá-la às autoridades, o teria feito no armazém. Era um maldito estúpido, isso é o que era. Um idiota libidinoso.

—Ainda não. —Apertou os lábios antes de mover a mão para seu rosto e deixar o dedo

indicador acariciando seus lábios, recordando o beijo dela enquanto observava atentamente a estrada, com o cotovelo ainda apoiado no marco da janela.

Maldita seja se não estivesse se metendo em um ato desta vez.

—O que vai fazer Dawg? —perguntou-lhe tranquilamente.

O som de sua voz o deixava mais duro. Não só duro, caramba, seu membro tinha estado duro desde o dia que a viu caminhando pela rua Maior há um ano e soube que havia retornado, inclusive antes de poder ver seu rosto. Não, estava mais duro. Dolorosamente duro.

De repente uma visão de sua cabeça descendo para seu pênis fez que todo seu corpo se encolhesse de dor. Grandes e inocentes olhos cor chocolate elevando o olhar para ele enquanto a cabeça de seu pau desaparecia em sua boca, quase fez que escapasse um gemido do seu peito.

Essa visão o perseguia; esta e várias mais. A visão de sua concha, escuros cachos saturados com seus sucos enquanto separava as tenras dobras com a grossa ereção. O som de seus gritos enquanto lhe colocava a faminta cristão traseiro e a tomava por ali, ouvindo seu sobressalto, seu prazer. Os sonhos que o tinham perseguido durante anos. Sonhos que tinha a intenção de fazer realidade agora que estava em seu poder.

—Ao navio. —Sua casa flutuante. O Nauti Dawg. Sua casa.

Ouviu a forte inspiração que tomou.

—Não.

Ele a olhou, vendo o asco em seu rosto, e uma chama de cólera atravessou sua mente outra vez. Não tinha sido o bastante boa para pôr os pés em sua casa oito anos atrás, e ainda pensava que era muito boa para isso.

—Prefere a prisão? —Diminuiu um pouco a velocidade, olhando os arredores como se procurasse um lugar para dar a volta.

—Não estava fazendo nada.—argumentou então com desespero— Sabe que não, Dawg. Foi uma coincidência...

—Não acredito nas coincidências, Crista.

—Então um engano. —gritou ela quando começou a deter-se na ampla borda mais afrente— Deus, Dawg, sabe que não ando com drogas.

Aproximou-se da borda e se deteve. Cobrindo o volante com os braços, contemplo-a em silêncio.

—Não pode me levar para a prisão, Dawg. Alex retornará logo para casa, e te dirá isso. Tudo isto é um engano.

—Alex não pode solucionar isto, Crista. —ele disse em voz baixa, intencionalmente— Permaneça comigo. —Deu-lhe um minuto para processá-lo—Ou a prisão. Você escolhe.

Ela respirava com dificuldade, irregularmente. Se fosse só medo o que vislumbrou em

seus olhos a teria libertado nesse mesmo momento. Deus sabia que Alex podia sem lugar a dúvidas tratar disto quando retornasse para casa. Mas não foi só medo; ali viu paixão e algo mais. Algo evasivo, um conhecimento, uma certeza que algo estava a ponto de sacudir seu pequeno mundo.

Ela lambeu os lábios. Um pequeno e rápido movimento de língua que oprimiu seu estômago de fome. Desejava essa língua, e a desejava tanto que estava a ponto de fazer algo tão desprezível, tão sujo que quase, só quase, o fez envergonhar-se.

Em lugar disso sorriu, porque ia estar bem. Condenadamente bem.

—Viro ou continuamos para o porto esportivo? —então lhe perguntou— Você escolhe carinho.

E se escolhia dar a volta, então que demônios faria? Esperou, contemplando-a, inexpressivo, seu olhar, sabia, ardente e faminta. Ela sabia o que ele queria. Ela sabia o preço que ele exigia por tirá-la desta.

Seus lábios tremeram antes de lambê-los de novo. Seu olhar piscava com indecisão. E ele não ia ajudá-la. Maldita seja se voltava a persegui-la como um cão atrás de uma cadela no cio, sendo rechaçado cada vez. Desta vez não. Desta vez, era sua vez. A sua maneira ou o prisão. Ou ao menos, essa era a impressão que tentava lhe dar.

—Não dê a volta. —suspirou por último, o olhar encurvado, a cabeça voltando estoicamente a olhar outra vez através do pára-brisa.

—Então vamos ao Nauti Dawg? —perguntou-lhe ele.

—Se for minha única opção. —Sua voz era tensa, zangada.

Muito bem, deixemos que se zangue. Ele tinha estado muito furioso oito anos atrás, e ainda podia recordar a cólera ao saber que ela tinha abandonado a cidade com outro homem. Ao inteirar-se, sem pensar, tinha-a visto no carro com o bastardo quando saíam da cidade.

Ainda recordava. Caramba, tinha tido pesadelos sobre isso quando menos esperava.

—Não é sua única opção, Crista Ann. —disse em voz baixa— Pode explicar às autoridades o que estava fazendo ali. É muito fácil.

É obvio, ele teria que explicar por que não foi presa com o resto do bando, mas esperava que ela não se desse conta disso.

—Sim. Poderia fazê-lo - replicou zombadora—E é obvio, você poderia negar categoricamente que me tirou dali. Não é verdade?

Ele sorriu abertamente. Que Deus cuidasse dela, tinha que reconhecer.

Dawg deu de ombros.

—O que posso fazer? Não chequei o assento traseiro até que ouvi alguém se movendo. Posso ser um pouco distraído quando tenho pressa.

—E o motivo de Natches estar dirigindo meu Rodeio em vez de estar no carro com

você?

Dawg abriu os olhos.

—Você e Natches são amigos, Crista. Emprestou-lhe o Rodeio.

Está bem, na realidade não era tão pervertido. Merda, se escolhesse a prisão, levaria-a para casa e lhe explicaria alguma outra coisa. Mas ela deveria sabê-lo. Se não sabia, bem, era engano dela, não dele.

—Isto é pervertido, Dawg. —ela replicou, o desgosto marcava sua voz.

—Claro que sim. —Assentiu estando de acordo— Mas tenho a reputação de ser pervertido. Não? —Seu sorriso era pura inocência. Um do tipo que normalmente fazia Natches procurar a rota de fuga mais próxima.

Ela esfregou as mãos sobre o rosto antes de passar os dedos pelos cabelos, que tinha preso bem apertado em um longo rabo-de-cavalo.

O cabelo que ele morria para afrouxar, para espalhar para trás enquanto a colocava de costas em sua cama. O cabelo que desejava agarrar enquanto a montava forte e profundo.

Ela negou com a cabeça antes de olhar para frente outra vez.

—Assim, nos dirigimo ao porto esportivo, não?

Ela assentiu lentamente.

—De acordo.

Dawg soltou o freio e voltou para a estrada antes de acelerar e dirigir-se para a escura estrada.

—Age como se fosse às galeras. —Sorriu ele.

Ela não respondeu.

Dawg a contemplou outra vez, observando enquanto esfregava os braços nus e olhava pela janela, a expressão dela sombria, desconsoladora.

Maldita fosse! Não era como se tivesse a intenção de violentá-la. Chantageá-la um pouco, sim. Mas só haveria sexo sob certas condições. Primeiro estaria malditamente seguro que ela o desejava tanto quanto ele. Não era um completo bastardo.

Mas era um bastardo excitado. E um bastardo furioso.

Ela tinha vivido em seus sonhos oito fodidos anos, e não podia entender por que. Tinha-o mudado em uma época em que ele precisava reter esse fio de descuidada indiferença. Havia aguçado suas emoções, enchido sua cabeça e não podia lhe encontrar sentido.

Tinha-o atormentado. Era simples assim, e era hora de cessar a tortura.

—Não se preocupe carinho. Não será tão ruim. —ele assegurou, alcançando seu joelho e dando palmadinhas em um gesto de consolo totalmente falso— Houve um tempo em que estávamos acostumados a nos dar bem, lembra-se?

Um tempo.

Crista virou a cabeça lentamente e olhou fixamente seu perfil. Um tempo em que ela o tinha amado com toda a paixão e a inocência de uma jovem que adorava ao menino mais malvado da cidade. Mas já não era uma menina; era uma mulher adulta. Era bem consciente de quão facilmente ele poderia destroçar sua vida outra vez.

—Lembro a estúpida que fui. —respondeu por fim com uma medida de auto-repugnância ante a lembrança—E lembro ter aprendido a lição. Na verdade não recordo muito mais que isso, Dawg. Possivelmente você possa me fazer recordar da época em que realmente nos dávamos bem.

Ele não recordava essa noite. Crista sabia que não. E sabia que Alex nunca lhe teria contado o acontecido. O tinha prometido.

Dawg tamborilou os dedos sobre o volante.

—Fugia de mim em cada oportunidade que tinha. —lhe grunhiu em resposta.

Não em cada oportunidade. Não uma escura noite quando o encontrou muito bêbado para conduzir e o levou para casa. E logo o ajudou a quebrar seu coração.

—Então fui inteligente. — disse ela, sentindo o pesar que enchia em seu interior. Se só tivesse sido mais inteligente. Se então só tivesse confrontado a realidade, e o que tinha acontecido. Possivelmente os últimos oito anos teriam sido diferentes. Pelo menos, não teria estado atormentada com tantos *e e se* e o fato de que tinha sido uma covarde.

Dawg grunhiu frente disso.

—Que lástima que não fosse o suficientemente inteligente para se manter afastada de escuros armazéns de noite. Se o tivesse sido, agora não estaria aqui.

Que lástima que para começar não tivesse sido o suficientemente inteligente para permanecer na Virginia. Mas não, tinha tido que retornar para casa. Tinha saudades de estar em casa. Tinha saudades das montanhas, do lago, e do lar. E soube que já era hora de enterrar os velhos fantasmas. Tinha tido que retornar para fazer as pazes com suas lembranças e consigo mesma. E com Dawg. Só que não tinha esperado fazer as pazes com ele desta maneira.

Em vez disso, encontrou-se com mais demônios. Encontrou-se na insustentável posição de depender de Dawg em um ponto tão fundamental como sua liberdade. E não tinha nenhuma dúvida de como exatamente ele tinha a intenção de dirigir a situação.

Tinha ido atrás dela desde que tinha voltado para Somerset há um ano. Não a tinha perseguido. Simplesmente sempre estava pelos arredores. Sempre sorrindo com esse descarado sorriso dele, dando essa olhada zombeteira, esse convite a jogar. Ou se não, olhava-a enfurecido. E ele enchia seus sonhos. Acalorados sonhos, lembranças de uma noite inesquecível e suas consequências.

Contemplou as milhas passarem, sentindo a mão em seu joelho quando não estava

mudando as marchas da potente caminhonete, e sentindo a calidez de seu toque queimando através da saia.

Ao menos não estava introduzindo sua mão. Seu corpo estava tão excitado agora que se perguntava se poderia suportá-lo. Se seu coração poderia suportar.

Pensava que tinha aprendido a lição antes de abandonar Somerset. Depois de tudo, sabia o que era Dawg, conhecia suas intenções, e sabia que ela nunca poderia viver com isso.

Os Meninos Travessos eram legendários em Somerset e os condados vizinhos. Suas proezas, sua dedicação ao prazer de uma mulher, e a insistência em compartilhar essas mulheres tinham sido bem conhecidas. Seu irmão, Alex, tinha-a advertido sobre Dawg repetidamente.

Sua cabeça a tinha advertido sobre Dawg, mas seu coração não tinha querido escutar. Podia domesticar o menino mau, convenceu a si mesma. O amor podia transformá-lo em possessivo. Tudo o que tinha que fazer era tocá-lo, amá-lo e ele se daria conta de que a amava.

Ela soprou silenciosamente enquanto dava uma discreta olhada a seu severo perfil.

Que idiota tinha sido. Ingênua, inconcebivelmente inocente, incrivelmente insensata. E ainda não tinha aprendido a lição, não até a alma. Porque uma parte dela nunca tinha esquecido essa noite. Essa sedutora noite de verão quando a tinha tomado com sua particular determinação e fogosa luxúria. Quando lhe ensinou as verdadeiras profundidades do prazer carnal e o supremo desespero.

—Isto não vai funcionar. —As palavras saíram de seus lábios enquanto ele entrava no pequeno porto esportivo propriedade de seu tio Ray Mackay.

Agora podia sentir o pânico crescendo em seu peito, a certeza de que o Nauti Dawg traria mais lembranças e mais dor do que podia suportar.

—Não posso fazer isso.—Estava tremendo quando Dawg estacionou a caminhonete no estacionamento privado frente do porto.

Desligou o motor. Tirando a chave do contato, voltou-se e cravou os olhos nela silenciosamente.

Ele ou o prisão. Podia vê-lo em sua expressão.

Crista negou com a cabeça lentamente antes de engolir com dificuldade.

—Não sou uma das putas dos Meninos Travessos.—sussurrou severamente— Não posso fazê-lo para permanecer livre da prisão, Dawg. Antes apodreceria em uma prisão que comprar minha liberdade a custo de minha alma.

Ele a contemplou, os claros olhos verdes gélidos, desapaixonados, enquanto a observava. Sua expressão era tão escura como as sombras circundantes e tão silenciosas como a morte.

Este não era o homem que tinha conhecido oito anos atrás. Encantador, embora melancólico, James “Dawg” Mackay tinha tido uma vontade de ferro, mas não tinha sido frio. Tinha sido duro, mas com sentimentos. Não como agora.

Uniu-se a Marinha justamente depois dela deixar a cidade; sabia isso. Depois de uma missão, tinham-no enviado para casa por causa de uma ferida que tinha destroçado sua rótula. Não que ela tivesse visto algum sinal de lesão na forma como se movia.

Mas agora mesmo, ele estava esfregando o joelho distraidamente enquanto a observava.

—Vamos falar disto no navio. — disse por fim, admoestando-a—Aqui não.

—Dawg, não. —Ela estendeu a mão, agarrando seu braço quando ia abrir a porta— No navio não. Não irei a esse navio, e não abrirei minhas pernas para os Meninos Travessos. Não quis fazer isso quando era muito estúpida para entender, e sem dúvida alguma não quero fazer agora. Engana a si mesmo se acha que pode me convencer a agir de outra maneira.

—E se ir ao navio significasse abrir as pernas só para mim, Crista? —perguntou-lhe— Iria então?

Capítulo 3

Oito anos atrás, ela tinha escapado do dormitório de Dawg na cobertura superior e tinha escapado do Nauti Dawg como um ladrão nas adiantadas névoas matutinas. Mas tinha deixado algo para trás naquela manhã, uma parte de si mesma que nunca recuperou.

Agora Crista deu um passo atrás através da porta francesa reforçada que dava acesso à sala de estar e deteve as lembranças que a ameaçavam afligir.

Ele ainda deixava um abajur de baixa intensidade iluminando a mesa pequena colocada ao lado do sofá. Agora havia um sofá luxuoso cor castanha, onde antes havia um de couro negro. Uma poltrona reclinável fazendo jogo estava ao lado da mesma mesa.

A televisão agora estava pendurada na parede, ao lado da entrada e no outro extremo da sala, havia uma pequena mesa de jantar e quatro cadeiras.

Uma barra de teca separava a área da sala de jantar da cozinha, dois tamboretos estavam embaixo ela.

O tapete era de um espesso e rico verde escuro. Oito anos atrás tinha sido de um torrado escuro. A sala de estar e a cozinha agora eram mais refinadas, declarando um gosto mais adulto no mobiliário, mas ainda com uma grande influência masculina. Madeiras escuras e poucos adornos.

Uma foto de sua unidade do Corpo da Marinha estava sobre a mesa ao lado do sofá junto com uma fotografia dos primos Nauti vestidos de camuflagem e uma foto de Rowdy e sua noiva, Kelly Salyers.

Não havia quadros ou gravuras na parede. Não havia nada para decorar as estadias. Além da cozinha estava outro dormitório grande e um banheiro pequeno, junto com outro banheiro extra. De onde estava parada, Crista também podia ver a escada curva que ia para a cobertura superior e ao quarto principal e banheiro, assim como também à cabine de comandos.

Ela se sobressaltou quando a porta se fechou e se trancou atrás deles.

—Preciso de uma cerveja. —anunciou Dawg— Quer uma?

Crista negou com a cabeça enquanto agarrava sua bolsa e olhava Dawg mover-se através da sala de estar, logo para a cozinha. Retirou uma cerveja da geladeira antes desenroscar a tampa com um giro rápido e lançá-lo sob a barra, onde o balde de lixo devia estar escondido.

Foi até a primeira pia, tirou um pano para secar pratos de uma pilha pequena no balcão, umedeceu-o, logo o lançou a ela.

—Limpe seu rosto.

Ela sentiu náuseas ante o pensamento do sangue que a tinha orvalhado. Estava em seu rosto, em sua roupa. Esfregou sua pele rapidamente, severamente, esperando que pudesse conseguir limpá-la enquanto ele a olhava.

Ele levou a garrafa de cerveja a seus lábios e bebeu um longo gole, sem afastar o olhar dela.

Tirou o colete a prova de balas, mas ainda usava a pistoleira e a arma. A camiseta negra se colava a seu peito largo e a seus bíceps avultados. Jeans negros de cintura baixa nos quadris que esboçavam pernas longas, musculosas e um vulto mais que impressionante.

—Está limpa. —ele anunciou enquanto estirava a mão— Me dê o pano.

Seu olhar fixo se afastou bruscamente dessa zona. Era mais que óbvio que estava excitado, preparado para ela. E ela odiava admitir que seu corpo esteve preparado do momento em que lhe perguntou se estava disposta a abrir as pernas só para ele.

Lançou-lhe o pano de volta, ignorando seu sorriso zombador quando o agarrou e o jogou à pia.

Estava louca. Deveria ter se afastado enquanto teve oportunidade.

—Uma noite. —murmurou ela— Isso é tudo.

A garrafa foi apoiada tão bruscamente sobre o balcão que a cerveja se derramou por cima, e Crista se sobressaltou com o som.

—Não está negociando.—informou a ela, sua expressão endurecendo-se— Não me

apanhou possivelmente quebrando a lei e me associando com criminosos, Crista. Apanhei você. Recorda?

Suas unhas se cravaram no couro de sua bolsa.

—E sei o que quer em troca de minha liberdade. —espetou ela— Está bem, quer foder. Quer algo que não pôde tirar de mim este ano: meu corpo. Pode tê-lo. Por uma noite.

—E se quiser mais que uma noite?

O tom escuro e aveludado de sua voz enviou um tremor através de seu útero, apertando os músculos de seu estômago enquanto lhe devolvia o olhar em estado de choque.

—Por que iria querer mais de uma noite? —negou com a cabeça confundida— Quantas mulheres manteve mais de uma noite, Dawg?

Ela ainda tinha amizades em Somerset que gostavam de fofocar. Dawg era tão suculento agora como o tinha sido fazia oito anos.

—Crista, não é como as outras mulheres. —disse com acento sulino— Nunca antes tive que perseguir uma durante oito anos. Forjou uma fome. Uma que duvido que uma noite vá saciar.

Olhou-o piscando em choque. Tinha esperado o que ele queria, mas não isto. Uma noite podia conduzir. Mais de uma noite?

—Quantas noites mais? —perguntou-lhe, com muita dificuldade sem que sua voz tremesse.

A expressão de Dawg se endureceu mais ainda.

—Não decidi.

—Não decidiu? Então se supõe que tenho que estar pronta e disponível cada vez que tenha uma ereção?

Então enquanto o considerava, um sorriso zombador encheu seu rosto. Assentiu lentamente.

—Isso me serviria.

Crista apertou os dentes e fez cálculos de quanto tempo ainda teria que esperar antes que Alex retornasse. Ele havia partido há três meses. Em sua última conversa com ele, tinha-lhe informado que poderia retornar dentro de poucas semanas.

Poderia dirigir ser a amante de Dawg por esse tempo? Poderia ir embora com sua alma intacta se o fizesse?

—Não pense tanto nisso. — largou irritado. —Poderia mudar de idéia.

Crista cruzou os braços sobre seus seios e aquietou a cólera que começava a crescer dentro dela. Não podia se dar ao luxo de estar zangada neste momento; tinha que pensar. Dawg sempre as arrumou para lhe fazer uma confusão mental. Não podia deixar que o fizesse desta vez.

—Está sendo um bastardo. —lhe disse com contundência— Sabe que não estava envolvida no que for que estava fazendo ali. Não trafico com drogas, nunca o fiz.

Ele deu de ombros tranquilamente enquanto se apoiava contra o balcão.

—Não a vi em oito anos, Crista. As pessoas mudam nesse tempo.

—Não me diga, e as pessoas traficando drogas trabalham como garçonetes em pequenas cafeterias miseráveis onde nem sequer pagam o salário mínimo. —lhe espetou— Não brinque comigo; não me agrada. Ao menos admita que está usando isto para me forçar a algo que não estava disposta a te dar.

Um cenho franzido apareceu repentinamente entre suas sobrancelhas, fazendo que seu estômago se apertasse nervosamente.

—Não a forçaria.

—Então como o chamaria? Fodo com você ou vou para a prisão? Que merda de opções, Dawg.—ela zombou.

Crista observou como esticava os músculos da mandíbula, um marcado tic pulsando através dela enquanto a olhava.

—Pensei que estava sendo bastante caridoso.—grunhiu— Nega que se interessa em estar em minha cama.

—Faço-o. Cada vez que ignorei seus pequenos esforços mesquinhos de flertar. Ou não o notou?

—Também me dava conta do beijo de antes.— disse ele com tom de sedução como veludo negro. Sua voz rastelou em suas terminações nervosas e lhe recordou justamente quão bom tinha sido— Esse não foi forçado, Crista. Pára de se enganar. Você adorou.

Bem, nisso tinha razão. Seu estômago se apertou com a lembrança e o conhecimento de que ela não tinha defesas contra ele.

—Estou de acordo com uma noite...

—E disse que uma noite não é suficiente. Quero o verão. Todo o verão.

Crista se congelou. Três meses? O verão mal tinha começado e ele queria o resto.

—Por que? —perguntou-lhe forçando as palavras a passar por seus lábios intumescidos enquanto ficava olhando fixamente.

—Leva tempo para determinar a culpa ou a inocência, Crista Ann. Eu a quero perto enquanto resolvo qual deles te serve. Se for realmente inocente, então ao final do verão, é livre para ir. Se averiguar que é culpada, coloco seu traseiro na prisão. Considere-o seu período de julgamento. Exceto em lugar de se sentar em uma cela, desfrutará de todas as comodidades que posso te prover.

Seu sorriso foi perigoso, sensual. Curvou-se como um sorrizinho de suficiência predadora que pôs seu coração correndo a toda velocidade em seu peito.

E ele se metia de novo com sua mente. Sua mente cheia de lembranças, o toque e o

sabor dele. Como o toque mais leve de seus dedos podia minar suas defesas e deixá-la tremendo em seus braços.

Seu beijo. Drogava e era fogo. E o que ele podia fazer a seu coração, suas emoções, deveria ser ilegal. Ele poderia atá-la em tantos nós em seu interior que se perguntou se alguma vez seriam desenredados.

Crista engoliu apertadamente contra a avalanche de sensações e prazeres recordados.

—Continua pensando nisso.—deu de ombros tranqüilamente— Pode tomar banho, descansar um momento antes que decida. Empréstarei uma camisa limpa. —sorriu outra vez — Não a necessitará por muito tempo.

—Dawg, você mudou. —murmurou então ela— Não estava acostumado a ser um bastardo de sangue-frio.

—Seguro que o era.—ele disse arrastando a voz— Foi só um dos poucos que não o reconheceram. Não escutou tudo sobre a pequena e suja batalha legal depois de que meus pais morreram? Caramba, doce, até meus pais sabiam que eu era um caso perdido.

Ela tinha ouvido falar da batalha legal. Como sua tia tinha tentado tomar a herança inteira que seus pais lhe tinham deixado, apoiada em umas poucas cartas que seu pai tinha escrito a sua tia. Cartas que estavam cheias de desgosto sobre o estilo de vida de seu filho e sua crença de que Dawg não merecia compartilhar seu nome.

Tinha durado anos. Ainda depois de que ele estivesse na Marinha, tinha estado infestado de conflitos legais e a briga para ficar com sua herança. Finalmente tinha acabado depois de sua volta para casa quatro anos atrás, mas ele tinha perdido dezenas de milhares de dólares na luta.

—Não. —negou com a cabeça—Antes não era assim. Antes nunca teria me imposto isso dessa maneira.

—Mas sou assim agora. Pode escolher enquanto se limpa. Mas quando voltar a esta sala, vai ter esclarecido mais sua mente. É minha durante o verão, ou pode pertencer ao governo federal, depende de você.

Dawg não deixou escapar um suspiro de alívio até que Crista desapareceu no banheiro inferior, longos minutos depois, uma de suas camisas agarradas apertadamente entre seus dedos, seus grandes olhos café olhando-o cuidadosamente enquanto fechava a porta atrás dela.

Minutos mais tarde escutou a água correr e passou os dedos pelo cabelo enquanto soltava outro forte suspiro.

Por um momento, honestamente pensou que ela ia escolher a alternativa. Quando finalmente se dirigiu para a ducha, teve que se esforçar a conter-se, a abster-se de assegurá-la que nada no inferno poderia convencê-lo de entregá-la às autoridades. Para só

deixá-la ir.

Esfregou a nuca enquanto fazia uma careta ante a idéia. Oito anos tinha sonhado com ela, quando menos o esperava ou estava fraco ou cansado. Sonhos tão devastadoramente quentes que o faziam despertar bombeando seu próprio pênis como um adolescente, gemendo seu nome.

O ano passado tinha sido pior. Parecia uma porra de rapazinho faminto de amor que saía de seu caminho tão somente para vê-la. À espera de captar seu sorriso, ansiando o som de sua voz.

Merda, tinha sentido falta dela depois dela ter deixado a cidade. Não que ele tivesse ficado muito tempo pela área. Alistou-se na Marinha antes da morte de seus pais, e embarcou só uns meses depois. As árduas batalhas nos tribunais e o inferno de tentar conservar a herança de seus pais o tinham consumido, e ainda assim, tinha pensado em Crista.

Ela tinha partido tão de repente, antes que ele tivesse a possibilidade de controlar seus nervos e fazer mais que flertar um pouco com ela.

Quando ela retornou a Somerset no ano anterior, pensou que possivelmente, desta vez, poderia fazer com que funcionasse. Até que ela o contemplou como uma lesma que se arrasta lentamente sob uma rocha.

Por que, diabos, se preocupava? Não é como se ela fosse o único partido na cidade. Podia escolher entre dúzias de mulheres. Seja só por uma noite, uma semana, um mês, todo um ano de merda se tivesse desejado ficar com uma em todo esse tempo.

Em troca, chantageava a uma mulher que claramente não tinha nenhum interesse em fazer uma maldita coisa sobre a atração que ardia entre eles como o fogo incontrolável.

E ali estava. Isto faiscava e explodia cada vez que se encontravam na linha de visão do outro. Ele podia ver sua resposta. A dilatação de seus olhos, sua respiração acelerada, seus pequenos mamilos pressionando sob a roupa e um selvagem rubor em seu cremoso rosto. Ela o desejava quase tão condenadamente como ele a desejava, mas ela o negava, lutando contra isso com todas suas forças, e Dawg queria saber o porquê.

Ele conhecia as mulheres. Não lutavam contra uma atração tão forte sem uma merda de boa razão. Agora, só tinha que entender essa razão.

Exaltando grosseiramente, subiu as escadas para tomar uma ducha, velozmente se despiu antes de meter-se sob a ducha.

Tomou banho rapidamente. Não queria lhe dar tempo para fugir. Queria lhe dar tempo para pensar... para que considerasse suas opções quando eles estivessem juntos.

Ela o desejava, tanto que ele o notava. Desejava-o suficientemente para que em todo o tempo em que discutia o trato, seus mamilos pressionassem sob sua blusa e seu olhar brilhasse com uma sutil faísca de luxúria.

Dawg tinha uma habilidade para conhecer as mulheres antes que existisse alguma possibilidade de entendimento entre eles. Muito jovem e muito calado para entender sequer o por que, havia se sentido atraído por sua suavidade, seus doces envoltórios. De uma vez que pelas escuras e soterradas correntes de paixão, jogos de poder, e artimanhas femininas.

As mulheres que eram exatamente o oposto à louca e frígida de sua mãe. As mulheres que outorgavam suaves carícias e gemiam ante o prazer que ele lhes dava. Que abriam suas pernas para ele, que sussurravam seu nome em êxtase em lugar de amaldiçoá-lo com ódio.

Ele sabia como as ler, como agradá-las.

E sabia que esses velados olhares de fome que lhe ofereciam indicavam suas aceitaçãoes para ser agradadas.

Oh sim, Crista o desejava, mas por alguma razão não queria aceitar o fato de que ele estava ali para tomá-la.

Dawg sorriu abertamente ante esse pensamento enquanto se secava rapidamente com uma toalha e se vestia. Os bóxers de algodão e as calças folgadas não faziam nada para esconder a grande dureza sob o suave material. Enquanto vestia uma camiseta limpa, desceu pelas escadas, seu olhar errante percorria a sala fracamente iluminada procurando-a.

E ali estava ela. Sua camisa apesar de lhe cobria as coxas enquanto se sentava nervosamente no sofá, seu comprido cabelo ainda estava um pouco úmido. Obviamente havia usado o secador de cabelo que ele guardava no banheiro de convidados.

Sua bonita, longa e grossa cabeleira chocolate escuro caía até a metade de suas costas e lhe dava um aspecto desamparado.

Maldição, era pequena. Apesar de um metro e sessenta e sete centímetros de altura, descalça, com ossos delicados e uma adorável figura arredondada. Não era um pau fraco, e gostava disso, embora fosse muito consciente da delicadeza de seu corpo em comparação com o seu.

Seu rosto ainda estava pálido, seus olhos muito escuros, mas parecia tranqüila. Demônios, parecia como se estivesse se dirigindo à força, em lugar da sua cama.

—Não é o melhor bálsamo para meu ego, coisinha-linda. —disse quando atravessou o cômodo, olhando-a com um pinga de diversão.

Ela ficou de pé lentamente.

—Desejaria que não me chamasse assim.

Nunca tinha gostado que a chamassem de coisinha-linda, mas assim era como ele a via. Seu rosto era um pouco irregular, seus lábios faziam encantadores biquinhos, seu coquete nariz ligeiramente inclinado, e possuía maçãs do rosto altas, gloriosas.

Era diferente de uma forma que destacava. Não era bonita no estrito sentido da

palavra, em outras palavras era chamativa, misteriosa. Única.

—Por que?

Ele deu uma olhada ao relógio e quase estremeceu. Merda, eram quase duas da manhã; não era de se admirar que se visse como se tivesse sido atropelada por um caminhão. Estava esgotada. E ele também.

Agora, só se pudesse convencer seu membro de quão cansado estava.

—Porque odeio os apelidos. —replicou ela.

Dawg cabeceou.

—Olhe, é condenadamente tarde. Tive um dia horrível, e olhando bem, o seu não foi melhor. Vamos dormir, logo veremos como se vêem as coisas pela manhã.

Ela lambeu seus lábios cautelosamente.

—Em camas separadas?

—Em seus sonhos. —grunhiu em resposta— Maldição, Crista, para de dizer tolices como uma maldita irmãzinha. Decida se fode comigo ou não. Vamos terminar com isto agora, assim ambos poderemos dormir.

—Não me decidi ainda. —Crista estreitou seus olhos em Dawg, considerando a irritação em sua expressão e o brilho de luxúria em seu olhar.

Ela tentava afastar seus olhos da ereção claramente notória sob suas calças esporte. Bem, ela já tinha tomado sua decisão. É óbvio.

Estava furiosa por isso. Não era suficiente que tivesse tentado permanecer fora de seu caminho, que tivesse rechaçado cada um de seus avanços. Agora ele tinha que lhe tirar capacidade de decidir, obrigando-a a arriscar seu coração com ele outra vez, sendo consciente do resultado.

Ao passar os minutos, sua irritação só tinha aumentado enquanto tomava banho. Tinha-lhe tomado muitos anos esquecê-lo, inclusive para encontrar-se com outro homem. E ainda, quando as noites eram mais escuras, sentia a mesma dilaceradora dor e perda que havia sentido naquele verão, tão claramente como o tinha sentido nesse então.

Ele cruzou os braços sobre seu peito.

—Não o tem feito, não é? O que espera?

Crista apertou os dentes com cólera.

—Dormirei com você.

Ele arqueou uma sobrancelha.

—Mas não abrirei minhas pernas para você, Dawg. Não posso fodê-lo assim.

—Abrir as pernas? —perguntou ele brandamente, sua voz escura enquanto seu olhar se estreitava nela— Assim como, Crista?

—Como uma de suas amiguinhas de jogo. —ladrou ela.

Quanto mais a contemplava dessa forma, mais zangada se tornava. Os nervos, o

esgotamento, e as consequências do terror paralisavam seu sistema. Em cima disso, tinha que lutar com a chantagem feita por um homem do qual jamais tinha esperado.

—Agora é minha amiguinha de jogo. —sorriu abertamente, sua expressão mostrava uma intensa satisfação— E realmente eu gosto de jogar, Crista. Já deveria ser consciente disso.

—Consciente disso! —A cólera a embargou— Dawg era consciente disso há oito malditos anos quando decidiu que estava o suficiente bêbado e excitado para foder-me sem que seus primos estivessem aqui para participar. Não fui eu que esqueceu essa noite de merda; você o fez.

O horror a golpeou. Cobriu a boca com a mão, e o fôlego se obstruiu na garganta enquanto a expressão dele lentamente passava da diversão, à comoção, e à absoluta ira.

Ela nunca tinha visto Dawg fora de si. Poucas pessoas tinham visto alguma vez Dawg realmente fora de controle. Crista só tinha ouvido falar disso, e tinha decidido há muito tempo que nunca queria vê-lo.

—Mente. —A certeza fria, brutal encheu sua voz.

Ela estava de saco muito irritada para ficar calada. Sua mão desceu de seus lábios enquanto seu olhar fixo percorria seu corpo com lembranças acaloradas e raiva acesa.

—Sabe muito bem. —se mofou ela—Você caía de bêbado nos subúrbios da cidade na noite que enterrou seus pais, Dawg. Como acha que chegou em casa? Eu o trouxe para casa, e passou a noite fodendo-me. Toda a noite. —ela lançou um grito— Antes que me dissesse exatamente como esses seus bastardos e neanderthais primos iam foder-me. Onde e como, e por quanto tempo.

Ela odiava o medo, a dor e o nó do tamanho de um punho que se rasgava em seu peito cada vez que recordava. Por Deus, se ele ia chantageá-la para entrar em sua cama e mofar-se de seus intentos de proteger seu coração dele, então poderia ouvir a verdade.

—Não se preocupe Dawg —disse ela em estalos desiguais agora, só tentando recuperar o fôlego perdido pela raiva— Não tem que preocupar-se pelo que perdeu. — Porque ela nunca escapou de nada mais salvo do grupo de quatro pessoas que parecia decidido a forçá-la.

Ela retrocedeu, medo e pânico furioso embargavam seu corpo com a mesma força, oito anos de cólera reprimida finalmente fluíam livres.

Escapar. Tinha que afastar-se dele. Tinha que fugir, como fez antes, tão longe dele como pudesse conseguir.

—Toque a porra dessa porta e farei com que a prendam em menos de uma hora. — Seu olhar agora ardia com cólera.

Ah, este não era o Dawg que ela conhecia. O Dawg que conhecia era despreocupado, travesso, cínico. Ele não se enfurecia, tão seguro quanto o inferno era tormentoso. O qual

era exatamente como se via agora.

Ele passeou de um lado a outro na cozinha, tirando outra cerveja da geladeira antes de abri-la e levá-la até os lábios. Em dois longos goles, esvaziou-a. Um segundo depois a destroçou de um golpe na parede.

Crista estremeceu violentamente, contemplando o revestimento de madeira escuro através da cozinha, os pedaços de vidro grudados com a umidade que uma pequena quantidade do líquido tinha deixado. Dawg esfregou grosseiramente as mãos sobre seu rosto antes de passá-las pelo cabelo e desatar a correia de couro que prendia o frouxo rabo-de-cavalo na nuca.

—Eu a violentei? —Sua voz era impassível, mas seus olhos não o eram. Eles mexiam, obscurecendo-se em pontos, que clareavam em outros enquanto a contemplava do outro extremo do cômodo.

—Não me violentou. —Ela apertou os dentes, havia vezes que desejava não ter essa aversão pela mentira.

—O que aconteceu? —Seus lábios eram uma linha magra, furiosa, sua expressão era tensa.

Crista sacudiu a cabeça com cansaço.

—Dawg...

—O que aconteceu? —chiou ele outra vez, sua voz mais áspera, mais gelada.

—Estava bêbado. Trouxe-o para casa. Fivemos sexo. Fim da história.

—Como?

—O que? —Ela o olhou cautelosamente agora, seu estômago era um nó em tensão ante o tom de sua voz. Era rouca, brutal.

—Como fivemos sexo? —repetiu ele, seu peito se elevava severamente, as fossas nasais flamejavam conforme sua expressão se tornava mais fria.

—Da forma habitual? —Ela retrocedeu um passo.

Seu olhar se aguçou ante o movimento dela enquanto seus lábios se curvavam com desprezo.

—Não a violentei então; não o farei agora. —bramou ele— Agora me responda. Como?

—Já respondi. —Seus dedos puxavam nervosamente o botão da camisa enquanto o ar se enchia de perigosa tensão.

—Era virgem. —Isso não soava a uma pergunta.

Crista assentiu lentamente.

—Tomei. —Ele tragou fortemente a esse ponto— Tomei você de forma dura?

Recordava ele tudo? Não o parecia, embora tivesse razão. Ele a tinha tomado

duramente, e ela o tinha amado.

Crista assentiu outra vez. Ela começou a tremer.

—Eu fodi seu cu! —Seus lábios se curvaram em um grunhido enfurecido enquanto suas mãos se curvaram em punhos e os músculos sob sua camiseta se elevavam e avultavam de tensão.

Ela não moveu a cabeça, não respondeu. Contemplou o fenômeno do qual estava segura que ninguém mais tinha visto alguma vez.

Dawg enfurecido. Ela só tinha ouvido dele que em estranhas ocasiões se zangava sinceramente, sem mencionar enfurecer-se. Inclusive bêbado ele tinha sido travesso, zombador, um pouco idiota, mas nunca zangado.

—Me responda! —gritou ele, fazendo-a tremer violentamente.

—Por que deveria responder? —grunhiu ela em resposta— É óbvio que acaba de recordar. Por que persegue uma merda de traseiro que já teve? E por que demônios seria o bastante estúpido em me chantagear para te dar mais? Não se importou muito na primeira vez, ou não teria querido compartilhá-lo.

Ela o olhou com cautela, melhor dizendo, como olhando a um bulldog raivoso que puxava uma corrente.

Dawg viu a cautela em seus olhos escuros. Ele sonhava com esses olhos. Sonhava sendo hipnotizado por sua cor chocolate, afogando-se neles, queimando-se neles.

E seu rosto, um rubor de excitação ardendo através das suas maçãs do rosto, seus lábios inchados por seu beijo, e sua voz sussurrando através de sua mente. Mendigando por mais.

Não tinha sido um sonho. As palavras se chocaram em seu crânio. Os sonhos que o tinham torturado durante oito longos anos tinham sido lembranças insidiosas que tinham conseguido sobreviver aos efeitos da bebida que nublaram sua mente. Ele a tinha tido e a lembrança disso, tão tênue e imprecisa, tinha-o açoitado desde então.

Capítulo 4

Dawg encerrou a raiva e o medo de lhe ter feito mal de algum jeito embora ela não o admitisse. Sem dúvida, isso mudava as coisas. Filho de puta, não podia culpá-la por ter se afastado por todos os meios dele esses últimos anos. Mas isso não significava que a permitisse partir.

Estava disposto a duvidar que ele pudesse esquecer uma noite com ela, mas existiam

muitos sonhos, muitos indícios de que ela tinha razão.

Ele tinha tomado sua virgindade. Tinha tomado sem consideração a sua inocência e juventude. Ele tinha tomado em sua cama a uma virgem de dezoito anos e tinha feito coisas que inclusive mulheres amadurecidas o pensariam duas vezes.

Recolheu com cuidado os vidros da garrafa quebrada, consciente de que ela o olhava com quieta preocupação. Foda; não precisava da sua preocupação. Ele a desejava. Desejava-a quente e selvagem, com toda essa fome e paixão que tinha vislumbrado em seu ardor por ele.

Ela o tinha amado, pensou ele, ao tê-lo seguido a sua cama anos atrás. Isto o fez encolher-se, perguntando-se o que lhe teria feito, como lhe teria ferido para fazer que fugisse antes que ele sequer despertasse.

Ele era menos merecedor disto agora que há oito anos.

—Este trato. Isto implica a ambos. —disse a ela quando jogou os vidros ao lixo e se manteve de costas para ela— A ninguém mais.

Quando ela não falou, ele se virou e a olhou.

Que demônios tinha estado errado com ele na noite em que a tinha tomado? Sabia que Crista não era do tipo que compartilhava. Era uma mulher de um só homem, como Kelly.

—Por que simplesmente não pode me deixar ir? Deve-me isso, Dawg.

Sim, o devia. Se seus sonhos se aproximavam em algo ao que realmente tinha acontecido, então lhe devia muitíssimo mais do que jamais poderia compensar.

—Você também está em dívida comigo. —ele disse serenamente— Tudo o que tenho são sonhos fragmentados que me deixam fodidamente louco. O que seja que começamos há oito anos, o terminaremos neste verão. De uma ou outra forma.

Nada na terra poderia convencê-lo de afastá-la de sua vista nesse instante. A possessividade, o desejo, e emoções que não tinha sentido em tantos anos, que apesar de recordava, elevaram-se à superfície de sua consciência. Emoções que sentiu naqueles sonhos. Um pouco mais suave, mais terno, e ainda mil vezes mais ardente que só luxúria. Não o chamaria amor; convenceu-se fazia alguns anos que o amor não existia. Além disso, isto era mais profundo que algo que tivesse ouvido descrever como amor.

—Assim sem mais. —A amargura curvou seus lábios— Como se o fato de que não quero terminar nada não importa.

—Não seria chantagem se importasse. —Ele encolheu os ombros, reprimindo a culpa que podia sentir formando-se em suas vísceras—Se queria pagar o preço, então não seria uma palavra tão suja, verdade?

Ela o contemplou com esses grandes olhos escuros cheios de dor, fazendo-o lamentar não ser alguém mais de quem era.

—Me diga uma coisa. — perguntou ele então— Essa noite que compartilhamos, ao menos desfrutou dela?

Ela piscou e afastou o olhar enquanto um repentino calor encheu seu rosto.

—Esta não é a questão.

—Se meus sonhos tiverem algo de certo, estava tão quente quanto eu. Me diga que estou errado Crista. Me diga que se aborreceu.

Caminhou para ela, observando como sua cabeça se inclinava para trás bruscamente e seus olhos seguiram seu progresso através do cômodo.

Ela não se retirou; não podia estar assustada com ele. Devolveu seu olhar de modo desafiante, suas mãos permaneciam apertadas aos flancos, sua expressão era insurgente.

Queria dizer que a aborreceu, mas não podia. Não tinha sido capaz de mentir nem sequer um pinga quando era mais jovem, e não podia fazê-lo agora.

—Estava quente, não é assim, Crista? —Ele se deteve a centímetros, sua mão pousou no braço dela, acariciou seu pulso antes de fazê-la levantar a mão para seu ombro e agarrá-la pela cintura— Tão quente que incendiámos a noite. Isso é o que sonho. Que estava molhada e selvagem, que me fodia com a mesma desenfreada luxúria com a qual eu a fodia.

Seu rosto flamejou ainda mais.

—E você escapou de mim naquela manhã, não foi? Simplesmente escapou, como a menina assustada que era.

Seus olhos cintilaram com raiva.

—Não sou um brinquedo para os Meninos Travessos. Nem antes, nem agora.

—E também estava muito assustada para ficar e lutar pela praça, não é assim Crista? O que aconteceu, neném? Fez-se muito quente?

—Lutar por Dawg? —Ela alargou seus olhos como se zombasse dele. Tentou esquivar-se, mas ele viu o prazer contra o qual ela lutava para esconder quando a aproximou muito mais, embalando seu membro contra seu baixo ventre e sentindo a tensão em seus músculos—Por que lutar por algo que cada mulher no condado já teve?

Dawg sorriu.

—Estava assustada.

—Não me interessava. —Ela não podia mentir. Ele captou o tremor em sua voz, viu a careta quando ela o reconheceu.

Sacudiu a cabeça enquanto permitia que os dedos de sua mão livre se entrelçassem naqueles fios longos, sedosos, de seu cabelo. Suave e fragrante cabelo. Em seus sonhos este tinha caído ao redor dele, apanhando-o em um laço, ligando-o a ela. E essa sensação jamais o tinha abandonado.

—Está mais interessada agora? —A mão em sua cintura recolheu o tecido de sua

camisa. Ia tê-la. Ia tocá-la, prová-la, senti-la desfazendo-se em seus braços.

—Dawg, por favor... —Sua voz tremeu nesse momento.

Os olhos escuros o olharam fixamente quase em um tom suplicante enquanto a camisa deixava descoberta suas coxas e subia mais e mais.

—Por favor o que, Crista Ann? —Baixou sua cabeça até que pôde inalar o aroma dela. Doce baunilha e rosas selvagens. Ela sempre cheirava a baunilha e rosas selvagens para ele.

Esse pequeno aroma evasivo não era suficiente. Tinha que saboreá-la. Seus lábios tocaram a pele de seda de seu pescoço, sua língua provou sua pele, e juraria que viu estrelas enquanto o sabor dela explodia contra sua língua.

Seu braço envolveu suas costas, elevando-a para ele enquanto uma fome primitiva substituí a cuidadosa sedução que havia pretendido.

Fez que ela jogasse para trás a cabeça, cobriu seus lábios com os seus, e encontrou o feroz calor que tinha estado procurando durante oito malditos anos.

E uma merda se isto não valia a espera. Ela explodiu em seus braços. Um estremecimento se equilibrou por ela, logo suas mãos se entrelaçaram no cabelo dele, puxando os grossos fios, e pressionando seus lábios fortemente contra os dela.

Deus, ela o fazia sentir. Fazia que sentisse coisas as quais nem sequer podia recordar haver sentido, salvo em sonhos. Sonhos dela. Sonhos de paixão e prazer primitivo e sensações que não podia imaginar que realmente existissem.

Mas existiam, aqui com ela em seus braços, seu corpo se estirava para ele, seu gemido de prazer e agonia enchia seus ouvidos enquanto sua língua separava seus lábios e penetrava em seu interior.

Abrasadora doçura. Gelo especiado. Ela era todos os paradoxos do mundo, e seu sangue competia em desafio, em provocação, e a transparente resposta que sentiu irradiar dela.

Crista tentou dizer a si mesma que podia lutar contra a atração, o prazer. Antes que a tocasse, tentou convencer-se de que poderia manter-se distante dele.

Até que os olhos de Dawg se dilataram de prazer, e a puxou para ele. Até que seus lábios roçaram seu pescoço; logo esse gemido faminto saiu dos lábios dele um segundo antes que seu beijo fundisse sua mente.

Isto era algo muito mau. Estrelas de prazer explodiam dentro de sua corrente sanguínea enquanto lutava consigo mesma, lutava contra sua resposta a ele, e falhava.

Oh, como falhava. Em troca tentava subir em seu corpo, queimar-se no centro de uma sensação tão quente, tão escura e ardente que estava perdida embaixo desta.

—Fora isto! —Seus lábios abandonaram os dela o tempo suficiente para que ela elevasse os braços e tirasse a camisa pela cabeça antes de poder reagir. Antes que pudesse detê-lo. Logo se agachou para ela, seus lábios se dirigiram infalivelmente até os eretos e

muito sensíveis mamilos, que se elevavam por volta de seus lábios como se tivessem ansiado essa carícia durante oito anos.

E o ansiavam.

—Ah Deus. Dawg. —Ela se arqueou em seus braços quando ele sugou um mamilo em sua boca. E foi tão bom, não, foi muito melhor que antes. Seus lábios percorreram a sensível ponta, sua coxa pressionava entre suas pernas, e em uns segundos ela pressionava a dolorida carne entre suas coxas, no grosso músculo entre suas pernas e o montava quase freneticamente enquanto ele chupava.

—Sim. —Gemeu a palavra entrecortadamente— Sim. Assim. Segue assim.

Como essa noite fazia tantos anos. Seus dentes mordiscaram seu mamilo antes de mamar dele, duro e ardente, sua língua açoitava sobre este como uma vara acesa.

Ela estava caindo. Enjoada. Desequilibrada. E antes de notá-lo, estava estirada no sofá, com os lábios de Dawg ainda saqueando seus sensíveis mamilos, primeiro um, depois o outro, grunhindo com fome e paixão enquanto sua mão se cavava entre suas coxas.

A delicadeza foi esquecida, mas não era delicadeza o que ela queria. Os rumores diziam que Dawg era suave, planejado e deliberado em cada toque. Mas não havia nada deliberado ou planejado nesse instante em seu toque.

Experiente, sim. Confiante e muito malditamente experiente.

Seus dedos separaram as dobras cobertas de cachos entre suas coxas, e um segundo mais tarde, um longo dedo masculino penetrava seu centro.

Crista ficou imóvel. O calor explodiu em sua vagina, derramou-se por sua corrente sanguínea e em seu útero enquanto sentia que os sensíveis músculos se apertavam desesperadamente ao redor de seu terno dedo.

—Tão quente. —Ele ofegava quando seus lábios se elevaram de um avermelhado mamilo, e seus olhos, mais escuros mais ainda feiticeiros, quase hipnóticos, cravaram-se nos dela— Tão apertada e quente, Crista.

Seus quadris se sacudiram quando ele retirou seu dedo para logo acariciar seu interior outra vez. Um comprido embate a fez ofegar e arquear-se em seus braços, suas coxas caíram abrindo-se mais, seus quadris se levantaram para permitir uma penetração mais profunda, mais selvagem.

—Irá me destruir. —ela lançou um grito, seus dedos se agarraram no couro cabeludo de Dawg enquanto a língua dele lambia seu mamilo— Outra vez. Irá me destruir outra vez, Dawg.

Ele tinha que entender. Não podia lhe fazer isto outra vez. Ela poderia entregar-se facilmente a ele, como antes.

—Está bem, Crista. Não te farei mal, neném. —gemeu ele— Só somos nós. Vê? Ninguém mais está aqui. Nunca. Deus, mataria ao homem que agora tentasse tocá-la.

Lançou um grito quando outro dedo se uniu ao primeiro, empurrando dentro dela, separando a carne que nunca tinha conhecido o toque de outro homem, nunca tinha se contraído, nunca se havia posto escorregadia, quente e dolorida como o fazia por Dawg.

—Minha. —Seu grunhido a impressionou.

Seus lábios cobriram os dela outra vez alimentando a fome que se elevava aguda e profundamente dentro dela.

Seus quadris se levantaram, arqueando-se quando ela corcoveou contra ele, retorcendo-se sob seu corpo Maior, enquanto seus dedos a fodiam enviando uma tormenta de fogo enfurecida através dela. Jurou que nunca permitiria que isto acontecesse outra vez. Mas aqui estava, nua, quente, úmida, e suplicando por mais.

Seus lábios eram selvagens embaixo dos dele, tomando beijo por beijo, devolvendo-o com outro. Os dedos dela o seguravam. Suas coxas se apertaram contra a perna coberta de tecido entre seus joelhos, e lutava para manter os dedos em seu interior.

Caía. Como antes. Perdendo o bom senso, seu coração, e sua alma com este homem.

Estúpida. Cuidado, gritava seu cérebro.

—Isto sim que é uma bonita visão. Maldição, Dawg, começou sem mim. Estou magoado.

Como uma jarra de água fria, a voz de Natches se introduziu em sua cabeça enquanto a cabeça de Dawg se levantava, e Crista poderia jurar que o ouviu amaldiçoar.

Raiva. Dor. Medo. Açoitaram-na quando elevou o olhar para Natches, agüentando a onda de náuseia enquanto o olhar dele a percorria com divertida luxúria. Ele se apoiava contra o balcão, por sorte vestido, sorrindo abertamente, o epítome de cada razão por que deveria ter lutado com mais força, deveria ter recordado por que ela não podia deixar que Dawg tivesse outra parte de sua alma.

—Me solte! —Golpeou-o nos ombros—Saia de cima de mim.

—Maldição, Crista. Está nua. —grunhiu ele recordando-lhe

—Saia! —Ela esperneou contra ele, livrando-se da sujeição de seus braços e rodando por debaixo dele.

—Olhe até que se farte, idiota. —disse a Natches enquanto recolhia a camisa de Dawg do chão— Porque será a porra do último olhar que nunca mais terá a oportunidade de obter.

Abraçando o tecido sobre seus seios, assegurando-se que lhe cobrisse as coxas, saiu abruptamente da sala, passando com pressa na frente dele e correndo pela escada.

Genial, estava mostrando sua bunda. Permitindo que ambos olhassem. Por um maldito tempo.

—Natches, é um bastardo. —ouviu que Dawg amaldiçoava.

Natches ria, e Crista teve vontade de gritar.

Por uns preciosos momentos, ela tinha acreditado.

Era uma idiota por isso, admitiu para si. Uma idiota pelo Dawg. Uns segundos mais tarde, percorrendo com o olhar o opulento dormitório, a cama monstruosamente grande e as janelas que a rodeavam cobertas com cortinas, deu-se conta do que tinha feito.

Tinha se deslocado diretamente a seu dormitório, em lugar do quarto de hóspedes. Diretamente ao interior do refúgio privado de Dawg.

Dawg contemplou o pequeno e desavergonhado traseiro de Crista enquanto desaparecia escada acima e suspirou pesadamente.

—Que demônios quer, Natches? —perguntou cansado a seu primo, girando para ele e observou-o enquanto Natches lhe sorria zombadoramente em resposta.

O outro homem não tinha dado atenção à encantadora demonstração de carne; o qual era a única razão, que ainda, conservasse todos os dentes em seu lugar.

Natches sacudiu a cabeça.

—Você e Rowdy. Homem, vocês dois são tão possessivos que faz revolver o estômago a um homem. E aqui pensei que podia depender de você para resistir.

Dawg resmungou ante o comentário.

—Não respondeu a minha pergunta.

—Trouxe o Rodeio. Pensei em passar e ver o que faziam antes de se deitar. —Seu sorriso era de pura maldade— E pensei em te dar isto. Estava no assento do passageiro.

Dawg pegou o pedaço de papel. Mudanças Express. O papel impresso e a direção eram legítimos. A letra rabiscada assegurava que a senhorita Jansen já podia pegar pessoalmente seus artigos em Amazene Você Mesmo, e que dentro do envelope encontraria a chave para o fichário do depósito inteno.

—Tenho hackeado os computadores da companhia antes de vir aqui. Eles não têm um registro para a entrega. Alguém lhe preparou uma armadilha.

Dawg colocou a nota cuidadosamente no bolso de sua calça de moletom até que pudesse guardá-lo, na caixa forte na parte de cima da casa, mais tarde.

—Parece que está fazendo progressos, de todo o modo. —sorriu com satisfação Natches.

—Estávamos bem até que você abriu sua boca. Mas acredito que é consciente disso.

Natches deu então uma olhada para a escada. Durante um segundo, a dor cortou através de seus traços, logo seu onipresente sorriso zombador esteve de volta em seu rosto.

—Mulher de um só homem, não é? —perguntou, embora seu olhar fosse mais uma afirmação.

Dawg lhe devolveu o olhar, vendo o brilho de solidão, o conhecimento encheu os

escuros olhos verde bosque de seu primo.

—Entretanto, ela não está tão contente de ser minha mulher como eu gostaria. — Dawg esfregou os dedos pesadamente por seu cabelo quando deu outra olhada à escada— Estou chantageando-a.

Voltou a olhar para Natches a tempo de ver que seu primo negava com a cabeça.

—Sabia que ia fazer algo assim estúpido. —Ele riu entre dentes, embora o som levasse pouca diversão— Boa sorte com isso. Só me detive brevemente para deixar isto. —Deixou cair as chaves de Crista na mesa—E te dizer que Cranston quer nossos relatórios finais em seu escritório ao término do dia. Oral e por escrito. Ainda está um pouquinho transtornado pela perda da mulher. Mas parece seguro de que os homens que capturou falarão.

—Provavelmente o farão.

—Mas a quem identificariam?

Se Crista tinha sido conduzida até ali, seria por uma razão. Os ladrões abririam suas vísceras em um batimento do coração, de uma ou outra forma.

—Não sei. —Natches deu de ombros— Os segui à caminhonete quando estavam carregando. Tudo o que Cranston obteve deles foram olhares vagos quando lhes perguntava. Eles poderiam não saber.

Dawg o contemplou com total incredulidade.

—Ei, podemos ter esperança. —riu dissimuladamente Natches, mantendo as mãos no alto em rendição antes de deixar de apoiar-se no balcão e dirigir-se para a porta— Entrei pela parte de trás, partirei pela da frente. Demos aos fofoqueiros, algo para cacarejar. Enquanto você se diverte, verei o que posso averiguar, ver quem está tão interessado na armação que tem em curso aqui. Eu não gosto nenhum maldito pinga, Dawg, mantere-i informado. Ela não deveria ter estado ali esta noite. É uma armação.

Dawg não podia estar mais de acordo com ele.

—Mantenha-me informado.

Quando Natches se foi, Dawg fechou com chave de novo as portas de trás e reativou os alarmes. Mas não seguiu imediatamente Crista no dormitório na parte superior. Em troca percorreu com o olhar a cobertura inferior, vendo mais que as diretas e nítidas linhas do interior e o bonito mobiliário.

Tinha estado vivendo no Nauti Dawg durante anos. Só durante os meses mais frios abandonava o porto esportivo e ficava no pequeno apartamento que possuía em cima da loja de madeiras. Raramente ficava na casa soterrada que seu pai tinha construído antes de sua morte.

Sentou-se devagar no sofá, reclinou-se, e suspirou cansadamente. Deus, estava esgotado. Cansado, excitado e em conflito. Uma condição infernal para se estar às três da manhã.

Sua risada silenciosa era amarga e zombadora. Infernos, estava se convertendo no bastardo que seu pai sempre tinha apregoado que era. Possivelmente ele era mais como seu avô, Nate August, mais do que queria admitir. O filho de puta tinha abandonado três filhos bastardos e uma filha em Somerset antes de voltar para sua casa do Texas há mais de cinquenta anos. Dos quatro meninos, o pai de Dawg, seus tios e tia, só Ray Mackay, o pai do Rowdy, tinha mostrado algum tipo de decência a sua esposa ou filhos. Sua tia não contava. Ela adorava a terra pela qual caminhava seu filho Johnny, mas muitos suspeitavam que tinha conduzido seu marido, Ralph, à tumba.

Dawg esfregou a dor em seu joelho, sentindo cada pino de aço que mantinha juntas a articulação e a rótula. O clima estava se tornando úmido; podia predizê-lo para dentro de uns dias. Além disso tinha abusado malditamente de sua perna por muito tempo. Tinha aguentado cerca de vinte e quatro horas sem dormir, e Cranston queria que lhe entregasse seu relatório final.

E em cima, Crista estava esperando em seu dormitório. Irritada e provavelmente sentindo-se, com justiça, muito traída.

Ele simplesmente deveria deixá-la ir. Devia-lhe isso. Mas não podia fazê-lo. Tudo em seu interior uivava em protesto ante a idéia de deixá-la partir. Agora tinha controle sobre ela, ao menos era uma forma de mantê-la em sua cama. Uma oportunidade de entender o porquê dela o ter obcecado durante oito fodidos anos.

Ela não era a única mulher que havia fodido em sua vida que não podia recordar. Com os anos, houve mais que umas quantas. Mas ela era a única mulher que tinha permanecido tanto tempo em sua cabeça, até o ponto que pensava que ela o dirigia para perto da demência.

Seduzi-la não ia ser fácil. Não desejava só seu corpo; desejava mais, e era suficiente homem para admitir isso. Simplesmente fodê-la não seria suficiente. Ele precisava vencer essa desconfiança que era algo mais que uma parte dela.

Esfregou a mandíbula enquanto considerava isso. Infernos, nunca tinha cortejado uma mulher antes em sua vida, especialmente não a uma que sabia que podia foder. Subir as escadas, entrar nesse dormitório, dar-lhes uns ardentes beijos, tê-la pronta e complacente. No momento.

Mas ela se ressentiria. Odiaria-o finalmente por isso, e não era o que queria. Ele desejava seus doces sorrisos, suas suaves carícias. Desejava que ela fosse sua amante, não só uma relação sexual.

Na realidade nunca tinha tido uma amante.

Dawg franziu o cenho ante isso. Tinha trinta e dois anos, e nem sequer havia tido uma amante estável, uma mulher que quisesse em sua cama para mais de uma ou duas noites. E não podia entender o porquê.

Oh, tinha-o considerado uma vez. Fazia oito malditos anos. Quando havia tentando conseguir Crista para sua cama, tinha sabido nesse então que queria mais que algumas noites com ela. Umas semanas, uns meses, possivelmente.

Algo se esticou em seu peito ante a idéia, um pouco parecido a um lamento, um conhecimento de que nem sequer uns meses poderiam ser suficientes.

Um passo de uma vez, pensou com cansaço. Esta noite, só dormiria com ela. Só a abraçaria. Veria como ia. Era algo que jamais tinha feito, só abraçar a uma mulher durante a noite e sentir seu calor contra ele.

Rowdy jurava que em algumas noites era melhor que o sexo, só tendo Kelly junto a ele, suave e doce.

Seria assim com Crista?

Olhou outra vez as escadas, sua mente se encheu com a lembrança de sua doce essência, do calor de seu delicado corpo. Talvez, por uma noite de merda em sua vida, poderia dormir sem sonhar que a abraçava.

Ficou em pé e atravessou a casa flutuante. Checou as janelas, a porta da coberta traseira, e os alarmes de segurança antes de subir. Quando entrou no dormitório se deteve surpreso.

Ele esperava que ela estivesse acordada e pronta para lhe dar um tiro. Tinha estado mais que zangada quando voou subindo essa escada metálica. Em troca, estava encolhida sob as mantas de sua cama extra grande, as mantas estiradas até seu nariz, dormindo como um bebê.

E não estava na beira da cama. Estava no meio, onde ele dormia. Um lento sorriso curvou seus lábios enquanto se despia silenciosamente, deixando acesa a pequena e tênue luz sobre a mesa de canto, no outro extremo do quarto. Dirigiu-se para a cama, deslizando-se sob as mantas, e cuidadosamente, com muita cautela, deitou-se a seu lado.

Ela murmurou algo não muito agradável. Um pequeno comentário sonolento sobre pés frios, mas se aproximou adormecida para seus braços e ele a atraiu contra ele.

Não despertou.

Seu cenho franzido se fez mais profundo. Uma mulher que dormia sozinha sempre notava quando um homem se deslizava na cama ao lado dela.

Crista estava acostumada a dormir com alguém.

Tinha alguém que a abraçasse durante a noite e mantivesse a raia os sonhos de Dawg? O bastardo. Rangeu os dentes ante a idéia de qualquer outro homem abraçando-a dessa forma.

Ela pertencia ali, aconchegada contra seu peito, comodamente contra seu corpo, mantendo-o quente.

Isto era... interessante.

Ainda estava duro como uma rocha. Mais excitado do que podia recordar estar em anos, mas não sentia a necessidade de ir depressa. Nem apressar-se por alcançar a satisfação e assim poder estar sozinho.

Seus olhos se fecharam quando ela murmurou algo outra vez. Algo sobre Alex e o recibo da luz, o que o fez sorrir jocosamente. Insignificantes coisas femininas com as quais Rowdy sempre gracejava com Kelly.

Inferno, isto era agradável.

Seus olhos foram à deriva até fechar-se, sua excitação pulsava entre suas coxas, mas foi atenuada pelo esgotamento e um lento alívio da tensa sensação de fria cólera que o tinha tido cativo por anos. Sepultou seu rosto no cabelo de Crista, respirou lentamente, e deixou que a escuridão o envolvesse, durante umas horas ao menos.

Capítulo 5

Em alguns dias, simplesmente, não valia a pesar despertar. Despertar na cama de Dawg tinha sido bastante ruim, mas graças a Deus que se foi. Tinha podido surrupiar uma camiseta e uma calça de moletom de alguém de menor porte, chamar um táxi, voltar correndo à casa de seu irmão para tomar banho e trocar-se, e chegar ao trabalho a tempo.

Só para ser despedida.

Despedida de um pobre trabalho de garçonne em uma cafeteria em que obviamente não tinha tido muita ajuda, para começar. E tinha sido mais que evidente que o proprietário era resistente a despedi-la, o que conduziu a Crista a uma única conclusão. Dawg tinha influenciado o proprietário.

Ele a tinha despedido.

Não foi nem sequer decente o bastante para deter-se apesars em chantageá-la quando ela sabia que ele tinha que saber que era inocente. Mas agora estava sem trabalho, assim ele podia ter seu pequeno entretenimento por perto.

Permaneceu ao lado da caixa registradora enquanto a encarregada estendia seu cheque e suspirou com cansaço.

—Obrigada, Madge. —disse tranquilamente quando a outra mulher, afetada e claramente incomodada com a ordem de despedi-la, entregou-lhe o cheque.

—Realmente sinto muito, Crista.—suspirou Madge, os olhos avelã compassivos—O proprietário só telefonou e disse que o fizesse. Não pude fazer nada.

Crista encolheu os ombros. O proprietário era amigo de Dawg, sabia, sabia o que tinha acontecido.

Afastando-se da caixa registradora, colocou o cheque em sua bolsa e abriu caminho através do local. Havia poucos clientes a esta hora da manhã. Alguns bebendo café, um turista madrugador, e Johnny Grace, seu vizinho de lado e primo de Dawg. Embora Dawg só admitisse seu parentesco quando era obrigado.

Estava sentado na mesa do fundo, um marcado cenho apareceu em sua testa enquanto ela ia em sua direção.

—Crista. —Deteve-a antes de poder chegar à porta—Está tudo bem?

—Muito bem.—disse com um sorriso forçado—Cortes, suponho.

Gostava de Johnny. Dirigia uma padaria duas casas depois da sua e freqüentemente lhe trazia pão recém assado e doces nos dias de assar, grátis, só porque eram vizinhos, dizia ele.

O olhar dele se dirigiu para a encarregada, o cenho ainda escurecendo suas incrivelmente perfiladas e esfumadas sobrelanceiras. Escuros cachos loiros emolduravam seu rosto, lhe dando uma aparência quase feminina.

—Há algo que possa fazer?

Algo que ele pudesse fazer? Tinha o pressentimento que não havia nenhuma maldita coisa que ninguém pudesse fazer. Ela negou com a cabeça, forçando um rígido sorriso em seu rosto.

—Ficarei bem, Johnny. Entretanto agora tenho que ir. O verei mais tarde.

Johnny era um bom vizinho, mas não um confidente. Agora mesmo, não poderia dirigir ou falar disto com ninguém.

A mão apertada sobre a bolsa enquanto saía da cafeteria, seu olhar girando infalivelmente para a grande pickup negra no outro lado da rua.

Como, demônios, sabia que ele estaria ali? Que instinto a possuía que o podia sentir a observando, desejando-a?

Ele era uma escura sombra atrás das janelas vermelhas, até que a janela do passageiro desceu brandamente, revelando seu semblante sério e os óculos escuros protegendo os olhos.

Seu cabelo negro muito comprido estava preso na nuca, mostrando as firmes linhas de sua mandíbula e a arrogância que impregnava sua expressão.

A mão se elevou de onde seu comprido braço estava estendido atrás do assento, e os dedos lhe fizeram gestos com majestosa confiança de que ela iria. Como uma maldita mascote.

Seus olhos se estreitaram sobre ele quando deu a volta e se foi indignada calçada abaixo para o lado da cafeteria onde seu Rodeio estava estacionado. Fizera uma mala essa manhã antes de dirigir-se ao trabalho que já não tinha. Realmente tinha outorgado a Dawg

o benefício da dúvida, que ao menos esperaria que ela trabalhasse enquanto ele jogava, o arrogante chantagista do demônio.

Mas podia fazê-lo? Não, claro que não. Tinha que ter tudo.

Tirava as chaves da bolsa quando ouviu um potente motor movendo-se atrás dela. Lançou-lhe um olhar furioso por cima do ombro antes de atravessar o estacionamento com furiosos passos.

Tinha contas para pagar, um empréstimo universitário que abonar, não é que agora estivesse usando o maldito título, mas sempre era um potencial para conseguir um trabalho decente. Agora tinha que voltar a procurar trabalho e rogar que houvesse alguém disposto a rir em sua cara quando ele ordenasse despedi-la.

Deus, não tinha mudado. Em oito anos, a Maioria das pessoas se acertavam para amadurecer um pouco, mas Dawg ainda era Dawg. Só um pouco mais sombrio, um pouco mais perigoso, mas ainda decidido a obter tudo à sua maneira.

—Parece-me que não. —Sua mão grande aprisionou seu pulso quando foi colocar a chave na fechadura do Rodeio.

Crista permaneceu quieta, gélida enquanto a cólera ameaçava alagá-la.

—Não posso acreditar. —Tentou afastar o braço, logo olhou fixamente os dedos dele enquanto se recusava a soltá-la.

Estavam aprisionando seu pulso como ferros, com muita firmeza para mantê-la em seu lugar, recordando-a que ele era Maior, mais forte e mais robusto que ela.

—O que não pode acreditar? —perguntou ele, arrastando-a consigo para a caminhonete que se achava a poucos passos atrás dele, com a porta do motorista ainda aberta.

—Me solte, Dawg! Tenho que encontrar trabalho. —disse sarcástica com falsa doçura— Alguém me custou este trabalho.

A incredulidade zombadora cobriu seu rosto.

—Não! Despediram-na? Que vergonha!

Seus olhos se cobriram de maliciosa diversão, quase brincalhona, convidando-a a participar da brincadeira quando lhe tinha tirado seu único meio de sustento.

Desta vez, quando puxou seu pulso, soltou-a.

—Me diga, Dawg, como espera que me mantenha? Ou que pague as contas? Ou que conserve o carro? Agora não tenho trabalho por sua culpa.

—Tem um emprego. —A brincalhona diversão abandonou sua expressão.

—Tenho um emprego? —mofou-se amargamente— Me deixe adivinhar, vai me pagar para representar o papel de sua puta?

Então a expressão dele se serenou.

—Entra na caminhonete.

Deveria ter estado nervosa. Tinha visto antes essa expressão no rosto de seu irmão, e era uma que era melhor evitar. Uma que teria evitado se não estivesse tão malditamente desgostosa.

Ela sabia o que ele esperava, e isso a enfurecia.

—Não com você pequeno narcisista! —Deu-lhe um tapa no peito enquanto sentia que a cólera a envolvia—Tenho que procurar um...

O fôlego saiu abruptamente de seu peito quando a puxou para ele, seus seios se esmagaram contra o amplo peito dele, os dedos de uma ampla mão se enredaram em seu cabelo enquanto lhe puxava a cabeça para trás, seu olhar aprisionou o seu enquanto o olhava fixamente, transtornada.

—Fizemos um trato. —Sua voz áspera com um pouco de algo parecido à irritação, mas se tornou mais profunda que a irritação.

Crista tremeu enquanto olhava fixamente os pálidos olhos verdes e a determinação que brilhava no interior deles.

—Esse trato não incluía roubar meu trabalho e minha vida. Não tem direito de fazer isto.

—Minha cama ou a prisão. Minhas normas. E minhas normas dizem que enquanto compartilhe minha cama, então por Deus que a compartilhará quando eu quiser, não quando você tenha tempo para mim.

Ficou transtornada, e não pela primeira vez. Este não era o Dawg que tinha conhecido oito anos antes, se não o homem que a tinha tomado essa noite fazia tanto tempo.

O verniz de encantadora provocação tinha sido arrancado, e em seu lugar estava um homem que ela não estava segura de poder lidar.

—Não me prenderá. —Sua voz tremia— Sabe que não estava fazendo nada errado.

—Temos um trato. —repetiu—Agora coloca seu traseiro nessa caminhonete. Discutiremos os termos quando voltar à casa flutuante, mas não os discutiremos aqui, em meio de um maldito estacionamento.

Não lhe deu tempo de discutir. Agarrou-a pela cintura, deu-lhe a volta, e a meteu no veículo.

—Minhas roupas... —Ela tentou sair engatinhando, só para encontrar-se cara a cara com uns olhos que começavam a tornar-se turbulentos em sua cor. Verdes claros, faíscas de cor mais escura, um redemoinho de sombras caóticas que de repente a imobilizaram.

A mandíbula tensamente apertada, o músculo no rosto se moveu nervosamente duas vezes antes que conseguisse controlá-lo.

As chaves foram arrancadas dos seus dedos.

—Não se mova. Que Deus me ajude, se sair dessa caminhonete, Crista, lamentará. Porque a colocarei sobre meus joelhos e surrarei seu traseiro aqui e agora. Entende-me?

Contemplou-o com receio.

Ele pisoteou, literalmente, pisoteou a curta distância até o Rodeio, abriu-o e arrastou sua mala do assento dianteiro.

—Minhas flores. —Sua voz ganhou força. Se tudo ao que se arriscava era uma surra, então bem podia obter tudo o que tinha empacotado—E a caixa da parte posterior.

A mala golpeou no chão enquanto ele dava a volta e a olhava pensativamente.

—Sem dúvida ao menos posso ter as poucas coisas que necessito. —sorriu forçadamente— Inclusive os condenados têm alguns artigos pessoais, Dawg.

Seus olhos se estreitaram antes de fechar de repente a porta do motorista. Caminhou para a parte de trás do veículo e abriu bruscamente a porta traseira. A caixa com as roupas adicionais, a maquiagem, e os objetos pessoais estavam fora, depois a roseira em miniatura e o cacto fluorescente que estava no canto.

Fechando de um golpe a porta traseira outra vez, fechou-a com chave e pôs as coisas no assento traseiro de sua caminhonete.

—Vá para o lado. —Sua voz foi rude enquanto ia outra vez para a porta aberta.

—Preciso do meu carro.

—Disse que fosse para o lado.

—Não pode deixar meu carro aqui, Dawg, preciso dele. —obrigou-se a não gritar de completa frustração. Isto está indo muito longe...

Agarrou-a pela cintura, e antes que Crista pudesse lutar a tinha levantado por cima do console e a deixou cair no assento do passageiro antes de subir.

Maldito seja. Agarrou o trinco da porta com toda a intenção de jogar-se da caminhonete e recuperar seu precioso Rodeio.

—Abre essa porta, e que Deus me ajude, irá lamentar.

Ficou quieta ante o som de sua voz, dando a volta para fulminá-lo com o olhar enquanto punha a caminhonete em marcha e virava o monstruoso veículo.

— Preciso do meu carro.

—Natches pode recolhê-lo mais tarde. —Uma mão se agarrou ao volante, a outra na mudança de marchas que se elevava do chão enquanto dirigia do estacionamento e retornava à rua Maior antes de dirigir-se a interestadual.

—Isso não é justo. Nada disto é justo, Dawg —gritou— Tirou meu trabalho. Isso é o mesmo que me tirar tudo o que possuo.

E não era muito, admitiu. Sobre tudo o Rodeio, mas era a intenção o que contava.

—Cuidarei das suas contas. —soltou.

—Por que simplesmente não estampa puta em minha testa? —disse com desprezo.

A caminhonete fez um movimento brusco para o lateral da estrada, sacudindo-se em uma brusca parada enquanto ele se virava para ela, o esforço para controlar o que surgia em seu interior visivelmente óbvio em seu rosto.

—Chame-se de puta outra vez, e me assegurarei de que a surra, que ainda não recebeu, não seja nada agradável. —Grunhiu entre os dentes apertados.

—Então como o chama você?

—Chamo-o um trato que fez e com o qual estive de acordo. —Falou com marcada pausa enquanto a atravessava com os olhos—E eu faço as regras. Não você. Agora se recoste, prenda o cinto de segurança, e para de discutir o assunto comigo antes que faça algo que seguramente mostre a todos que passem ao lado da caminhonete o puco que me importa o decoro ou suas fodidas opiniões sobre qualquer um de nós dois.

O que equivalia a nada, e Crista sabia. Rangendo os dentes contra as furiosas palavras que surgiam de seus lábios, fechou de um puxão o cinto de segurança, cruzou os braços sobre o peito, e cravou o olhar à frente.

Admitiu estar ligeiramente nervosa. Não exatamente assustada com Dawg, mas mais cautelosa do que tinha estado inclusive dois dias antes. Havia um brilho de luxúria, de fome em seu olhar que fez tremer de confusão o núcleo de sua feminilidade. E isso lhe dava voltas na mente.

Dawg sempre tinha sido tão extremamente controlado. Nunca tinha mostrado cólera, ao menos esse era o rumor. Era do tipo de homem mais de vingança que de aborrecimento.

Não era cólera o que via nele agora, a não ser o escuro, primitivo ser de um homem que já não escondia quem ou o que era. E a fome selvagem que brilhava em seus olhos a excitava mais que o falso encanto que tinha até agora.

Este era o Dawg que sempre havia sentido escondido sob a superfície. Que tinha se reprimido quando ela era mais jovem, que se assustou da imatura sexualidade que ela possuía então.

Foi esse homem interior que tinha liberado na noite que ela tinha passado com ele. O encantor bêbado se evaporou uma vez a teve em sua cama, e ainda assim não tinha sido rude, tinha sido decidido, faminto.

—O que aconteceu naquela noite?

Sua voz a imobilizou, fez o seu coração pulsar mais rápido dentro do peito. Ela não queria falar dessa noite. Não queria revivê-la mais do que já tinha feito.

—Tivemos sexo, e ponto.

—Tivemos sexo, assim fugiu da cidade com outro homem, permanecendo longe sete anos, e agora está se opondo a algo que ameaça incendiar o condado uma vez que voltamos para a cama. Sinto muito, carinha-linda, não engulo isso. Está mentindo.

Ela recordou, assim foi como obteve seu nome. Tinha ouvido Ray relatar a história, como mesmo quando era um menino e colocava algo na cabeça e não o soltava. Como a um cão com um osso. Dawg. Não tinha mudado muito.

—O que aconteceu há oito anos não importa Dawg. —Negou com a cabeça com cansaço— O que acontece agora sim. Não posso me permitir não trabalhar durante três meses, e não aceitarei dinheiro por me deitar com você. Tenho que trabalhar.

—Não estamos falando disso agora. —Sua voz retumbou com desgosto.

—E não estamos falando tampouco do que ocorreu há oito anos. —replicou ela— Na realidade, essa noite está certamente bastante confusa em minha cabeça. Quase a esqueci. E essa teve que ser a Maior mentira que alguma vez havia dito em sua vida.

Crista lhe deu um olhar, satisfeita e ainda mais nervosa que nunca, uma vez que viu a escura e pensativa intensidade de sua expressão.

—Me irritada quando mente para mim, Crista Ann. —grunhiu, olhando-a por cima dos escuros óculos enquanto chegava a um semáforo.

O veículo se deteve enquanto Crista contemplava a cidade, que tinha se estendido aos lados da estrada que o atravessava. Tinha crescido nos anos que tinha estado longe, mas ainda tinha as mesmas peculiaridades que tinha tido saudades.

Não havia edifícios altos, nem pessoas apressadas e desesperadas caminhando pelas calçadas, trabalhando em excesso, indo de escritório a escritório e ignorando a todos os outros. Ela poderia entrar em qualquer loja e ver alguém que conhecia ou tinha conhecido em sua infância.

Aqui tinha amigos, parentes longínquos e história.

Ela era consciente de que a estava olhando de esguelha enquanto colocava a caminhonete em marcha e acelerava quando a luz ficou verde, pegando velocidade e dirigindo-se ao porto nos subúrbios da cidade.

—Quanto tempo vai trabalhar incógnito aqui entre os traficantes de drogas? —perguntou ela mais tarde— Sei que Alex disse que o problema aumentou, mas não sabia que era tão grave para justificar operações policiais a altas horas da noite.

—São pouco frequentes. —Sua voz era cortante, a mensagem clara. Não queria falar disso.

—Pode-se colocar ainda pior. O cara que me apanhou no armazém se parecia com um dos monstros que a televisão mostra. Se as turmas latinas se mudarem para Somerset, não será complicado retirá-las?

Seus dedos tamborilaram sobre o volante enquanto a observava.

—Duvido-o. —Estava decidido a não discutir isto com ela, isso era mais que óbvio.

—Sabe quem era a mulher que se supunha que tinha que estar ali?

Ante a pergunta ficou imóvel.

—Ainda não.

Crista mordeu o lábio inferior nervosamente.

—Entretanto perguntou aos outros homens, não foi?

—Esta manhã.

—Encontraouo dinheiro que faltava?

Sua cabeça virou em redondo brevemente, seu olhar agora oculto por trás dos vidros escuros.

—Ainda não. —Cortante e escura, sua voz enviou um calafrio por suas costas—Por que?

—Ele parecia pensar que eu o tinha. Isso era o que me dizia: “Onde está meu dinheiro, puta?” Conforme parece, não é o único que me considera uma....

Juraria que ele grunhiu. Crista apertou a boca ante o silencioso grunhido que saiu dos lábios dele.

—Que mais disse? —perguntou bruscamente.

—Não teve tempo de dizer nada mais. Você salpicou seu sangue sobre mim um segundo mais tarde.

—Melhor que ver seu fodido sangue manchando esse maldito armazém. —A violência enchia sua voz antes que Crista o visse refrear-se com força, fazendo uma apertada careta de desgosto— Ouviu algo mais? Viu algo mais?

Ela sacudiu a cabeça devagar, sentindo que o terror que tinha crescido nela a noite anterior golpeava sua cabeça de novo. Dawg tinha aliviado o horror dos eventos da noite passada, curiosamente, com sua odiosa chantagem. Mas agora estava começando a assentar-se. O fato é que tinha estado a ponto de morrer. Se tivesse pedido ajudada a Dawg antes, isto poderia não ter acontecido.

Ela lambeu os lábios nervosamente.

—Olhe, é possível que não tenha nada a ver, mas antes disso, estavam ocorrendo coisas estranhas. Tão estranhas que quando as disse a Alex, ele me ordenou simplesmente chamá-lo.

—Que coisas?

Fez-lhe um resumo: roupas perdidas, a sensação de que estavam seguindo-a, observando-a.

—Acha que tem algo a ver com o ocorrido de ontem à noite? —perguntou-lhe quando acabou.

Dawg não achava; sabia. Podia senti-lo ardendo em suas vísceras e picando sua nuca. Um primitivo sentimento de posse turvava sua mente enquanto olhava Crista e se dava conta que de alguma forma, por alguma razão, alguém entre o grupo que tinha preparado uma armadilha na noite passada tinha sabido utilizá-la.

Tinha sido desatinado, não deveria ter suspeitado que ela estivesse envolvida nisso para começar, mas seu rebelde pênis não o tinha deixado considerar isso.

Mas, se alguém tinha tentado colocá-la em cheio na confusão, era porque sabia de sua obsessão por ela. E havia muito, mas muito pouca gente que sabia que Dawg não tinha podido esquecer Crista Ann Jansen.

Passou as mãos pelo rosto e considerou suas opções. Não tinham apanhado a única mulher do grupo que sabiam que tinha estado envolvida. O mediador entre os compradores e vendedores tinha sido uma mulher, a vaga descrição que a equipe tinha dela coincidia com a de Crista. E, se ela estava dizendo a verdade sobre o comprador, Aaron Grael, então a mulher tinha fugido com a metade dos dois milhões de dólares do negócio.

Soltou o fôlego bruscamente enquanto se voltava a olhá-la. Ela estava olhando-o cheia de preocupação, seus olhos cor chocolate cheios de indecisão e um pingo de medo. Mas não havia culpa. Ao longo dos anos, demônios, inclusive antes que se unisse a Marinha, tinha sido capaz de caçar as mentiras a mais de uma milha. Não podia ver nos olhos de Crista outra coisa mais que sua preocupação e seu mal-estar.

—Não me respondeu. —Havia uma brutalidade em sua voz que o assegurava que não estava tão assustada para haver-se esquecido de seu anterior aborrecimento com ele.

—Me deixe comprovar umas quantas coisas e falar com Natches sobre isto. —disse finalmente com voz áspera. Havia muito maldito dinheiro desaparecido para descartar qualquer coisa disso— Mas minha intuição me diz que tudo está conectado. De algum modo. Só tenho que averiguar como.

—Se está infiltrado, como acredito que está, porque não escutei nada de que esteja trabalhando com a DEA, alguém tem que saber a verdade para saber como me usar. —disse vacilante.

Tinha que lhe dar crédito por ser tão perspicaz. Ninguém tinha acusado Crista de não ter intuição.

Era muito mau que não estivesse trabalhando com a DEA: seus problemas seriam mais fáceis neste momento.

—Tanto Natches quanto eu estamos encobertos.—disse finalmente— O trato que estragamos ontem a noite, passamos seis meses preparando. Detivemos a todos exceto o comprador que matei e outro participante. Agora estamos procurando a outra pessoa.

Ela não disse nada durante muito tempo.

—O outro participante é uma mulher. —especulou finalmente, sua voz tremente— E se parece comigo, verdade?

Dawg virou para o porto Mackay em silêncio antes de voltar-se para olhá-la.

—A descrição que temos se parece com você. —admitiu brandamente, vendo seu estremecimento pela extremidade do olho— Ela é a única desaparecida, tem o dinheiro. Não há nenhuma razão para continuar centrando-se em você.

—A menos que um dos homens que capturou tenha me visto? Ou reconhecido na cidade? Ou que alguém associado com eles me veja agora?

—Não vamos pedir problemas emprestados, Crista. —Mas esses pensamentos estavam dando voltas em sua cabeça—Concentre-se no aqui e agora, eu me concentrarei no resto.

—Concentro-me só em seu pequeno plano de chantagem? —replicou acidamente.

—Faz feliz meu pênis, e eu serei feliz como um pequeno excursionista.

Disse as palavras para escandalizá-la. Odiava ver o medo em seus olhos, em sua expressão. E o tinha feito bastante bem.

—Alguém já te disse alguma vez o quanto bastardo é, Dawg? —a hostilidade se desprendia dela agora.

Dawg deixou que seus lábios se curvassem em um sorriso zombador. Oh sim, ele sabia quão bastardo era. Seu pai se assegurou de que soubesse a uma idade muito prematura.

—Você está me dizendo isso agora. —Entrou em seu lugar de estacionamento perto do cais, seu olhar se moveu com cuidado ao redor da área antes de desligar a caminhonete e voltar-se para ela— Está pronta para ser boa e ir de volta para o barco agora? Ou ficamos aqui e temos uma briga a gritos?

—Eu não tenho brigas a gritos. —sua expressão acesa com ofendida irritação.

—Então, você é a primeira mulher. —Grunhiu, saindo do veículo— Vamos, preciso de uma cerveja gelada.

O verão acabava de começar, mas já estava fazendo um calor tão feroz que mandava ondas de vapor subindo do asfalto.

Ele agarrou a mala dela do assento traseiro, assim como a caixa, e a colocou sob o braço enquanto ela dava a volta à caminhonete.

—Eu pego as flores. —Sua expressão era ansiosa, como se pensasse que não podia lhe confiar que cuidasse de um maldito par de vasos de barro de flores.

Mas demônios, por que o faria? Não tinha podido confiar nele para que a ajudasse inclusive quando Alex lhe disse que o fizesse.

Filha de puta. Coisas desaparecidas de sua casa, a sensação de ser observada e seguida. Tinha toda a pinta de uma pessoa acossada e não havia dito a ninguém. Se houvesse dito ao xerife, Zeke Mayes, ele teria contado a Dawg.

Dawg a deixou pegar os dois imensos vasos de barro em seus braços. A roseira vermelha em miniatura com seu vaso de barro era quase tão grande quanto ela. O cacto florescido era menor, mas não menos volumoso.

—Posso dizer a Natches que venha depois colocar esses. —lhe disse sem convicção.

O olhar que lhe lançou fez com que seus lábios se apertassem com irritação.

—Certo. —Fechou de uma pancada as portas e se voltou para ela—Deixe-me pegar uma antes que as derrube.

—Tenho-as. —olhou através dos ramos da roseira— Só me mostre o caminho.

—Se cair no lago porque não pode ver por esses malditos vasos de barro, então vou deixar que se afogue.— avisou.

Ele tinha melhor critério. Era malditamente estúpido quando ela estava envolvida, salvaria a ela e às fodidas plantas.

—Sei o que estou fazendo. —olhos marrons escuros o olharam estreitando-se— Só vamos lá. Estarei justo atrás de você.

—Você primeiro. —sorriu tensamente— E olhe por onde anda, se puder. Não caminhe fora da plataforma. Por favor.

Quando ela passou na frente dele, Dawg se colocou perto, só por via das dúvidas. Era malditamente cabeça dura, poderia matar-se antes de permitir que uma só flor sofresse dano.

Franziu o cenho ante as pequenas rosas por cima dos ramos verdes. Deu a ela de presente uma roseira uma vez. Perguntava-se o que lhe tinha acontecido. Em seu décimo sétimo aniversário, em um intento de apaziguá-la. Tinha chegado em sua casa, suportando o olhar de Alex, e lhe dado o pequeno arbusto envolto em plástico para o diminuto jardim de rosas que tinha atrás da casa. Deu-se conta de quanto gostava das rosas.

Ela provavelmente o tinha jogado fora como tinha jogado as lembranças deles juntos.

Lembranças que ainda estavam nubladas para ele. Aos vinte e quatro, tinha bebido muito, muitas malditas festas, e não tinha juízo quando havia mulheres envolvidas. Mas tinha sido o suficientemente inteligente para pensar que Crista era diferente. Especial.

Demônios, ela era especial, e tão diferente de qualquer outra mulher que houvesse conhecido como a noite e o dia. A principal diferença era o fato de que Crista não se deixou enrolar pelo famoso encanto Mackay.

Ao menos, não até que tinha estado tão bêbado para recordar que a tinha convencido a dormir com ele em primeiro lugar.

Agora, tinha que ocupar-se de uma ereção que o fazia muito duvidoso do seu bom senso e com o conhecimento de que alguém tinha estado envolvendo Crista dentro do jogo entre os agentes que procuravam os mísseis e aqueles que compravam e vendiam esses mísseis.

Maldição. Sabia que a única peça que faltava no caso era a mulher que tinha escapado com um milhão de dólares em notas não marcadas. Rezava para que ela estivesse correndo

longe e rápido e que fosse a única pessoa que soubesse sobre Crista. Não que ele fosse ter essa maldita sorte, mas podia ter esperanças.

Abriu a porta de vidro da frente, entrando na casa flutuante. Dawg checou o monitor de segurança enquanto entrava no salão antes de deixar a mala e a caixa no sofá e olhava Crista parada hesitantemente na sala, olhando ao redor.

—Posso pôr as plantas lá em cima? —perguntou— Ali tem mais luz do sol.

—Deixe-as no chão. Subirei-as mais tarde. —cruzou a sala a grandes passos para o refrigerador e a cerveja gelada do interior.

Desenroscando a tampa da garrafa, tomou um grande gole enquanto olhava fixamente para Crista através dos vidros escuros de seus óculos. Melhor ocultar seus olhos, ocultar as emoções que ele sabia que não estava contendo muito bem. Inclusive Natches o tinha advertido com preocupação durante a reunião junto com os destacamentos da ATF e a Segurança Nacional que tinham estado trabalhando na investigação.

Algo a respeito de Crista a fazia perigosamente desejável. Sabendo que a tinha tido e não sendo capaz de recordar nada exceto escuros detalhes que o deixavam louco.

—Tem uma opção. —deixou a cerveja na mesa com força suficiente para fazê-la saltar.

—Tenho? —olhava-o nervosamente.

Ao menos não era com medo.

Tirou os óculos de sol e os lançou sobre a mesa antes de voltar o olhar para ela. Imediata. Sua resposta chegou tão rápida como seu olhar encontrou o dele.

Viu seus seios subirem e descenderem com sua rápida respiração, viu como as pequenas pontas de seus mamilos se marcavam através de sua camisa e como se suavizava a postura desafiante que tinha adotado.

Suas mãos foram ao cinturão, soltando-o devagar enquanto os olhos dela aumentavam.

—Dawg. —engoliu fortemente— Não estou preparada para isto agora.

Pelo menos não havia dito categoricamente que não.

O cinturão ficou solto. Movendo-se para ela, abriu o botão de metal e logo desceu o zíper. Os olhos dela se abriram mais, escuros, e seus pequenos e afiados dentes morderam seu lábio.

—Sonhei. —O áspero som de sua própria voz surpreendeu até a ele—Sonhei com sua boca me tomando. Me chupando, até um prazer tão grande que estava a ponto de morrer por sua causa.

Os olhos dela estavam frágeis, seu rosto profundamente ruborizado enquanto ele a empurrava para o sofá. Empurrando seu jeans para baixo por seus quadris, sentou-se, tirou as botas, logo chutou as calças para tirá-las enquanto ela o olhava em estado de choque.

Estava desesperado. Tão foddidamente duro que estava morrendo pela fome que corria através de seu sistema.

—Diga não, e pararei —ladrou— Só diga não.

—E ir para a prisão?

Ele fechou a boca de repente. Tinha uma vantagem sobre ela, e isso era certo. Ela podia não estar preparada para o resto agora mesmo, mas ele tinha que ter isto, ou ia morrer.

—É sua escolha.

Capítulo 6

Sua escolha.

Crista baixou o olhar para ele, sentindo que cada célula em seu corpo reagia ao ver Dawg reclinado no sofá, o negro cabelo do demônio caía desordenado por seu rosto, seus claros olhos verdes se obscureceram, e ela sentiu que sua vagina se alagava em resposta.

Estava molhando a calcinha. Tornando-se tão sensível que inclusive a ventilação do ar condicionado era uma carícia contra a carne ainda coberta de roupa.

—Dawg... —Ela podia ouvir a súplica em sua voz.

—É tão linda, Crista. —sussurrou ele— Sonhei com isto ontem à noite. Sua doce boca movendo-se sobre meu pênis, me levando à loucura. Me dê isso. Só isso. Podemos esperar pelo resto.

Esperar pelo resto?

Essa era sua idéia de sedução? Se fosse assim, então ela era mais fraca do que poderia ter imaginado alguma vez, porque estava funcionando.

—Vem aqui, neném. —Agarrou seu pulso, fazendo com que ela ficasse de joelhos enquanto ele se inclinava para frente.

Quando se localizou frente dele, as mãos dele agarraram a barra da blusa e a deslocou para cima, tirando-a pela cabeça, logo pelos braços, até atirá-la longe.

—Doce Deus tenha piedade. —gemeu ele, seus olhos eram como pontinhos de cor em seu escuro rosto quando contemplou o sutiã branco que cobria seus seios.

—Dawg, é muito cedo. —Ela teve que forçar as palavras para que saíssem de seus lábios— Tem que me deixar...

Uma mão se cavou em seu pescoço, fazendo com que ela jogasse a cabeça para trás enquanto a outra lhe tocava os lábios.

—Você tem lembranças disto. —disse ele, sua voz era áspera—Me dê uma agora. Só uma lembrança, Crista, em vez de um sonho que rasga minhas vísceras em farrapos de fome.

Uma mão agarrou seu pulso quando ele se localizou contra o respaldo do sofá outra vez e dobrou parcialmente os dedos dela ao redor da grossura de seu membro. Eles não o abrangeriam.

A dura carne palpitou sob sua mão, sedosa e sulcada com grossas veias, a torcida cabeça obscurecida enquanto uma gota de líquido pré-seminal perolava no diminuto orifício.

Ela conhecia que sabor tinha ele. Como uma tormenta vinda das montanhas. Ela era consciente do que ia acontecer no minuto em que o tomasse em sua boca. Ia perder a si mesma na sensualidade que ele tecia a seu redor.

Ele a atemorizava. O conhecimento do que podia lhe fazer a tinha perturbado frente dele.

—Ali, Crista. —Sua mão se enredou no cabelo dela, cavando o lado de sua cabeça enquanto a arrastava para frente— Só um pouco, carinha linda. Chupe-me só um pouquinho.

Só um pouquinho?

Crista gemeu quando a grossa crista tocou seus lábios, separou-os, deslizando-se dentro. Não podia fazer nada. Porque realmente recordava essa noite, e sabia exatamente o que lhe tinha ensinado. Ela sabia o que gostava nesse dia então, mas saberia o que gostava agora?

Tentativamente, ela formou redemoinhos com sua língua sobre a grossa cabeça, sentindo que as coxas dele se esticavam, ouvindo o gemido desigual que retumbou em seu peito. A mão dele se enredou em seu cabelo, puxando os fios e enviando um formigante calor por seu couro cabeludo.

Seu peito se movia ferozmente, subindo e descendo rapidamente enquanto sua própria respiração se tornava trabalhosa, ela permitiu que sua boca se enchesse com a cabeça de seu pênis e as poucas polegadas mais que podia conduzir.

—Doce Deus. Crista. Meu amor. Ah Deus, sim, chupa meu pênis, coisinha linda. Com força e profundamente...

Dawg sentiu que sua cabeça caía contra a almofada atrás dele e lutou por respirar. A boca dela era quente, apertada, riscando a ponta de seu pênis, sua língua raspava a ultrasensível carne embaixo desta. Seus testículos saltaram dolorosamente rígidos quando os dedos dela se colocaram embaixo deles, as cavando, massageando o tenso saco, com tais pecaminosas carícias que ele teve que apertar os dentes para conter o prazer brutal que o atravessava.

Ele se esforçou por abrir os olhos, para olhá-la fixamente. Deus o ajudasse, era magnífica. O comprido cabelo fluía ao redor de seu ruborizado rosto, seus lábios se estiravam amplamente ao redor do pênis, seus escuros olhos eram quase negros.

Os delicados dedos agarraram o eixo, trabalhando lenta e tranqüilamente enquanto ela fazia uso da crista torturada pelo prazer. Ela o chupou, lambeu-o. Seu rostos se cavava e seus olhos brilhavam, ele jurou ver em seus olhos as mesmas necessidades que sentia perfurar suas vísceras.

Fome como nada que tivesse conhecido antes.

—Ah sim. —Ele gemeu um árduo suspiro de prazer quando ela trabalhou a cabeça de seu membro com fortes chupadas e rápidos açoites de sua língua — Isso é bom, neném. Tão bom.

Ele puxou seu cabelo, puxando sua cabeça para trás, sentindo a luta nela pelo puxão dos fios e observando o prazer que consumia sua expressão.

Ele puxou seu cabelo outra vez, seus dentes rangeram quando as pestanas dela revoaram e tomou seu pênis mais profundamente em sua boca.

—Assim? —Ele quase estava tremendo pelo prazer.

—Hmm. —Ela separou os lábios de sua dolorida carne e levantou os olhos.

—E que tal isto? —perguntou ela, um segundo antes que sua língua tomasse uma prolongada degustação da parte oculta de seu pênis.

—OH demônios, sim. — gemeu ele, o que fez que uma quebra de onda de prazer corresse através dela— É tão condenadamente bom que estou a ponto de me queimar vivo.

Seu abdômen se flexionava e ondulava com tensão. Seu escroto estava rígido quando ela o cavou e acariciou na palma de sua mão, o calor irradiou através dele.

Crista o tomou na boca outra vez, sustentando seu olhar, chupando-o profundamente e com força como ela recordava, lambendo a parte oculta, sentiu que a beira de êxtase revoava dentro dela ante o prazer que estava lhe brindando.

Ela se conhecia melhor que isto, melhor que permitir-se ser afetada por seu prazer. Mas isto não podia ajudá-la agora mais do que pôde fazer para detê-lo há oito anos.

Ela amava dar prazer a Dawg. Ela amava olhar sua rígida expressão enquanto ele lutava pelo controle, como seu corpo se esticava e um brilho de suor escorregava por seus músculos.

A boca se moveu por seu membro, tomando tanto quanto fosse possível, tomando-o profundamente e logo retirando-se para saborear a cabeça com ambicioso amor. Ela gemeu ante o sabor do líquido pré-seminal derramando-se sobre suas papilas gustativas e brincando mais com sua faminta boca enquanto as mãos dele se agarravam no cabelo dela.

Com os dedos puxou as longas mechas, empurrando-a para frente, atraindo-a até seu tenso abdômen, logo um masculino gemido encheu os ouvidos dela.

—Ah, Crista. É tão doce e bom. —Sua voz era baixa e premente pela luxúria— Perfeita e doce boca.

Ela brincou com a língua na parte oculta de seu pênis, lambendo, provando e desfrutando ante o estremecimento que viajou pelo pesado corpo musculoso dele.

Ela não era tão indecisa como o tinha sido há oito anos. Ela sabia o que ele gostava então, o que ainda gostava agora, e aplicou as lições que ele tinha dado durante as longas e escuras horas em uma noite de verão inesquecível. Lições com as quais ela tinha sonhado e fantasiado utilizar nele outra vez.

—Crista, meu amor. —Dawg poderia sentir que o suor corria por sua pele, o calor se precipitava por seu corpo.

Sua cabeça caiu sobre o respaldo do sofá, os olhos estavam fechados, e as lembranças caíram de repente sobre ele.

Inocentes olhos marrons o contemplavam do mesmo ponto onde ela se ajoelhava agora. O tinha ajudado a entrar na casa flutuante e logo a sentar-se no sofá, e ali ele a tinha atraído até seu colo, beijou-a, acariciou-a e de maneira brincalhona a convenceu a descer por ele.

—Chupa meu pênis, neném. —sussurrou ele nesse momento para logo murmurar— Deus, sua boca me mata.

Ela tinha sido mais tímida então. Indecisa. Havia um pouco de medo em seus olhos bem abertos, mas misturado com esse medo tinha havido uma imensurável excitação.

Ele se obrigou a elevar a cabeça, a abrir os olhos, e a contemplou nesse momento. Não é que tivesse mudado muito. Ela ainda era tímida, um pouco temerosa, mas a indecisão se foi. E o prazer era mais intenso, mais nítido.

A visão daquele prazer quase destruiu seu controle. Isto unido ao calor de sua boca mamando-o, o tentador toque de seus dedos sobre seu eixo e testículos, e seu gemido, e Dawg sabia que seu controle não duraria muito mais tempo.

—Doce piedade. —gemeu ele, arqueando-se, levando seu membro mais profundamente em sua boca enquanto ela começava a alongar e acelerar seus golpes de sucção— Mata-me, Crista.

Ele não tinha esperado isto. Tinha esperado uma briga. Demônios, quase queria uma briga. Algo que desse a ele uma desculpa para ter escapado da fome que perfurava suas vísceras como uma faca cega.

Entretanto, não havia nenhum escapamento a isto com a quente boca de Crista envolvendo seu pênis. Nenhum escapamento do prazer ou da dor. Cada vez que ele descia

o olhar para ela, o passado e o presente se mesclavam. O que ele tinha acreditado que eram sonhos formavam redemoinhos junto à realidade.

Seu peito se oprimiu ante a visão dela, emoções sustentadas tão estreitamente sob controle, a Maior parte de sua vida, formavam redemoinhos em seu interior, confundindo-o, multiplicando o prazer até que puxou seu cabelo, seus quadris elevando-se para ela, seu membro dobrando-se e levantando-se.

—Crista. Amor. —Apesars podia respirar. A sensação o atravessou, puxando seus músculos e lhe roubando o controle—Oh! Deus. Eu vou gozar, neném.

Não podia conter-se. Seus testículos estavam tão apertados que era uma tortura, sua semente fervia neles, formando a demolição das paredes de sua restrição tão facilmente como um martelo contra o arenito.

Os lábios de Crista, a boca e a língua estavam matando-o. Dando-lhe mais prazer do que ele houvesse conhecido. Como podia isto ser tão bom? Como podia uma mulher, uma doce e tímida boca rasgar seu controle em fragmentos?

—Ah, Deus. Crista. —Sua voz era áspera, gutural— Não posso me conter. Mais devagar.

Ela não se conteve. Sua boca era mais faminta, seus gemidos mais quentes, seus dedos... quentes, pérfidos dedos que brincavam com seus testículos enquanto com os dedos da outra mão acariciava seu eixo. Sua boca chupava, sua língua lambia, seus dentes mordiscavam com delicada cobiça, e uma onda de fogo atravessou seu testículo, arrebatando seu controle.

O primeiro jorro explosivo de sêmen foi acompanhado por um grito estrangulado que rasgou por sua garganta. Seu corpo alcançava o ponto de ruptura, suas mãos se agarravam ao cabelo dela, mantendo-a em seu lugar. Ele rezou...

—Ah demônios. Lambe-o. Chupa-o. Fode-o. Sim.

Sua cabeça caiu de repente para trás até as almofadas, e uma luz explodiu frente de seus olhos quando o prazer se converteu em um feroz e tortuoso êxtase, diferente de outras coisas que ele tinha experimentado em sua vida.

Encheu sua boca. Forçando-a a tomar sua liberação. Mantendo a cabeça dela em seu lugar e quase se retorceu com as sensações queimando e ondulando por seu corpo. Seus quadris se elevaram do sofá, e seus gemidos famintos ondearam sobre seu pau até que por fim, benditamente, quentes toques de eletricidade aliviaram sua coluna, e caiu para trás, para seu assento, lutando para respirar.

Dawg se obrigou a soltar seus dedos do cabelo de Crista, e apesar da vergonha que o atravessava, obrigou a si mesmo a baixar o olhar para ela.

Ficou sem fôlego ao ser conciente da imagem dela. Um tentador sorriso curvava os cheios e inchados lábios enquanto ela lambia para baixo o eixo de seu pênis em

movimentos calmantes, aliviando as agudas e pesadas contrações na ainda dura carne. Seus olhos eram quase negros como sua própria excitação, seu rosto tingido com um rubor de luxúria e acanhamento.

—Venha aqui. —Apanhou-lhe os braços quando ela se moveu para distanciar-se, ignorando o brilho de indecisão em sua expressão, e a elevou para ele antes de levá-la de volta às almofadas.

Ficando em cima, Dawg não lhe deu oportunidade para discutir ou protestar. Seus lábios cobriram os dela, e por sua vez, a aversão em beijar uma mulher que acabava de consumir sua semente estava ausente.

Necessitava seu beijo. A doçura de sua resposta. Os braços enroscando-se em seus ombros e o corpo abrandando-se sob o seu.

Abriu os lábios para ele com um ofego, e ele mordiscou a cheia curva inferior antes de afundar-se em outro redemoinho de excitação diferente.

Nos anos anteriores, o sexo tinha sido pouco frequente. Inclusive o desejo tinha sido escasso. Mas agora, como se lutasse para recuperar o tempo perdido, seu corpo levava o caminho direto. O pênis se engrossou de novo em todo seu esplendor, e a necessidade começava a lhe açoitá-lo através de seu organismo outra vez.

Por Crista. Porque havia algo nela que o tornava faminto. Caralho, deixava-o esfomeado por prová-la. Por seu toque, os pequenos e velados gemidos e os beijos que lhe incendiavam a alma.

Separou os lábios um segundo mais tarde, voltando para a mandíbula, mordiscando e lambendo, descendendo a beijos o caminho do elegante arco.

—Dawg. Espera. —ofegou, a voz espessa pela excitação.

Ele pôde ouvir a fome em seu tom, senti-la na acalorada seda de sua pele. A mão esmagada na parte superior do estômago, deslizando-se para baixo, os dedos agarrando o botão dos jeans.

—Esperar o que? —Maldição, quase estava tremendo. Cada célula de seu corpo tinha a necessidade frenética de unir-se a ela. De foder. Se não se enterrasse nela, ia ficar louco.

—Dawg, por favor. —Foi isso um protesto ou necessidade?

As mãos se esmagaram em seu abdômen, sob o solto material do jeans, e sentiu os músculos dali vibrando, contraindo-se.

Precisava dela. Doce céu, seu ventre estava apertado para libertar-se; sua concha ondearia e se contrairia ao seu redor. Abraçaria-o como um pequeno punho quente e lhe daria as boas-vindas com mais entusiasmo que sua boca.

Seus lábios foram para os montículos cheios e ruborizados dos seios se sobressaindo então do encaixe do sutiã. Os mamilos estavam duros e bicudos. Com a mão livre afastou o

material dos ruborizados montes e olhou com encantada atenção um segundo antes que a necessidade básica de prová-la o fizesse baixar a cabeça.

Dawg grunhiu ao sentir o mamilo contra a língua, seu sabor. A aceitação dela quando os lábios se fecharam avidamente sobre um.

Estremeceu como a sacudiram com uma forte descarrega elétrica. O mamilo se apertou até mais, encaixando perfeitamente contra a língua, e o arrastou a uma acalorada intimidade que nunca antes tinha conhecido.

Nunca tinha sabido, nem entendido, quão íntimo podia ser este ato. Como podia avivar sua excitação, intensificar esse profundo e inexplorado núcleo de sentimento que mantinha preso em sua alma.

Já não estava preso. Derramava-se em seu interior, enchendo-o com prazer devastador e aceitação. O aceitava. Entregando-se a ele. Deixando-o entrar em sua alma enquanto atraía o terno broto mais no interior de sua boca.

Fez uso da dura e sedosa carne, açoitando-a com a língua, e sentiu seu próprio corpo esticando-se de prazer quando o fraco gemido sensual encheu seus ouvidos.

Puxou seu cabelo, cravou-lhe as unhas no couro cabeludo, enviando diminutas espetadas de prazer estalando através de sua cabeça antes de explodir diretamente em seu pênis.

Dawg levantou a cabeça, tirando a camiseta dos ombros, e contemplando-a durante um longo e intenso momento.

Quando levantou as pálpebras, observou o prazer aumentando dentro dela, a fome e as necessidades, e controlar as suas foi quase impossível.

—Agora. —grunhiu—Preciso de você agora.

Crista olhou fixamente para Dawg enquanto seus dedos se enganchavam na solta cintura do jeans e começavam a tirá-los, junto com o tanga que usava debaixo, lentamente sobre os quadris.

Nu, excitado, os olhos brilhantes com fome incontrolável e furiosa necessidade, parecia um conquistador. Todos os guerreiros e líderes escritos nos melhores romances.

Mas isto não era uma história. Não era um livro, e não era ficção. Era o homem que a extorquia em sua cama e roubava sua alma com seu toque.

—Dawg. —Trêmulos dedos se deslizaram sobre os ombros quando tentou de obter força nos braços para afastá-lo, para afastar-se da tentação.

—Sonhei com você, Crista. —O material deslizou sobre suas coxas enquanto ele retrocedia— Sonhei com seu beijo, seu sabor. Sonhei com cada maliciosa fantasia que um homem pode ter sobre uma mulher durante oito anos. —Sua voz se intensificou quando jogou o jeans e a calcinha no chão, e os olhos se aguçaram com zangado desejo— Oito

anos, maldita seja! Uma fodida noite e não me deu a oportunidade de compensá-lo. Não me deu a oportunidade de demonstrar que foi minha fodidamente!

O grunhido que saiu dos seus lábios, a manteve fascinada. Possessivo, dominante. Seus olhos deslizaram sobre seu corpo nu, esquentando suas vísceras e enviando os sucos a derramar-se entre as coxas.

Crista sentiu a preocupação em sua cabeça, sentiu a negativa nascida de um repentino conhecimento de que Dawg não era o que esperava. Isto não ia ser uma aventura da qual poderia afastar-se. Dawg não era um homem que ela poderia ver afastar-se de sua vida uma segunda vez e sobreviver a isso.

—Sim, maldita seja. —amaldiçoou, as calosas mãos afastaram suas pernas enquanto ele se deslizava habilmente entre elas.

Seus lábios desceram, despojando-a do protesto e substituindo-o com paixão e fogo, com uma fome fustigante contra a qual não havia defesas. Quando a língua passou entre seus lábios sentiu a contundente pressão, a cabeça quente de seu membro pressionando contra as cheias dobras de sua concha.

Começou a sentir um formigamento de sensações por toda sua pele. Congelou-se debaixo dele. Recordava esta parte. Claramente, tão claramente.

Lutou por abrir os olhos quando sentiu Dawg mover-se, estudando a absorta expressão antes de deduzir o ponto onde seu olhar estava travado.

Ali, entre suas coxas. Suas pernas estavam envolvendo as coxas dele, amplamente estendidas, seus quadris em ângulo com o grosso eixo de carne pressionando dentro dela.

Crista observou como as úmidas dobras se dividiram, separaram-se para seu pau, abraçando a larga crista enquanto pressionava mais perto, penetrando a sensível entrada, e grunhia com um rouco prazer masculino.

—Tão doce. Tão quente.

Crista choramingou quando seu corpo começou a esticar-se para acomodar o empalamento. Agitou a cabeça contra a almofada onde estava deitada, aturdida pelo prazer que começava a crescer dentro dela.

Não, isto ia mais à frente do prazer. Ia além das palavras com as quais Crista podia compará-lo. Era como ser o centro de uma chama. Ardendo de êxtase.

—Dawg... É tão bom. —Observou. Olhou como a ampla crista desaparecia em seu interior. Como o doloroso prazer começava a enchê-la.

—Devagar. —Sujeitou-a quando retorceu os quadris, enquanto lutava por mais. Uma profunda carícia, um duro e cheio impulso— Está muito apertada, Crista. Iremos devagar. Com calma.

—Antes não o fez. —sussurrou sentindo a agonizante necessidade abrindo caminho em seu organismo enquanto levantava a vista para ele— Como antes, Dawg. Todo você. Tudo em mim.

Os quadris dele estremeceram, penetrando outro centímetro antes de controlar o impulso. Ela não desejava seu controle. Ela desejava sua fome. Tão atemorizante quanto podia ser, tão dominante e possessivo como era, ela queria tudo.

Suas mãos se elevaram das almofadas onde as unhas se cravaram. Levantando os braços, arqueando-os atrás da cabeça, estirando-os, elevando-os, então desceram até que as mãos cavaram os seios, e os dedos puderam brincar eroticamente com seus mamilos.

—Foi selvagem naquela noite. —sussurrou ela.

Pôde sentir seu desespero para separar o sonho da realidade, e agora algum fantasia de diabo malicioso insistia ajudá-lo a recordar.

—Quanto selvagem? —Seu olhar ardeu com erótica fome.

—Não vacilou. —levou um dedo aos lábios, umedecendo-o, logo pintou o durou mamilo com a umidade.

Seu olhar deslizou para o movimento antes de retroceder aos olhos dela, mais apaixonados, mais escuros que antes.

A respiração entrava e saía de seu peito; a umidade se pegava à testa, a seus ombros.

—Doeria. —grunhiu, relaxando-se.

—Destroçou-me. —assegurou— Prazer e dor. —Respirando dificultosamente ante a lembrança— E você foi selvagem e ansioso.

Inclinou a cabeça para trás quando um entrecortado e afogado grito abandonou seus lábios com a penetração.

Pela metade. Estava enterrado nela pela metade, mas retrocedeu rapidamente, seus músculos se avultaram enquanto a agarrava pelos quadris e se afundava nela outra vez.

Em sua totalidade.

Crista se arqueou para ele, sacudiu os quadris, retorceu-se, ondeando pelo abrasador estiramento, o doloroso prazer e as extasiadas sensações a açoitaram agora como um fogo selvagem.

—Assim? —falou, mas não se deteve.

Fortes mãos a sujeitaram debaixo dele, os quadris empurrando vigorosamente, a ereção afundando-se em seu interior, estendendo o fogo e enviando-o abrasador através de seu corpo. Através das sensíveis terminações nervosas, através da mente prazenteirosa aturdida e de retorno aos apertados e convulsionados músculos da vagina que lutavam para mantê-lo dentro, agarrando-se às sensações que aumentavam a catastróficas proporções.

—É isso o que quer? —grunhiu-lhe, fodendo-a agora violentamente, acumulando sensação sobre sensação.

Suas mãos se fecharam nos pulsos enquanto sujeitava os quadris, o olhar cravado nele enquanto sentia o suor deslizando-se por seu corpo.

—Assim. —ofegou, estremecendo embaixo dele, as mãos deslizando braços acima, tentando alcançar seu rosto— Tudo. Como antes.

Antes, os lábios tinham estado em seus mamilos, seus lábios, dente e língua saqueando as pontas enquanto seu pau assaltava sua concha.

E ele soube. Um apagado gemido abandonou sua garganta enquanto ia até ela, seus lábios cobriram o mamilo enquanto Crista se perdia no erotismo de ser possuída por Dawg.

Fortes investidas de quadril, o grosso comprimento de seu pênis, os lábios lhe sugando o mamilo, as mãos obstinadas em seu cabelo e puxando-o sensualmente.

A franja de tensão em seu útero começou a intensificar-se. Os quadris se flexionaram debaixo dele, arqueando-se enquanto a fodia com uma fome sem sentido, tomando-a com força dominante.

Foi possuída. Tomada. Dedos de fogo ondeavam e queimavam sob sua pele, e em segundos a conflagração a superou. O orgasmo que a rasgou a fez gritar ante a intensidade de prazer que corria através de seu corpo. Estalou através dela; rompendo as poucas defesas restantes ao redor de sua alma como se libertassem mais que a simples tensão sexual.

Agarrou-se a ele, os braços apertados ao redor de seu pescoço enquanto estremecia com cada espasmo de prazer, sentindo sua liberação rasgando-o, e choramingando ante a recordada sensação de seu sêmen pulsando dentro dela.

O homem era conhecido por sua paranóia com as camisinhas, e pela segunda vez esqueceu enquanto a tomava. Isso era suficiente para aterrorizar uma mulher.

Quando se paralisou sobre ela, Crista deixou que um fôlego cansado abandonasse sua garganta, sentindo os músculos relaxar e afrouxar. O cansaço a alagou, e ela cedeu. Porque era melhor ceder que pensar no que tinha acontecido exatamente. Porque tinha que pensar, então teria que recordar. E se tinha que recordar, então o medo ia invadi-la. O medo de perder sua alma outra vez.

—Crista. — então sussurrou seu nome contra seu ouvido—Eu fiz melhor desta vez?

—O que quer dizer?

—Agora me diga a verdade. —Beijou-lhe o lóbulo da orelha meigamente— Nessa primeira vez, fiz mal a você?

O silêncio encheu a sala. Lembranças e recriações se enfrentaram em seu interior, despedaçando sua alma.

—Mais do que nunca saberá, Dawg. Mais do que nunca saberá.

Capítulo 7

Dawg tinha aprendido anos atrás como ler entrelinhas quando se tratava das mulheres. O instinto de sobrevivência era forte, e de criança tinha aprendido que um sorriso suave e uma voz doce nem sempre significavam um terno coração. Assim como tinha aprendido que freqüentemente havia uma dúzia de definições diferentes para qualquer comentário que um homem podia obter quando se tratava de perguntas difíceis.

Tinha-a machucado? Ouviu o golpe da evocada dor em sua voz, mas a lembrança não era um dano físico. Não a tinha obrigado, não a tinha tomado tão rudamente que tinha destruído seus sonhos de menina na primeira vez. Se sua resposta para ele no salão era algo a ter em conta, então ela tinha estado tão faminta por ele como ele o tinha estado por ela durante anos.

Não, não tinha sido seu corpo o que tinha machucado. Tinha sido algo muito mais delicado. Tinha prejudicado seu jovem coração e certamente a tinha assustado de morte quando lhe falou de trazer seus primos à cama.

Enquanto jazia na cama na manhã seguinte e olhava fixamente o teto, teria soprado ante esse pensamento se não tivesse estado mais preocupado em como despertar à mulher que agora dormia a seu lado.

Compartilhá-la? Não podia nem imaginar. Inclusive então o pensamento de compartilhá-la tinha enviado uma pontada de rasgada negação através de seu peito, apesar de sua obstinação em seguir dedicado ao extremo e lascivo prazer de desfrutar no ato.

E agora? Caralho, não tinha compartilhado nenhuma de suas mulheres em anos, apesar do óbvio descontentamento de Natches na recente falta de vontade de seu primo em participar dos jogos de sua juventude.

A verdade se fez evidente quando Rowdy voltou para casa da Marinha no ano passado para reclamar a sua meio-irmã. Inclusive enquanto o compartilhar tinha começado a decair, Dawg e Natches tinham estado seguros de saber o que ia ocorrer. Que quando Rowdy voltasse a necessidade de diversão e os jogos retornaria.

Entretanto para Dawg não tinha retornado. Tinha visto a possessividade que seu primo sentiu imediatamente por Kelly. Divertiu-se. Mais pormenorizado do que Natches tinha sido, mas em particular aliviado. Tanto como uma vez tinha desejado à pequena devassa com a qual agora Rowdy se comprometeu, encontrou-se que no transcurso dos anos o desejo tinha mudado lentamente. O afeto e o protecionismo haviam substituído a luxúria.

Mas a necessidade por Crista só tinha aumentado com os anos. Possivelmente tinha entendido Rowdy mais que Natches porque Crista tinha retornado a cidade quando Rowdy voltou, e Dawg tinha estado brigando com os demônios que chegaram com a volta dela: o conhecimento de que faltava algo com ela, que algo lhe tinha sido arrebatado. E agora, sabia exatamente o que tinha perdido.

As lembranças de uma noite. O saber como cheirava ela, que sabor tinha, os sons dos gritos e o sussurro de seu desejo enquanto ele a tomava. Todas as coisas que apreciava do ato sexual desapareceram na noite que tinha passado com ela na cama.

Tudo o que teve foram os sonhos. Fragmentados, quebrados, mais provocadores que o conhecimento de um ato que ameaçava explodir sua cabeça de prazer.

Ah, sim! Ele recordava algo. Em seus sonhos, recordava ser consumido por um fogo tão esmagante que tinha feito todo o possível para sobreviver. O mesmo fogo que o tinha esmigalhado no dia anterior quando a tomou no sofá, empurrando dentro dela, possuindo-a.

Deveria ter sabido, disse a si mesmo quando virou a cabeça para contemplá-la. Durante todos estes anos, deveria ter sabido que algo tinha acontecido naquela noite. Se não pela mudança abrupta de Crista, então pela do seu irmão Alex.

Alex Jansen se tornou mais desrespeitoso, se fosse possível, e inclusive mais crítico ao estilo de vida dos primos, na mesma semana em que Crista tinha passado de uma emergente gatinha sexual em seu flerte com Dawg a uma fria e assustada mulher fugindo de um indescritível terror.

Muito jovem e muito estúpido, pensou Dawg agora. Isso é o que tinha sido.

O qual agora o fez inclusive um bastardo Maior aos olhos dela. Seus lábios se crisparam ante a lembrança da fúria dela no dia anterior logo que se deu conta exatamente quão condenadamente sexy tinha estado quando ele a tomou.

Não podia acreditar que se atreveu a chantageá-la na cama. Ainda podia recordar a comoção em seus olhos, a incredulidade, a forma como o tinha observado durante o dia como se esperasse que ele de repente sorrisse e declarasse que tudo tinha sido uma brincadeira. Até que abriu os olhos, olhando os seus, e se deu conta que não tinha nenhuma oportunidade de escapar agora que a tinha tido.

Ela sonhava se pensava que isso ia ocorrer alguma vez. Dawg tinha aprendido um monte de coisas nos quatro anos que tinha passado na Marinha e depois os últimos quatro anos treinando e trabalhando para a ATF. Tinha aprendido como ser duro. Como matar. Sabia como avaliar uma situação em um só momento e tomar as decisões relâmpago, que tinham salvado sua vida em mais de uma ocasião.

E o tinha sabido, de pé fora desse armazém com Crista escondida fora de perigo em sua caminhonete, tinha sabido que não havia modo algum de que ela fosse a sua cama de

uma maneira convencional. Não, ele tinha que tomar primeiro a decisão por ela, logo se dedicaria a fazer-se perdoar por isso.

Agora voltou a cabeça e a olhou, um sorriso brincalhão em seus lábios. Tinha-lhe levado horas conseguir que tratasse de dormir. Passou o dia caminhando pela seção de baixo de sua casa flutuante, criticando, discutindo e apresentando algumas razões condenadamente boas de por que ele era um bastardo de classe A e uma desgraça para a raça humana.

Seu último argumento ainda o tinha contendo a risada.

—Alex vai chutar seu rabo! —tinha protestado furiosamente quando ao fim ele se cansou dos argumentos, levantou-a e a levou para cama—Arrancará suas bolas por isso, Dawg.

Como se ela fosse contar a Alex.

Alex conhecia a Maior parte sobre a noite que tinham passado juntos, mas não sabia o suficiente para querer matar Dawg. Oito anos atrás o poderia ter feito. Agora, entretanto, seria um trabalho um pouco mais difícil.

Entretanto ela estava em sua cama. Usando ainda a camiseta e a calcinha, mas sem o jeans que tinham coberto suas pernas quando a subiu. Poderia ter estado muito zangada para lhe dar outra degustação de sua acalorada excitação que ele sabia que sentia, se não fosse pelo conhecimento de que ela sentia ainda estar ali.

Afastou-lhe o lençol das pernas lentamente, ignorando o pequeno protesto murmurado enquanto mudava de posição de costas, uma perna dobrada pelo joelho, a outra estendida ao longo da cama.

Uma suave tanga de algodão cobria sua xaninha, o material moldando-se sobre o montículo e revelando os suaves cachos de baixo. Dawg raramente gostava desse crescimento sedoso no montículo de uma mulher. Eram obstáculos aos seus prazeres gastronômicos quando ia para baixo em uma mulher. Ele queria saborear sua carne, sentir a sensibilidade de cada suave dobra que escondia mais à frente o tesouro.

Esses cachos tinham que desaparecer. Atar Crista a ele não ia ser fácil. Ela era obstinada como o demônio, e já se fez à idéia que Dawg e seus jogos sexuais era muito para sua informação.

Porque estava assustada. Tinha visto o brilho de medo em seus olhos. Esse feminino conhecimento que enfrentou a algo ou a alguém que não estava segura como dirigir.

Aprenderia como dirigi-lo, como lidar com ele, porque a medula do assunto era o fato que não podia arriscar-se a deixá-la partir.

A informação que tinham da mulher do grupo de ladrões, que tinham roubado esse envio de armas no itinerário para a guarnição do exército dos Estados Unidos no Fort Knox, era muito similar à descrição de Crista. Não havia fotografias, ninguém tinha conseguido

identificá-la, e Dawg ia assegurar-se de que Crista não fosse identificada no lugar da criminosa.

Não gostou da pontada nas vísceras que o advertia que alguma merda se aproximava. Podia senti-lo, como uma premonição. Uma advertência instintiva que o perigo estava se aproximando de sua posição como uma ave de rapina voando sobre o vale em busca de comida. E Crista estava situada no mesmo centro do vale, um salgadinho apetitoso esperando simplesmente ser agarrada na boca de quem ou que fosse o que estava se aproximando.

Tinha a ver com estes mísseis; podia senti-lo. Não era uma coincidência que ela tivesse estado lá, mas tampouco podia convencer-se de que ela estava envolvida. Entretanto tinha encontrado outra coisa na pequena casa que seus pais tinham deixado para ela e Alex.

O tapete recentemente varrido tinha mostrado sinais de trânsito. Conhecia Crista; como a Maioria das mulheres fazia as coisas de certo modo, e recordou Alex queixando-se anos atrás como sempre varria o chão antes de sair de casa. Varria para a porta principal, guardando a vassoura no armário do vestíbulo antes de sair, deixando o tapete imaculado e desprovido de rastros.

O tapete de Crista tinha rastros. Rastros ligeiramente grandes para ser dela. Ou é o que tratava de convencer-se. Eram sutis; tinha que dar mérito a quem os tivesse feito, alguém que tinha tentado limpá-los, mas não o tinha conseguido de todo.

Os rastros tinham começado no salão, justo fora do pequeno saguão. Tinham caminhado através do salão, subindo os degraus, e entrando no quarto para a penteadeira, logo o armário. Enquanto isso, Dawg tinha encontrado, na direção do armazém, dobrado em uma jaqueta cor bronze escuro que tinha estado pendurada de qualquer modo no armário. Não havia nada mais. Nenhum pedaço de papel, nenhum contrabando de dinheiro, nada que a vinculasse ao roubo de armas, além dessa direção. Tinha havido suficiente alvoroço para apaziguar sua consciência por mentir a seus superiores.

Não é que precisasse desculpar-se muito freqüentemente. Tinha um forte respeito pela hierarquia de comando, sem dúvida; ele era, depois de tudo, um Marinhe. Mas sabia que às vezes, algumas coisas precisavam de um pouco mais de investigação antes de informar. Crista era uma desses exemplos.

Suave, cálida, mais quente que o inferno, e lutando contra ele com unhas e dentes. Mas estava de retorno em sua cama e dormindo a seu lado.

Quantas vezes, durante anos, despertou certo de que a encontraria a seu lado, sabendo que o sonho que o tinha açoitado tinha que ser mais que um sonho. E cada vez despertou a sós, até agora.

Carvalho não, não ia deixá-la ir dessa vez. A chantagearia milhares de vezes se com isso conseguisse tê-la em sua cama e mantê-la ali.

Observou-a atentamente, estendendo a mão, as ponta dos dedos só tocando a pele sedosa de sua coxa.

Maldição, era tão suave. Como a seda mais fina. O cetim mais caro. Cálida e doce.

Ela mudou outra vez de posição, um pequeno gemido murmurado deslizou de seus lábios enquanto ele deixou seus dedos experimentarem mais dessa acalorada sensação, acariciando brandamente a carne arredondada.

Ela sussurrou um suspiro, suas coxas afastando-se mais, lhe dando uma clara visão da doce carne coberta de algodão.

Estava molhada?

Deteve os dedos na coxa, a poucos centímetros do que era o paraíso.

—Este trato inclui me importunar enquanto durmo? —Sua exclamação de desdém meio adormecida foi enfatizada por um rápido puxão do lençol, arrastando-o de volta sobre as coxas.

Ele sorriu. Maldição, ela ia ser uma provocação, possivelmente mais do que tinha previsto.

—Acredito que deveria começar uma lista. —murmurou prazerosamente, arrastando o lençol para ele— Manter seu traseiro fora da linha de fogo poderia ser complicado. Necessitarei uma compensação.

Ela não soltou a cobertura. Agarrando-a com os dedos e os olhos cor chocolate contemplando-o furiosa.

—Agora, Crista. —a repreendeu brandamente, entretanto seu olhar não era amável quando se encontrou com o dela— Solta o lençol. Me deixe ver pelo que estou, atualmente, mentindo.

—Não me delataria.

Agora pôde ver a fanfarronada em seu olhar. Estava bem descansada e sentindo-se mais confiante, capaz de lidar com ele melhor. Vamos ver se podia.

Conteve o desejo, a necessidade, a tentação, e lhe deu um olhar de aço que tinha aperfeiçoado nos Marinhe. Um que assegurava aos da fila superior e inferior que era alguém a ter em conta.

Os olhos dela piscaram com indecisão.

—É assim, coisinha-linda. —Sorriu com satisfação— Quando Alex voltar, não será capaz de fazer nada a respeito do que ocorreu aqui e agora. Se meus superiores relacionarem você com este caso, então desaparece.

—Por drogas? —soprou ela— Não acredito Dawg. Os traficantes de drogas não são terroristas.

—Ao menos que os terroristas trafiquem com drogas. —Ele encolheu os ombros, omitindo o fato que este caso não tinha nada a ver com drogas.

Piscou outra vez em silêncio. Maldição, essa pequena mente era rápida. Podia vê-la funcionando em sua expressão, o jogo de emoções que cruzava seu rosto e assentando-se por último em linhas de ressentimento e cólera.

—Deixa de fazer isso. —finalmente soltou entre os dentes apertados.

—Por que? —Se ela tinha uma boa razão, ele possivelmente cederia. Por esta manhã.

—Porque não quero. —Pôde sentir como ficou tensa quando ele afastou completamente o lençol, seu olhar se cravou nos montes de seus seios sob a camiseta.

Que não queria. Uma merda. Conteve um sorriso cúmplice. Conhecia as mulheres, e conhecia a linguagem corporal, e se não estava completamente equivocado, ela o desejava e muito, possivelmente mais que ele. Entretanto não podia imaginar que ela o desejasse mais. Juraria que seu pênis arrebentaria pela necessidade de meter-se nos apertados e ardentes limites de sua vagina.

—Tem os mamilos duros. —E ia saboreá-los logo— Tem a xaninha úmida? Sinto muito, neném, mas se não quis, então fez uma imitação muito boa ontem em meu sofá.

A comoção e a excitação cobriam seu rosto tão certo como o rubor que começava a subir pelo pescoço e o rosto. E era condenadamente encantador. Não tinha visto em anos uma mulher ruborizando.

Mas ainda não estava preparada para outra rodada, e Dawg pôde sentir a incerteza nela. Se não tomasse cuidado, podia escolher a prisão em vez dele. Crista podia ser incrivelmente obstinada como bem sabia. Não ia atirar pedras sobre o próprio telhado.

—Não responde, não é? —Deixou que um sorriso divertido arqueasse seus lábios.

Demônios, Crista era divertida. Apesar de sua reserva e aborrecimento, era divertida.

Ela lambeu os lábios, e isso oprimiu seu estômago. Desejava essa língua outra vez em seu membro. Se não se decidia a atuar malditamente logo, então ia ter que jogar outra muito delicada carta da mão que se repartiu.

Bem, chantagem era uma palavra muito suja, e um homem tinha que ter alguma maneira de respaldar sua ameaça.

—Tenho que me encontrar com minha equipe esta tarde. —Rodou afastando-se dela, estirando-se prazerosamente enquanto ela parecia congelar a seu lado— Temos que apanhar os meninos e meninas maus. —Lançou-lhe um despreocupado sorriso enquanto desenredava as pernas do lençol e se levantava da cama.

Estreitou os olhos sobre ele, com os dedos mortalmente obstinados no lençol que mantinha sobre ela.

Entretanto estava pensando. Ele sempre podia dizer quando estava rondando algo em sua cabeça. Recordava antes que ela se fosse, captar esse olhar em seu rosto e desejar estar tão profundamente em seu interior que não poderia lhe esconder nada. Essa

necessidade só tinha aumentado. Agora mesmo, daria seu braço direito por estar enterrado tão profundo em seu interior que inclusive suas células estariam encadeadas.

—O que se supõe que tenho que fazer agora que tirou meu trabalho? —grunhiu-lhe com raiva—Vou presumir que durante esse seu jogo, não tenho permissão para trabalhar.

Dawg coçou o peito, sentindo uma quebra de onda de satisfação enquanto ela o percorria com o olhar. Estava nu, excitado, e que o condenassem se ia esconder isso dela.

—Tem um trabalho. —lhe assegurou, girando-se para a cômoda baixa do outro lado do quarto, tirando roupas limpas.

—Que tipo de trabalho? —O tom baixo e irado o fez arquear os lábios outra vez.

—Foder-me. Sou bastante difícil de contentar, Crista. Não precisará de outro trabalho.

Então se agachou para se esquivar do despertador que vinha voando para sua cabeça, logo se esquivou do porta retrato que tinha uma foto de sua Harley. Mas sentiu uma crescente quebra de onda de alegria em seu interior quando saltou para ela, agarrando seus pulsos quando ela estendeu a mão para o abajur, arrastando-a debaixo dele e sujeitando-a ao colchão enquanto corcoveava, retorcia-se e amaldiçoava com toda a exuberância de um maldito marinheiro.

Crista não podia recordar ter estado nunca tão furiosa. Uma neblina vermelha lhe distorcia a visão, e uma mescla de enlouquecida adrenalina, assassina e furiosa pulsava por suas veias.

—Bastardo! —Tentou gritar através do peito e gargantas comprimidos— Tenho puta escrito na testa? Pareço-me com uma de suas barbies famintas de sexo?

Encolheu-se ante o corpo que agora jazia sobre o seu, das fortes e nuas coxas empurrando entre os dela e os poderosos braços que sustentavam seu corpo só o suficientemente afastado para lhe permitir respirar.

Estava afetada. A excitação bombeava de um lado a outro pela fúria, trazendo zangadas lágrimas aos olhos quando desfaleceu debaixo dele, exausta, ofegante enquanto o olhava.

—Odeio você. —gemeu, sentindo a primeira lágrima cair do olho, seguindo por seu rosto—Não posso acreditar em que bastardo se converteu.

O olhar dele iluminou, logo se tornou sombrio quando o sujeitou seus pulsos com uma só mão e aproximou a outra para tocar a lágrima de seu rosto.

—Então também chorou. —Sua voz era suave, melancólica— Não? Quando a beijei, chorou.

Oh sim, que ia responder isso. Não. Nem em um milhão de anos lhe contaria nunca o que lhe fez então, e agora.

—Disse-me que sonhava comigo. —Apertou a mandíbula enquanto um brilho de luxúria lhe iluminava os olhos como um relâmpago.

—Não sonharia com você nem que fosse o último homem da Terra. —zombou ofegando pelo esforço de obrigá-lo a soltá-la— Saia de cima de mim. Não quero você perto de mim.

Ela não queria o sangue bombeando em seus mamilos e seus clitóris com uma força que os deixava tensos, apertados e inchados, contra o material de sua roupa enquanto ele a cobria.

Não queria a pele tão sensível que podia notar o pêlo de seu peito, inclusive através da camiseta. E não queria o prazer que estava aumentando, ardendo através dela, enquanto a sujeitava debaixo dele, dominada. Indefesa.

—Pensei nisso toda a noite enquanto dormia. —disse ele cautelosamente— Tomá-la outra vez, vê-la debaixo de mim. Isso é melhor que os sonhos, Crista. Nem sequer se podem comparar.

Sua voz desceu a um sussurro gutural enquanto o olhar flamejava com paixão carnal. Era fascinante, observar o ardente olhar, logo se iluminou com necessidade sexual.

—Saia de cima de mim, Dawg. —Era tudo o que pôde fazer para abrir caminho às palavras através de seus lábios—Não deixarei que me converta em uma puta para sua diversão.

—Diga essa palavra outra vez, e a farei lamentar, Crista. —A ordem foi cortante e cheia de ameaça— Não a chamei de puta, e nunca acreditei que fosse.

—Não? Evidentemente o faz, se pensar que meu único trabalho é trepar com você. —Lutou com ele outra vez, só para ficar quieta quando sentiu o extremo da larga cabeça de seu pênis entre as pernas, contra sua fina calcinha. Muito fina, porque podia sentir o calor de sua grossa carne pressionando contra ela.

—Até que averigue que, demônios, está acontecendo, esse é exatamente seu trabalho. Porque, não cometa um engano, coisinha-linda, já não sou uma pessoa generosa. Só porque não seja culpada não significa que não pareça. Precisa de mim para permanecer fora da prisão. E conhece o preço de minha ajuda.

Dizia-o a sério? E verdadeiramente importava neste ponto se o era ou não? Seus sentidos se amotinaram de repente ao sentir a cabeça de seu pênis pressionando contra ela, provocando-a a estar mais úmida, sua carne mais sensível.

Não queria isto.

Crista negou com a cabeça quando sentiu os lábios de Dawg no rosto, áspero veludo, deslizando-se sobre sua carne enquanto a respiração obstruía sua garganta.

—Nada me importa exceto fodê-la. —A repugnância por ele mesmo encheu sua voz— Estando tão profundamente dentro de você que esta fome que vem roendo minhas vísceras durante oito anos se dissolva. —Levantou a cabeça enquanto a olhava com o cenho franzido, os olhos entrecerrados sensualmente— Não se equivoque, Crista, estenderá essas

bonitas pernas para mim outra vez, e me dará o que quero. Porque é a única maneira de manter seu traseiro fora da prisão. Afaste-se de mim, e não moverei um dedo para ajudá-la quando puserem as algemas em seus pulsos e desapareça. Porque, neném, então estará fora do meu alcance e não poderia te ajudar embora quisesse.

—Mas o fará se me deito com você? —A desilusão, a decepção, ouviu tudo isso em sua voz.

Simplesmente, como ele disse, ao menos que ele cedesse, não tinha escolha.

—É obvio. —Seu sorriso era tenso e duro— Saberei onde está. Saberei se está jogando sujo ou não, e então pôr meu pescoço em perigo não me parecerá uma fodida tarefa de tolos. Agora faz sua escolha.

Crista o contemplou, admitindo por fim que o homem com o qual tinha sonhado durante oito anos tinha desaparecido, em mais formas do que imaginou.

—É o mesmo que um estupro. —sussurrou, então engoliu um gemido quando a mão livre dele foi para baixo, afastando a calcinha e permitindo que a pesada crista de seu membro deslizasse através dos sucos ali reunidos.

—Você gosta de mentir para si mesma, Crista?

Dawg estava agora respirando com dificuldade, e Crista encontrou quase impossível aspirar suficiente oxigênio por si mesma. O ar estava embaçado de luxúria, seu corpo tão sensível agora, seus clitoris tão inchado, perguntava-se se poderia sobreviver se não a fodesse.

—Maldição! —grunhiu ele de repente, a mão obstinada em seu quadril enquanto deixava deslizar o pênis através da espessa umidade até sentir o roçar sobre seus clitoris a fez sacudir-se em seu abraço e choramingar de paixão.

—Sua concha está tão quente que arderei até as cinzas. —murmurou, baixando a cabeça outra vez, seus lábios roçando os dela, sem embargo ignorou seus lábios abertos para ir para a mandíbula— Como seda quente, seda líquida. Deixe-me a ter outra vez, Crista. Tomarei lentamente desta vez. —Agora seus lábios acariciaram o lóbulo da orelha— Deslizarei em seu interior tão devagar e docemente, carinho. E prometo que a farei gritar de prazer outra vez.

Como fez a primeira vez e ontem de novo. Mas então, ambas as vezes ele tinha golpeado dentro dela, emocionando-a. Atravessando-a. Tinha-a tomado com uma força que a tinha deixado impressionada, não só por sua posse, mas sim por sua própria resposta.

Enquanto falava, a mão livre deslizou debaixo da camiseta. Ampla e calosa roçou sobre a sensível carne, enviando brilhantes lanças de prazer estalando através de seu corpo.

—Dawg, não pense...

—Nunca penso perto de você. —murmurou enquanto seus lábios retrocediam ao longo da mandíbula— Tudo o que faço é sentir. —Seus lábios se moveram, arrastando sua

ereção para baixo, a grossa cabeça deslizando-se através das saturadas dobras, então com uma efetividade malvada, pressionou na apertada entrada de sua vagina.

Crista ficou imóvel. Cravou o olhar em Dawg enquanto ele levantava a cabeça, seus olhos quase sem cor, o verde tão pálido que as pupilas de seus olhos se destacavam no centro.

—Está protegida? —Sua voz era atormentada.

—Que bela hora faz essa pergunta. —Os punhos apertados, os pulsos lutando em sua sujeição.

É obvio que estava protegida. Tinha aprendido a lição. Permanecia protegida.

Era tanto prazer. Podia sentir como aumentava energicamente dentro dela, rasgando seus sentidos, dissolvendo as objeções. Como fez a primeira vez, estava fazendo em pedaços as amarras de seu bom senso.

—Me responda! —Tinha os lábios apertados, o corpo tenso.

—Sim... —O grito que lhe arrancou era uma mescla de prazerosa agonia e amarga compreensão.

O forte e duro impulso que lhe enviou atravessando através dos músculos sem uso e a escorregadia carne ardente, foi quase tão doloroso como tinha sido a primeira vez. E era indubitavelmente mais prazeroso do que deveria ter sido.

Crista o contemplou transtornada, surpresa, insegura e confusa. Supunha-se que isto não tinha que ocorrer. Não assim. Não tão rápido. Absolutamente, se ela não tivesse estado tão fraca, tão úmida.

—Dawg. —estremeceria ante o suplicante tom de sua voz mais tarde. Por enquanto, tudo o que podia fazer era jazer ali, sentir os músculos de sua vagina ondeando-se, apertando-se e resistindo a aceitar a carne que a empalava.

Pequenos dardos de sensações percorriam seu corpo, detonando com trememente força em zonas erógenas que ela não sabia que eram zonas erógenas.

—Sabe? —uma tosca careta crispou sua expressão enquanto flexionava os quadris contra ela, provocando que a cabeça de seu membro acariciasse a parte mais profunda de sua vagina de uma forma que a fez perder o fôlego violentamente—Sabe quão apertado e quente que é sua vagina? Como a sente me envolvendo?

Ela negou com a cabeça. Não podia fazer isso outra vez. Ouvir sua voz, suas palavras provocavam que ela estivesse mais úmida, mais quente. Não podia deixá-lo lhe roubar a mente ou o coração de novo. Mas o fez, roubando-lhe tudo enquanto o prazer começava a rasgar-se através de seus sentidos.

—Agora. Goze carinho.

Quase gemeu ao sentir a mudança de posição de seu pênis, estirando-a ao limite enquanto a levantava o suficiente, justo o suficiente, para tirar a camiseta do seu corpo,

deixando descoberto o sutiã de renda que levava debaixo. Um sutiã que não fazia nada para esconder as franzidas protuberâncias de seus mamilos.

—Isto não... não é uma boa idéia. —ofegou enquanto o fechamento frontal do sutiã se soltava, e seus seios se derramavam nas espectadoras palmas.

—Suguei esses preciosos mamilos na primeira vez? —perguntou-lhe então, a voz um forte e entrecortado grunhido— Sonhei que o fiz. Sonhei que comia isso. Que me alimentava deles.

Ela sacudiu a cabeça sobre o colchão enquanto lhe agarrava os pulsos com as mãos. Em resistência ou protesto os dedos acariciaram os montículos cheios, os polegares passaram sobre os apertados mamilos, ela não estava segura.

—Dawg, penso... —Ela precisava pensar.

—Não pense. —Tirou-lhe o sutiã antes de atirá-lo descuidadamente— Pensa muito, Crista.

Um segundo mais tarde suas calcinhas foram arrancadas dos quadris os pedacinhos jogados no chão enquanto ela contemplava seu corpo. Diretamente onde estavam unidos.

Escuros cachos marrons brilhavam com a umidade e pressionavam contra a pélvis dele. Suas pernas estavam estendidas amplamente para acomodar as poderosas coxas, seus joelhos dobrados e abraçando o exterior das pernas dele.

—Olhe que bem nos vemos juntos. —Sua voz era um murmúrio insidioso de ardente luxúria e prazer enquanto se flexionava dentro dela de novo— Me deixe te ensinar, carinho. Olhe isto.

Capítulo 8

—Deixe-me ensiná-la...

Crista não tinha mais remédio que observar. Aturdida, fascinada, inclusive mais do que tinha estado ontem. Observava como Dawg deslocava lentamente os quadris para trás, a ereção libertando-se do íntimo abraço enquanto uma negativa abandonava seus lábios.

A grossa e dura carne estava avermelhada com um vermelho vivo, a cabeça de seu pênis púrpura, pulsante e o suficientemente grande para fazê-la engolir com dificuldade ante a visão.

Resplandecia com seus sucos, brilhando sob a luz do sol da tarde que atravessava as altas e estreitas janelas sobre a cama.

Era um poderoso e duro ferro candente, e em uns segundos se acomodou dentro dela outra vez. Crista também o observou. Não podia evitar. Era tão sexy e erótico. Centímetro a

centímetro, desapareceu em seu interior até que outra vez o pelo púbico dele se enredou com o seu enquanto um leve gemido escapava de seus lábios.

—Sonhei com isto. —falou ele com voz áspera— Observar meu pau enchendo-a lenta e brandamente. Observar você me tomando.

Ela ficou presa em um torvelinho, as sensações empilhando uma em cima da outra, o prazer fazendo-a em pedaços enquanto o rígido comprimento de seu pau a alargava, enviando um ardente êxtase agitando-se por todo seu corpo.

Como se supunha que tinha que negar-se a ele agora? Como, demônios, se supunha que sobreviveria novamente, uma vez se acabasse e Dawg fosse para a seguinte conquista? Porque isto —Oh, isto Senhor - poderia converter-se em vício.

Afastou o olhar de onde ele estava enterrado nela, subindo pelos lisos e ondeantes planos de seu abdômen até a extremamente marcada expressão. Os olhos verdes pálido resplandeciam no escuro plano de seu rosto; longos, sombrios cílios descidos pela metade; e um rubor de prazer erótico tingia suas maçãs do rosto.

Era um guerreiro, um conquistador, e estava roubando sua alma.

—Você gosta. —Mudou de posição, movendo-se, saindo de seu corpo lentamente antes de empurrar com força dentro dela outra vez.

Piedade. Era muito bom. Encurvou as costas arqueando-se, levando-o dentro dela enquanto sentia os músculos de sua vagina abrindo-se de novo. Ardente e abrasador prazer.

—Me diga que você gosta Crista. —Sua voz estava cheia de malvado conhecimento enquanto começava um lento e forte ritmo, fodendo-a como se pensasse que tinha todo o tempo do mundo quando ela sabia que se não tivesse um orgasmo logo, ia morrer.

—Vamos, carinho. —a urgiu, a voz insistente, quase terna— Me diga que teve saudades de me sentir dentro de você, fodendo-a lenta e brandamente, fazendo-a arder por mim.

Sacudiu a cabeça desesperadamente. Não podia ter saudades do que não tinha tido, não? Tinha-a tomado duro, rápido, em uma variedade de formas e posições, mas não a tinha tomado desta maneira. Como se o ato importasse. Como se ela importasse.

—Me olhe, Crista. Vamos, abre os olhos, carinho.

Sua voz era muito terna, muito rouca pela paixão. Abriu os olhos e notou cair a primeira lágrima. Uma estúpida lágrima, porque a estava tomando muito profundo, roubando-lhe muito.

Dawg quase se deteve ante a visão dessa solitária lágrima descendo pelo rosto. E o teria feito, se não tivesse visto muito mais que isso em seus olhos. Resplandecendo tenuemente úmidos, estavam cheios com tal necessidade atormentada, uma fome que reconheceu, uma que ia diretamente à alma.

Era uma fome que reconhecia porque era a mesma fome que o tinha atormentado tanto tempo. Tantos anos sonhando com ela, e era melhor que em seu sonho. Mais doce que a paixão, mais cálida que a luxúria.

Umidade sedosa pelos sucos reunidos dentro dela, cobrindo seu pênis com calor açucarado e lubrificando cada forte impulso em seu interior.

Músculos delicados seguravam seu membro, acariciando-o com o agarre de um punho apertado, e quase destruiu sua determinação por ir devagar. De tomá-la com calma. De saborear cada fodido minuto dentro dela quando ele não queria nada mais que amassar em sua vagina com ávidos e duros embates.

Era um amante duro. Sempre o tinha sabido. Às vezes, odiava essa parte de sua sensualidade, porque ir devagar e com calma lhe custava muito esforço. Tinha que planejar cada impulso para manter a calma. Até Crista. Tomá-la devagar e com calma era... maldição, era fácil. Não pensava, saboreava, gozava, queimando-se vivo em sua paixão.

—Não deveria ter tomado tão duro ontem. —cantarolou, repentinamente perguntando-se se depois de tudo tinha sido muito rude com ela, se a tinha machucado.

Ela era delicada, terna. Não como as outras mulheres com as quais tinha estado, mulheres que sabiam e deram por feito esse rasgo habitual de sua sexualidade.

—Dawg. —Ela estava ofegando. Esses rígidos e pequenos mamilos estavam empurrando mais perto de seu rosto enquanto os lábios se abriam para agarrar mais ar— Por favor... —lançou a cabeça no travesseiro— Assim não.

—Assim não?

Empurrou em seu interior, profundo, obrigando-se a deter-se, fazê-la sentir como seu pau pulsava dentro dela.

—Está me envolvendo como um punho. —chiou— Sente-o, Crista. Eu posso. Sua vagina está trabalhando sobre meu pau como uma quente boquinha faminta de satisfação. Nega que deseja isso. Deste modo.

Dobrou-se outra vez dentro dela, sentindo a cabeça de seu pênis acariciando-a, a coroa situada perfeitamente conseguindo chegar com o silvestre acampanado e rígido em seu ponto G. A acariciou internamente, observando obscurecer seus olhos, o rosto ruborizando com um delicado rosa enquanto o prazer começava a aumentar mais e mais, mais ardente.

Maldição, estava avivando a ele simplesmente com seu tato. O sangue golpeava em sua cabeça, a adrenalina e o desejo nublavam sua visão enquanto sacudia a cabeça e respirava com dificuldade.

Uns minutos mais. Deus, tinha que senti-la só uns poucos minutos mais. Não podia gozar ainda, não ainda, não até que essas pequenas ondas ao redor de seu pau comessem a apertar e a convulsionar-se na liberação.

Crista sentiu as pernas elevando-se, sentiu o corpo derreter-se, e choramingou ante a entrega que assaltou sua mente. Não podia opor-se a isto. Ele estava enterrado dentro dela, ardentemente quente e grosso, pressionando e acariciando os músculos internos que inclusive depois de todo este tempo não tinham esquecido o prazer que podia lhe dar.

Mordeu o lábio e o olhou fixamente. Seu homem selvagem. Isso é o que era, um homem selvagem. Possivelmente não dela, exceto agora, enterrado dentro dela, por este instante, ele era dela. E era em cada centímetro um homem primitivo e sexual.

Agora tinha os olhos tão claros que pareciam brilhar em seu rosto, os lábios tensos pela luta pelo controle. Ela não queria seu controle. Queria o que tinha tido antes. Selvagem, primitivo. Possivelmente, só possivelmente ela poderia sobreviver às consequências mais tarde.

Enquanto observava, um sorriso se estendeu na tensa linha de seus lábios, e ele começou a mover-se outra vez. Esse lento, destrutivo ritmo que a obrigava a sentir cada ardente centímetro de seu pênis.

Oh, isso era bom. Ficou sem respiração; um duro e brusco estremecimento percorreu seu corpo enquanto elevava bruscamente os quadris para mantê-lo em seu interior tanto quanto fosse possível.

—Oh sim, você gosta disso murmurou ele, a voz tornando-se mais espessa, rouca— Eu gosto Crista. Eu gosto muito.

É obvio que gostava. Estava ganhando. O triunfo brilhava em seu olhar enquanto as mãos dela se apertaram nos pulsos ao lado de sua cabeça.

—Vejam se você gosta disto.

O ritmo permaneceu igual, mas desceu a cabeça, os lábios rodearam um duro e sensível mamilo e o arrastou dentro da boca.

—OH, Deus. Dawg, por favor, não... —Que não a fizesse se sentir assim. Que não a fizesse perder o juízo por ele.

Contorsionou a cabeça contra o colchão, embora se arqueasse para mais perto, empurrando o pico mais profundo em sua boca.

Os lábios, os dentes, a língua. Todos jogaram com o quente centro nevrálgico de seu mamilo. Lambendo, mordiscando, sugando com gula masculina enquanto continuava empurrando dentro dela lenta e pausadamente.

Sua vagina se apertava ao redor do comprimento de sua ereção, convulsionando-se com brutal necessidade e luxúria desesperada. As mãos se moviam dos pulsos à sua cabeça, trementes dedos se enterraram em seu comprido cabelo, mantendo-o mais perto enquanto movia os quadris debaixo dele.

—Mais forte. —O grito a transtornou. Proveio dela com uma voz estrangulada de frenética necessidade—Foda-me, Dawg. Por favor. Por favor, como antes.

O desespero aumentou dentro dela. A necessidade de mais, a necessidade das descargas elétricas de êxtase percorrendo-a mais que o rápido movimento provocador ao seu redor.

—Como foi antes, neném? —sussurrou, a voz agora um ofego gutural—Me diga o que perdi Crista. Me diga como a tomei.

—Forte. —Ela estava ofegando, tremendo. Agora o suor umedecia a pele de ambos enquanto seus sucos se acumulavam ao longo das coxas, acomodando-se ao redor do pênis de Dawg com cada movimento dentro dela.

Estava tão úmida, tão quente, e tornado-se veementemente sensível a cada toque de sua boca contra os mamilos, cada íntima carícia.

—Quanto forte? —Mordiscou a sensível curva do seio antes de acariciá-la com o rosto com a barba de vários dias.

Crista sentiu o fôlego debatendo-se em sua garganta.

—Muito forte. Por favor, Dawg.

—Amassando dentro de você? —Torturado, faminto, o tom acariciou seus sentidos como o seu membro acariciava dentro do ardente centro de seu corpo.

—Sim. —disse entredentes, corcoveando debaixo dele.

Crista podia sentir agora a resposta estalando incontrolada. Seus sentidos estavam afligindo seu bom senso. Sabia; não poderia detê-lo. Não poderia contê-los dentro dela agora que Dawg os tinha liberado.

—Faz! —sacudiu-se debaixo dele, as pernas levantando-se, os tornozelos estreitando-se em seus quadris enquanto empurrava para cima, logo gritou ante a sensação dele afundando-se mais profundo, estirando-a muito mais.

Então um forte grunhido masculino rasgou seu peito. Fortes mãos liberaram suas pernas, empurrando-as para trás enquanto se levantava de joelhos em frente a ela e lhe dava o que pedia.

Como à primeira vez.

Elevou-se sobre ela como um deus do sexo devolvido à vida. Fortes mãos a sujeitavam atrás dos joelhos, as obrigando a dobrar-se, fazendo-a retroceder as pernas quando seus quadris começaram a mover-se.

Um martelo de cama. O cabeceiro teria estado golpeando a parede atrás deles se não estivesse fixada. O colchão sacudiu, e Crista sentiu a sensível malha de seu sexo estremecendo-se de êxtase quando começou a fodê-la com duros e açoitados golpes.

Ardentes golpes.

O prazer e a dor se combinavam em seu interior e tinha a luz das estrelas transbordando frente de sua visão enquanto explodia debaixo dele.

O relâmpago percorrendo suas veias. Lambendo sobre seus mamilos, seus clitoris, então se rompeu com grande ímpeto em seu útero enquanto sentia a úmida e cálida força de seu orgasmo atravessando dentro dela, rodeando a pulsante ereção de Dawg.

Em segundos, uniu-se a sua liberação. Os dentes apertados, os lábios abertos enquanto seu olhar prendia o dela, mantendo-a, e a percepção de seu sêmen saindo a jorros em seu interior, provocou outro enérgico orgasmo, gemendo e agarrando os lençóis.

—Foda, sim! —espetou—Goze para mim, Crista. Assim... foda sim, me ordene com essa doce concha. Toma-o. Toma tudo. —sacudiu-se convulsivamente em seu interior antes que a cabeça se inclinasse para trás de seus ombros, e um violento tremor agitasse seu duro corpo.

Soltou-lhe as pernas lentamente. Derreteram-se na cama enquanto ficava sobre ela, ainda enterrado em seu interior, o pênis sacudindo-se fracamente agora enquanto a cobria.

—Gozei dentro de você assim na primeira vez, Crista. —ofegou ao seu ouvido— Eu me lembro, Crista. Uma e outra vez, gozei dentro de você.

Ele fez. Levantou as pálpebras para olhar fixamente o teto, para conter as amargas lembranças.

—Me diga. —Sua voz era insidiosa, baixa, perigosa— Estava grávida quando deixou Somerset? E não se incomode em mentir para mim. —Levantou a cabeça, transpassando seu olhar com o seu— Teve meu bebê?

Ela o olhou fixamente, a amargura elevando-se dentro dela como um câncer que não podia desfazer-se.

—Não há bebê. —sussurrou duramente, perguntando-se por que inferno lhe incomodava— Não tive seu filho.

Ele entrecerrou os olhos enquanto a fúria começava a iluminar as profundidades.

—Abortou meu bebê, Crista?

Que Deus a ajudasse se o tivesse feito. Crista podia ver a raiva assassina espreitando nas profundidades agora.

Torceu os lábios zombadoramente.

—Não havia nada para abortar, Dawg. E se pode me fazer essa pergunta, então não vai voltar a entrar em mim. Me diga uma coisa agora. A quantas de suas barbies fodeu duplamente com seus primos sem usar camisinha? Possivelmente deveria checar as DST's antes de uma gravidez.

Um sorriso resmungão apareceu em seus lábios enquanto Dawg se inclinava, quase, nariz com nariz, seu olhar encolerizado, quente, brilhante e logo obscurecendo-se outra vez.

—Marquei sua vagina há oito anos e a marquei hoje. Confia em mim, carinho, nenhuma outra tomou minha semente. Assegurei-me fodidamente bem disso.

Os olhos dela aumentaram em uma paródia de alegria que não insinuava a ira que a percorria.

—Oh,uau. Dawg me deu sua semente três vezes. —Bateu os cílios— Quão afortunada sou? Bem, deixe-me levantar para poder saltar de alegria e poder contar ao mundo meus lucros. Finalmente cheguei à vida.

Um sorriso curvou os lábios de Dawg. O bastardo que era, estava se divertindo.

—Assim é carinho, entendeu a idéia. —murmurou enquanto uma leve careta retorceu seus traços enquanto se liberava dela.

E seu estúpido e traidor corpo tentou retê-lo. Apertando-se à carne, os quadris deram um puxão para cima como se saboreassem esse golpe final de calor e prazer.

Ela lançou o lençol por cima do corpo enquanto ele rodava sobre a cama, passando dedos pelo cabelo e olhando-a.

—É uma sabichão. —grunhiu.

—Acaba de averiguar isso? E eu que pensei que tinha sido menos que sutil no ano passado.

Doze meses tentando mantê-lo a distância, tentando conter a amargura e as lembranças que a atormentavam e o que tinha feito ela? Retorceu-se e gemeu como um bebê embaixo dele como uma cadela no cio. apropriado, tendo em conta seu apelido, disse-se cruelmente.

Estava se preparando para que ele quebrasse seu coração outra vez e Alex não estava aqui para salvá-la. Mark não estava aqui para consolá-la nem seu amante estava aqui para fazê-la rir e ajudá-la a reconstruir-se uma vez que Dawg terminasse com ela.

Pela primeira vez em sua vida, Crista podia sentir o quanto sozinha estava.

—Pelo menos foi o bastante esperta para utilizar proteção na primeira vez. —Ele suspirou, embora ela não se enganasse pensando que tinha ouvido um vislumbre de pesar em seu tom.

Enganar-se. Assim como se enganou nesses meses antes que a tomasse em sua cama pela primeira vez. Enganar-se por pensar que tinha interesse nela, que lhe importava.

—Sim, assim sou eu, a inteligência é meu defeito. —ladrou enquanto envolvia o lençol ao seu redor e saía da cama. Precisava encontrar sua roupa. Precisava tomar banho e lavar o aroma de Dawg de seu corpo. O aroma do amanhecer e uma tormenta. Selvagem e quente. Ele deveria engarrafá-lo. Seria milionário. Inferno, ela deveria engarrafá-lo, mas seria muito estúpida para vendê-lo. Acumularia tudo para si mesmo.

Isso era ela. Avara como o inferno quando se tratava de Dawg.

Muito avara, imaginou, para o estilo de vida que ele tinha escolhido anos antes.

—Preciso de um banho. —disse furiosa consigo mesma e suas emoções.

Fazia oito anos que tinha deixado Somerset. Oito longos, exaustivos anos completamente improdutivos, porque tudo que pensava era em voltar para casa, voltar para as montanhas que amava e para o homem que não podia esquecer.

E ele a tinha esquecido tão facilmente.

—Vá. Irei para baixo e tomarei banho. Os dois banheiros têm aquecedores separados. Terá bastante água quente para um banho ou uma ducha.

O Nauti Dawg tinha todas as comodidades de uma casa, recordou-se ela. Inclusive uma pecaminosamente profunda banheira o bastante grande para conter a Dawg.

O pensamento de inundar-se nessa banheira, aliviando as moléstias e dores de seu ainda machucado corpo, era quase irresistível. Quase. Infelizmente, tinha coisas para fazer. Coisas como encontrar um jornal para começar a procurar um trabalho. Outra vez.

Era sexta-feira, assim procurar realmente um trabalho não ia acontecer hoje. Mas precisava voltar para a casa e organizá-la.

O trabalho de garçonne tinha estado bem durante um tempo. Mantinha-a enquanto terminava as provas de seu título em negócios, embora não tivesse intenções de permanecer ali, de todo o modo. Tinha estado deixando passar o tempo desde que havia completado seus estudos, três meses antes. Algo que tinha adiado quando tinha aterrissado no trabalho de gerente da Virginia.

Tinha sido um bom trabalho. Até que seu chefe se casou, e sua mulher decidiu que ele podia economizar dinheiro fazendo o trabalho ela mesma. Crista tinha recebido duas semanas de aviso prévio e uma pequena indenização e logo adeus.

—Preciso voltar para o restaurante para pegar meu carro. — ela disse enquanto reunia sua roupa do chão e se dirigia ao banheiro.

—Eu a levarei. —disse detrás dela— Logo podemos ir a sua casa e reunir o resto de suas coisas. Têm móveis que tenha que trazer com você?

Crista se congelou na porta do banheiro antes de voltar-se para ele lentamente.

—Por que precisaria trazer meus móveis? Acaba de dizer até o fim do verão. — Manteve sua voz tranquila. Quando se tratava de Dawg, as pessoas tinham que aprender a permanecer calmas, ou ele se tornaria louco.

Ele vestiu um par de shorts sobre os quadris nus antes de endireitar-se sem responder.

Seu olhar perfurou o dela. Cruzou os braços sobre o peito em uma postura de puro poder e olhou diretamente para baixo por esse nariz arrogante dela como se fosse o senhor de tudo o que inspecionava.

Sua calma deslizou, só um pouquinho, enquanto o olhava com incredulidade, apertando os dedos em punhos sobre o lençol que sustentava ao seu redor.

—Perdeu o juízo?

—Tem móveis que mudar?

—Não, não tenho. —respondeu com doçura açucarada—Porque não vou me mudar para cá com você indefinidamente. Assim que puder, vou voltar para casa.

A casa que compartilhava com Alex era pequena e estava situada mais longe da cidade do que gostaria, mas era agradável. Era um lar.

Não era nada, como o agradável apartamento que tinha compartilhado com seu companheiro de apartamento Mark e seu amante Ty: o apartamento de dois quartos, ultramoderno brilhantemente iluminado com um balcão com vista para à praia. Embora este não hovesse sido um lar. Somerset era seu lar.

—Me diga Crista, quer morrer? —perguntou-lhe então— Porque morrerá. Esses homens nesse armazém não estavam brincando com balas, coisinha-linda. Foi a sério. E agora, outra pessoa poderia acreditar possivelmente que você tem seu dinheiro. Quanto tempo pensa que ele levará para conhecê-la e cortar sua garganta enquanto dorme?

Crista sentiu que a cor abandonava seu rosto.

—Mas não tive nada a ver com isso. —discutiu ela fracamente, sentindo a estupidez em sua resposta ainda enquanto saía de seus lábios.

—Estava ali.

—Acidentalmente. —Sacudiu a cabeça ante a inutilidade de seu próprio argumento— Há dinheiro comprometido, verdade? Não me matarão simplesmente.

—Não. Torturarão você primeiro. —Assentiu com sobriedade simulada— A amarrarão, irão cortá-la um pouco, deixarão você sangrar. A violentarão provavelmente. —O olhar piscou sobre ela com um estalo de raiva interior— E quando se derem conta de que não sabe nada, começarão realmente a divertir-se. Rezará para morrer antes que terminem. É isso o que quer?

Ela estava tremendo quando ele terminou, sabendo que tinha razão, sabendo que sua vida tinha dado um giro de muito grave a pior.

Exalou com cansaço.

—Não tenho móveis. Só alguma roupa. —E não muita, a Maior parte de suas coisas estavam esperando. Mark e Ty tinham sido muitos bons por guardá-las até que tivesse um lugar. Só que não tinha encontrado um lugar ainda.

Os mesmos móveis e pequenos artigos que pensava que tinham estado esperando nesse armazém. Não tinham estado ali. Seu telefonema anterior a Mark tinha confirmado que ele não tinha enviado nada.

Um ano.

Tinha passado realmente um ano desde que deixou a Virginia?

Um ano onde tinha estado sumida nas lembranças que tinha deixado deliberadamente para trás em sua vida quando se foi de casa. As lembranças que tinham o poder de quebrá-la se não conseguisse um fim sobre eles. Conseguir um fim não tinha sido fácil.

Ele assentiu bruscamente.

—Banhe-se e vista-se. Empacotaremos o resto de suas coisas e as traremos aqui. Pode guardar seu carro no estacionamento privado do porto esportivo que Tio Ray nos deixa usar.

—Ainda preciso de um trabalho. —O queixo se levantou desafiantemente.

—Posso colocá-la para trabalhar na loja de madeiras. —encolheu os ombros— Ouvi dizer que é bastante hábil no escritório.

Os olhos da Crista se estreitaram.

—Apresentei-me ali faz meses. Não havia vagas.

—Sou o chefe; farei uma vaga. —chiou.

—E não poderia ter criado uma antes que tivesse de tomar esse trabalho no restaurante?

Ele sorriu, a diabrura brilhava em seu olhar.

—Então não tive suficiente estímulo. Possivelmente o tenha agora.

Se ela tivesse tido algo para lhe atirar, faria um lançamento digno de um jogador de beisebol nesse momento, só para apagar o sorriso afetado de sua cara.

—É um verdadeiro asno Dawg. —escarneceu em seu lugar.

—Isso é o que permaneço ouvindo, coisinha-linda. Isso é o que permaneço ouvindo.

Capítulo 9

Aaron Grael estava morto e ninguém mais falou. Por que no que concernia aos ladrões e compradores, não havia ninguém ausente no pequeno grupo. E isso era uma sandice. Já sabiam que, tinha sido pago um milhão pelos dois mísseis a um intermediário, ou à mulher como podia ser o caso. E Dawg sabia que Grael estava convencido de que Crista era essa mulher dois segundos antes que Dawg o matasse.

Dawg apresentou o relatório. Tinha visto Grael disparando à equipe, tinha ferido vários deles. Dawg fez o disparo e o tinha eliminado. Não era exatamente uma mentira, é obvio, mas tampouco era a verdade.

Agora tinham que averiguar onde estava o intermediário perdido, onde estava o dinheiro e como isso afetava o caso.

Os quatro Sidewinder experimentais, recém desenhados podiam ser lançados de grandes distâncias e levavam uma potência explosiva que quase duplicava a seus antecessores. E se podiam armar com armas nucleares.

Foram construídos com chips de detonação, uma medida de proteção que os inutilizava completamente e detinha efetivamente qualquer oportunidade de detonação ou guia da arma sem eles. Tinham que terem sido transportados a Fort Knox sem esses chips antes de dirigir-se a outra base. Mas, de algum modo, o exército o pôs a perder. Os mísseis foram enviados com seus chips de segurança e o envio foi assaltado.

Felizmente para a equipe, parecia que o assalto tinha sido feito por um grupo com nenhuma ou muito pouca experiência no roubo e venda de mísseis Sidewinder.

Um mercenário sueco tinha negociado a compra para um terrorista do oriente médio, metido em cada condenado conflito do mundo. O sueco, aliás Akron Svengaurrd, tinha contatado Aaron Grael para a troca da metade do dinheiro e dois dos chips de segurança e guia. O resto do dinheiro viria uma vez que os chips fossem autenticados (e o exército se assegurou de que fossem autênticos) e que os mísseis estivessem no lugar para que a equipe do sueco os recolhesse.

A operação, que combinava os grupos de trabalho da ATF e a Segurança Nacional estava trabalhando para apanhar não só aos ladrões a não ser o Sueco também. E era o Sueco o que mais queriam. A ele e aos mísseis.

Os ladrões possivelmente não tinham tido muita experiência no roubo e venda de armas, mas eram malditamente preparados. E tinham os contatos imprescindíveis para a venda. Isso também os tinha feito mais difíceis de apanhar. Eram paranóicos e malditamente cuidadosos. E o único homem que tinham a oportunidade de conseguir qualquer informação estava morto.

Porque Dawg tinha uma ereção por Crista.

—A mulher estava ali. —Timothy Cranston enxugou a mão sobre sua coroa parcialmente calva com um sinal de desgosto enquanto repartia o informe para passá-los— Ninguém a identificou; ninguém viu aonde foi.

—Acha que ela matou Grael? —Greta Dane, uma agente ferozmente determinada à direita de Dawg falou.

—Por que ela o mataria? —bufou Natches—É seu homem do dinheiro. Quereria-o vivo.

—Ele podia identificá-la. —indicou Greta com um olhar vil em direção a Natches— E ele sabia que haveria muitos caras vivos quando a fumaça diminuisse. Alguém poderia ter falado.

—Ela não matou a nosso homem. —assegurou Timothy a todos, olhando Dawg— O disparo veio de trás da cabeça e da arma de Dawg. A autópsia o confirmou esta manhã. A câmara pôs a nossa senhora frente dele. Depois de que ela desaparecesse de trás dessas gavetas perto da parede, desapareceu completamente de vista. Tudo o que temos nas câmaras de fora são algumas sombras erráticas muito grandes para serem de uma mulher.

Dawg ficou confortável em sua cadeira e manteve a boca fechada com cuidado. Não se importava em nada que Grael estivesse morto, mas sabia que Cranston estava de irritado. Ultimamente, trabalhava para eles mais que contra eles. O Sueco era o jogador principal em vários conflitos; apesars agarrá-lo seria um golpe incrível.

O qual era muito na opinião de Cranston. Mas também deixava a equipe com um contato que tinham estado desejando, um potencial agente duplo.

E isso era muito mau. Esse contato era um beco sem saída e a luxúria de Dawg tinha vindo primeiro. Tinha direitos sobre isso.

—Quero saber quem é essa mulher.—ladrou Timothy com irritação— Vamos, meninos e garotas. Tudo o que temos é cabelo marrom, olhos castanhos, esbelta e bonita. Isso é a terça parte das fodidas mulheres neste estado ou em qualquer outro. Se a apanharmos, conseguimos o dinheiro e quebraremos o silêncio entre os ladrões. Este é o ponto fraco ou não estariam tão nervosos passeando em suas celas. Ela é nosso ponto fraco. Posso sentir.

Dawg quase sorriu. Timothy esfregava as pequenas mãos gordinhas com alegria.

Era o agente da OSN mais insólito que Dawg jamais tinha visto. Corpulento, com aspecto de avô, a calva da cabeça brilhante e o curto cabelo cinza ao redor, parecia mais um contador ou um executivo cansado que uma das mentes mais agudas da Segurança Nacional.

—Dawg, você ou Natches ouviram algo novo? —ladrou Timothy então.

O armazém de madeiras e a garagem de Natches eram dois dos pontos de rumores da cidade. A informação sobre o roubo tinha chegado ao armazém de madeiras de Dawg antes que aos canais da agência. Tendo em conta o fato de que até agora, as notícias não tinham irrompido na televisão nem nas emissoras de rádio, estavam bastante seguros de tinha que ter saído dos ladrões mesmos.

—Johnny saiu limpo do enredo. —Dawg fez uma careta ante o pensamento de seu anti-social primo, que mexia mais com seus nervos que as unhas sobre uma piçarra. As notícias do assalto tinham chegado primeiro a Johnny quando parou na loja de madeira para comprar material de prateleiras para a padaria que possuía fora da cidade— Não podemos lhe situar em nenhum lugar com nossos compradores nem vendedores e segundo o agente que lhe interrogou, ouviu-o na loja por acaso. Mas tem muitos clientes, especialmente de fora da cidade e soldados de Fort Knox, assim tem sentido. Pôde ouvir sobre o assalto. E gosta de contar intrigas de tudo o que ouça.

Perguntar a Johnny onde tinha ouvido não tinha funcionado e Dawg e Natches o conheciam muito bem para incitá-lo. A pequena serpente bastarda veria imediatamente uma debilidade e golpearia.

—Saberia se tivesse ouvido algo? —sugeriu Greta vilmente, os olhos de cor mel brilhando com amargura no rosto pálido e sardento.

Se rumoreava que tinha perdido à família em um ataque terrorista e Dawg sempre tinha tentado moderar seu sarcasmo com ela, somente por esse fato, mas a própria amargura começava a criar uma sensação de tensão na equipe sempre que ela estava ao redor.

—O que quer dizer? —Ele arqueou as sobrancelhas zombeteiramente.

—Significa que esses são sua gente. —Ondeou a mão para aos arquivos dos informes.— Quem quer que roubou os mísseis conhece esta área como um nativo. O que significa que a mulher é provavelmente uma nativa. Você não suspeitaria de um amigo nem de uma ex-amante.

Ele ouviu o bufido zombador de Natches ante essa declaração.

—Carinho, vivo para a paranóia. Suspeito de todos exceto do Pai, do Filho e do Espírito Santo. —Sorriu-lhe mostrando todos os dentes e olhou como a irritação se fortalecia em sua expressão— Está nesse grupo?

—Dawg. —A voz de Timothy foi um pequeno grunhido de advertência. Ele sempre grunhia quando não estava esfregando as mãos com alegria.

Dawg se virou para ele, levantando a sobrancelha interrogativamente enquanto Natches sorria zombeteiramente atrás dele.

—Vocês dois acabam com meus nervos. —Assinalou com o dedo para eles exigentemente— Não serei agradável.

Era calvo e corpulento, mas podia danificar o ego se um homem não tivesse cuidado.

—Repassa essa informação e nos encontraremos aqui amanhã pela tarde. —ordenou por fim Timothy com uma nota de frustração— Mantenham os olhos e as orelhas abertas e esperemos que consigamos algo antes que acabe a semana ou meu chefe chutará todos nossos traseiros. Meninos, não queremos isso.

Dawg abriu o arquivo, passeou seu olhar pelas páginas examinando-as lentamente. Estava mais preocupado por encontrar qualquer evidência incriminatória que pudesse ter surgido contra Crista que pela informação que já tinha lido. Se ela fosse culpada, agora era o melhor momento para saber. Se não o era, então ganharia o benefício da dúvida até que ele o visse de outro modo. Mas não por uma falta de suspeita.

Tinham sorte. Crista tinha estado nas sombras todo o tempo que tinha estado ali. Quando os agentes entraram no armazém tinham assumido que estava com os compradores. Reuniram-se na parte traseira do edifício cavernoso e abriram caminho para frente.

Dawg tinha perseguido Grael quando o outro homem correu para as sombras, para a área de embalagem frente do armazém. Grael tinha perseguido à mulher que acreditava que o tinha traído. Se Dawg tivesse entrado um segundo depois, Crista estaria morta.

Ninguém podia saber que Dawg participava desta investigação. Exceto os membros da equipe, ninguém podia havê-lo sabido. E eram agentes duros. Surpreenderia-o até a medula averiguar que um deles era um traidor.

Mas infernos, tinha estado equivocado antes. E como se dizia, a confiança não era uma de suas virtudes. Se ainda tinha uma virtude. Era algum tipo de vício, as virtudes não eram seu ponto forte.

O arquivo estava vazio de qualquer evidencia incriminatória contra Crista, o que significava que não tinha que contar a Cranston que ela estava implicada. Pelo menos, não ainda.

Golpeando a mesa com o arquivo fechado, Dawg se levantou e olhou para Natches. Seu primo estava se levantando de sua própria cadeira e pegou os óculos escuros que tinha deixado sobre a mesa.

—Preparado para dar umas voltas? —Natches sorriu com zombaria, seus escuros olhos verdes bosque brilhando com diversão.

Sabia que Crista os esperava na loja de madeira, acomodada sem perigo no escritório de Dawg e repassando sua papelada. Seus olhos tinham brilhado de alegria no minuto em que ela viu a confusão em que seu escritório pessoal se converteu no último ano. Um homem pensaria que estava olhando fixamente diamantes antes que a papelada do inferno.

E Natches, sendo Natches, não tinha encontrado fim para a diversão ante a vista do pequeno traseiro curvilíneo de Crista fazendo plaf na cadeira muito grande de Dawg enquanto lhe dizia, muito cortezmente, que saísse malditamente fora de seu caminho enquanto ela organizava sua confusão.

—Acha que tenho um escritório para onde voltar? —Dawg suspirou a pergunta com resignação.

—Acredito que cheirá a velas e vasos de flores. —Natches levantou a cabeça, dilatando o nariz como se provasse o ar em busca de um aroma doce— Aposto que a baunilha e rosas. —disse então, olhando Dawg.

Infernos, se manter seu apertado traseiro fora de problemas só lhe levava um aroma de baunilha e rosas então o faria. Estava no ponto de puxar o cabelo. Não a tinha tido em sua vida nem quarenta e oito horas e já lhe tinha tão ao bordo que a explosão era iminente.

Explosão de tipo sexual. Estava tão malditamente duro que estava a ponto de arrebentar o jeans com sua ereção. Ou estrangular-se com o confinamento da dita ereção.

Não tinha tido bastante dela essa manhã. Caralho, tinha a sensação de que poderia tomá-la durante horas e ainda não ter o bastante dela.

Enquanto deixavam o pequeno escritório na planta baixa que Cranston tinha aceitado em Londres, Kentucky, no palácio da justiça, Dawg permaneceu cuidadosamente em guarda

em busca de olhos vigilantes. Saindo do nível mais baixo, podiam ficar fora da parte principal do palácio da justiça. Os outros agentes utilizaram outras saídas, outros corredores.

Paranóia. Tinha sido criado com ela por seus friamente receosos pais muito tempo antes de unir-se a Marinha e logo a ATF. Ainda criança, muito malditamente jovem para saber o que a palavra significava, tinha começado a desenvolver uma natureza suspeita.

É obvio, com dois egocêntricos frios e egoístas como pais, como podia evitá-lo? Sua mãe via sombras nas sombras, e todos tinham intenções de apanhá-la. As emoções eram seu pior inimigo, e tinha lutado contra elas incansavelmente. E seu pai. Demônios, seu pai tinha sido tão bastardo quanto o pai de Natches. Às vezes Dawg se perguntava que tão afortunado tinha sido Rowdy. Seu pai, Ray, tinha sido duro, mas carinhoso. E Rowdy nunca tinha sofrido uma surra em sua vida.

Até que Dawg foi, suficientemente, velho e suficientemente grande para defender-se, seu pai tinha desfrutado enormemente em fazer com que seu filho se encolhesse.

Dawg não tinha herdado o hábito de seu pai de bater primeiro, mas a paranóia insidiosa de sua mãe formava parte dele.

Até tal ponto que não podia tirar da cabeça o olhar dos olhos de Crista quando lhe perguntou a respeito de uma gravidez. Por um segundo, a dor, o temor e o pesar tinham brilhado nos círculos de chocolate. Tinha sido tão rápido que nem sequer podia estar seguro de que tivesse estado aí. Paranóia ou fato?

Sacudiu a cabeça enquanto ele e Natches foram para suas Harleys. Dawg tirou seus óculos escuros do bolso da camisa e os colocou em seu nariz enquanto olhava fixamente ao redor do estacionamento do palácio da justiça iluminado pelo sol.

—Deixa de preocupar-se tanto. —murmurou Natches enquanto montavam nas motos— Tem várias razões para estar aqui.

Dawg lhe deu uma olhada antes de girar a chave e arrancar a moto. O áspero, perigoso retumbar do motor se acendeu debaixo dele. A relaxante sensação de liberdade que normalmente lhe dava agora estava ausente.

Tinha encontrado uma nova liberdade. Uma nova paz. A de estar enterrado tão profundamente em Crista que podia sentir o batimento de seu coração.

Uma agonizante excitação apertou seu pênis e seus testículos ante o pensamento de tomá-la. O assombro e a surpresa que tinham enchido a princípio os olhos de Crista tinham sido seguidos de perto por desespero, por desejo, e por emoções nas quais não queria pensar ainda. Mas o tinha queimado vivo.

Tinha havido mais prazer em seus braços do que tinha tido em uma vida de atos sexuais, e isso era malditamente aterrador.

Porque não era tolo. Sabia o que enfrentavam. Um escorregão, um agente recordando de forma equivocada, e ele seria revelado; Crista seria traída. E, inferno, isso federia. Porque não havia nenhuma possibilidade que fosse deixar que a Segurança Nacional lhe pusesse as mãos em cima.

Se fosse um paranóico, então a Segurança Nacional estava mais à frente do limite. Inclusive Cranston, por mais que Dawg gostasse do agente especial a cargo da investigação, era mais paranóico que qualquer um que Dawg tivesse conhecido antes ou após. Tiraria de um puxão Crista de Somerset e a enviaria direto ao centro de detenção do país. E uma vez ali, seria enterrada em tanta fodida papelada e sombras que nunca a encontraria outra vez.

Uma vez que estivessem bastante longe de Londres para encontrar um lugar relativamente seguro onde entrar, Dawg e Natches giraram suas Harleys por um caminho afastado e entraram em uma clareira pequena e deserta, oculta da estrada.

Desligando o motor, Dawg mordeu uma maldição e olhou fixamente ao redor da clareira antes de girar seu olhar para Natches.

—O que averiguou?

Natches tinha falado ontem à noite com os agentes, lhes perguntando sutilmente e cobrindo o traseiro de Crista.

—Ninguém viu nada exceto eu. —disse arrastando as palavras— Informe-me que entrou antes que eu e pedi emprestado o carro de sua amiga para entrar. Estava vigiando, recorda? Ninguém pode me questionar, porque ninguém conhece a diferença.

Natches efetivamente tinha estado vigiando fora frente do armazém, comunicando-se com o resto da equipe que tinha estado no lugar como parte interessada em entrar. Tinha anunciado a chegada da mulher, e em sua voz Dawg tinha percebido algo que os outros não tinham notado. Um aviso.

—Olhe à frente, Dawg. —Natches tinha mastigado as palavras. Não porque Dawg tivesse sido o mais próximo, como Cranston lhe tinha recordado bruscamente.

—Meu engano. —tinha murmurado Natches no nó de comunicações.

Dawg soube então. Natches não cometia enganos, não assim. Quem quer que fosse a mulher, algo estava errado, e Dawg se moveu para interceptá-la.

Os agentes atribuídos a este caso eram de olhares selvagens e desanimados, paranóicos e determinados. E não ajudava malditamente nada que Crista se parecesse com a descrição superficial que tinham da mulher que atuava como contato entre os compradores e vendedores.

—Se alguém a escolheu como vítima, então precisamos saber por que. —Se alguém a tinha escolhido. Filho da puta, morria para fodê-la que estava tentando encontrar desculpas onde sabia que deveria estar encontrando algemas.

—Alguém está escolhendo você como vítima. —grunhiu Natches enquanto olhava Dawg sobre o bordo de seus óculos— E isso não é uma boa coisa. Quem sabia que estava na equipe?

Dawg sacudiu a cabeça.

—Melhor, quem saberia utilizar Crista se soubessem?

Natches lhe lançou um largo e zombador olhar

—Dawg, cara, quem não sabe que Crista Jansen é sua fraqueza? Esteve perseguindo seu traseiro como um cão guia de ruas perdido durante meses. —Natches sorriu zombeteiramente ante seu próprio trocadilho.

—Ha, há. —mofou-se Dawg.

Logo, esfregou a nuca. Caramba, tão transparente tinha sido?

—Inclusive Johnny o advertiu. —Natches ria agora dissimulada e alegremente— E não pode compreender a atração, não sabe?

Dawg fez uma careta. Johnny Grace. Ele era uma maldita desculpa esfarrapada de primo. Quando os pais de Dawg morreram em um acidente de carro, a mãe de Johnny, a tia de Dawg decidiu tentar reclamar parte da propriedade que os pais de Dawg lhe tinham deixado. Dawg tinha passado um ano protegendo a herança que correspondia à única maldita coisa que seus pais lhe tinham dado alguma vez de boa vontade.

E aí tinha estado Johnny, de pé em um tribunal de justiça, recitando as queixa de seu pai contra Dawg e jurando que seus pais tinham querido deixar a melhor parte da propriedade a sua mãe.

E durante tudo isso, Johnny tinha se mofado e tinha recordado vilmente ao Dawg uma e outra vez que sua relação com o pai de Dawg tinha sido muito mais profunda que a que teve com seu filho.

Porque Johnny era um pequeno bastardo puxa-saco que combinava com a opinião sobre si mesmo do pai de Dawg.

—O velho Thompson andou pela garagem esta manhã. —disse Natches então— Esteve se queixando sobre as luzes que se moviam pela montanha ontem à noite atrás de sua casa. Poderíamos checá-lo outra vez.

Outra vez. Isso resumia tudo.

Dawg passou a mão pela barba de seu áspero rosto enquanto anotava mentalmente barbear-se antes de voltar a esfregar-se com Crista. Esta manhã depois da ducha tinha visto uma marca no seu pescoço

—Alguém sabe algo, Dawg. —disse Natches em voz baixa— Sabem o bastante para lançar você a Crista para distraí-lo. Alguém suspeita de você.

Dawg sacudiu a cabeça.

—Conheço-me muito bem para não me distrair facilmente. Além disso, temos tudo exceto o dinheiro e a mulher. Como vou ser uma ameaça para alguém, com as coisas paradas agora?

—É alguém que não sabe que você faz caso do bom senso quando é importante. — assinalou Natches— É alguém que só conhece o fato de que Dawg desconfia de todos exceto do Pai, do Filho, e do Espírito Santo. O que poderia ser quase como todos aos que você encontrou neste país e uma dúzia de outros. E poderia ser alguém que tem medo de que um dos homens que capturamos fale. Se falar, quem diz que não mencionará Crista?

Dawg não era conhecido por sua natureza confiada.

—Então permitiremos que pensem que tiveram êxito. —Sorriu lentamente, olhando como Natches fazia uma careta— E Crista tem um álibi. Você estava usando seu Rodeio; ela estava em casa.

—Homem, odeio esse sorriso. —Natches suspirou, a resignação brilhava em seu olhar— O que vai fazer?

Dawg se inclinou para frente, descansou os antebraços no guidão da motocicleta, e permitiu que o sorriso se ampliasse.

—É obvio, vou permitir que Crista me distraia. Por que lutar? E enquanto ela me distrai, vou ver quem olha e o que acontece mais tarde. Se ela foi posta em meu caminho para me pegar despreparado, então a acrescentaram por uma razão. Vamos ver o que pensam fazer agora que a têm aí. E por que é tão malditamente importante que esteja aí. Não poderiam ter esperado a armadilha. Assim seus planos vão estar desequilibrados.

—Esperavam que fosse enviada a prisão, e você correndo atrás de seus passos.— replicou Natches— Tome cuidado não o apanharem em sua pequena rede, e você e Crista sejam enviados juntos.

Sim, isso lhe tinha ocorrido ao redor da meia-noite.

—Adivinho que vou ter que correr riscos. Inferno, já quebei mais leis das quais posso lembrar só para conseguir tirá-la dali. Disseram-nos que usássemos a iniciativa, mas não acredito que fosse exatamente isso do que estavam falando.

—Certamente que foi. —Natches arrastou as palavras— Sabiam que não estava implicada, assim igualamos o campo de jogo sem nenhuma animação ou desordem. É o código do camponês. É o que lhes diremos. —A relaxada voz arrastada de menino de campo não enganaria a ninguém que conhecesse Natches. Havia pura sede de sangue camponês em seu tom, e era algo com que Dawg sabia que podia contar. Natches cobriria suas costas.

As suas e as de Crista.

E esse pensamento abriu toda uma lata de vermes. Uma que não estava preparado para esvaziar neste momento. Sabia que Natches não tinha tomado a deserção de Rowdy

de seus trios muito bem. Tinha esperado, tinha antecipado a volta de Rowdy e a lenta sedução de sua prometida, Kelly. Quando Rowdy pôs freios a essa idéia, Natches tinha estado de muito irritado.

Demônios, o compartilhar tinha sido uma parte de suas vidas desde seu primeiro encontro sexual como adolescentes.

A viúva Barnes. Tinha sido suave e doce, mais velha, com mais experiência, e suficientemente solitária para tomar a três jovens meninos em sua cama.

Naquele momento, nenhum deles sabia que ela também estava se ocultando de seu psicótico marido, um homem que esteve olhando como os primos adolescentes, Mackay, deslizavam em sua casa, e pela janela tinha observado as travessuras sexuais que tinham aprendido.

Essa primeira incursão na escura sexualidade de um trio tinha retornado para obssecá-los no ano passado quando o filho da senhora, pervertido pelas crenças do pai, seus vexames e as surras que tinha suportado, tinha começado a violentar às garotas que reclamava como suas.

Então tinha se concentrado na meio-irmã de Rowdy e a mulher que sustentava seu coração, Kelly Salyers. O bastardo quase os matou antes de detê-lo.

E agora, Natches estava distante outra vez, e Dawg sabia que assim era como tinha que estar sentindo. E estava se afastando. Dawg o tinha estado sentindo agora durante um momento. Natches estava se afastando deles; a conexão que tinha sustentado com seus primos todos estes anos, agora tinha ido. Os trios, o laço emocional que tinham criado, Natches já não o tinha.

—Vamos, Dawg, deixa de lutar com isso. —aconselhou Natches em tom pessimista— Vamos jogar e vejamos que porra acontece. Tenho um SOS para seu irmão, Alex. No minuto em que sua cabeça saia de qualquer buraco onde o governo o enviou, virá correndo com ajuda.

—Vamos jogar. —Dawg exalou rudemente antes de empurrar seus óculos de sol de volta para seu nariz.

Não havia muito mais que pudessem fazer. Outra pessoa, alguém que sabia muito, tinha atraído Crista a um jogo muito mortal. Para salvá-la agora, Dawg ia ter que arriscar tudo e rezar a Deus para apanhar os ladrões antes que o sueco pressionasse seus amigos ou a equipe soubesse que ela tinha estado no armazém. Se isso acontecesse, toda a merda ia bater no ventilador.

—Olhe homem, nós somos o respaldo em sua Maior parte. A Maior parte da investigação, levam a esses arrogantes da SN. Não nos chamarão até que tudo esteja preparado para afundar-se de todo o modo. Só estaremos por trás e seguiremos vigiando o pequeno traseiro apertado de Crista, e o faremos bem.

O olhar de Dawg se cravou em seu primo.

—Eu olharei seu traseiro.

Saiu-lhe mais duro do que tinha querido, uma brusca resposta que nunca deveria ter pensado.

Os lábios de Natches se arquearam com zombaria, mas Dawg viu o conhecimento em seus olhos. Também viu uma vaga margem de distância assentando-se sobre o rosto do outro homem enquanto assentia lentamente.

—Você olha seu traseiro. Eu só olharei. Qualquer coisa. —Virou a chave e chutou o motor da Harley arrancando antes de sair sem dizer nada mais e deixando que Dawg o seguisse.

Maldito seja o inferno. Dawg pulsou o arranque e ligou o motor, sentindo um esforço de ira começando a arder em seu interior. Não se supunha que fosse ser assim, verdade? Rowdy, Natches e ele, tinham sido mais próximos que irmãos toda sua vida. Haviam fodido às mesmas mulheres, amado às mesmas mulheres, até Kelly, e agora Crista.

Dawg não era tolo. Possivelmente não amasse Crista, mas esse princípio de posse tinha estado aí, inclusive oito anos antes. Crescendo como um verdadeiro inferno. Amadurecer era ainda pior. Três homens que tinham sido tão próximos como carrapatos a um cão oito anos antes, estavam se distanciando e, admitiu Dawg, às vezes fedia. E às vezes, como agora, havia um indício de alívio.

Mas uma parte dele sabia que Natches estava mais afetado pela maturidade que seus dois primos mais velhos. Para Natches, o compartilhar nunca tinha sido um jogo; tinha levado Rowdy e Dawg mais tempo vê-lo. Para Natches, era uma parte de si mesmo, e perder essa conexão estava começando a afetá-lo de maneira que Dawg não tinha antecipado.

Maldição, teria arrancado seu próprio braço para evitar que acontecesse isto. Rowdy e ele sempre saíram do caminho para proteger Natches, inclusive quando crianças. E possivelmente quando adultos, também.

Embora em algum lugar do caminho, todos tenham crescido. Inclusive Natches. Até o ponto de que o outro homem tinha chegado a ser ainda mais duro, mais escuro, que Dawg ou Rowdy. O que explicava como Natches tinha dado um passo a frente no papel de assassino no último ano que tinha estado nos Marinhe. Um assassino que o exército tinha sido resistente a perder quando uma bala o tinha alcançado no ombro durante uma briga no Iraque em seu tempo livre.

Natches tinha saído dos Marinhe, mais escuro, mais duro, e mais perigoso do que tinha sido quando ele, Dawg e Rowdy se alistaram no treinamento básico.

Sim, todos tinham crescido. Mas às vezes Dawg se perguntava se tinham crescido melhor.

Capítulo 10

Ela encabeçava a marcha. Crista cravou os olhos na parte superior do surpreendentemente e bonito escritório. Carvalho, se não se equivocava, e bastante antigo, com profundas gavetas a cada lado. A gaveta do meio tinha sido tirada; em seu lugar havia um painel deslizante onde estava o teclado do computador.

Não podia conectar o computador; tinha que limpá-lo primeiro. Havia tanto pó acumulado ao redor da torre que quase tinha medo de ligá-lo.

Não tinha sentido. A casa flutuante estava imaculada. Não tinha visto nem sequer um prato ou uma roupa fora de seu lugar. Mas o escritório era uma zona de guerra. Os arquivos e papéis esparramados, recibos desordenados, recibos de Deus sabe o que; como diabos, pagava seus impostos? E uma coleção de outros papéis, arquivos, e memorandos que ela sabia que tinham que ser importantes.

Os que estavam dispersos pelo escritório agora estavam pulcramente ordenados. É obvio, isso era depois de ter passado horas pondo em ordem seu sistema de arquivo. E não é que tivesse acabado com essa tarefa. Os arquivos do ano passado estavam mesclados com os arquivos deste ano, e o velho arquivo de metal estava a ponto de dar seu último rangido e derrubar-se no piso.

Olhou para a porta de vidro, contemplando a superfície da ordenada escritório. Tinha enviado dois rapazes ao armazém para buscar bonitos arquivos de madeira que havia visto expostos na seção de material de escritório do armazém de madeiras.

Dawg era inteligente. Tinha tomado idéias de várias cadeias menores e as tinha incorporado a Madeiras, Construções e Fornecimentos Mackay, o negócio que seu pai tinha lhe deixado.

Tinha todo tipo de aparelhos, fornecimentos de escritório, pinturas, e artigos para hobbies, assim como uma mescla de artigos sazonais que incrementavam as vendas do armazém de madeira.

Era um negócio próspero que os clientes permaneceriam recorrendo acontecesse o que acontecesse. E mais, pelo que ela tinha visto neste escritório, Dawg raramente fazia o menor esforço para mantê-lo em pé.

Ela sabia que um gerente tinha fiscalizado o negócio enquanto ele estava na Marinha. Um homem que Dawg tinha despedido assim que retornou para casa ao saber o gerente o extorquia sistematicamente.

Segundo o chefe de departamento, Dawg quase tinha quebrado o primeiro ano depois de sua volta, apesar das vendas que continuavam entrando através das grandes portas .

Agora não havia perigo de bancarrota. Uma auditoria, talvez. O pertinaz desgoverno de seu escritório era indiscutível. Mas não a bancarrota, porque apesar do “buraco do inferno”, como ela o tinha chamado, havia um estranho sistema que Dawg seguia. Só que não era um sistema que ninguém mais pudesse entender.

Sacudindo a cabeça, separou-se do escritório, agora limpo da pilha de arquivos, pastas, papéis, livros e todo tipo de recibos, que a aguardavam empilhados do outro lado da sala em frente ao enorme e fofo sofá.

Evidentemente Dawg também gostava das comodidades. O sofá era o suficientemente longo e o suficientemente largo para que pudesse dormir. Havia uma televisão de plasma em um lado, um forno microondas, e uma pequena geladeira repleta de cerveja. Só de cerveja.

Era uma lástima que não gostasse de um escritório limpo de acordo com suas comodidades. Entretanto, para ser justa, a área dos assentos estava ridiculamente limpo até que Crista começou a empilhar o lixo dentro da área.

Limpou as mãos nos jeans e olhou seu relógio de pulso antes de soltar um suspiro de cansaço. Presumia-se que fazia trinta minutos que Dawg ia procurá-la para pegar seu carro e sua roupa.

Tinha-a escondido em seu escritório com uma firme advertência de permanecer quieta, logo tinha saído sem lhe dar mais informação sobre a hora aproximada em que estaria de volta.

E quando partiu, ela tinha estado pensando.

O que aconteceu no armazém não tinha absolutamente nenhum sentido para ela. O fato de que a tabuleta da companhia sumisse de seu carro tinha ainda menos sentido. Tão pouco sentido, como os outros artigos, que tinham desaparecido nos últimos meses, e que voltavam a aparecer dias mais tarde. Tinha intenção de procurar a tabuleta. Devia ter escorregado no chão ou entre os assentos, mas Dawg não lhe tinha dado chance de buscá-lo.

Apoiou os cotovelos nos joelhos e cavou os dedos, com um cenho desenhado na testa enquanto golpeava ligeiramente os lábios com seus dedos.

Por que a tinham atraído deliberadamente ao armazém?

Ao menos que alguém quisesse danificar o que Dawg fazia. Não precisava ser uma cientista espacial para deduzir que a esteve perseguindo desde que se inteirou de sua volta a Somerset.

E ao fazê-lo, tinham-lhe dado a oportunidade perfeita para chantageá-la.

Ele a entregaria realmente às autoridades? Demônios, havia-se posto sério, tinha dito sério. E a advertiu muito claramente que não falasse com ninguém sobre a outra noite.

Ela ficou em pé de um salto e caminhou com passos largos e lentos para a ampla porta com a janela colorida para olhar o abarrotado andar inferior. Tinha problemas, e sabia. Tinha-o sabido até antes que ela falasse torpemente no armazém; só que não tinha querido admiti-lo. Inclusive Alex tinha sido o suficientemente sensato para saber que algo estava errado. Nunca teria lhe dito que chamasse Dawg se não fosse assim. Porque ele devia saber que Dawg era algum tipo de agente. Alex teria sabido que Dawg contaria com os meios para inteirá-lo do que estava ocorrendo.

Mas Alex não podia saber a retribuição que Dawg requeria: seu corpo.

Ela tremeu ante a lembrança.

Tinha-a pego com a guarda baixa, reconfortou a si mesma; de outra forma, nunca teria cedido ante ele. Ele tinha estado dentro dela antes que pudesse entender a mudança de cólera a paixão, inclusive dentro de seu próprio corpo.

E seu corpo a tinha traído. Ela tinha estado tão escorregadia, tão molhada, que inclusive agora seu rosto ardia de mortificação. Tanto como se umedecia.

A este passo ia ter que comprar mais calcinhas.

Olhou outra vez seu relógio de pulso. Quase uma hora da tarde. Se não pegasse seu carro, o guincho o levaria.

O que tinha de errado em deixá-la adiantar-se e pegar o resto de suas coisas e logo encontrar-se com ele aqui? Era pleno dia. Ela não vivia precisamente no subúrbio, e tinha vizinhos.

Além disso, além de Dawg, Natches, e esse louco que tentou disparar contra ela, ninguém sabia que ela estava no armazém. Exceto quem a enviou ao armazém, para começar.

Colocou as mãos nos bolsos de seu jeans e continuou olhando perdidamente para o andar de vendas. Daria-lhe uns poucos minutos mais. Se ele não retornar em poucos minutos, então ela daria um passeio daqui até a cafeteria onde estava estacionado seu Rodeio. Não havia mais de uma meia dúzia de blocos. A plena luz do dia. Ela poderia recuperar seu carro e empacotar seus escassos pertences e esperar em frente à loja antes que ele retornasse.

Não era como se houvesse muito para empacotar.

Enquanto a idéia deslizava por sua mente, seu olhar aterrissou na breve e compacta silhueta de um homem movendo-se pelo mostrador de registro de baixo.

Um sorriso iluminou seu rosto.

Johnny Grace tinha a pequena padaria na quadra junto à casa de Alex e dela. O perfume dos bolos flutuando pelo ar, quase a deixava louca em seus dias de folga.

Ele obviamente recolhia suas compras, dirigindo um sorriso ao menino do caixa e paquerando com facilidade. Johnny não se retinha quando se tratava de sua vida sexual. Gostava dos homens mais que as mulheres, e não via razão para escondê-lo.

Ela olhou seu relógio de pulso. Podia estar de volta antes que Dawg soubesse sequer que se foi.

Ela agarrou sua bolsa da mesa que tinha a seu lado, abriu a porta, e saiu correndo antes de fechar enquanto Johnny se dirigia às portas automáticas.

—Crista. —Ele se deteve e piscou rapidamente quando ela percorreu os mostradores e gritou seu nome— O que faz aqui?

Ela fez um gesto com os dedos para o escritório do andar de cima.

—Novo trabalho. —Ou algo pelo estilo— Olhe, deixei meu carro na cafeteria. Pode me levar?

Ele era talvez uns dez centímetros mais alto que ela, embora não apostasse nisso. Ele olhou para a porta, logo sorriu outra vez.

—Está segura de que quer que eu a leve? Dawg e eu não estamos nos melhores termos. Se houver algo entre vocês dois, então ele se tornará louco se for a qualquer lugar comigo.

Ela deu uma olhada às portas. Não, nenhum Dawg à vista.

—Dawg sempre está alterado por algo. —Ela tragou sua própria trepidação no pensamento— E prometo que não lhe direi quem se ofereceu a me levar.

Devolveu-lhe o sorriso com uma nota de desespero.

Johnny soltou uma risadinha divertida, sacudindo sua cabeça, com seus cachos claros caindo pelo rosto. Na realidade ele deveria ter nascido mulher, pensou ela. Tinha um ar suave, feminino e maneiras quase cortesias. E era simpático. Compartilhou seus bolos com ela em seus dias de folga quando a loja de baixo estava fechada e ele estava sozinho organizando as geléias da semana seguinte. E não era como se Dawg pudesse ficar ciumento.

—Então vamos. —Ele inclinou a cabeça para as portas—Eu a levarei. Volta aqui ou vai para casa?

—Vou para casa. —Ela evitou mencionar por que ia para casa. Esse era um assunto no qual não queria meter-se agora mesmo.

Seguindo Johnny através das portas, deu uma olhada ao seu redor rapidamente, esperando de um momento a outro ver Dawg dirigindo-se para ela como um anjo vingador.

Sim, havia dito a ela que não se movesse, mas ele chegava tarde, e as precauções tinham pouco sentido. Segundo seu próprio relatório, o homem que a viu estava morto, e os outros suspeitos estavam presos ou mortos. Ninguém mais salvo Dawg e Natches

poderia saber que ela estava lá. Ninguém ia sair de trás de um veículo ou um edifício e começar a disparar a qualquer parte.

Verdade?

—Quando começou a trabalhar para Dawg? —Johnny afastou a atenção de sua mórbida paranóia enquanto ele olhava para trás por cima do ombro para mostrar um sorriso acolhedor.

—Apenas hoje. —Ela o alcançou, olhando para frente— Onde estacionou?

Johnny riu.

—Ao final da rua. Assim é como me desfaço de todas essas calorias que meto em meu corpo nos dias de bolo.

O outro lado do estacionamento não era uma brincadeira.

O calor de primeiros dias de junho pesava sobre eles, provocando um fino filme de suor que cobria o rosto de Crista enquanto alcançavam o Taurus, último modelo, que Johnny dirigia.

Desbloqueou a porta para ela com um floreio.

—Abaixe a janela. —aconselhou— O ar condicionado quebrou na semana passada, e ainda não tive a oportunidade de consertá-lo.

Ela abaixou a janela antes de fechar a porta e pôr o cinto de segurança em seu lugar.

Ainda nada de Dawg.

Estava cansada de esperar por Dawg. O perigo de que falava continuamente não podia ser muito grande, ou não a teria deixado sozinha durante horas na loja de madeiras.

Estava realmente voltando a pensar em todo esse perigo e no assunto da chantagem. Estava começando a perguntar-se se o perigo estava mais na mente de Dawg que em sua vida, e que só era um meio de colocá-la em sua cama. Depois de tudo, tinham detido esses homens no armazém. E quem quer que tenha fugido com o dinheiro provavelmente o estava gastando justo neste momento nas Bahamas ou por aí.

E por que não tinha pensado nisso antes? Perguntou-se, quando Johnny se moveu no assento do motorista e arrancou o carro.

—Onde esteve na outra noite? —Perguntou ele, fazendo-a perder o fio de seus pensamentos— Estive na loja até tarde, e ainda não estava em casa.

O olhou, surpreendida de que tivesse notado.

—Estive, ah, com Dawg.

E Dawg, a fazia paranóica, porque de repente se sentia nervosa, insegura. Por que se preocuparia Johnny sobre onde estava? Por que iria perceber que não estava em casa?

Johnny olhou para frente e enquanto arrancava o carro, afastando um cacho do rosto.

—Com Dawg, não foi? —perguntou curiosamente.

Tecnicamente. Um momento.

—Sim. —respondeu com cuidado.

Johnny curvou os lábios em um sorriso enquanto a olhava e pôs o carro em marcha. Saindo do estacionamento, virou na interestadual que dirigia à rua Maior e a Somerset antes de lhe dirigir outro olhar.

—Tome cuidado Crista. —Por último suspirou— Sabe, Dawg a chamou por uma razão, correto?

A gentileza em sua voz a fez encolerizar-se. Podia sentir o julgamento em seu tom e não gostou. Já não era uma menina e tinha agüentado suficientes sermões oito anos antes. Não necessitava mais.

—Porque é teimoso? —devolveu-lhe docemente— Vamos, Johnny, já sou uma garota grande. Posso lidar com Dawg.

Ouviu golpear o relâmpago das grandes mentiras como esta. Elevou o olhar ao céu azul. Nenhuma nuvem à vista, graças a Deus.

Johnny só riu entre dentes.

—Realmente, trouxe o resto da equipe, ou ele foi sozinho?

Quase o olhou boquiaberta.

—Essa é uma pergunta grosseira, Johnny. —E a pôs mais nervosa, mais insegura, e inclusive mais consciente da inimizade que existia entre Johnny e Dawg. Sair com Johnny não tinha sido uma boa idéia.

—E inteiramente apropriada. —Johnny pôs os olhos em branco— Querida, apesar da determinação de Kelly de permanecer fora, é mais que óbvio que esses três a estiveram trabalhando durante anos. Reservaram-na para Rowdy, e ele a compartilhará finalmente. É uma pequena técnica delicada de sedução que utilizam. A delicadeza da sedução determina quão sérios são a respeito da presa.

—Oh Senhor, os faz parecer como lobos.

—Lobos, muito educados estou certo. —Johnny riu— E não respondeu a minha pergunta.

—Dawg viajou sozinho nessa noite. —lhe assegurou— De outro modo, eu não teria estado com ele.

Era isso uma nuvem em cima dela? Um retumbar de trovão possivelmente?

Bem, nenhum trovão. Mas havia duas Harleys atrás deles, o suave retumbar de seus motores recordou Alex.

—Interessante. —murmurou Johnny enquanto acendia a luz de alerta e virava para dirigir-se ao caminho menor que ia ao velho centro da cidade.

—Só interessante? —Sufocou um bocejo, desejando que se apressasse.

—Dawg nunca me pareceu um homem possessivo. —Johnny encolheu os ombros— Mas como disse, é geralmente uma técnica de sedução. Ele tem numerosos jogos

interessantes nos quais participou com o passar dos anos. Provoca abundantes fofocas familiares.

De repente, estar aqui não estava bem. Era óbvio que apesar de sua conexão familiar com Johnny, Dawg gostava ainda menos do que Dawg declarava que gostava dele. Tampouco se figurava ela que a inimizade de toda a família fosse coisa de sua conta, mas agora mesmo, pagava por ser um pouco cautelosa com Dawg.

—E definitivamente estamos com problemas. —declarou de repente Johnny, mal humoradamente, os lábios fazendo um bico enquanto dava uma olhada pelo espelho retrovisor.

Crista se retorceu no assento, os olhos de par em par, logo se deixou cair pesadamente para frente outra vez e cruzou os braços sobre os seios.

Dawg e Natches foram atrás do carro como guerreiros motorizados vestidos de jeans. Suas expressões eram de pedra e o sorriso que Dawg lhe tinha dirigido era tudo exceto amistoso. Recordou a um tubarão.

—Me deixe em frente do restaurante, Johnny. —Suspirou— Estarei bem ali.

—Está segura? —Um delicado cenho se formou entre as sobrancelhas— Me sinto um pouco estranho a deixando ali com ele assim. Dawg nem sempre é previsível.

Ela bufou. Isso era uma subestimação se já houvesse ouvido uma.

—Posso lidar com Dawg. —Esperava.

Esperou enquanto Johnny freava vários minutos mais tarde e parava o carro. Não lhe deu tempo de dizer nada. Saiu rapidamente do carro, fechou a porta, e deu as costas a todos eles. Moveu-se pelo estreito beco que levava ao solar traseiro.

Dawg estava justo detrás dela, e também Natches. Abrindo a bolsa, tirou as chaves, negando-se a olhar ao redor. Ele não tinha direito de intimidá-la. E se lhe permitia seguir fazendo-o, então nunca pararia.

Quando alcançou seu carro e o desbloqueou, voltou-se para eles, levantando as sobrancelhas aos dois homens que a olhavam com expressões igualmente violentas das motos que pararam atrás do pequeno Rodeio vermelho.

Déjà vu. Perguntou-se se acabaria por sair com seu carro esta vez.

Os motores foram desligados, deixando o estacionamento extranhamente silencioso, como se inclusive a mesma brisa se perguntasse que fariam eles agora.

—Vejo que estive se divertindo. —Dirigiu um olhar às motos.

—Suba.—Dawg assinalou com um gesto da cabeça o flanco, indicando a parte de trás da moto.

—Não acredito. —disse ela irada— Retornarei para casa, empacotarei o resto de minhas coisas e me encontrarei com você no navio mais tarde. Por que você e Natches não vão libertar o mau gênio em algum lugar? Não estou de humor para tratar com isso.

Dawg balançou a perna sobre o assento da moto enquanto se levantava vestido com jeans desbotados e uma camisa branca de manga curta, parecia o último menino mau. Um saqueador, um guerreiro de hoje em dia.

A vista do cabelo negro revoando com a brisa e os olhos verde claro que brilhavam no moreno rosto fez com que uma rajada de úmido calor se derramasse por sua vagina.

Como se não tivesse estado bastante molhada para começar.

—Dawg. —Suspirou— Não comece a tratar de me intimidar, ok? Sabemos condenadamente bem que ninguém exceto você e quem quer que tenha deixado essa nota sabiam que estive ali ontem à noite. Está tentando me controlar, e um bom chantagista golpeia o principal objetivo; não chantageia pelo ar que uma pessoa respira. Certo?

Os olhos se estreitaram.

—Esteve pensando nisso, verdade, coisinha-linda?

—Deixa de me chamar assim. —Odiava o apelido que lhe tinha dado quando era adolescente. Tinha-lhe causado um sem fim de incômodos durante anos— Agora, pode me seguir até em casa e me ajudar a terminar de empacotar, ou pode voltar de onde veio. É sua escolha.

Sentou-se no assento de motorista, fechou a porta, e colocou a chave na partida. Deu-lhe uma volta rápida, e nada aconteceu. O starter fez clique ocamente, mas o motor não arrancou. Franzindo o cenho, soltou-o, logo a virou outra vez.

Antes que pudesse completar o movimento, a porta se abriu de um puxão e ela mal teve tempo de ofegar antes que Dawg a tirasse do carro, sua expressão feroz enquanto a punha de pé e se afastava correndo do veículo.

—Que demônios, está fazendo? —puxou o braço fechado com força ao redor de sua cintura e olhou fixamente seu Rodeio. Estava ali, a porta aberta, deserto, enquanto Dawg a empurrava para a moto e para longe do veículo.

—Dawg. Estou cansada. Estou poeirenta. E preciso do resto de minha roupa. Se não tiver, realmente, uma boa razão...

Uma forte e violenta detonação a fez olhar outra vez ao Rodeio. Um Rodeio cuja pequena capota vermelha foi lançada ao ar como um Frisbee. A parte da frente do veículo de repente estalou em chamas.

Muitas chamas. Tão rapidamente e tão quente que em um segundo o interior foi uma labareda vermelha e furiosa enquanto ela ficava transtornada, tentando compreender exatamente o que tinha acontecido.

A capota aterrissou no outro lado do estacionamento, mal registrando o choque de metal contra o asfalto enquanto olhava Dawg e Natches lançando-se para o veículo, com os extintores que levavam nas alforjas de suas motos, nas mãos.

Os clientes saíram correndo pela porta traseira. O cozinheiro arrastou para fora um extintor maior, e alguém gritou que o corpo de bombeiros estava a caminho. E tudo o que Crista podia fazer era olhar fixamente o assento do motorista, envolto em chamas, e sentir o gelo movendo-se por seu corpo.

Parecia que Dawg tinha tido razão depois de tudo.

Capítulo 11

—Espero que os três tenham malditas boas explicações, porque agora mesmo não estou contente com vocês.

O xerife Ezekiel Mayes, Zeke para os amigos, não se incomodou em dar uma olhada a Crista ou a Kelly Salyers, que tinha chegado à cafeteria com seu noivo meia hora depois da explosão inicial. Em troca enfocou seus olhos marrom claro nos três primos, um duro cenho franzido marcando seu rosto.

—Não me olhe, Zeke. —Disse Rowdy negando com a cabeça, o curto cabelo negro reluzia sob as brilhantes luzes por cima de sua cabeça— Só vim para me assegurar de que ainda estavam vivos. —Assentiu com a cabeça para seus primos, com um sorriso amistoso nos lábios, entretanto seu olhar era frio e alerta.

Os três primos se sentaram na grande mesa redonda na parte de trás do restaurante. Kelly se colocou entre Rowdy e Natches, e Crista entre Dawg e Natches. A cena não podia ter sido mais incriminatória, considerando as reputações dos primos Mackay.

—Zeke, segue esquecendo que eles cresceram. —Kelly se inclinou para frente, descansando o queixo em sua mão enquanto apoiava o cotovelo na mesa e sorriu ao xerife com um sorriso encantador

—E você estava acostumada a ser uma coisinha tão doce e honesta. —O xerife se gabou em desaprovação— Mentindo por estes meninos só se conseguem problemas, Kelly. Recordar?

Kelly fez uma careta.

—Eles o apanharam.

Obviamente estava falando do perseguidor que quase mata a ela e aos três primos no verão passado.

—Eu poderia tê-lo apanhado mais rápido se estes três ordinários houvessem me dito que demônios estavam fazendo. —grunhiu ele, olhando os ordinários em questão— Vou conseguir melhores respostas desta vez? —Seu olhar finalmente se transferiu para Crista— Alex me pediu que eu a vigiasse antes de partir, Crista. Vai me ajudar?

Ela tentou sorrir, mas seu rosto parecia congelado.

—Zeke, se soubesse de alguma coisa, juro que diria. Não sei o que aconteceu.

Zeke grunhiu.

—Tem dispositivos de detonação caseiros no carro que criaram suficiente calor para queimar a carne de seus ossos, e não sabe por que?

O estômago de Crista se revolveu ameaçadoramente.

—Infernos, Zeke, faça isso um pouco mais fácil. —soltou Dawg— Ela não sabe que, demônios, está acontecendo, e nós tampouco. Ouvi o clique de ligar e a tirei de um puxão do carro a tempo. Foi assim simples. Tenho um pouco de experiência com estas coisas, sabe.

O olhar de Zeke se atrasou muito tempo em Dawg antes de voltar para Crista.

—Vou ter que começar a advertir às mulheres por aqui que não se misturem com estes rapazes. Os problemas parecem segui-los hoje em dia. —Agarrou a cadeira que sobrava, sentando-se escarranchado com um fácil movimento e inclinou seus antebraços escuramente bronzeados na mesa enquanto voltava o olhar para Crista—Por que alguém quer matá-la, Crista Ann?

A cor abandonou seu rosto quando de repente o braço de Dawg rodeou seus ombros, a cadeira dele se aproximou da sua.

—Por amor de Deus, Zeke. —grunhiu ele— Tenha um pouco de compaixão.

Zeke não lhe tirou os olhos de cima.

—Crista, é uma garota inteligente. —disse em voz baixa— Alex a criou para que pensasse por si mesma. Deixe-me ajudá-la.

Ela sacudiu sua cabeça. Já tinha ignorado Dawg uma vez ao abandonar a loja e sair sozinha. Quase tinha morrido por isso. Agora estava muito atordoada, muito assustada, para considerar ignorá-lo outra vez.

—Não sei por que. —Sentiu os lábios intumescidos, o corpo frio.

—Algum estranho a seguiu? —O olhar de Zeke se aguçou quando a mão de Dawg apertou seu ombro para adverti-la.

Ela podia sentir seu calidez rodeando-a, mas não tocava o coração de gelo que pareceu solidificar-se dentro de seu peito.

Negou com a cabeça. Mentindo. Estava mentindo descaradamente por seus amigos agora, encobrindo algo que Zeke deveria saber.

—Se não acontecer nada, então por que Alex me telefonou semana passada e me pediu que a vigiasse? —perguntou-lhe então— Ele disse que tinha mencionado algumas coisas estranhas, Crista. —Sua voz era amável, mas firme. Ele sabia que ela mentia.

—Não estou acostumada a viver sozinha. —sussurrou. Estava um pouco nervosa quando falei com ele. A casa às vezes faz ruídos estranhos.

E o fazia. Às vezes, ela poderia ter jurado que alguém se movia pela casa de noite, entretanto nunca foi capaz de encontrar alguma prova disso. Não era uma mentira, mas parecia, porque não estava dizendo a Zeke toda a verdade.

Então ele suspirou.

—Alguém da Virginia que pense que poderia querer te fazer mal? O que tem aquele menino com o que disse Alex que vivia? Mark?

—Mark Lessing. —De repente a tensão ao redor da mesa era o bastante espessa para cortá-la com uma faca. Dawg se esticou de maneira sutil, seu corpo parecia mudar com perigosa força.

Ela o olhou confusa, vendo o brilho de uma chama interior em seus olhos, que de repente, fez seu sangue correr pelo corpo com uma força vertiginosa. Engoliu fortemente antes de forçar seu olhar de volta para Zeke.

—Mark não me faria mal. Não tem nenhuma razão para querer me fazer mal.

—Assim sua relação com ele terminou amigavelmente? —perguntou Zeke com curiosidade - Isto é um pouco estranho. As relações não terminam sem zanga por alguma das partes.

—Nada terminou. —Ela encolheu os ombros— Vim para casa. Mark esteve de acordo de que era o momento. Fim da história.

Zeke Deu uma olhada a Dawg.

—Acredita?

—A que está perguntando, Zeke? —Dawg lhe perguntou então.

Zeke piscou com um olhar estudado de macho zombador.

—Só trato de entender as regras do jogo, Dawg. Me deixe na escuridão, e isto é o que tendo a fazer.

—Ele não está perguntando nada. —Crista apertou os punhos em seu colo enquanto lutava para controlar o tremor de seus membros— Não aconteceu nada. Mark não me faria mal, e que eu saiba, tampouco a ninguém. Não sei o que aconteceu ali ou por que alguém quer me fazer mal.

E era uma péssima mentirosa.

Zeke suspirou cansadamente enquanto se inclinava para trás em sua cadeira e contemplou a todos com cinismo.

—Quando achar que pode me contar a verdade, Crista, já sabe como me contatar. —disse ele finalmente, logo voltou a olhar para Dawg— Sabe o que Alex fará se fazem mal a ela, verdade? Aterrissará sobre os três como um rolo compressor. Não será bonito.

—Vamos, Zeke, as ameaças não funcionam. —Dawg se levantou de seu assento antes de agarrar o braço de Crista e levá-la com ele— Se tiver alguma pergunta mais, ela estará no navio comigo ou trabalhando em meu escritório.

O olhar fixo de Zeke se moveu rapidamente para o aperto que Dawg tinha sobre ela antes que seus olhos voltassem a levantar para Crista.

—Se não tem problemas, então por que não fica em sua casa?

—Porque ontem ela se mudou para minha casa. —respondeu Dawg com frieza— Dirigíamos a sua casa para embalar suas coisas quando isto aconteceu.

De repente Crista foi consciente dos outros clientes que enchiam o restaurante, seus curiosos olhares os seguiam, embora a mesa tivesse sido movida o bastante longe para dar ao xerife a intimidade que necessitava para interrogá-los.

E aqueles curiosos clientes não puderam evitar ouvir o pequeno anúncio de Dawg.

—Bem, sei onde encontrá-la então, é tudo o que importa. —Zeke se levantou brandamente, seu magro e musculoso corpo se dobrou frustrado quando deu uma olhada ao redor da mesa outra vez — Natches, Rowdy, a próxima vez que tenha provas de que têm ops a minhas costas, vou deter a todos. Estou justamente advertindo-os agora.

Ops. Operações. Crista sabia que era a palavra que tinha ouvido Alex usar bastante freqüentemente.

—Economize isso Zeke. —Natches seguiu Rowdy e Kelly quando se levantaram de seus assentos— Não estamos atuando a suas costas. E se assim fosse saberíamos como cobrir nossos traseiros.

Zeke soprou exasperado.

—Infelizmente é muito certo. —ficou de pé também, seu olhar se voltou para Crista— Já falou com Alex?

Ela negou com a cabeça.

—Está fora do país.

Zeke assentiu.

—Telefonei para seu comandante, e me disse o mesmo. Alguma idéia de quando volta?

—Quando retornar.

As perguntas de Zeke começavam a irritar seus nervos, sobretudo quando era mais que óbvio que ele sabia as respostas antes de fazer as perguntas.

Zeke assentiu outra vez, seu olhar inspecionando os cinco antes que aterrissasse em Kelly uma vez mais.

—Deixa que a metam em problemas outra vez, Kel? Não é boa idéia.

Nisto, a risada de Kelly sussurrou ao redor da mesa.

—Zeke, eles são o problema, lembra? Mas neste caso, prometo isso, sou inocente como um bebê.

Seus lábios se arquearam, e um ponto de diversão encheu seu olhar.

—É obvio que é, Kel. —Ele riu entre dentes— E é mais que óbvio que seu noivo é uma maldita má influência. Não é que eu esperasse algo diferente. Você, minha menina, é uma pequena muito fácil de enrolar por seu malicioso sorriso.

—Com cuidado, Zeke. —Embora sua voz fosse divertida, havia um fio de aço na voz de Rowdy— Temos que levar Crista ao porto esportivo e deixar que Dawg consiga assentá-la. Seus nervos estão em pé e os nossos também. Como disse, sabe onde encontrá-la se tiver mais perguntas.

Crista deixou Dawg conduzi-la da cafeteria então, consciente de que o xerife os olhou partir, com uma sombra de suspeita em seu olhar. Não é que ele não tivesse uma maldita boa razão para suspeitar. Conhecia Zeke, e sabia, pelas conversas que ela teve com seu irmão no passado, quão seriamente que tomava seu trabalho e a proteção do condado. E a suspeita significava um desafio para Zeke. Ele não ia deixá-la ir.

—Só espera. —A voz de Dawg era um sussurro de som quando ele a tirou da cafeteria— Estamos bastante afastados. —virou-se para Rowdy—Trouxe a caminhonete?

—Papai trouxe a sua. —respondeu Rowdy em voz baixa enquanto iam para o estacionamento— Nos espera para devolver sua Harley ao porto esportivo. Seguro como o inferno que não queremos deixá-la aqui.

Crista envolveu seus braços ao redor de si, enquanto Dawg a levava a grande caminhonete negra em que tinha montado no dia anterior.

Sua vida havia se esfumado definitivamente além de Mercúrio retrógrado. Os carros-bomba eram catástrofes gigantes, não o destino fodendo-a.

—Nos encontraremos em sua casa. —disse Rowdy enquanto eles se aproximavam da caminhonete e Ray Mackay abria a porta e saía dela.

A caminhonete canela de Rowdy estava a um lado, e as motos de Dawg e Natches no outro. Ray levantou o rifle que levava no assento, descarregou-o, e tranqüilamente estendendo-o para pendurá-lo na prateleira de arma que se estendia através da janela traseira.

—Alguns curiosos e o pequeno imbecil raivoso de Johnny. —grunhiu enquanto eles se aproximavam dele— Pequeno bastardo. Seu pai se revolveria na tumba se soubesse no que se converteu o menino

Crista contemplou Ray com surpresa.

—Johnny Grace?

—Grace meu traseiro. —resmungou ele. —Aquela puta que o gerou deve ter conseguido outro como doador de espermatozoides no lugar de Ralph. Ralph era um bom homem. Não há nada dele nesse menino.

—Se acalme papai. —A voz de Rowdy era claramente de advertência— Johnny provavelmente só quis saber de Crista. São vizinhos. Mais ou menos.

Os olhos do Ray a atravessaram então.

—Não me diga que é amiga dessa pequena imundície?

—Johnny é sempre muito amável comigo, senhor Mackay —disse ela, desejando não soar tão débil, tão cansada— Ele não teria significado nenhum dano.

Era consciente dos olhares incrédulos agora centrados nela. Elevou o queixo. Não apoiava suas opiniões ou suas amizades nas opiniões dos outros, e não ia começar agora.

—Bem. Pela razão que seja não gosta de Johnny, e pelo que ele disse antes, não se apreciam muito. Não é da minha conta, e não tem nada a ver comigo. —E estava muito cansada agora mesmo para entender algo disto.

Ela respeitava Ray Mackay, confiava nele. O fato de que seu próprio sobrinho o desgostasse intensamente significava alguma coisa. Mas até que Crista entendesse por que, não ia desgostar dele automaticamente. Seria definitivamente cautelosa, mas reservaria o julgamento.

Ray virou seu olhar dela para Dawg quando ele esfregou o rosto com a mão em desassossego antes que parecesse que ele e Dawg compartilhavam um pouco de comunicação privada. Crista odiava as comunicações privadas entre homens. Ela não era uma leitora de pensamentos masculinos, assim não considerava jogar limpo em sua presença.

—Cuidarei dela Ray. —murmurou Dawg finalmente.

—Sabe, você pode me irritar com muita rapidez. —disse a eles, muito chateada— Se tanto quer cuidar de mim, me dê minhas roupas, e logo me deixe sozinha para tomar uma ducha e dormir.

—Pararemos no caminho do porto esportivo e compraremos algumas coisas. —disse Dawg com firmeza, provocando que ela ficasse gelada e voltasse a olhar para ele incrédula.

—Disse que podíamos pegar coisas de minha casa. Maldito seja Dawg, não posso sair e comprar mais roupas.

—E isso foi antes que alguém decidisse convertê-la em um pedaço de carvão. —soltou em resposta— Nem sequer vou tentar ir a essa casa com você. Vou inspecioná-la sozinho pela manhã e trarei suas coisas. Até então, vamos parar no caminho para casa e comprar algumas coisas extras.

Ela era consciente dos olhares interessados sobre eles. Os homens estavam observando com expressões que variavam de diversão a cautela, e Kelly, no lado de Dawg, negava com a cabeça em resposta, advertindo a Crista.

Podia ignorar os homens, mas havia algo nos olhos de Kelly que advertiu a Crista que não era o momento de pressionar Dawg. E isso cheirava mal. Porque queria suas roupas; não queria gastar as poucas economias que tinha em roupas que não precisava.

—Utilizarei a maldita máquina de lavar roupa esta noite. —replicou por fim. Não ia terminar lhe devendo mais que do que já parecia que ia dever.

—Só entra na caminhonete. —Não esperou que ela seguisse a ordem severamente formulada. Dawg a agarrou pela cintura e a levantou antes de entrar atropeladamente ao seu lado e obrigá-la a subir sobre o console para o assento do passageiro.

Quando olhou para frente e contemplou através do pára-brisa, deparou-se com seu pobre e queimado Rodeio. Gostava desse pequeno utilitário.

O motor ligou. Quando o fez, Crista deu uma olhada para ver as mãos de Dawg postas ao redor do volante com os nódulos brancos pelo furioso agarre.

—Partiu daqui com Lessing? —Sua voz era fria, furiosa.

—Sim. —Manteve a voz baixa, manteve a calma.

Mark e Ty tinham vindo da Virginia essa semana oito anos atrás para informar a Alex, seu antigo comandante das Forças Especiais, por que foram licenciados do Exército. Ela se foi com eles quando voltaram para casa. Supunha-se que era uma coisa temporária. Em troca, tornaram-se amigos, de algum jeito família, e não se mudou até que voltou para casa o ano passado.

—Abandonou-me por outro homem?

Ela permaneceu em silêncio, apesar do tremor na boca de seu estômago. Podia mentir ao xerife, mas não a Dawg, não sobre isto. As palavras a engasgariam até a morte.

—Crista, que Deus me ajude, se não me responder agora. —Sua voz era um som seco e rouco que a fez estremecer imperceptivelmente.

—Não o deixei por outro homem. —disse por fim, respondendo sem alterar a voz.

Tinha-o deixado por outros dois homens, os homens com os quais ele estava decidido a compartilhá-la. Logo abandonou a cidade porque não podia suportar a dor vazia que ardia nela meses mais tarde.

—Mas foi com outro homem? —Sua voz era mais dura, se era possível.

—Abandonei Somerset com Mark. Mudei-me com Mark. Vivi com ele durante sete anos. É isso o que quer saber?

Virou a cabeça para ela, com os olhos cintilando com ardente luxúria masculina e aborrecimento.

—Não. O que quero saber é, deitou-se com o filho da puta?

Tomou um lento e profundo fôlego.

—Dormi com ele freqüentemente.

Três horas depois, Dawg arrastou Crista para dentro da tenuemente iluminada casa flutuante onde Natches os esperava em silêncio, fechou a porta de repente, e passou a chave, antes de atirar a bolsa de plástico das compras, cheia de roupa, no sofá.

Os dedos firmemente segurando o pulso dela, onde tinha aprendido rapidamente a mantê-los enquanto a forçava através da loja e escolhia as roupas ele mesmo.

Havia algumas calcinhas ali que deixavam seu pênis pulsando ante o pensamento de tirá-las do corpo. Pequenos sutiãs de renda, pijamas curtíssimos, alguns jeans de cintura baixa e camisetas curtas que garantiam fazer seu sangue ferver se surpreendesse outro homem contemplando-a.

Quando a soltou, Natches estirou o corpo das profundas sombras no canto da sala, levantando da poltrona reclinável e observando-os com expectativa.

—O que ele está fazendo aqui? —Deu a Natches um olhar zangado.

Ela estava zangada, e ele ainda estava tão condenadamente furioso que estava a ponto de explodir.

—Ele, —disse Natches arrastando as palavras— está sendo um Bom Samaritano. Trouxe o resto das suas sedentas plantas. —Assinalou os recentemente regados vegetais colocados na mesa da cozinha— E suas coisas pessoais. —Sorriu orgulhoso de si mesmo— Sei que Dawg comprou roupas novas, assim não me incomodei com isso.

Dawg observou Crista cuidadosamente. Pôde ver o aborrecimento impregnando em sua expressão, o leve rubor que tingiu seu rosto, e o brilho de seus olhos.

—É obvio que não se incomodou. —resmungou entre dentes. Ao menos Dawg não era o único em apertar os dentes.— Não desejaria estragar a diversão de Dawg?

—Caramba sim. —Natches respirou aliviado, como se ela entendesse um complicado dilema— Somos muito cuidadosos em não estragar a diversão de Dawg. Pode ser sangrento.

Enquanto Crista rebolava por lá, Dawg agachou a cabeça, escondendo um sorriso que repuxou involuntariamente seus lábios. Natches podia se fazer de tolo melhor que ninguém que Dawg conhecesse. Podia ser malicioso, zombador, quase inocente. Enquanto as pessoas não cometessem o engano de olhar dentro das frias profundidades de seus gelados olhos verdes.

Quando Dawg olhou para baixo, teve uma generosa vista dos arredondados seios subindo e descendo sob a camiseta e os punhos apertados em ambos os lados.

—Tem roupa. —Sacudiu a cabeça por volta das bolsas— Agora pode tomar uma ducha e se trocar. Pedirei algo para comer.

—Coloque isso onde caiba em você. —soltou-lhe.

—Não me tente, doçura. —A tensão quase o partia em dois, estava condenadamente na beira, tão excitado e de saco cheio que não sabia se podia confiar em si mesmo para manter as mãos afastadas dela ou não.— Porque colocá-lo é algo que podia fazer tranquilamente agora mesmo.

Observou como os olhos dela se abriram de par em par, transtornados e surpreendidos antes que o brilho de fúria aumentasse.

—Não me intimida, Dawg. —replicou ela.

E ela parecia falar a sério.

Dawg sorriu. Uma lenta e acalmada curvatura de seus lábios enquanto deixou que as mãos se movessem ao cinturão, afrouxando a presilha e puxando a fivela. Os olhos dela se abriram por completo. Abriu os lábios. Dawg observou como deu uma olhada em Natches antes de agarrar as bolsas e fugir como um coelho que acabasse de ver o lobo feroz.

Natches ria entre dentes enquanto ela corria escada acima, sem parar para olhar para trás.

—Cara, ela deveria ter tido uma pista com o sorriso. —soltou Natches quando se virou, com o olhar de suficiência enquanto Dawg prendia o cinturão.

A diversão permanecia na expressão de Natches, mas havia pesar rondando em seus olhos.

Dawg sabia de onde provinha o pesar. Não compartilharia esta relação entre Crista e Dawg. Tão apaixonada, tão problemática e irritante como se desenvolveria, ele permaneceria fora olhando. E isso era uma difícil posição.

Dawg sacudiu a cabeça.

—O que viu depois de saímos?

Natches passou os dedos através do macio e negro cabelo comprido até os ombros enquanto uma careta crispava seus traços grosseiramente esculpidos.

—Vi Johnny. Observava você e Crista como uma malvada e pequena serpente da esquina enquanto saía. Podia ver seu cérebro calculando as maneiras de utilizar isto. O pequeno imbecil. Além disso, tudo o que vi foram os clientes do café. Não tinha desconhecidos.

Nem desconhecidos. Nem estranhos.

—Onde podem estar escondidos? —perguntou-se Dawg com curiosidade, mentalmente riscando a área na cabeça.

—Muitos lugares. —Natches se encolheu de ombros, refletindo seus próprios pensamentos— Entretanto, o xerife Mayes está levando o Rodeio ao depósito municipal. Investiga o crime.

Dawg fez uma careta.

—Ah, sim. —seu primo soltou o fôlego bruscamente— Também acho o mesmo.

Dawg apertou os lábios enquanto se dirigia a passos largos à geladeira e tirou duas garrafas de cerveja. Depois de estender uma a Natches, desenroscou a tampa da sua e tomou um comprido e fortalecedor gole.

—Isto está se tornando um fodido filme. —espetou— Como demônios engenharam para envolvê-la nisto?

Natches desenroscou a tampa da cerveja enquanto negava com a cabeça e caminhava para as portas trilhos de vidro.

—Isso não é tudo o que descobri. —Natches virou para ele lentamente, o olhar pensativo, entrecerrado— Quando Crista se foi daqui há oito anos, não só foi com Mark Lessing. Seguindo-os estava Tyrell Grayson. Ambos os homens uma vez formaram parte da equipe de operações especiais de Alex, entretanto foram licenciados mais ou menos um mês antes por razões médicas. Todos se mudaram ao apartamento de Lessing à sua chegada, e ela viveu com eles todo o tempo que esteve ali. O rumor era que ambos os homens eram seus amantes.

Capítulo 12

Dawg ficou rígido ante essa informação. Lembrava de Tyrell Grayson, embora nunca tivesse conhecido Mark Lessing. Tyrell era o médico na reduzida equipe das Forças Especiais onde Alex combateu uma vez. Muito musculoso, loiro e encantador como o demônio, também.

—Ela teve dois amantes. —disse em voz baixa.

—Esse é o rumor. —Natches encolheu os ombros— Telefonei para um amigo meu que vive em Virginia Beach, não muito longe de onde vivia com os dois homens. Ontem bisbilhotou um pouco. Lessing tem dinheiro, e seu posto na assinatura de advogados de seu pai obviamente está bem pago. Diz-se que o apartamento de cobertura que ainda possui é muito agradável. Com muitas janelas, espaçoso e com vista à praia. Lessing e Grayson ainda compartilham o apartamento, mas alguns vizinhos dizem que ela quebrou o coração dos dois quando se foi. Meu contato não acha. Falou com Lessing, fazendo-se passar por um potencial empregador que tinha escutado referências de Crista e sua falta de trabalho. Ambos os homens cantaram louvores e pareciam bastante animados com a mudança.

Ela teve dois amantes. Dois homens. Ex Forças Especiais. Homens duros. E ainda assim fugia dele e do temor de que desejasse compartilhá-la com seus primos?

Não tinha sentido.

—Algum rumor sobre drogas ou atividades ilegais? —perguntou Dawg.

—Limpa como uma criança. —disse Natches negando com a cabeça.

—Mas poderia ter feito bons contatos para saber sobre os mísseis e os possíveis movimentos, assim como da necessidade de vendê-los. —Dawg não queria acreditar nisso. Podia sentir todo seu interior rechaçando a idéia de que Crista pudesse ter a menor possibilidade de estar envolvida nisso.

—Os relatórios iniciais dizem que não. —Natches encolheu os ombros— Lessing e Grayson não estão associados com militares ou antigos amigos. Mas meu contato está investigando.

Dawg apertou a mandíbula com ira.

—Olhe o que mais pode averiguar. —ordenou com severidade— E enquanto o faz, averigua para começar por que abandonou a cidade. Por alguma razão, duvido que tenha nada a ver estar evitando ter uma relação comigo.

Por que deveria? Não a tinha preocupado mudar-se com dois homens. Por que então fugir dele?

—E o que há do artefato explosivo em seu Rodeio, Dawg? —disse então Natches— Temos os compradores e os vendedores, e nenhum mencionou seu nome. Quem a ataca e porquê?

Dawg negou com a cabeça. Essa pergunta ainda estava carcomendo o cérebro.

—Quem se foi com o dinheiro preparou para ela uma armadilha igual aos compradores e aos vendedores dos mísseis. Quem quer que seja a mulher, sabia que nós estaríamos ali. Sabia como atrair Crista. Por que queria matá-la agora? Obviamente ela está preparando uma armadilha para Crista. Por que esperar até agora para desfazer-se dela?

—E estamos seguros de ter a todos os implicados? —perguntou Natches— Os compradores podem ter um homem fora. É o que eu teria feito.

—Por que tratar de matá-la sem tentar encontrar primeiro o dinheiro? —perguntou Dawg— Melhor ainda, por que matá-la até não obter o dinheiro?

Natches olhou fixamente para Dawg em silêncio, sua expressão tranqüila, relaxada.

—Observarei os fatos de Wet Dreams. —disse por fim em voz baixa, referindo-se a sua própria casa flutuante, o Nauti Wet Dreams— O Rodeio, acredito, não era mais que uma advertência. Se não, teria explodido no primeiro giro de chave. Alguém quer o dinheiro, e estão advertindo-a que não irão perdê-lo. Precisamos ir com Cranston, pô-lo à corrente. Mostramos sua foto aos implicados e vemos como reagem.

—Não confio tanto em Cranston. —resmungou Dawg.

—Você não confia tanto em ninguém, mas Cranston tem uma boa compreensão de como funcionam as coisas. Não diremos a ele que Crista estava no armazém. Explicaremos sobre o Rodeio, nossas suspeitas de que Crista se parece com a garota do dinheiro, e avançaremos dali.

—E se identificarem Crista? —perguntou Dawg perigosamente— Cranston poderia decidir ir a pelo que pode prender e esquecer o resto.

Natches negou com a cabeça.

—É muito bom para isso, Dawg. Quererá utilizá-lo e nós podemos utilizar a equipe desta maneira. Ver como funciona. O que podemos perder? Somos seu álibi. Quem pode refutá-la?

Acima a ducha se desligou. Dawg virou a cabeça e deu um longo e duro olhar para as escadas.

—Fala com o Cranston. —disse— Veremos aonde nos leva.

Estava caminhando por uma maldita corda frouxa, e sabia. Se os detidos no armazém na outra noite identificassem Crista como a intermediária, então todas as suspeitas cairiam sobre ela.

—Cranston é muito inteligente para acreditar que isto é assim tão fácil. —assegurou Natches enquanto se dirigia por volta da porta— A primeira coisa que farei pela manhã será falar com ele. Mostrarei as fotos a nossos meninos das celas e verei o que consigo. Poderíamos ter sorte, e não a reconheçam.

Dawg grunhiu ante isso.

—Não aposte nisso.

Deixou que Natches saísse da casa flutuante e fechou a porta atrás dele antes de pôr os alarmes e dirigir-se para as escadas.

Crista estava lá em cima. Tomada banho, suave e cálida. E esperava que preparada para oferecer as respostas que necessitava. Porque o pensamento dela vivendo com um homem lhe corroía a alma. Com surpresa, o pensamento dela vivendo com dois homens, compartilhando uma relação que suas mulheres sempre tinham compartilhado com ele e seus primos, era como ácido para sua alma.

Porque Dawg não podia imaginar-se compartilhando-a, nem há oito anos nem, definitivamente, agora.

Dirigiu-se às escadas, subindo com lenta antecipação enquanto seu corpo se esticava com o pensamento dela usando as roupas que ele tinha comprado, as calcinhas de renda que tinha escolhido ou os curtos pijamas que se imaginou vendo que levava. A imagem o esticou com a mesma força que o inteirar-se de seus amantes.

Seus amantes.

Que Deus o ajudasse se isso era o que ela precisava agora. Uma vez, pensou que compartilhá-la com seus primos faria seu pênis pulsar de regozijo. Agora, tinha que reprimir o ciúme, combater para conter a indignação de que o abandonou não só por um homem se não por dois.

Se havia sido tomada por outros por que rechaçava considerar ser tomada por ele? Sempre tinha pensado que fugiu por culpa de sua reputação, por seu temor aos trios. Para averiguar que tinha fugido diretamente com outro, o que tinha a seu temperamento caminhando por uma magra e muito fina corda.

Quando entrou no quarto do nível superior, deteve-se abruptamente.

Estava sentada na cama, usando uma de suas grandes camisetas em vez dos novos pijamas, lentamente estendendo algum tipo de loção sobre as pernas, que se viam sedosas, arredondadas e malditamente tentadoras.

Por um momento, a lembrança cintilou em sua cabeça. Essas sedosas pernas estendidas, sua boca enterrada entre elas. Seus sentidos estalaram com a lembrança do sabor de sua sedosa e doce nata feminina e a quente, rica e acetinada carne. Pôde recordar estar tão bêbado por ela como estava pelo uísque, enquanto os dedos dela o puxavam pelo cabelo e sussurrava. Apertou os dentes. Ela era uma amante ruidosa. Rogando, mendigando e respirando-o.

Deixou de lado a loção, as mãos obstinadas à camiseta que lhe cobria o abdômen e com o olhar encurvado enquanto se levantava nervosa.

Oh, neném, vale a pena que esteja nervosa, pensou com uma mescla de luxúria e cólera. Porque havia tantas coisas selvagens e pecaminosas que tinha a intenção de fazer com esse quente corpinho.

—Tem um gosto péssimo para pijamas. —Finalmente o olhou— Não há suficiente material neles nem para cobrir um selo, me deixe sozinha.

Ele deu uma olhada sobre a cadeira onde jaziam alguns dos artigos. Os shorts e as regatas cobriam mais carne da que ele gostaria agora mesmo.

Entretanto, não era de pijamas do que queria discutir agora.

—Me diga uma coisa, Crista. —Ele começou a desabotoar a camisa— Quando tinha a intenção de me dizer que não só tinha tido um amante, mas também dois? Lessing e seu amigo Ty Grayson.

Crista piscou, seus olhos se estreitaram para ele enquanto os botões se soltavam de sua camisa e sua carne se estremecia com a necessidade de tocá-la.

Então, uma sobancelha se arqueou com mofa.

—Por que deveria te contar, Dawg? Não era de sua conta. E está o fato de que eles não eram meus amantes. Simplesmente vivi com eles.

—Dormiu com eles. —grunhiu ele— Se confessou culpada de dormir com Lessing.

Ela encolheu os ombros.

—Dormi com eles de vez em quando.

—Com ambos?

Ela cruzou os braços sobre seu peito.

—Ambos. —confirmou ela.

—Ao mesmo fodido tempo?

Seus lábios se tornaram uma fina linha e a irritação cintilava em seus olhos.

—Ao mesmo tempo.

Crista nunca se considerou o tipo de mulher que gostasse de caminhar ao fio do perigo, mas se confessou culpada disso nesse instante, já que era exatamente o que estava fazendo.

Ela tinha acreditado que se ele suspeitasse que tinha tido dois amantes o agradaria. Tinha esperado que ele a ameaçasse para dormir com Natches também. Em troca, parecia zangado.

—Você fugiu de mim, segundo suas próprias palavras, porque disse que queria a compartilhar com Rowdy e Natches, assim deixa minha cama e vai a de outros dois homens? —A incredulidade enchia sua voz, fazendo-o gritar enquanto ela voltava a observá-lo com surpresa.

—O que fiz depois de deixá-lo não é da sua conta. —Ela retrocedeu quando ele lançou sua camisa a um lado do quarto.

Via-se enfurecido. As sobrelanceiras escuras se estreitavam pesadamente sobre esses fulgurantes olhos verdes claro que pareciam brilhar em seu moreno rosto. Os lábios eram uma fina e dura linha, os ombros avultados em tensão.

Ele não era atemorizante; era sexy. Deveria ser amedrontador. Em troca, ela podia sentir uma sensação de esmagante erotismo e antecipação. Deveria estar enfurecida, ao menos tão zangada quanto ele. Mas via tanta emoção em seu rosto, tão diferente à zombadora diversão ou expressão cínica que ele normalmente mostrava.

Estava... ciumento.

Dawg, ciumento?

Ela sentiu que seus seios se faziam mais sensíveis, seus mamilos se tornavam impossivelmente mais duros contra o tecido da camiseta que usava, e isso não tinha sentido. Ele não tinha nenhuma razão para estar com ciúmes; ela não desejava que estivesse ciumento. Mas ele estava.

Dawg nunca tinha sentido ciúmes por outra mulher. Nunca foi possessivo. Aquela possessividade afetava a cada célula de seu hipersensível corpo e a fazia gritar por seu toque.

Seu clitóris inchou e as dobras que o rodeavam se esquentaram e umedeceram. Contemplou-o, hipnotizada, olhando como a mão dele ia para o amplo cinturão de couro que lhe rodeava a cintura, vendo o lento movimento de afrouxar o couro, o modo como ele o deixou pendurando para logo depois de um puxão e liberá-lo de seu jeans.

—O que faz? —As palavras saíram sem convite. Ele estava furioso com ela; podia vê-lo. Furioso, excitado e tão possessivo que ela podia ver as emoções ardendo em seus olhos.

—Esteve de acordo. —Seus lábios se curvaram, perdendo a dura e fina linha, só para ver-se mais cheios, quase inflamados, famintos.

A metamorfose era hipnotizadora. Ver como a raiva cedia sob a fome, a suspeita sob a possessividade, e a necessidade ultrapassar a tudo em sua expressão.

—Esteve de acordo. —repetiu quando ele, com a ponta do pé afastando a um lado suas botas— Dormir comigo. Foder comigo.

Ela estremeceu ante o som de sua voz, não por suas palavras. Era áspera, gutural, cheia de luxúria. E isso tocou uma corda dentro de sua própria sensualidade que fez com que seu útero se apertasse violentamente.

—Essa é minha camiseta. —grunhiu ele quando ela continuou olhando-o— Tire isso.

Crista negou lentamente com a cabeça, observando como ele se aproximava dela, como os músculos se contraíam sobre seu peito e ombros e ao longo de seu plano abdômen.

Abaixo, pressionando dura e tensamente contra seu jeans, sua desenfreada ereção exigia liberdade.

Ela sabia como era Dawg quando a fome o golpeava. Ela o havia visto ébrio e excitado, mas nunca sóbrio e faminto. Nunca assim. Poderoso, absorto, concentrado só na luxúria que ardia dentro dele. Que ardia dentro dela.

Inclusive antes, na única noite que tinha passado em sua cama, não tinha sido consciente do poderoso atrativo que poderia exalar. Bronzeado e duro, forte e dominante. A determinação que brilhava em seus olhos eram como cadeias, mantendo-a quieta, silenciosa, enquanto ele avançava para ela.

Jogou a cabeça para trás quando ele esteve a centímetros dela, seu olhar se cravou nele quando sua mão se elevou, e o polegar e o indicador beliscaram o tecido entre seus seios.

—Isto me atormentou por oito anos. —murmurou ele, sua voz um rouco e escuro veludo sobre seus sentidos— Sonhava com isto. Dolorido por isso até o ponto em que, algumas noites, não podia tocar em outra mulher, porque sofria por você até o ponto da dor.

Ele não podia ter sofrido mais que ela. Não podia ter conhecido a brutalidade de recordar um toque que a arruinou para qualquer outro.

—Mas ainda assim tomava. —sussurrou com voz rouca, tentando atravessar o grosso erotismo formando-se entre eles— Sozinho. E com seus primos.

—E você foi com outro homem. —Seus lábios deixaram ver seus dentes em um duro grunhido— Dois homens.

Ele se aproximou, pressionando-a contra a penteadeira atrás dela enquanto retinha a respiração pela selvagem luxúria que se elevava agora entre eles.

—Abraçaram-na? Gritou meu nome em sua cabeça cada vez que eles a tocavam, como o seu ressoava em minha mente?

—Não. —Não mostraria nenhuma debilidade. Tinha aprendido isso fazia tantos anos. Não mostrar nenhuma debilidade, nunca permitir que visse a fome ou a necessidade que a atravessava.

E ainda assim estava mostrando justamente isso.

As mãos de Crista se agarraram sobre a beirada da penteadeira atrás dela enquanto se afastava, sendo consciente de que não poderia lutar contra a fome se ele não deixasse de tocá-la.

E ele não se deteria. As mãos dele agarraram sua cintura, levantaram-na sobre a penteadeira, logo lentamente lhe separou os joelhos.

—Dawg. Dawg, não quer fazer isto. —Ela ofegava segura de não poder respirar. Ele roubava o oxigênio entre eles, fazendo-o denso e pesado pela luxúria.

—Que não quero fazer? Isso? —Ele subiu sua camisa pela cintura, puxando-a sobre seus seios, logo a obrigou a elevar os braços para liberá-la de seu corpo.

O ar fresco do ar condicionado caiu sobre seus mamilos, enviando uma miríade de sensações por sua coluna.

Quando jogou a camiseta a um lado não soltou seus braços. Estavam capturados por uma grande mão, que puxavam esses sobre sua cabeça, fazendo com que seus seios se elevassem enquanto ele a contemplava.

—Devia te amarrar à minha cama essa noite. —sussurrou ele com voz rouca—Teria mantido você comigo, em vez de deixar que escapasse.

Seu outro braço lhe rodeou a cintura quando se localizou entre suas coxas, obrigando-as a separar-se enquanto a atraía a ele. Um movimento duro, rápido, que sepultou seus mamilos contra o peito de Dawg.

A sensação perfurou cada extremo nervoso. Crista sentiu que suas costas se arqueavam, um estremecedor fôlego rasgou seus pulmões como se fogo e gelo queimassem seus mamilos, logo atravessou um desigual e extasiado caminho a seu útero e às famintas profundidades de sua vagina.

Antes que pudesse reunir o fôlego para protestar, antes que pudesse formar uma queixa, a cabeça de Dawg desceu, seus lábios lhe roubaram um beijo e pela primeira vez em oito anos, Crista reviveu esse primeiro e ardente beijo, esse primeiro e estremecedor conhecimento de que cada parte dela, coração e alma, pertenciam a Dawg.

Capítulo 13

Crista não foi consciente de quando ele soltou seus braços; só foi consciente de que imediatamente seus lábios abriram os seus, a aveludada textura e o intenso calor desapareceram.

Aferrou as mãos no cabelo dele, elevando-se mais perto, um profundo grito abandonou sua garganta quando os mamilos roçaram sobre seu peito, e o calor de sua ereção coberta pelos jeans pressionou contra a saturada carne de sua vulva.

—Você gosta disto, não, Crista? —moveu-se contra ela, passando o peito sobre as sensíveis pontas, observando seu rosto enquanto lutava por conter outro grito.

—Eu gosto. —admitiu, estremecendo violentamente quando as calosas mãos desceram esfregando por suas nuas costas— Sempre gostei de suas mãos, Dawg. Eu sempre gostei do seu toque.

Arqueou-se, a cabeça caindo para trás contra o espelho atrás dela enquanto suas mãos a elevavam mais perto, os lábios movendo-se em seu pescoço, a língua lambendo a carne antes que os dentes arranhassem sobre as sensíveis terminações nervosas.

—Sonhei com isto. —Sua respiração ficou entrecortada enquanto fechava lentamente os olhos.— Tanto tempo. Sonhei com isso.

E assim foi. Durante esses primeiros meses cheios de dor longe de Somerset, através da solidão dos anos que tinha passado longe de casa, tinha sonhado com ele e seu toque.

—Sonhou com isto, carinho? —Áspera, sua voz foi apenas um sopro antes do sedoso roçar de uma barba incipiente no rosto e mandíbula.

—Sonhei com isto. —Suas coxas se levantaram ao longo dos quadris dele, agarrando-o enquanto afastava os braços de seus ombros, movendo-se entre eles, procurando o zíper dos jeans, procurando a fera e grossa carne de debaixo.

Sua risada foi um débil fôlego de excitação e negação.

Apanhou-lhe os pulsos com as mãos, afastando-as do seu corpo.

—Desta vez, vou conseguir te saborear.

—Dawg. Não. —Ela negou com a cabeça, gemendo ante o pensamento do que sabia ele tinha previsto. Pelo que tinha feito essa primeira vez antes de tomá-la.

—Crista. Sim. —ele grunhiu.

Logo retrocedeu, levantando-a antes de virar-se e caminhar para a cama, lançando-a nela antes de seguir.

Não lhe deu tempo para protestar, pelo que ela sabia, ele desejava, por isso ela desejava. Suas mãos imediatamente lhe separaram as coxas, empurrando os joelhos para cima enquanto inclinava a cabeça para a úmida carne desesperada por seu toque.

—Oh Deus. Dawg. —Ela arqueou, gemeu, enquanto a língua lambia lentamente entre as saturadas dobras— Sim. Oh sim, preciso disto.

Necessitava-o. Ansiava-o.

Ele grunhiu contra as cheias curvas e lambeu, a língua movendo-se com rudeza aveludada ao redor do cheio clitóris enquanto ela se estirava debaixo dele, arqueando-se para a boca e sem fazer nada por conter os gritos.

—Seu gosto é como o verão. —Sua voz soou zangada. Rouca. Mas ela conhecia essa voz, não era a ira que o dirigia, era um excesso de luxúria que emanava de cada célula de seu corpo.

Dawg não podia acreditar no doce quente que saboreava. Mais suave que o uísque, inclusive mais potente. Mais doce que o caramelo e mais aditiva que as drogas.

Enterrou a língua na doçura, lambendo-a e sugando-a, tentando extrair suficiente calda de açúcar cremoso para saciar-se de seu sabor.

Se pudesse alguma vez saciar-se. Com cada lambida, cada degustação, só ardia por mais.

—Dawg. —retorceu-se debaixo dele enquanto arrastava o frágil broto de seu clitóris em sua boca em um comprido e firme beijo. Uma mini-sucção, um rápido movimento de língua antes de liberá-lo.

—Mais. —sussurrou ela sem fôlego— Eu gosto. Oh! Eu gosto muito.

—Quanto você gosta carinho? —estava morrendo por ter mais dela. Passou os dedos ao longo dos saturados cachos, sentindo a calda de açúcar preso a eles, provando a doçura dela contra a língua enquanto lambia ao redor do cheio e pequeno broto de seus clitóris uma vez mais.

—Eu adoro. —choramingou— Oh Deus, Dawg. Eu adoro.

O clitóris pulsou contra sua língua, quase com tanta ferocidade como seu pênis estava pulsando no jeans. Estava desesperado por ela, levado por uma fome que não tinha sentido para ele, que tinha seus sentidos consumidos por ela, os músculos tensos com a necessidade de prová-la, tocá-la, fodê-la.

Ela pertencia a ele.

E de onde provinha esse pensamento não tinha nem idéia.

Mas estava ali, de repente formando tanta parte dele que provocou um forte estremecimento em todo seu corpo.

—Não posso respirar. —ofegou ela, arqueando-se e retorcendo-se debaixo dele, enquanto suas mãos a mantinham quieta. Sua voz era suave, débil, um eco de sua própria fome.

Dawg a lambeu; sua língua deslizou através das suaves dobras, sofrendo por despir, a cremosa carne ao redor. Ela visitaria logo o spa, prometeu a si mesmo. Necessitava a suave

xaninha nua nos lábios, tão sensível que sua respiração sobre ela a enviasse ao bordo do clímax.

Quando se moveu mais abaixo, rodeada a pequena abertura que o atraiu se apertou e palpitou contra sua língua. Deslizando as mãos sob seus quadris, levantou-a, mais alto, mais perto, logo levou a língua a aprofundar na mais doce carne que nunca tinha conhecido.

Crista sabia que estava perdendo a cabeça sob seu toque. Estrelas estalavam nos limites de seus olhos fechados e a levavam a arquear-se mais perto, desesperando-se por mais. Lutava contra as mãos que a sujeitavam, os amplos ombros que mantinham suas pernas abertas, e rogava por mais.

—Maldição é tão doce. —murmurou enquanto levantava a cabeça o suficiente para lhe permitir à língua lambar de novo seus clitoris. Não é que isso lhe trouxesse nada parecido ao controle, porque seus dedos se deslocaram para substituir à língua, deslizando-se dentro dela, primeiro um, logo dois, estirando-a com deliciosa calidez enquanto se ondulava debaixo dele.

—Poderia te comer durante horas. —Sua voz era uma surda vibração contra seus clitoris— Tão cremosa e doce.

A voz golpeou seus sentidos, arrastando-a mais ainda nas tormentosas sensações que faziam seu corpo em pedaços. Estava indefesa contra isso, indefesa contra ele.

Os dedos se moveram em seu interior, fodendo-a com longas e suaves carícias enquanto ela se esticava ao seu redor e rogava pela liberação.

—Sua vagina está tão apertada, Crista. —Colocou os dedos em seu interior. Só as pontas, as esfregando dentro dela, despertando terminações nervosas que possivelmente não podia ter sabido que existiam.

—Para de me provocar. —ofegou, agitando-se em sua sujeição, os quadris se elevaram para a quente boca enquanto ele lambia ao redor do clitoris com tenras carícias— Por favor! Dawg. Deixe-me gosar. Preciso gosar.

—Só um pouco mais. —Sua respiração era entrecortada, as carícias dos dedos dentro de sua vagina agora eram mais profundas, mais fortes.

Crista sentiu como se apertava sua vagina, sentiu o fluir dos sucos e sua língua lambendo, acariciando-a.

—Quero sua concha depilada. —grunhiu— Toda doce, suave e sensível. Quero lambar seus sucos em cada doce centímetro desta quente xaninha.

Ela o agarrou pelo cabelo enquanto um raio de candente calor lhe abrasava o útero. A transpiração se acumulava em sua carne, correndo em riachos atravessando seu peito e seios. O ar esquentou apesar do ar condicionado, e Crista pôde sentir seu próprio corpo desembaraçando-se enquanto os lábios de Dawg rodeavam seu clitoris, sugando-o, lambendo-o e lhe outorgando a liberação.

Perguntava-se se isso a mataria.

Era apenas consciente de seus próprios gritos, roucos e quebrados, enquanto ele a fodia com os duros embates de seus dedos e sugava o clitóris com intensos e famintos puxões de sua boca.

Retorceu-se debaixo dele, combatendo as explosões de êxtase, e ao fim se sentiu superada sob a força do prazer. Sob a força do toque faminto de Dawg.

Não teve oportunidade de recuperar-se para o seguinte ataque contra sua alma. Não estava segura de como tinha feito para despojar-se das calças tão rápido, mas antes de que a última maré de êxtase se dissolvesse, ele estava de joelhos, encaixando seu pênis entre os cheias dobras de sua concha e empurrando dentro dela.

Crista ficou imóvel, congelada. Seus olhos se abriram de repente olhando fixamente seu penetrante olhar enquanto descansava em seus joelhos, os olhos dele desceram para onde estava lentamente, Oh Deus, tão lentamente, penetrando-a.

Centímetro a, angustiosamente prazeroso, centímetro. Abrasador porque o acoplamento era tão estreito, porque a amplitude de seu membro a estirava até o ponto da dor prazerosa enquanto a acariciava internamente.

—Isto é com o que eu sonhei. —Sua respiração era entrecortada, sua voz gutural— Vendo-a tomar, me abraçando. Sentindo sua vagina apertada a meu redor como um forte punho.

Os quadris dela se elevaram bruscamente, e entre um quebrado fôlego e o seguinte, a ereção se afundou energicamente em seu interior, e com o aumento de sensações veio um aumento de primitiva ferocidade que ela não sabia que possuía.

Levantou as pernas, envolvendo-se possessivamente ao seu redor, subindo os quadris para ele, tomando-o todo, mais profundamente que antes, mais forte que antes.

Passou as unhas sobre o peito salpicado de pêlo, penteando através dos negros cachos úmidos de suor antes de passar quase roçando ao longo do abdômen e subir de novo. Só para tocá-lo, para sentir os estremecimentos através de seu corpo.

Então se moveu debaixo dele, lutando pelo domínio enquanto observava seus olhos entrecerrados um segundo antes que lhe desse o que queria.

Surpreendentemente. Mudou de posição, ficando de costas enquanto a levantava sobre ele, sem separar-se, empurrando mais profundo enquanto ela montava escarranchada e começava a mover-se.

Sentir seu pau movendo-se dentro dela, era delicioso. A forma em que a estirava, a fazia arder. O batimento do coração, do sangue no eixo palpitando e oscilando contra as sensíveis paredes interiores, a deixou louca de necessidade. Queria mais sensações, embates mais fortes, uma queimação mais intensa.

—Reduz a velocidade. —Agarrou-lhe os quadris com as mãos quando começou a empalar-se sobre ele.

—Não. —Crista sacudiu a cabeça com fúria— Ainda não. Deixe-me...

—Não vai gosar ainda, Crista. —Sua voz foi confiante. Dominante. Tão dominante como as mãos que continham seus quadris e a reprimiam de montá-lo como necessitava.

—Preciso gosar outra vez, Dawg. —envergonharia-se do gemido de sua voz mais tarde— Só uma vez mais. Agora.

Flexionou-se sobre ele, fazendo pressão enquanto seu pau a acariciava internamente.

—Logo, carinho. —Fez uma careta— Logo... Ah foda!

Desceu a parte superior de seu corpo, os lábios indo para o plano e duro mamilo que ela mordiscou ligeiramente, logo o lambeu, provando o salgado sabor masculino de sua carne e o calor de sua luxúria.

Os quadris se agitaram debaixo dela, o pênis se afundou veementemente dentro dela, só uma vez. Só uma vez quando ela necessitava muito mais.

—Tranqüila coisinha-linda. —gemeu, permitindo que se movesse pouco a pouco, atuando sobre a grossa e rígida carne que a empalava com insignificantes carícias.

—Dawg, por favor. Necessito... —Não estava segura do que necessitava. Selvagem. Forte. Deus sim, necessitava-o—. Forte. Foda-me forte. Não posso suportá-lo.

Os quadris se agitaram ante o destroçado rogo. Dawg pôde sentir apertar-se mais seus testículos, seu pênis flexionando-se, sacudindo-se dentro dela com a necessidade de gosar. E uma parte dele precisava saboreá-lo. Contendo-a, alongando a deliciosa tortura até o ponto que quando viesse a explosão, ela saberia, nas profundidades de sua alma, exatamente a quem pertencia.

Tirou uma mão do quadril enquanto a outra ficava obrigando-a ao ritmo mais lento que ele queria. Aos longos e doces impulsos que a obrigavam a sentir cada centímetro de seu pau tomando-a, possuindo-a.

Só durante um momento mais.

A mão livre se prendeu em seu cabelo, puxando sua cabeça para cima enquanto trocava de posição para o beijo.

—Venha aqui, Crista. —sussurrou— Beije-me, carinho. Mostre-me o quanto me necessita.

Ela não duvidou. A paixão e a fome obscureceram seus olhos cor chocolate e ruborizaram seu rosto. Desceu a cabeça, os lábios encontrando-se com entusiasmo enquanto a fazia rodar de costas, movendo-se entre suas coxas, sentindo a vagina apertando enquanto se retirava, logo se agarrou outra vez com força enquanto empurrava dentro dela uma vez mais.

O suor cobriu ambos os corpos enquanto ela enroscava as pernas ao redor de seus quadris e a língua dele procurava as apaixonadas profundidades de sua boca.

Estava perdido no interior dela.

Dawg gemeu, grunhiu, inclinou os lábios sobre os dela e deu a seu pênis a liberdade para fodê-la como ela necessitava. Profundo. Forte. Começou a balançar-se em seu interior, lutando para manter o controle, lutando por atormentar a ambos só um pouco mais.

Mas o prazer era muito intenso, muito forte. Em uns segundos a estava fodendo com uma fome primitiva que deveria a haver feito recuar. Como se nunca houvesse fodido anteriormente, nem conhecido o toque de uma mulher com antecedência.

Crista pôde sentir como gritava em seu beijo. Suas mãos lhe acariciavam os ombros, a parte superior das costas. As unhas arranhando e raspando, as palmas rogando por tocar a pele dele.

Seu beijo foi como o fogo selvagem.

A sensação de seu pau fodendo forte e profundo dentro dela acrescentou um excesso de emoção. Cada golpe que se precipitava, cada forte impulso a levava mais alto, arrastava-a mais profundamente dentro do vórtice que a açoitava.

Até que ao final, seus sentidos explodiram sob o impacto.

O orgasmo a atravessou, estendendo-se por sua mente e deixando o caos a seu caminho, detonando por sua carne e convulsionando através de seu útero até que seus gritos quebrados se uniram com o forte grito masculino de liberação de Dawg.

Notou os abrasadores jorros de sêmen enchendo-a, provocando outra explosão, outra inundação de êxtase. Duraria para sempre; não duraria o suficiente.

Desabou-se debaixo dele, lutando por respirar, segura de que nunca poderia aspirar suficiente ar, quando ele começou a mover-se outra vez.

—Dawg. —Sua voz foi tímida, não um protesto de verdade, possivelmente uma questão de sensatez.

Ainda estava duro, ainda faminto, e em segundos, ela pôde notar que seu próprio prazer aumentava outra vez. Desta vez, quando rodou de costas e a pôs em cima, ela não tinha a resistência para combater as lentas e lânguidas investidas que ele exigia. Ela necessitava dureza e rapidez, mas seus músculos estavam relaxados, muito desgastados e drenados para tirar a energia para isto.

Elevou-se sobre ele, as mãos apoiadas no peito, sentindo suas palmas acariciando as costas e quadris, e se moveu sobre ele com crescente prazer.

—Que bonita. —Sua voz era tensa, faminta— Assim é, coração. Cavalga meu pau. Cavalga-o como se o desejasse.

Como se o desejasse? Tinha-o amado toda sua vida, e ele não o tinha sabido. Ele não podia sabê-lo. E seu corpo doía por ele. As solitárias noites, enroscada como uma bola porque a dor era tão forte. Os sonhos e as fantasias a haviam sustentado. Até agora.

Arqueou as costas quando se levantou, as mãos agarraram seus poderosos braços utilizando-os para segurar-se quando começou a subir e a baixar, sentindo-o afundar-se dentro dela, esfregando as delicadas terminações nervosas, estirando a sensível malha até que o mundo lhe deu voltas, e ela não reconhecia nada mais que seu toque, nada mais que a sensação dele invadindo seu corpo. Sua alma.

A vagina pulsou ao redor dele, mais apertada pelo orgasmo que a tinha enchido minutos antes, inchando os músculos que rodeavam a lança de sua carne e enviando um atormentador prazer que alagou seu organismo.

A liberação que a sobressaltou longos, longos minutos mais tarde foi mais preguiçosa, mais lenta, mas não menos intensa.

E depois disso, já chegando a noite, cada liberação a golpeou mais forte no interior de sua alma. Não era como a primeira vez. Tinha estado bêbado, um pouco mais rude, e a tinha tomado com pressa que com finura.

Dawg não teve esse problema esta noite. Não houve vacilação, nem estupidez; só havia fome, intensidade, e força. O erotismo encheu cada toque, e sua voz, gutural e áspera, explícita e dominante, encheu sua cabeça.

Com o tempo se desmoronou ao seu lado e a arrastou contra seu peito, ela estava empapada de suor, inundada na essência de sua luxúria, e à beira do completo esgotamento.

Envolveu a mão ao redor de um seio enquanto seu peito, atrás dela, subia e descia pela respiração.

—Minha. —recordou-lhe, a voz rouca, exausta— Recorda isso, Crista. É minha.

Minha. Não deles. Não uma das companheiras de jogos dos Meninos Travessos. Só de Dawg.

Capítulo 14

—Me conte sobre seus amantes.

O olhar de Crista se levantou dos restos do completo café da manhã que tinha preparado à manhã seguinte, enquanto Dawg estava na ducha, até o glacial olhar cor verde pálido. Realmente esperava que esquecesse isso.

—Eu não disse que fossem meus amantes. Você o fez. — assinalou ela enquanto colocava o garfo no prato e acabava o que ficava do café.

Não merecia explicações, e as relações de Mark e Ty eram privadas. Ela não o faria sentir-se melhor ou acalmaria sua pequena mente lhe dando explicações que nunca deveria ter pedido.

—Dormia com eles. Admitiu-o. —Franziu o cenho.

—E? —Ela se levantou da mesa, recolheu os pratos e xícaras, e caminhou para a pia— Eu pergunto a você, sobre suas amantes anteriores, Dawg? Quantas compartilhou? Quantas não? Pedi a você que me explique esse sortimento?

Ela se virou para encará-lo, apoiando as costas contra o mostrador e observando como apertava a mandíbula com zangada tensão.

—Não me afastei de você pelo compartilhar. —lhe disse com severidade—Você o fez.

—Mark e Ty nunca, em nenhum momento trouxeram outra mulher para sua cama, ou outro homem. Rowdy e Natches teriam me amado o suficiente para abandonar às outras mulheres? Não acredito.

Mark e Ty nunca tinham sido seus amantes. Eles eram amantes. Às vezes, entretanto, quando as noites eram muito escuras e a dor a perseguia muito de perto, eles a levavam a sua cama como muitos pais fariam com um filho. Ali, abrigavam-na entre eles e lhe davam a calidez que precisava nesse momento.

Os olhos dele se entrecerraram enquanto sua expressão se tornava glacial.

—Não vou discutir com você sobre isto. —Ao fim ela sacudiu a cabeça quando olhou o relógio— A loja de madeiras abrirá em meia hora. Deveríamos ir.

—Nunca abro. — deu de ombros.

—O que é uma péssima maneira de promover o próprio negócio na área. —le informou— E sei que sabe fazê-lo melhor, Dawg. É mais que um homem de negócios. Além disso, tenho trabalho a fazer, e trabalho melhor pela manhã.

—Meu negócio. —Seu sorriso era tenso e duro— Não o seu.

—Enquanto me pagar para organizar e cuidar desse, buraco do inferno de escritório, tenho um interesse pessoal em seu negócio. —disse docemente— E me retendo aqui como refém porque você não gosta de minhas respostas não vai fazer você conseguir o que quer.

Ele se separou da mesa. Apesar de seu tamanho e do evidente poder de seu corpo, movia-se silenciosamente, com graça. Como uma pantera rondando, seus verdes olhos, de predador, entrecerrados e brilhantes atrás das pestanas negras como o azeviche, seu corpo tenso, mas preparado. Como se ela tratasse de escapar dele.

Em troca Crista se manteve firme, os braços cruzados sobre o peito enquanto o contemplava cautelosamente.

—Esse armazém pode arder até os alicerces e não me importaria nada. —fez um gesto desdenhoso, escandalizando-a com a fúria latente em sua voz— O mantenho para irritar os parentes gananciosos que tentam com tanto afinho de me tirar isso, ponto. Seu êxito não é mais que sorte.

E ela não acreditou. Conhecia-o melhor. Ele queria fingir que o odiava, mas as histórias relatadas ontem pelos empregados lhe mostraram algo totalmente diferente.

Dawg se ocupava do negócio, mas por alguma razão se recusava admiti-lo.

—Era o negócio de seu pai. —Mediu o terreno com tato— Sei que sua relação com ele não era próxima, mas certamente não o odiava tanto como para que afetasse ao armazém.

—Apostaria que está retorcendo-se em sua tumba. —O sorriso de Dawg era tenso e desumano—Contratei pessoas das famílias que mais odiava, dei crédito a certas pessoas às quais ele nunca teria dado. O fato de que esse maldito lugar faça dinheiro nunca deixa de me surpreender. —Negou com a cabeça como se realmente não tivesse sentido para ele.

Mas quando despediu o gerente que o tinha enganado, o atual encarregado de seção tinha contado a Crista que Dawg virtualmente vivia em seu escritório até que teve os livros e o armazém em ordem.

Tinha instinto para o que as pessoas precisavam e para o que queriam, e ele contratava pessoas que pudessem proporcionar-lhe e cada empregado tinha sido contratado por ele pessoalmente.

—Bem, de toda a forma, preciso de sua ajuda. —disse ela com firmeza - Sua encarregada, Layla Matcher, leva muito bem as coisas, mas estava revisando alguns dos novos catálogos que criam pó no escritório e me dei conta de que não tinha feito ainda o pedido de Natal. Tem que fazê-lo.

—Já está feito. —Seus lábios se curvaram de asco, asco de si mesmo. Ela pôde dizer por sua expressão que admiti-lo não lhe caiu bem.

—Então preciso ordenar o arquivo. —virou-se e enxaguou os pratos— Também precisam conseguir um monte de arquivos maiores dos que utilizei. O menino do armazém que enviei ontem pelos arquivos não chegou antes que me fosse.

—Estão esperando no escritório. —Se sua voz podia se tornar mais brusca fez-o.

Crista ocultou seu sorriso enquanto empilhava os pratos na máquina de lavar pratos.

—Bem; então comprova o problema que Layla me contou que estava crescendo no armazém de trás da loja. Por alguma razão, os pedidos se perderam com surpreendente regularidade na última semana. Alguns de seus melhores empreiteiros ameaçaram utilizar a cadeia de armazéns em vez do Mackay a causa da desordem.

Voltou-se a tempo de captar como entrecerrava os olhos.

—Por que Layla não me informou disto quando começou? —Seus lábios se esmagaram de irritação.

—Comprova as mensagens de seu celular! —deu de ombros— Deixou várias mensagens.

Então uma careta pouco sutil intensificou sua expressão.

—Tive um problema com o telefone na semana passada.

—Então tem que ir. —Atravessou a cozinha para onde jazia a bolsa sobre o extremo do balcão.

Antes que pudesse fazer a metade do caminho, Dawg lhe apanhou o braço e a virou com firmeza para encará-lo.

—Não comece a tratar de me organizar a vida, Crista. É a única chantageada aqui, não eu. É o limite onde a deixarei chegar.

Ela conteve o sorriso; desfrutar não era a melhor forma de lidar com Dawg.

—Segue se dizendo isso. —lhe disse em troca— E enquanto está nisso, se pergunte quão mesmo tive que me perguntar ontem à noite em algum momento quando tratava de recuperar o fôlego. Não chantagearia a alguém que acreditasse ser um criminoso, Dawg e ambos sabemos. Não mais do que quereria ver alguém inocente na prisão. Sem importar o custo. Assim o que está fazendo nesta relação?

—Conseguindo a trepada de minha vida. —lhe espetou.

Seus lábios fizeram um movimento nervoso.

—Então o conseguiu. —consentiu, soltando o braço de seu agarre e indo para a bolsa, então se virou e o olhou por cima do ombro— Agora, a pergunta é, o que pretende na realidade fazer com isso? Ou comigo, para o caso. Porque ambos somos o suficientemente inteligentes para saber que o que não vai fazer é me entregar à Segurança Nacional. Foder-me até a morte, possivelmente, mas não me entregaria.

—Apostaria sua vida?

—Sim. —Assentiu lentamente—Aposto minha vida nisso.

Era uma maldita boa coisa que seu irmão a tivesse criado, pensou, Crista mais tarde enquanto entravam no estacionamento atrás do armazém de madeira pela porta onde se lia: Só para Empregados. Porque Dawg era carrancudo, resmungão e um espinho no traseiro só porque queria. Por sua experiência com Alex, podia dizer que o fator de irritabilidade masculina estava aqui em seu apogeu.

Mas ele não tinha chamado o agente no comando, e estava quase segura que não havia agentes em rota para detê-la. Poderia ter sorte, e que o pior com quem tivesse que tratar fosse com um Dawg carrancudo.

Não é que responder a sua própria pergunta em meio da noite tivesse sido fácil. Porque Crista tinha sabido desde essa primeira noite que Dawg não a prenderia, e que não queria vê-la capturada. Ele sabia que não estava envolvida.

Então por que se deixava chantagear?

Teve que abster-se de colocar a palma contra o abdômen enquanto foram da casa flutuante até a loja. Isso era pelo que ela se deixou chantagear. Porque nada se acabou quando abandonou Somerset oito anos antes. Mas tudo se perdeu.

Seus sonhos. O homem que tinha amado ao que parecia a maior parte de sua vida. E o filho que tinha levado dessa noite.

O aborto tinha destruído algo em seu interior, algo que não tinha sido capaz de recuperar depois de abandonar a cidade. E nunca tinha esquecido Dawg: seu toque, seu beijo, ou o prazer que tinha repleto cada célula de seu corpo.

—Faz-me ficar mal. —espetou enquanto colocava o veículo no estacionamento e virava a cabeça para contemplá-la sobre a beira dos escuros óculos que usava— Nunca abro.

—Tampouco contratou nunca a uma de seus amantes para trabalhar aqui. —encolheu os ombros.

—Para uma mulher que se supõe que permanece presa no escritório, arruma-se para saber um monte de intrigas.

—Sou boa nisso. —Assentiu benevolmente enquanto abria a porta da caminhonete e saía do veículo, deixando-o grunhindo e amaldiçoando atrás dela enquanto fechava a porta de repente.

Estava rodeando a esquina do edifício quando ao fim ele chegou a seu lado.

—Está pedindo uma surra. —advertiu.

Infelizmente, a idéia disso não deveria ter sido excitante.

—Sim? —perguntou ela docemente— Ouvi que é particularmente bom nesse pequeno ato disciplinador. Antes de abandonar Somerset, todas as garotas falavam disso.

Teve que obrigar-se a dizer essas palavras. Assim como ao mesmo tempo teve que reprimir o ciúme.

Ele grunhiu. Um irritante som de desagrado masculino.

Crista deu de ombros.

—Você e seus primos não são exatamente bons escondendo seus rastros sob o tapete, por assim dizer. —disse, dando-lhe um olhar desaprovador—Sério, Dawg, é um pouco tarde para preocupar-se com intrigas.

Deveria haver pensado melhor antes de desafiá-lo. Realmente, deveria ter pensado.

Antes que pudesse fazer algo mais que ofegar, empurrou-a contra a alambrada e lhe roubou os lábios em um beijo que descontrolou seu organismo com emoções contraditórias.

Não estavam na casa flutuante, em sua cama. Estavam à plena vista, e ela era muito consciente do que ele estava fazendo. Marcando-a como dele. Como outra mulher em uma longa lista de mulheres que tinham compartilhado sua cama.

—Pare Dawg. —Separou os lábios dos dele, ofegando pelo esforço que lhe custou.

Tinha as mãos nas costas dela, abraçando-a contra ele, o comprimento de sua ereção pressionando na parte baixa do estômago, enquanto seu enorme corpo parecia rodeá-la.

—Não me pressione Crista. —Olhou-a, seus olhos verdes pálidos virtualmente brilhavam com uma ira que mantinha em estreito controle— Nunca me preocuparam as fofocas ou o que opinem de mim, e não vou preocupar-me disso agora. Recorda quando meneava esse apertado traseiro ao meu redor e tratava de me convencer de que debaixo de tudo isto podia na verdade haver um bom homem. Sou um filho da puta, carinho, e um com o que na verdade não quer se cruzar.

Não, ele era ao que ela queria aliviar, porque podia ver a dor em seus olhos, na expressão de brincadeira. Podia vê-lo no aborrecimento que estava reprimindo, apesar de suas palavras.

—Vai me machucar, Dawg? —perguntou-lhe então, estendendo a mão para tocar sua mandíbula antes que se separasse dela.

—Coloca seu traseiro na loja, maldita seja. —amaldiçoou, retrocedendo e lhe agarrando o braço para conduzi-la às portas principais onde, Layla estava abrindo a entrada de empregados.

Ela lhes lançou um curioso olhar, seus escuros olhos avelã preocupados enquanto Dawg se aproximava.

—Bom dia, Sr. Mackay. Crista. —lhes saudou em um intento de amabilidade, apesar do cenho franzido de Dawg.

—Se pode me chamar Sr. Mackay, então pode chamá-la de senhorita Jansen. —disse Dawg à encarregada com brutalidade enquanto Crista suspirava detrás dele.

—Chama-o de Dawg, Layla. Possivelmente pare de grunhir porque teve que vir tão cedo. —Crista puxou de seu agarre— E na verdade não está me arrastando atrás dele como uma menina desobediente. Excito-me com a dominação.

Layla tossiu enquanto virava de costas rapidamente, e Dawg se deteve e a contemplou com surpresa.

Ela levantou uma sobrancelha com curiosidade.

—O que? Supõe-se que não devia dizê-lo?

Ambos sabiam que ela odiava ser arrastada como um cachorrinho, e estava segura que exatamente por isso o transformou em um hábito.

Uma surra. Gesticulou com a boca antes de voltar-se para Layla.

Crista devolveu o sorriso serenamente à outra mulher enquanto terminava de abrir a porta.

—Layla, nos siga ao escritório, quero saber, que demônios, está acontecendo com o armazém de madeira. Pensava que Bedsford se encarregasse disso.

—Estava fazendo-o bem, senhor... uhh Dawg. —ela gaguejou enquanto fechava a porta, logo os seguiu—Esteve conosco desde que foi licenciado do exército. Não sei o que aconteceu.

Crista deu uma olhada a gerente atrás dela, pestanejando enquanto Dawg continuava arrastando-a enquanto subia as escadas do escritório.

—Quando começou?

—A semana passada. —detiveram-se enquanto Dawg tirava a chave do escritório do bolso dos jeans, ainda segurando Crista, e inserindo-a na fechadura a virou e então ficou imóvel.

—Dawg? —Crista tentou de olhar ao redor dele— O que acontece?

—Não fechou ontem à noite. —Sua voz era cuidadosamente contida.

—É obvio que fechei o escritório antes de sair. —Crista franziu o cenho— Sei que o fiz.

—Além disso, eu o chequei antes de partir senhor, humm..., Dawg. —Layla esclareceu a garganta outra vez— Sempre comprovo as portas do escritório antes de fechar a noite.

Dawg retrocedeu, suas chaves ainda penduravam na fechadura.

—Crista, quero que você e Layla vão para fora. Utiliza o telefone celular e chama Natches. Programei seu número e o do Rowdy ontem à noite.

—Por que? —Crista agora pôde sentir o terror crescendo dentro dela.

—Layla, alguém sabe que comprova os escritórios a noite? —perguntou-lhe Dawg então.

—Não sei, Dawg. —Houve uma nuance de temor em sua voz— Jamie e os meninos sempre me acompanham pela loja a noite quando vêm me pegar, só para assegurar-se que tudo está bem. Então comprovo todas as portas do escritório.

—Sai à rua e chama Natches, Crista. —Dawg se virou para ela, inexpressivo, perigoso— Já.

—Sem você não. —Segurou-lhe o braço com as mãos, puxando-o— Pode chamá-lo você mesmo. Virá mais rápido se você o chamar.

A surpresa esticou suas feições.

—Sei o que estou fazendo, Crista.

—Não me importa. —Não ia deixá-lo ali sozinho. Só Deus sabia o que havia atrás dessa porta— Pode vir conosco.

—Senhor Mackay, deveríamos sair todos à rua. O que ocorre se quem esteve na loja, se havia alguém, estiver esperando lá fora?

Tinha essa ira assassina brilhando nos olhos. O olhar de Dawg enviesou as altas e amplas janelas frontais da loja enquanto sua expressão se tornava fria e perigosa.

—Vamos. —Menos mal que deu a volta, desceu com elas as escadas metálicas e se encaminhou para a entrada enquanto tirava o telefone celular do bolso.

Marcando o número de Natches, Dawg se afastou a passos largos das mulheres.

—Dawg é cedo. —resmungou Natches na linha.

—Venha a loja. Alguém esteve no escritório ontem à noite. Vou chamar o xerife para conseguir provas, mas preciso de alguém que vigie Crista enquanto me encarrego das perguntas de Mayes. Depois de ontem à noite, isto poderia ficar feio.

—Merda! —Pôde ouvir o movimento de Natches— Os bastardos se movem rápido.

—Faz-me perguntar se o incêndio do carro não foi mais uma distração que um atentado. Corre. Estou chamando o xerife Mayes agora. E conhece Layla, seu marido e filhos virão aqui como uma manada de lobos famintos decididos a protegê-la. Vou precisar de ajuda.

Natches riu baixinho.

Jamie Matcher e sua prole de enormes filhos tinham ido à loja e permanecido com Layla cada dia durante o primeiro maldito ano que tinha trabalhado para Dawg. E Jamie, com um metro e noventa e seis, elevou-se sobre Dawg e o advertiu do que ocorreria de sua pequena Layla fosse desprestigiada pelas fofocas por causa dos jogos que Dawg podia querer realizar na privacidade de seu escritório.

Como se jogasse em seu escritório. Maldita seja, gostava da cama para os jogos. O escritório era trabalho. Papelada. Algo que não lhe dava bem, apesar da certeza de Crista.

—Só traz seu rabo aqui. —Dawg fechou os olhos e esfregou a testa, prevendo a dor de cabeça que sabia bem estava por chegar.

Enquanto fechava a tampa do telefone e retornava para as duas mulheres, suspirou outra vez. Layla se via indubitavelmente nervosa. Crista estava desafiante e suspicaz.

—Layla, chama o Jamie e os meninos. —disse— Tenho que ligar para o Xerife Mayes, e uma vez que a chamada se transmita pela rádio, ao Jamie lhe fundirão os chumbos.

—Preocupa-se, Dawg. —Mas estava tirando o telefone da capa que levava dentro das engomadas calças cor canela.

—Ele se preocupa. —resmungou Dawg— Eu me preocupo. —Logo se virou para Crista.

Ela estava apoiada contra a parede de tijolos como se não tivesse nem um maldito problema. Afetada mas divertida. Estava rindo dele, e isso chutava seu rabo. Estava chantageando-a, mas maldita seja se não se sentia de repente como se ela tivesse a frigideira na mão.

—Layla, por que você e Crista não vão à sala e fazem café? Os empregados aparecerão aproximadamente ao mesmo tempo em que o farão o xerife e os oficiais. Se tiverem café, possivelmente não demorem muito investigando isto.

Podia esperá-lo. Mas sem apostá-la na casa flutuante. Quando terminou a conversação telefônica com o Xerife Mayes, pôde notar em suas têmporas que a dor de cabeça começava

O bom e velho, Ezekiel Mayes. Filho da puta. Dawg jurava, em cada eleição, que ia votar contra ele, mas sempre as engenhava para que votasse nele. Melhor diabo conhecido...

Estava parado e deu uma olhada a toda a loja. Era tão enorme agora como o era cada vez que se encontrava fazendo isto. O primeiro ano fora da Marinha quase destruiu o lugar. Seu joelho tinha doído como um filho da puta esse ano, mas quase tinha triplicado o tamanho e ampliado a distribuição. Não é que lhe preocupasse o negócio, para nada, recordou a si mesmo. Tinha estado aborrecido.

E uma merda. Inclusive Crista sabia. E ele enganava a si mesmo. Esteve se enganando durante oito anos. A herança que seu pai lhe tinha deixado estava infestada com tanta culpabilidade, ressentimento e amargura que algumas vezes desejou vendê-lo todo nesse primeiro ano depois de sua morte, enquanto estava na Marinha e preocupado por salvar o rabo.

Especialmente a casa. Onde nunca tinha vivido. Seu pai a tinha terminado depois que Dawg tinha comprado o Nauti Dawg com uma herança que lhe tinha deixado a mãe de sua mãe. Não tinha passado nenhuma noite nessa casa depois de suas mortes.

Seu pai também odiava a loja de madeiras. Mas de todo o modo a tinha conservado. Sempre dizia que era a única coisa em que Dawg era o suficientemente inteligente para realmente ganhar a vida. E possivelmente o velho bastardo tinha tido razão.

Tinha habilidade para isso, a diferença de seu talento para a guerra. Tendia a sair por patas dali. A atribuição da ATF não era má, mas as limitações enchiam seu saco. Responder ante outra pessoa não era seu ponto forte.

Infelizmente, o Xerife Mayes queria muitas respostas a suas perguntas.

—Em que, demônios, anda metido, Dawg? —Zeke manteve a voz baixa enquanto se separavam da unidade de polícia que agora inspecionava o escritório.

Não havia rastros, nem um indício de algo fora do lugar, embora fosse impossível para Dawg dizer se algo tinha desaparecido. Olhou para Crista que estava de pé na porta aberta do salão sob o escritório. Nem sequer tinha reconhecido seu maldito escritório.

E ela sorriu.

Esse sorriso acendeu um fogo dentro dele que nem sequer queria entender. Um fogo carregado de excitação elétrica e obsessiva fúria, com igual intensidade através de seu corpo.

Porque ele sabia que ela estava se reprimindo. Uma parte dela ainda não lhe pertencia, fosse sua honradez ou um pouco mais profundo, não queria aprofundar neste momento. Mas ela estava se reprimindo. E isso simplesmente o irritava.

—Então em que demônios está metido? —perguntou Zeke.

Dawg deu uma olhada ao xerife antes de apoiar-se contra a prateleira que ia do chão até o teto cobrindo o comprimento do corredor frente a eles.

—Nada. —respondeu despojadamente.

—Seus nadas me crispam os nervos. —lhe advertiu Zeke.

—Vai crispar ainda mais os nervos se eu fizer campanha para seu competidor nas próximas eleições. —assinalou Dawg com irritação— Deixa-o estar, Zeke.

—Vai conseguir que a matem, Dawg. —disse Zeke em voz baixa— Faça o que fizer, seu tiro vai sair pela culatra.

—Então terá que limpar o derramamento de sangue, Zeke. —O sorriso, Dawg sabia, era de tubarão— Qualquer um que pense em lhe fazer mal morrerá. Espere. Conte com isso. Agora sai do meu caminho. Tenho um negócio para cuidar.

Infelizmente, Zeke tinha razão. Qualquer, maldita, coisa que fizesse alguém estava tentado não só arrastar Crista nisso, se não arremeter contra ela.

Enquanto Zeke se dirigia para a pequena multidão de investigadores e oficiais, Natches foi até ele.

Os olhos, verdes escuro, de seu primo eram como blocos de gelo em uma pétrea e gelada expressão.

Dawg cruzou os braços sobre o peito e contemplou a multidão atentamente, assegurando-se de que ninguém se aproximasse.

—Os investigadores querem pensar que deixou de propósito a porta aberta. —resmungou Natches— Os arranhões da fechadura foram limpos porque não há rastros. Alguém quer que ache que no mínimo ela é incompetente, que a utiliza mal.

Dawg assentiu lentamente.

—Atacaram depois que fui visto discutindo com ela. Depois de que o Rodeio estalasse em chamas. Nada tem sentido ou está relacionado. Ameaçam-na, e você sozinho a protege mais de perto. Assim por que tentam revistar seu escritório?

—A menos que o fato seja plantar algo contra ela. —disse Natches em voz baixa— Graças a Deus que fui capaz de entrar ali com os primeiros investigadores. Havia um mapa do armazém, o endereço, e uma lista detalhada com os mísseis e os chips, assim como uns vinte e cinco mil em efetivo em um envelope metido dentro do arquivo. Alguém está preparando uma armadilha para ela.

—Conseguiu o envelope?

Natches assentiu lentamente.

—Ocupei-me. As cintas de segurança estavam imprecisas, em mal estado. Os dois monitores, o de fora e o de dentro, estavam danificados. Havia muita estática neles e não houve forma de dizer quem era ou o que estavam fazendo.

—Conhecem meu sistema. —O seu era tecnologia avançada com uns quantos dispositivos acrescentados que deveria ter feito impossível ao ladrão comum evitá-los.

—Conhecem você. —assinalou Natches— Vou à cidade, espalhar um pouco de lixo, a ver o que acontece.

—Que tipo de lixo? —Dawg olhou seu primo com suspeita.

—Bom, contratou uma nova encarregada, e olhe o que aconteceu. —Natches fez um gesto para os oficiais e agentes pululando por ali— E sim, depois de que se vão, ouço por acaso que você e Crista discutem sobre isto? Possivelmente ela chame a seu bom amigo Mark, e se dirija de volta a Virginia. Quem quer que esteja envolvido nisto tratará de deixar o dinheiro a seus pés para manter afastada a suspeita deles. Se a prenderem, Dawg com as fotos que têm da mulher que se parece com ela, então qualquer testemunho que façam os ladrões de que ela não está implicada não importará. Ela pagará o pato, e alguém escapará com o dinheiro.

—Está seguro que os ladrões sabem que não é Crista? —perguntou então Dawg, recordando o interrogatório dos homens que tinham detido.— Se sabiam, por que não aceitaram o trato que Craston lhes ofereceu pela mulher? Por todos os informes, ela é o cérebro que está por trás de tudo.

—Possivelmente não sabem quem é ela. —sugeriu Natches— São uns quantos caras de confiança contentados por seu conhecimento militar e sua habilidade de resolver este assunto. Alguém mais é o cérebro.

—Alguém que conhece meu sistema de segurança. —refletiu Dawg.

—Fecha a loja o resto do dia. Estarei por aqui até que todo mundo parta, verifica as coisas, logo vá à cafeteria com Rowdy e Kelly. Podemos deixar cair a informação de que Crista se dirige para a Virginia, onde penso que deveria ir. Algo está acontecendo, e essa cafeteria parece ser o centro.

—Ou alguém que passa ali muito tempo. —Assentiu Dawg.

—Espere até que escureça para partir, e quando o fizer, tome atalhos para o porto. Permaneça na casa flutuante até manhã; mantenha as janelas e as portas fechadas e Crista escondida. Deixemos tempo para picar a ceva.

Dawg assentiu. Podia funcionar. Neste momento era a melhor oportunidade que tinham de desmascarar o culpado.

—Tem à corrente. —ordenou Dawg— E vigia Cranston. Está me deixando nervoso.

O agente estava observando Crista muito de perto nesse momento. Afastando-se, inclinou a cabeça a um lado e seus olhos se estreitaram sobre ela e Layla que mantinham os oficiais abastecidos de café.

Natches assentiu com dureza.

—Estarei pelos arredores da casa flutuante esta noite e o farei saber o que está acontecendo.

Dawg assentiu de novo enquanto observava à multidão. Um de seus empregados tinha que estar comprometido; disso não havia dúvida. Mas qual? E porquê?

Observo-os pululando por ali, fofocando, conversando, cheios de curiosidade. Um deles o tinha traído e ameaçado Crista. O que significava que um deles tinha desejos de morrer.

Capítulo 15

Oito anos antes, Crista tinha vivido para os momentos nos quais pudesse deleitar-se com o sorriso de Dawg. Seu flerte a tinha feito entregar seu coração, enchendo-a de uma alegria selvagem, imprudente, e fazendo-a sonhar estando em seus braços.

Doeu-se por ele antes inclusive por saber o que era essa dor. Seu encanto, seu humor preguiçoso, e a sombra de dor que aparecia em seus olhos a atraíam. E em suas mais profundas fantasias ela diminuía essa sombra, e via esses estranhos e luminosos olhos verdes encher-se de alegria.

Quando se deu conta pela primeira vez que estava grávida, sentiu-se furiosa, ressentida. Logo o conhecimento dessa vida que levava desinflou sua ira. Seu filho não conheceria a solidão, nunca lhe faltaria amor. Ela nunca teria que ver essa sombra de pesar nos olhos de seu bebê. O amaria e o protegeria. Seu bebê.

No dia que perdeu seu bebê algo dentro dela morreu, só renasceu quando voltou e se deu conta que essa silenciosa atração entre ela e Dawg permanecia ali.

Tinha lutado contra isso. Tinha pensado que podia proteger seu coração e viver na periferia de sua atenção, quente e protegida dessa paixão que sabia que poderia destruí-la.

Que boba tinha sido.

Crista olhou para Dawg enquanto terminavam de arrumar o escritório, repassando os arquivos, procurando uma razão de por que seu escritório ter sido destruído.

Ele estava calado, zangado. A determinação aguçava as linhas e os ângulos de seu rosto, dando-lhe a aparência de um guerreiro, uma aura selvagem que a excitava mais do que tinha direito.

Ele fez um trabalho rápido levantando os móveis e pondo-os em seu lugar enquanto Crista limpava.

Ajudava com os arquivos, colocando-os nos novos lugares e carregando-os, seus olhos verdes, agudos e penetrantes enquanto ia repassando cada centímetro do escritório

para encontrar qualquer pista sobre o que tinha sido mudado ou revistado.

Enquanto se movia, a luz do sol entrava pelas amplas janelas do escritório na outra parte da sala, adorando seu cabelo negro e beijando sua pele. Deslizava sobre seus largos ombros enfatizando seus musculosos braços enquanto as mangas curtas da camiseta negra se apertavam sobre eles.

O jeans moldava seu poderoso quadril e coxas, e essas botas que usava faziam suas pernas ainda mais sexys. Por não mencionar como se ajustavam amorosamente a seu musculoso traseiro.

Era suficiente para roubar o fôlego de uma garota, e Crista admitiu ter vários momentos para ficar sem fôlego. E possivelmente tinha estado equivocada antes quando pensou que ele não tinha amadurecido da egocêntrica determinação que possuía nesses dias.

Dawg tinha mudado nesses anos depois de tudo. Era mais duro. Seguia sendo sexy, mas era mais perigoso do que era antes de entrar na Marinha e definitivamente mais amadurecido.

Tinha-o provado nesse dia. Crista o tinha observado enquanto ele se movia através do escritório depois que os homens do xerife terminaram de procurar pistas, e a polícia do estado terminou com suas perguntas.

Não puderam encontrar nada deslocado, nada fora do lugar. A única prova de que tinha havido uma invasão era a suspeita alteração das câmaras de segurança e da fechadura da porta do escritório.

E Crista sentia lástima pelos culpados, porque Dawg horas depois se via o suficientemente furioso para fazer correr sangue. Tinha mandado os empregados para casa depois da ida da polícia e fechou atrás de Layla antes de guiar Crista de volta ao escritório.

Olhava-o fixamente do outro lado da grande sala enquanto endireitava o abajur sobre a mesa junto ao sofá e ele guardava o resto dos arquivos. Tinha os olhos entrecerrados, sua expressão pensativa quando se voltou para ela.

—Deu-se conta de que está simplesmente destruindo anos de deliberado caos? — perguntou-lhe Dawg enquanto os últimos arquivos eram guardados e dava o último polimento com cera nos móveis. Tudo reluzia inclusive o chão de madeira debaixo de seus pés.

Ela se voltou e olhou ao redor, dando-se conta de quão grande era o escritório. Havia lugar de sobra na sala para os outros arquivos que queria pôr assim como para a escrivaninha extra que Dawg tinha ordenado a um dos rapazes, que a pusesse para ela pela manhã. Uma preciosa versão em miniatura da bonita escrivaninha de nogueira que usava ele mesmo.

Caos deliberado o chamava ele. Uma bofetada ao pai que lhe teria tirado, inclusive

isto, se tivesse podido fazê-lo sem parecer o monstro que tinha sido.

—O caos não leva ao êxito. —deu de ombros— A organização aumenta a produtividade e os benefícios. O caso é este: as cadeias de lojas de madeira e bricolagem estão na sua frente em benefícios e clientes. Nós queremos atrair esses clientes para o Mackay'S.

Ele se apoiou contra o arquivo e a contemplou com curiosidade.

—Dá dinheiro suficiente. Inclusive com a batalha legal que Johnny e sua mãe mantiveram contra mim nesses primeiros anos, converti-me em um homem muito rico, Crista.

—E isso é suficiente para você? —Conhecia Dawg melhor que isso.

—É mais do que a maioria tem. —Esse irritável cenho franzido estava de novo em seu rosto, que alentava à pessoa com quem falava com ele a ir direito para o inferno.

Crista negou com a cabeça.

—Isso não é suficiente para você, Dawg.

—Quem disse? —atirou-se na grande cadeira de couro por trás da sua escrivaninha e a olhou ameaçadoramente.

Crista revirou os olhos enquanto guardava a cera e o trapo na última gaveta de um dos arquivos antes de voltar-se para olhá-lo de frente.

O olhar em seu rosto era sexy e assustava ao mesmo tempo. Decidido, ameaçador, dominante e excitado.

—Deixe de ser um imbecil. —o repreendeu— Sabe que ama esta loja. Embora pretenda não fazê-lo. Quer que as pessoas pensem que não. Mas o conheço melhor.

Ele juntou os dedos sobre seus tensos abdômem enquanto se inclinava para trás e deixava o seu olhar vagar sobre ela.

—E como sabe tantas coisas sobre mim? —arrastou as palavras com uma insinuação de irritação— Não é como se tivesse tentado se aproximar de mim.

E aí se equivocava. Inclusive no ano passado, Crista tinha se empapado de todas as fofocas que podia sobre ele. Tinha-o observado, deixando outros falarem sobre ele, e encontrando a si mesma procurando desculpas para estar nos lugares que sabia que estaria ele.

Sabia que o pleito que sua tia havia interposto contra ele, justo depois que entrou na Marinha, tinha acendido uma furiosa controvérsia através da cidade naquele tempo.

Todos os primos, Rowdy, Natches e Dawg, faziam o serviço militar, não deixando ninguém em Somerset para proteger seus interesses exceto o tio Ray. Entretanto, Ray Mackay tinha defendido o fronte, como um bulldog com um osso.

Tinha contratado os melhores advogados, tinha-lhes pago ele mesmo, e tinha mantido Dawg informado de cada passo da batalha. As tinha arrumado para conseguir que

atrasassem as datas do julgamento até que Dawg tivesse permissão, e tinha se mantido junto a seu sobrinho, contra sua irmã, e tinha derramado uma lágrima no tribunal enquanto relatava as vezes que se viu forçado a proteger Dawg quando era uma criança, do pai que abusava dele.

A amargura de Dawg vinha claramente de sua infância, e isto tinha criado um homem, inclusive aos vinte e quatro, que era duro e com uma sombra de desconfiança. Quatro anos na Marinha e quatro anos trabalhando para ATP, ou seja, a agência do governo a qual pertencia não tinham ajudado.

—Manter-se perto de você teria sido difícil, Dawg. —respondeu finalmente—Suas fias formam capas profundas e guardam zelosamente a dureza do seu corpo.

Isso não estava longe da verdade.

—Ou você estava muito assustada para tomar o que eu estava oferecendo. — Ele se inclinou para frente, colocando os braços sobre a escrivaninha enquanto a olhava zombadoramente.

E possivelmente ele estava certo, também.

Crista deu de ombros.

—Era jovem. Anos mais jovem que você em experiência.

—Mas nunca mais, não, Crista? Sete anos com dois amantes ao mesmo tempo? Sua experiência definitivamente se iguala à minha agora, não é?

Crista sentiu que seu coração parava, então começou a pulsar rapidamente em seu peito. Não queria manter essa conversa com ele agora.

—Minha vida depois de ter deixado Somerset não é de sua conta Dawg. —disse finalmente, consciente do tom defensivo de sua própria voz — Já expliquei a diferença.

Não queria explicar sobre Mark e Ty, não eram de sua conta. E ele não tinha começado essa relação com ela porque sentia uma irresistível necessidade ou um inquietante amor. Foi ela que tinha fugido. Era o suficientemente inteligente para admitir a si mesma.

—Assim, se os três tivessem estado dispostos a serem fiéis a você, teria-o considerado?

Não gostou do olhar em seu rosto quando fez a pergunta. Era provocador, escuro e perigoso.

—Não. Não o teria feito. —passou uma mecha de cabelo por trás da orelha antes de cruzar os braços sobre seus seios e devolver o olhar candidamente— Vamos Dawg, isso foi há oito anos. Não estava apaixonado por mim. Eu fui uma agradável noite, na qual estava muito bêbado para recordar, isso foi tudo. Agora, sou só a mulher que está chantageando. Não comecemos a colocar o passado nisto.

—Só a mulher que estou chantageando. —murmurou então, sua voz profunda,

tornando-se dura, faminta— Meu próprio brinquedo sexual, não é?

Crista não deixou que seus lábios se apertassem ou que sua diversão se visse em seus olhos. Tinha a impressão de que ele não apreciaria o mínimo.

Deu de ombros com descuido.

—Tem uma melhor descrição?

Ele se levantou de repente da escrivaninha, sobressaltando-a o suficiente para fazê-la saltar para trás. Sorrindo com satisfação, moveu-se para as janelas manchadas para olhar para fora sobre o chão da loja.

Layla tinha fechado fazia perto de uma hora e partiu com seu marido e filhos, deixando no piso abaixo deles, inquietamente silencioso. Ainda assim, Dawg desceu bruscamente as persianas e fechou a porta do escritório.

Crista lambeu os lábios nervosamente, sentindo o calor sempre persistente renascendo sob sua pele. Como se cada célula de seu corpo estivesse tão em sintonia com ele que soubessem o momento no qual ele decidia que era momento de começar a jogar de novo.

—De acordo, então tenho vontade de jogar. Tire sua roupa.

Imediatamente o ar se carregou do aroma da excitação e uma forte dominação masculina.

Crista tinha decidido que em lugar de lutar contra a sensualidade e Dawg, permitiria-se desfrutar disso. Para deleitar-se na carnal intensidade que era tão parte dele e permitir-se esse momento de desfrutar de seu sabor e seu toque.

Não havia outro homem como Dawg, e nunca haveria.

Hoje não podia resistir a ele. Não agora. Necessitava de seu toque tanto como aparentemente ele queria dá-lo.

Tirou as sandálias enquanto seus dedos foram para o estreito cinto que segurava o jeans. Seu coração galopava em seu peito enquanto soltava o botão metálico com um rápido movimento e descia o zíper. O olhar dele nunca deixou suas mãos, seguindo cada movimento enquanto ela deslizava o tecido de suas coxas e a empurrava pelas pernas. Saindo de seu jeans, lançou-os à cadeira de couro, das visitas, que estava em frente a sua escrivaninha.

Ficou com o estreito e reduzido top de alças, o sutiã de renda e a tanga combinando que usava. Os olhos de Dawg se obscureceram, dilataram-se, enquanto se movia devagar de volta à escrivaninha e a rodeou para baixar as persianas de trás.

Sua expressão era de pura luxúria. Escura, incontrolável, tensa de fome, e acesa excitação. Isto mandou um raio de ardente sensação para seu útero, apertando-o violentamente antes de precipitar-se a sua vagina e lhe produzir espasmos nos sensíveis músculos. Um sedoso calor se derramava dela enquanto as dobras externas se tornavam

inchadas e pesadas, tão sensíveis que teve que morder o lábio para evitar soltar o gemido que escapava de sua garganta.

Dawg dispôs de sua camiseta antes de se agachar e tirar as botas de seus pés. Em seguida, tirando as meias três-quartos, sua cabeça se levantou, seus olhos, olhando-a fixamente.

—Não está nua. —recordou de forma gutural— Tire a roupa, ou o farei por você.

—Este é seu escritório. — Estava sem respiração, e ainda assim o provocava.

Seus lábios se esticaram em um feroz sorriso.

—E você é meu brinquedo sexual. As horas de trabalho terminaram, e estou preparado para brincar, Crista.

Oh Senhor, estava preparado para brincar. A camiseta foi lançada a um canto da sala, os músculos de seu peito e o abdômem se esticava com poder e determinação.

—Tire a blusa.

Ela agarrou a barra da blusa e puxou para cima devagar, suas coxas cederam ante o som áspero de sua inspiração. Lançou-a a cadeira com seu jeans, encarou-o com nada mais que uns quantos pedaços de renda e uma fome que sabia que era tão visível quanto a dele.

—Fodidamente linda. — grunhiu, suas mãos soltando seu cinto devagar— Agora o sutiã. Quero ver esses lindos seios. Seus doces e duros mamilos.

Suas mãos tremiam enquanto agarrava o fechamento entre seus seios e o soltava. Deslizando-o pelos ombros, deixou-o cair, esquecido, no chão a seus pés.

A mandíbula de Dawg se apertou. Passou seus dedos pelo comprido e negro cabelo, afastando as finas e sedosas mechas de seu rosto.

Via-se selvagem. Alto, duro, resolvido a reclamar o que acreditava que era dele, por enquanto.

Suas mãos foram para o elástico de sua calcinha.

—Deixe-a. — disse com voz áspera —Venha aqui. Bem aqui. —Ele deu tapinhas em cima da escrivaninha em frente de sua cadeira.

Crista sentiu como lhe percorria o corpo um estremecimento enquanto se movia lentamente para ele. Apoderou-se dela a cautela ao aproximar-se. Esta não era uma fome que ardia quente e rápida. Podia vê-la. Esta fervia a fogo lento sob a superfície, como brasas, como um furioso incêndio que sem piedade estava agora sob controle.

—Absolutamente linda. — disse em um sussurro com essa rouca e escura voz enquanto ela rodeava a escrivaninha.

Deslizando-se em frente da cadeira, ela começou a impulsionar-se sobre a escrivaninha de nogueira, quando ele a parou.

—Assim não. —Agarrou-a pelo quadril com uma mão. —Se volte e se incline sobre ele.

Lutou para respirar. Voltando-se, apoiou as mãos sobre a escrivaninha e, com a mão dele em suas costas, deixou-se guiar à posição.

Seus seios se esmagaram contra a escura madeira, seus mamilos apertados contra a fria escrivaninha enquanto o sentia mover-se atrás dela.

Recordou, com clareza, o quanto ele desfrutava brincando, particularmente, com essa porção de sua anatomia.

—O traseiro mais lindo do estado. —Sua mão deslizou sobre os redondos globos que a tanga deixava descoberto.

Sua mão, calosa e cálida, acariciava levemente com sutil destruição, seus dedos levantavam a pequena porção de material que deslizava entre as costas antes de substituí-la brandamente.

—Surrei você naquela noite, Crista? —inclinou-se para mais perto, seus lábios tocando seu ombro enquanto realizava a sugestiva pergunta.

—Não. —Ela lutava por respirar agora.

Não tinha havido nada mais que um segundo de jogos preliminares, e ela já podia sentir seus sucos umedecendo sua calcinha.

—Eu fodi este bonito rabo e não o surrei? —Sua mão apertou uma das curvas enquanto seus lábios começavam a descer por suas costas— Que negligente por minha parte. Tenho que retificar isso, não acha?

Ela soltou então um choramingo. Tinha limpado seu escritório, sabia malditamente bem e seguro que em seu escritório tinha exatamente o que ele necessitava para tomá-la de qualquer forma que desejasse. O tubo novo de lubrificante que ele tinha posto aí mais cedo não tinha passado despercebido. E ela tinha encontrado o pacote com os brinquedos sexuais no dia anterior. Brinquedos que ele tinha aberto enquanto sorria perversamente e os lavava no banheiro adjacente.

Estava completamente preparado para qualquer jogo sexual que pudesse querer praticar no escritório. E ela não tinha mais experiência agora que há oito anos.

Através da mente e do corpo dela corriam o temor e os femininos nervos. Estremeceu embaixo dele quando os lábios riscaram cada vértebra de sua espinha dorsal até que alcançou a estreita banda da tanga que usava.

—Adverti quão bonito era seu traseiro em uma época em que deveria ter sido açoitado por notá-lo. —Abaixou o elástico pelas coxas, riscando um atalho com os lábios por um lado da nádega enquanto se desfazia do tecido de renda— Tão suave e sedoso, e maravilhosamente curvado.

Crista tentou não gritar enquanto ele arranhava sua carne com os dentes.

Sentiu-o mover-se, ouviu o rangido do couro atrás dela, e soube que havia se acomodado na cadeira. A raspadura das rodas da cadeira sobre o chão de madeira a fez

estremecer-se enquanto ele colocava os joelhos em ambos os lados de suas pernas.

—Perfeita posição. —Agarrou-lhe o traseiro com ambas as mãos, separou suas nádegas brandamente, enquanto ela sentia um suave sopro de ar contra a oculta entrada.

—Não faça isto. — rogou de repente, as unhas arranharam a superfície da escrivaninha quando os nervos a superaram. — Não posso suportar isso, Dawg. Não me excite. Só faz.

Não poderia suportar. Já lhe tinha roubado muito. Recuperar-se deste episódio de sua vida levaria anos. Nunca se recuperaria do que lhe estava fazendo agora.

—É o brinquedo, recorda? —Sua voz era áspera pela luxúria—Meu brinquedo. Meu para jogar, para tocar e provar. —Sua voz soava atormentada. Deus Crista, como sonhei com isto. Só isto.

Abriu-a um pouco mais um segundo antes de que os dentes mordessem a carne do interior e lhe desse veementes golpezinhos com a língua.

Ela tentou de endireitar-se para escapar da chicotada de sensações que estalaram por seu corpo.

—Fique quieta. — ordenou fortemente, pressionando uma mão em suas costas um segundo antes que sua língua golpeasse a estreita greta.

Crista ficou nas pontas dos pés. O completo erotismo do que ele estava fazendo marcaria sua alma para sempre. A língua deu golpezinhos pelo estreito vale, encontrando a entrada diminuta e proibida, e açoitou contra a carne cheia de terminações nervosas com destrutivas carícias.

—Maldição, Crista, converte-me em um selvagem. — grunhiu atrás dela, enquanto levantava a cabeça.

Uma mão aterrissou em uma nádega arredondada com uma forte carícia que enviou um raio de prazer por suas terminações nervosas.

Ela deu um puxão, estremeceu, e tentou outra vez de levantar-se de cima da escrivaninha.

—Não se mova. Deve-me isto. Oito fodidos anos de sonhos, deve-me isso. —A mão aterrissou no lado oposto do traseiro, enviando um calor ardente através dela, de prazer e dor que beirou o orgasmo.

Crista ouviu seu próprio gemido de rendição. Levantou o traseiro para ele, e um grito escapou de seus lábios quando sua mão voltou a aterrissar. E outra vez. Doce Deus.

—Outra vez. —ouviu-se gritar as palavras, soube que estava corcoveando, que pressionava para trás, rogando mais do doce prazer doloroso. E ele deu mais.

—Você gosta assim, Crista Ann? —Ele gemeu atrás dela, a mão acariciou seu traseiro antes que outra carícia ardente aterrissasse na carne. Nunca no mesmo lugar e o bastante frequentemente para arrastá-la da neblina sensual que ele construía em sua mente. Nunca

o bastante forte para descê-la das alturas eróticas que lhe golpeavam as veias.

—Sim. —gritou ela.

E gostava. Muito. Uma parte distante do cérebro conectou os pontos. Sabia o que estava lhe fazendo cada toque, o que criava cada bofetada ardente contra seu traseiro. Estava-a atraindo mais profundamente à rede que ele tecia ao redor de sua alma. Assegurando-se de que lhe pertenceria para sempre. Que sua alma sempre o seguiria, independentemente se a dele seguisse à sua ou não.

Dawg olhou como o traseiro de Crista ficava de um bonito e ardente rosa. Hipnotizava-o. Ver que seu corpo aceitava cada carícia delicadamente colocada. Nunca muito forte. Sempre o bastante para esquentar mais que queimar.

E a esquentava. Não só a carne. As pernas se separaram mais, seguindo sem pensar a direção da mão dele sob seu joelho enquanto lhe levantava o pequeno pé à gaveta da escrivaninha que tinha aberto. Sustentou-o na beirada, olhando como seu traseiro se separava, como se revelavam as dobras de suaves cachos entre as coxas.

O orvalho brilhava nessas dobras. Pequenas gotinhas suaves e doces que lhe faziam água a boca por saborear, por lamber. Separou as suaves nádegas de seu traseiro uma vez mais e se inclinou para frente, gemendo enquanto a língua encontrava o centro ardente da xana e a calda de açúcar quente que a enchia.

Crista estremeceu, gritou seu nome, e apertou para trás, lhe dando mais, rogando uma carícia mais profunda.

Ainda não. Inferno não, ainda não. Quando terminasse, queria estar seguro de que nenhuma só insinuação de seus amantes anteriores permanecesse nos sonhos de Crista. Tinha a intenção de marcar seu corpo e sua alma com seu toque, sua posse. Quando o verão acabasse, deixá-lo seria para ela como arrancar sua própria alma. Asseguraria-se disso. Tinha que assegurar-se disso, porque não podia imaginar perdê-la.

Quase se deteve ante o pensamento. Dawg, sendo possessivo. Era malditamente inaudito, mas o era. Tão possessivo que grunhiu, beliscou-lhe o suave traseiro, logo tirou a língua e a introduziu nas quentes profundidades líquidas de sua xana enquanto deslizava da cadeira para ajoelhar-se atrás dela.

Deslizando os sucos doces e escorregadios da xana ao traseiro, lubrificou o pequeno buraco o bastante para que tomasse a ponta de um dedo. Ela estremeceu, gritou, logo empurrou para trás enterrando o dedo até o primeiro nódulo enquanto ele a fodia profundamente com a quente língua.

Ela era como fogo, ardendo em seus braços. Cada vez que tomava, mais lembranças da noite de há muito tempo, se uniam dentro da sua cabeça. Retorciam-se, juntavam-se e corriam por sua mente com uma força que o deixava ofegante.

Tinha-o tomado então como tomava agora: com ânsia, com veemência, gritando seu

nome com essa voz quebrada cheia de necessidade.

Inclinando-se para trás e a virou, ignorando seus pequenos gritos frenéticos de negação, e a levantou da escrivaninha.

—Deite-se. —Sua própria voz confinava a demência — Deite-se , Crista. Dê-me o que preciso. Agora.

Ela se deitou, o cabelo caiu em leque ao redor da cabeça empapada de suor enquanto jogava as mãos para trás e se agarrava na beirada da escrivaninha.

Dawg lhe abriu as pernas lentamente enquanto as levantava, colocando os pés na beira mais baixa da escrivaninha e olhando fixamente as inchadas e molhadas dobras que o esperavam.

Dobrou-se para frente, fechando os olhos quando a língua efetuou uma lambida lenta e ávida pela estreita abertura.

Crista saltou embaixo dele, levantou os quadris e um gemido baixo abandonou seus lábios. Os sons que vinham de sua garganta estavam deixando-o louco.

—A xana mais doce do mundo. —disse brandamente enquanto se recostava, movendo os dedos brandamente sobre os cachos molhados e olhando-a fixamente. — Depilará isso para mim, Crista? Tirará esses bonitos cachos para que possa saborear sua pele, lambe todo seu suco e te mostrar quão doce e quente pode ser, quando nada a oculta de mim? Fará isso para mim, querida?

Tirou o tubo de lubrificante da gaveta aberta enquanto permitia que os dedos da outra mão acariciassem as curvas empapadas.

—Dawg. —Havia um bordo de vacilação e angústia feminina em seu tom. Mas os quadris se levantaram para ele, seu corpo procurando inconscientemente mais.

Movendo-se lentamente, Dawg espalhou gel lubrificante nos dedos, deixou-o esquentar-se e logo desceu os lábios à suculenta carne diante dele, enquanto os escorregadios dedos se moviam para o suave portal de mais abaixo.

Ela gritou seu nome outra vez quando pressionou contra a entrada do ânus. Os quadris deram puxões, levantaram-se e um rasgado grito encheu o ar quando perfurou o estreito canal.

A língua estalou ao redor de seus clitoris, logo o atraiu ao interior de sua boca enquanto um segundo dedo penetrava em seu apertado ânus.

Deus, ela era fodidamente quente. Retorcia-se embaixo dele, seus sucos se derramavam. O pênis lhe doía como uma ferida aberta, e suas bolas estavam tão apertadas contra seu corpo que agonizavam.

—Me responda, carinha-linda. — gemeu, levantando os lábios da doce xana e a olhou fixamente enquanto trabalhava com os dedos dentro do tenro buraco— Fará isso por mim? Depilará sua xana. A deixará escorregadia e suave para mim.

Alcançou a gaveta e tirou o pequeno plugue anal que tinha tirado do pacote antes. Ele gostava desse ponto de dor. Gostava do ardente prazer que queimava suas terminações nervosas e fazia a necessidade para o orgasmo uma angústia erótica.

—Sim. —sussurrou— O que seja. O que quiser.

Tirou os dedos do traseiro.

—Não. Não pare. —implorou de forma ofegante— Ainda não, não pare.

—Shh, neném. Não estou parando. Vou fazer melhor. —Lubrificou o estreito brinquedo—Muito melhor.

Endireitou-se, levantou-lhe as pernas e as juntou antes de pressioná-las para trás.

Ela abriu os olhos de repente. Agora quase negros pela excitação, olharam-no cautelosamente, com conhecimento. Sabia o que vinha. Tinha visto os brinquedos, sabia que não esperaria muito tempo antes de utilizar um deles.

Ele pressionou a estreita ponta contra a diminuta e franzida abertura.

—Não. —sussurro ela— O brinquedo não. Desejo você aí.

O pênis deu um puxão enquanto um sorriso esticava seu rosto.

—Estarei aí mais tarde, carinho. —prometeu— Quero que saiba como é isto. Cheia de um extremo ao outro. Tão quente e apertada que não saberá onde termina o prazer e começa a dor, porque tudo será tão malditamente bom que não poderá parar de gozar.

O brinquedo se moveu devagar dentro dela, estirando-a, fazendo-a arquear-se e choramingar com a sensação enquanto ele olhava como o prazer lhe retorcia o rosto.

Dawg utilizou o brinquedo dentro dela, movendo-o devagar, olhando como o pequeno buraco se expandia para acomodar o brinquedo e por último ao redor da base mais estreita. Olhou como os músculos de seu ânus se esticavam e se flexionavam enquanto ela lutava para ajustar-se ao estiramento. Ouviu seus murmurados gemidos enquanto recolhia o pequeno controle que ativaria a vibração em seu interior.

Ele recolocou seus pés na beirada da escrivaninha, apertou o interruptor e grunhiu quando ela saltou, corcoveando. Os quadris começaram a mover-se, oscilando e saltando enquanto o plugue começava não só a vibrar, mas também a dobrar-se em seu interior.

Ela abriu os olhos de repente. Entre as coxas, os sucos começaram a juntar-se nas suaves dobras e nos sedosos cachos. Seu corpo ruborizou, os mamilos se apertaram.

—Oh Deus, Dawg. —arqueou-se para ele enquanto ele dava um passo mais perto, seu membro agarrado em sua mão, colocando a pesada crista na flexível abertura— Oh Deus. Foda-me. Foda-me, Dawg. Antes que isto me mate...

Dawg teve que lutar pelo controle. A sensação do sedoso calor molhado na crista de seu pau o fez apertar os dentes enquanto lutava para controlar-se. Só um pouco mais de controle. Só outro minuto para saborear sua rendição, seu prazer.

Mas ela estava tão fodidamente quente. E ele sabia quão apertada estava, quão

faminta estava sua vagina quando estava tão excitada. E ele precisava. Que Deus o ajudasse, só durante um momento, ele precisava...

O que tinha feito a ela? Crista podia sentir a insidiosa vibração no traseiro, o lento dobrar, um alívio, logo um estiramento que começava a deixá-la louca por mais.

Abriu os olhos em uma fresta, não podia conseguir levantar as pálpebras completamente, a sensualidade deixava seu olhar pesado, seu corpo débil e fundido. Mas podia olhar a Dawg.

As largas mãos sustentavam suas pernas para cima, sob os joelhos. Os olhos estavam centrados entre as coxas, no lugar onde a cabeça de seu pênis estava metida na abertura da vagina.

Podia senti-lo, uma pesada presença na entrada, quente, grossa e pronta para enchê-la.

—Dawg. — sussurrou seu nome, com um suspiro de prazer e um fôlego inquisitivo quando ele se deteve.

O grosso cabelo negro caía pelos lados do rosto, macio, negro e brilhante, enquadrando seus traços selvagens.

—Tomá-la é como me perder. — gemeu rudemente — Sinto-a agarrando meu pau, Crista, mas a sinto entrando em minha alma.

Os olhos verdes, tão brilhantes, que eram como gelo verde, agora ardiam. Piscaram com um bordo escuro, brilharam com o conhecimento carnal.

Crista choramingou ante as palavras assim como ante o olhar.

—Não faça isso. — sussurrou entre lágrimas, vendo o desejo escuro em seu rosto, não a necessidade de compartilhar, a não ser a necessidade de possuir mais que seu corpo.

Ele sacudiu a cabeça rudemente, mostrando os dentes em um grunhido silencioso enquanto movia os quadris, a larga cabeça de sua ereção se introduziu em seu interior, estirando-a, queimando-a.

—Você foi... —Um fôlego duro sussurrado entre os dentes — Você foi sem olhar para trás?

Ela sacudiu a cabeça. Não podia fazer isto. Não podia permitir que ele tivesse tudo dela.

—Me responda. —deteve-se, a cabeça de seu pênis a enchia, excitando-a. Desafiando-a— Olhou para trás?

—Por favor, Dawg...

—Me diga.

Outro centímetro. O movimento que fez não acomodou seu membro dentro dela, esse centímetro adicional foi tomado com uma dura flexão dos quadris e uma destrutiva chama pelas tenras terminações nervosas que acariciou.

—Sim. —gritou. As palavras saíram espontaneamente de seus lábios — Sempre olhei para trás.

As mãos dele apertaram suas pernas.

—Não esqueceu. —A voz se suavizou então, o pênis se moveu em seu interior, acariciava-a, tomava pouco a pouco com cada movimento.

Ela não podia ocultar-se dele. Queria-o. Necessitava-o.

—Nunca esqueci. —Uma lágrima caiu pelo canto do olho— Nunca me esqueci, Dawg.

Seu coração nunca esqueceu. Sua alma nunca soltou a lembrança de seu toque, sua dura voz sussurrando em seu ouvido, sua fome, ou sua necessidade dele. Seu amor. Sua alma, a inextinguível agonia de amá-lo.

—Não chore carinha-linda. —Sua voz era rouca, grossa e áspera enquanto ela sentia como um prazer agonizante começava a tragá-la— Cuidarei de você.

Cada polegada de sua ereção dentro dela era como uma marca colocada aos músculos tenros. Uma marca de chamejantes sensações e delicioso prazer.

Crista se arqueou, conduzindo-o mais profundamente nela, sentindo a penetrante e ardente sensação de ser duplamente penetrada, de ser estirada deliciosamente.

—Aí, carinho. —Envolveu as pernas dela ao redor de seus quadris quando se inclinou mais perto, a cabeça desceu aos mamilos, acrescentando-se ao prazer enlevado que já a aferrava atraindo um apertado broto a quente boca e amamentando-o profundamente.

Os quadris dele se moviam, seu pênis empurrava lentamente, trabalhando-a com cada impulso enquanto as sensações envolventes de calor, estiramento e brutal prazer começavam a construir-se dentro dela.

Sempre era assim com Dawg. O mundo se centrava em dois seres, o tempo se detinha, nada importava, exceto isto, com ele, a sensação dele fodendo-a, possuindo-a.

Ele a possuía.

Empurrou dentro dela, e ela se arqueou para tomá-lo mais profundamente.

Os lábios, os dentes, e a língua consumiam seus mamilos, um, logo o outro, e as mãos dela se enredaram no cabelo dele para tê-lo mais perto.

—Tão bom. —sussurrou ele— Tão doce e apertado.

O corpo de Crista se apertou reflexivamente ainda mais ao redor dele, os músculos se contraíram, sua alma glorificada no rouco gemido masculino que a boca sussurrou ao redor do mamilo.

—Lindo. —Ele enterrou a cabeça entre os seios, o ritmo dos quadris aumentou, e ela o incitou com seus gritos e suas súplicas de mais.

—Minha! —grunhiu ele, e ela estalou a seu redor.

O orgasmo a atravessou enquanto os impulsos se faziam mais duros, mais profundos. Bombeava nela, investindo-a com agitados golpes e fodendo-a com uma avareza sempre

crescente.

—Maldita seja — mordeu-a no ombro, as mãos a agarraram pelos quadris, e quando o clímax começou a acalmar-se, ela sentiu o poderoso primeiro jorro de seu sêmen estalando nela.

Arqueou-se violentamente pela segunda liberação. Apertou-lhe até o ponto de que pôde sentir cada batimento do coração, cada pulso, cada onda da liberação de Dawg em seu interior. E sentiu que outra parte de suas defesas emocionais desabava.

Dawg sustentava uma vez mais seu coração.

Capítulo 16

Dois dias depois, Dawg admitiu o que devia ter compreendido há oito anos. Crista Ann tinha conseguido envolver-se ao redor de seu coração de um modo que sabia nunca conseguiria escapar. Podia sentir os laços apertando enquanto detinha sua caminhonete em um estreito estacionamento em frente ao pequeno e exclusivo spa que se mudou para o centro da cidade de Somerset.

Ao lado da caminhonete, Rowdy se deteve em sua Harley e ajudou à pequena gatinha selvagem de quem estava noivo. Ao lado de Rowdy, Natches parou sua Harley e esperou.

—Isto é uma loucura. —resmungou Crista no assento de passageiros quando olhou amotinadamente a porta principal do spa—Vai doer.

—Beijarei-a melhor ali esta noite. —virou-se para ela, lhe permitindo ver quanto esperava beijar a delicada carne entre suas coxas e aliviar a lembrança de qualquer desconforto que sentiria com a cera que tinha pedido a Kelly que tivesse preparado para ela.

Seus braços se cruzaram sobre seus seios defensivamente.

—Como deixei que me metesse nisso? —estalou ela, só meio zangada. A outra metade parecia incerteza, possivelmente um pouco de vergonha.

—Por que sou persuasivo? —perguntou ele arqueando para cima e para baixo as sobrancelhas.

Fazia todo o possível para ser persuasivo. Durante horas. Lambendo, beijando, tentando-a com o conhecimento de quanto melhor poderia ser, pondo-a tão quente, tão malditamente desesperada, que ela teria estado de acordo com qualquer coisa.

Seus lábios se moveram nervosamente, um sensual sorriso, ao recordar puxou as exuberantes curvas enquanto um débil rubor cobria seu rosto. E o peito dele se esticou. Aí mesmo no assento dianteiro de sua caminhonete, Dawg sentiu o batimento do seu coração

com uma emoção tão desconhecida que soube que estava fodidamente apaixonado. Era tão forte, tanto que teve que estender a mão e esfregar o centro de seu peito para aliviar a contrição.

—Foi muito persuasivo. —Ela suspirou, olhando fixamente, outra vez mal humoradamente, o SPA. — E sabe que estarei muito zangada quando tiver terminado.

Um sorriso bobo puxou seus lábios, e seu coração se acelerou.

—Levarei-a a um lugar especial quando tiver terminado. —disse então— A um lugar que desfrutará.

Ela lhe deu uma olhada com a extremidade do olho.

—Quanto especial?

—Tão especial que nunca levei a outra mulher ali. —prometeu ele, vendo-a afastar o olhar, esse pingo de vacilação que esticava seu alto e magro corpo.

Ela estava assustada do que a fazia sentir, e não podia culpá-la. Tinha-a chantageado, e seguiria chantageando-a até que compreendesse que lhe pertencia.

Ela esclareceu delicadamente a garganta.

—Bem. Mas será melhor que mereça a dor. —Pegou sua bolsa de onde esta se localizava, atrás do assento dele, e o olhou fixamente nos olhos quando se voltou para ele. — E será melhor se não doer muito.

—Você gostará disso. —prometeu— Só me imagine fazendo isso.

Via-se escandalizada.

—Oh, Senhor, não siga, Dawg. Isto vai ser muito difícil. —Puxou fecho da porta rapidamente, escapando antes que ele pudesse dizer algo que aprofundaria o rubor ao longo de seu rosto ou que daria a seus olhos esse confuso e incerto olhar.

Tinha a sensação de que Crista tinha acreditado alguma vez que o conhecia. Que poderia predizê-lo. Ele poderia ter dito que isso não ia acontecer.

Saiu da caminhonete quando ela e Kelly se dirigiram ao spa, encontrando Natches e Rowdy à frente de sua caminhonete e olhando os arredores da rua com curiosidade.

—Escolhemos seguir de perto. — disse Natches calmamente, seus olhos verde escuros, observavam o sedã cinza que se deteve ao longe rua acima— Ela ficou atrás de você depois que transpassou os limites da cidade.

Dawg deu uma olhada rua acima, seu olhar se estreitou em Greta Dane. Normalmente quando uma mulher olhava um homem com uma expressão tão fria e afiada quanto o sílex como fazia Greta, tendia a fazer que as bolas se levantassem de medo.

Por sorte, Dawg não era propenso a permitir que tais coisas afetassem suas partes íntimas.

—Algo está em curso. —murmurou ele, virando outra vez para os outros homens. — tiveram notícias de Cranston?

—Nada. —Natches negou com a cabeça quando cruzou os braços sobre seu peito e logo deixou as mãos aos lados— Seguem o buldogue lá em cima apenas dentro dos limites da cidade, e ela não se incomodou em tentar esconder-se.

Dawg esfregou sua mão sobre o queixo.

—Fiquem aqui. Vou ver o que posso averiguar.

Ele percorreu a calçada e caminhou rapidamente até o pequeno sedã que Greta conduzia. Quando se aproximou, a janela baixou, e a expressão cansada de Greta aumentou. Também estava nervosa. Ela colocou um cigarro entre seus lábios e o acendeu quando ele se aproximou do carro.

—O que acontece, Greta? —Dawg se apoiou contra uma caminhonete próxima a ela e lhe devolveu o olhar dissimuladamente.

—Ordens de Cranston. —informou ela pungentemente— A diferença de algumas pessoas, jogo em equipe.

Dawg inclinou sua cabeça e sorriu devagar.

—Está sugerindo que não jogo bem com outros, Greta?

Ela deu uma imersão ao cigarro outra vez antes de jogar as cinzas no cinzeiro do console central.

—Não estou sugerindo nada, Mackay. Declaro um fato.

O olhar que lhe devolveu era suspeito, frio pela completa carência de emoção.

—Assim, lhe ordenaram me vigiar? —perguntou ele.

—Não, ordenaram-me seguir a sua namorada. —O sorriso dela não tinha nada a ver com o prazer— Não perguntei o porque.

Babaquices.

Dawg a olhou em resposta, seu olhar entrecerrado, seu corpo preparado. De algum jeito, Cranston tinha se concentrado em Crista. Isso não era nada bom.

—Divirta-se nos seguindo. —ele disse então, devolvendo o sorriso com interesse — Embora eu me assegurasse de não ser dos que se impressionam com facilidade. Depois que partirmos daqui, nos dirigiremos as montanhas. Tenho uma manta na caminhonete, e nos deteremos para um, pequeno e ligeiro, piquinique, com a refeição que meu restaurante favorito preparou para nós. Logo, já que é propriedade privada, pensei que poderia introduzir a minha namorada em um pouco de amor ao ar livre. Agora, não me importa um pouco de exibicionismo de vez em quando, mas deveria estar preparada. Poderia tornar-se bastante forte.

Observou o rosto ruborizado. A destemida agente podia matar um homem sem pensar, mas parecia que o sexo, a deixava nervosa como o inferno.

—Estou segura de que sobreviverei. —disse entre dentes.

Dawg cabeceou devagar e sorriu outra vez.

—Estou seguro que o fará, doçura. Embora só para estar seguro acredito que pedirei a Natches que vá conosco e se sente com você por um momento. Algumas coisas não deveriam ser feitas sozinhas, sabe? E Natches, é um caralho de boa companhia em tais situações.

O olhar dela se dirigiu rapidamente sobre Natches e Rowdy enquanto Dawg também se virava. Natches sorriu lenta e tranquilamente. Ele não podia saber de que demônios estavam falando, mas inclusive dali, Natches teria visto o severo rubor no rosto de Greta.

—Se mandar esse pervertido bastardo em minha direção, darei-lhe um tiro. — advertiu Greta.

Dawg deu de ombros.

—Ele sobreviverá. Não está autorizada a matá-lo, e um pouco de sangue entre amigos... —Ele sorriu outra vez — Poderia tornar-se interessante. —endireitou-se e deixou cair o sorriso— Fala com Cranston, e diga que espero ouvir notícias dele, doçura. Logo.

Não lhe deu tempo para responder, mas supunha que ela estava no celular, inclusive, enquanto ele caminhava de retorno a onde Rowdy e Natches estavam esperando na calçada em frente a sua caminhonete.

—Vigie Crista. — disse a Natches em voz baixa, Rowdy escutava com interesse.

—Más notícias. — chiou Natches, enquanto baixava a cabeça como se pensasse em analisar as pontas de suas botas de vaqueiro.

—Quanto demora este assunto feminino, de todo o modo? —Dawg deu uma olhada às portas do spa, sabendo malditamente bem e além que não esperaria no interior do edifício que Crista terminasse. Não, de maneira nenhuma; todo esse estrogênio podia ser fatal.

—Cera, óleo, hidratar e coisas assim. —refletiu Rowdy— Calculo três horas.

Dawg se apoiou contra a caminhonete.

—Vocês dois podem ficar aqui e esperar comigo. — decidiu ele.

Natches grunhiu.

—Tenho coisas para fazer, Dawg.

—Termina com isso. Só Deus sabe o que Cranston tem entre as mãos, e não ficarei aqui sozinho.

—Inferno. Consigo os trabalhos de merda e nada de prazer. —blasfemou Natches — Está crescendo a sensação de merda de que vocês dois tentam me irritar. Acredito que irei falar um momento com a agente Dane em vez disso. Ela sempre está bem para um sorriso satisfeito ou dois, nada mais.

Lançando a Rowdy e a Dawg um olhar furioso, Natches se moveu sem pressa da sua posição desajeitada contra a capota da caminhonete e se dirigiu para o veículo da agente Dane.

A agente em questão acendeu outro cigarro quando observou Natches, cautelosamente.

—Acha que está realmente zangado? —Rowdy arrastou as palavras quando Natches se aproximou do carro da mulher.

—Com Natches, quem demônios sabe. —Dawg sacudiu a cabeça cansadamente — Esse rapaz não saiu facilmente do Afeganistão. Ia ficar com o ombro quebrado apesar do conselho de seu Comandante até que os Marinhe tiraram seu traseiro de lá.

Natches, já era um excelente atirador quando entrou na Marinha e um caçador instintivo, tinha sido rapidamente incluído no treinamento para franco-atirador/assassino. Dawg suspeitava que seu primo, tinha mais mortes em sua consciência, que as que admitia, e segredos dos quais Dawg só podia conjecturar.

—Vocês dois não faziam facilmente as coisas. —disse Rowdy— Acreditei que o trato era que entraríamos, cumpriríamos com nosso dever, e viríamos para casa sem mudar quem ou o que fomos.

Dawg tinha a sensação de que Rowdy não estava falando, da carência de necessidade, em compartilhar a sua linda noiva.

—Ouça, você começou. —disse ele de todo o modo. —Se tornando todo possessivo e furioso com Kelly da maneira que fez.

Rowdy soprou ante isso.

—Não seja lerdo, Dawg, não combina com você.

Dawg disse entre dentes.

—Nós estivemos mais que satisfeitos com algumas coisas do que você esteve Rowdy. Só que não quer reconhecer isso.

—Ao matar? —perguntou Rowdy —Vocês nunca estiveram satisfeitos com isso. Você ou Natches.

—Não quis reconhecê-lo. —Dawg olhou fixamente seu primo nos olhos— O matar não era a solução, entretanto. Isto tirava os monstros. E era algo que Natches e eu estávamos preparados para fazer antes que terminássemos a adolescência.

Os pais de Dawg e Natches eram uns bastardos. Mas a maioria dos homens daquela família eram bastardos. Literalmente. O bom avô August tinha gerado filhos de um extremo ao outro da nação. Fizera uma pausa em Somerset, suficientemente longa, para fingir um casamento com Ellen Mackay e lhe dar uma filha e três filhos. Para depois informá-la amavelmente que o casamento era ilegal porque já estava casado, e logo tinha desaparecido.

Ellen Mackay tinha mudado o sobrenome de seus filhos e lhes tinha dado o seu em troca. Quatro crianças que ela tinha criado, com pouca ajuda, e tinha morrido sabendo que de todos esses filhos, apenas um deles tinha senso de decência. Ray Mackay tinha sido tão

sólido como a terra. Os restantes? Inferno, os restantes, eram tão malvados e mesquinhos quanto o ancião em pessoa.

Quando Dawg entendeu isso, seus primos no Texas não tinham tido um destino melhor. Seu pai, Joe August, o descendente legítimo de Nate August, tinha sido o mal encarnado. O inferno que ele tinha feito visitar seus filhos quase os tinha destruído. Só por milagre sobreviveram durante e depois da tortura que tinham suportado.

—Vi a mãe de Johnny e o pai de Natches com as cabeças juntas fora do tribunal ontem, quando Kelly e eu íamos de carro por lá. Parecia que eles estavam planejando problemas.

Nadine Mackay Grace e Dayle Mackay eram víboras se separados; mas quando estavam juntos, a destruição que podiam causar, já tinha destruído mais de uma vida.

—Merda! —blasfemou Dawg— Dayle quase deserdou Natches. Que mais poderia lhe fazer?

—Só lamento não saber com segurança se Natches seu objetivo. —Rowdy suspirou— Não sei, que demônios, acontece, Dawg, mas não é bom.

Demônios, não, não o era. Dawg podia sentir que seus dentes se apertavam e seu pescoço picava. Essas duas coisas eram uma advertência segura de que a merda se aproximava.

—Posição de retirada? —murmurou Dawg.

—Tenho-o coberto. —respondeu Rowdy.

Dawg tinha explicado a presença de Crista no armazém assim como o risco de que pudesse ser identificada como parte do grupo que tentava vender os mísseis.

Sua posição de retirada estava clara: Rowdy e Natches permaneceriam na linha de fogo, enquanto Dawg levava Crista às montanhas até a velha e escondida cabana de um caçador que eles tinham encontrado anos atrás quando eram adolescentes. Ninguém sabia sobre a cabana, salvo os três primos, e este seria o lugar ideal para esconder Crista até que soubessem a melhor forma de protegê-la. Ou até que Alex e seu grupo voltassem de qualquer lugar onde infernos tivessem ido.

—Vou telefonar para o contato de Alex. —resmungou Dawg então, odiando a necessidade disto. Tinha esperado ser capaz de evitar ficar em contato com Alex. — Precisamos que saiba que Crista poderia estar em problemas antes que seja muito tarde.

Rowdy assentiu, logo deu uma olhada para onde Natches se apoiava contra o sedan mais afastado, rua acima, obviamente discutindo com a agente Dane.

—Quando foi a última vez que viu Natches discutir com alguém? —perguntou Rowdy. Dawg deu uma olhada a seu primo e sorriu abertamente.

—A última vez em que Greta falou com ele.

—Interessante.

—Muito, muito interessante. — concordou Dawg quando tirou o celular do bolso e o abriu de um puxão. Tomou apenas um segundo para apertar a tecla rápida do número que chamaria o contato de Alex.

—Deixe uma mensagem. —A voz era fria, dura.

Dawg disse uma palavra.

—Crista. —Logo desconectou a chamada. Dentro de umas horas Alex saberia que as coisas tinham o potencial para ir do mel ao fel com sua irmã em muito pouco tempo.

Logo se apoiou contra o capô da caminhonete e deu uma olhada à porta principal do spa. Crista estava dentro, possivelmente fazendo a depilação íntima que ele tinha passado tanto tempo lhe falando essa manhã.

Seu corpo se esticou, a luxúria se elevou aguda e dolorosa dentro dele, endurecendo seu pênis em um instante.

Deus ajudasse Cranston se desbaratasse a diversão de Dawg mais tarde esse dia. Tinha esperado anos, infernos, Dawg se sentia como se tivesse esperado toda a vida para isto. O homem ou a mulher que se atrevessem a desbaratar isto pagariam. Dolorosamente.

Estar intimamente depilada era uma sensação curiosamente desconcertante, pensou Crista, enquanto sentava ao lado de Dawg várias horas mais tarde em direção à surpresa que ele tinha prometido.

No assento traseiro, uma cesta coberta de vime emitia o succulento aroma de frango frito recém feito de debaixo da grande toalha quadriculada que estava como seguro sobre a tampa.

Também havia uma nova adição na parte traseira do caminhão. No cabide que pendurava da janela se estendia um rifle. Não tinha estado ali quando ela tinha entrado no spa, mas agora estava.

E Dawg estava irritável. Continuava checando o retrovisor, alternadamente, e utilizava caminhos vicinais que ela não sabia que existiam.

—Estão nos seguindo? —Não pela primeira vez, se voltou e olhou para trás.

—Sim. —Taciturno e muito suave para sua comodidade, seu tom fez pouco para diminuir as mariposas que começaram a revoar em seu estômago.

—Não vejo ninguém.

—Eles permanecem longe, suficientemente atrás, para ficar fora de vista. —disse ele quando tomou outra direção— Só me mantenho suficientemente longe diante deles para ir por um lado e despistar seu rastreador. —Um sorriso estirou seus lábios. Um sorriso perigoso— Primeiro os quero bem desorientados.

—Há um rastreador na caminhonete? —Sua voz tremeu, mas infernos, não era todos

os dias que era consciente de que estava sendo rastreada. Ser perseguida já seria bastante ruim.

—Que me crucifiquem. —advertiu ele. E à velocidade do pensamento. A caminhonete fez uma abrupta parada.

Saltando para fora, Dawg rapidamente se dirigiu para trás da caminhonete, agachou-se, e segundos mais tarde se endireitou e retornou correndo ao assento do condutor. Saltando ao interior, pôs em marcha a caminhonete, dirigiu-lhe um sorriso menos perigoso e mais cheio de diversão, antes de jogar um dispositivo eletrônico pela janela e rapidamente afastar-se.

Crista percorreu com o olhar a área na qual estavam. Adentraram nas montanhas, e se aproximava a noite. Inclusive ela não poderia encontrar o caminho de volta à cidade dali.

—Deixará que alguém fique preso nestas montanhas na escuridão? —perguntou com cuidado— Quem é?

—Um amigo. —Ele riu entre dentes.

—Vai fazer com que um amigo se perca nestas montanhas? —perguntou com incredulidade — Dawg, seus amigos não se perdem facilmente. — indicou ela a ele.

—A maioria não. —Ele assentiu com outra risada baixa. O sorriso brincalhão em seu rosto a fez recordar de um menino em meio a uma travessura— Entretanto, esta amiga é da cidade. Não se preocupe, Natches está conduzindo perto de sua traseira, e ele cuidará dela.

—Natches? —Ela não confiaria em Natches nem sequer no meio de um quarto bem iluminado cheio de santos, sem mencionar em uma montanha escura — Está abandonando a alguma pobre e crédula mulher presa aqui com Natches? O que fez ela para o zangar assim?

Isso tirava do sério a qualquer menino mau.

—Está me espionando. —O brilho de seus dentes contra sua pele bronzeada ao sol era brincalhão e sexy— Por alguma razão, o agente especial responsável pelas detenções da última semana tem interesse em você, amor. Geralmente, eu não me preocuparia, mas tenho planos para hoje. Planos que não incluem olhadas indiscretas.

Suas sobrancelhas menearam por cima dos escuros óculos de sol.

Planos que não incluíam olhadas indiscretas? Crista sentiu que seu coração se acelerava mais do que quando ele mencionou que ela estava sendo perseguida em vez dele.

—Por que está interessada em mim? —Podia sentir o medo obstruir sua garganta.

—Ainda não sei. —Ele negou com a cabeça brevemente antes de retroceder em um dos caminhos rurais mais amplos e acelerar ao longo da capa de asfalto— Tentei telefonar para seu chefe, mas não responde as chamadas agora. Logo me avisará.

—Ele sabe que eu estava ali. —sussurrou ela — Vão me prender?

—Ninguém vai prendê-la, Crista. — resmungou ele —Fiz outro telefonema para Alex. Um número de contato que duvido que você tenha. Ele deve nos telefonar logo. Até então, só esperamos para ver o que acontece e brincar com os tolos que foram enviados para vigiá-la.

—Seu chefe já não confia em você. —disse ela com preocupação— Poderiam prendê-lo também, Dawg.

—Deixe de se preocupar.

—O que significa, deixe de me preocupar? Um de nós deveria preocupar-se aqui. —estalou ela— Dawg, se ele tiver alguém me vigiando, então acredita que estive implicada.

—Se ele tivesse uma prova, teria detido você no spa. Não teria alguém a vigiando. Não digo que não suspeite. Mas Cranston não faz um movimento sem uma prova. Ele não tem nenhuma prova.

Crista mordeu o lábio, ruminando isso preocupadamente, olhando o caminho diante dela.

—Parece seguro. —Ela precisava disso para estar segura.

—Conheço Cranston. Mas estou interessado no que vai acontecer. Natches deveria ser capaz de averiguá-lo; então entenderemos para onde vamos.

—A nota estava no Rodeio —sussurrou ela— A deixei lá. Sei que estava lá. Eu ia procurá-la, mas você seguiu me afastando de lá. —E logo voou pelos ares.

—Não se preocupe por isso. —Sua voz se fez mais entrecortada quando tomou outro caminho, um caminho coberto de cascalho, melhor dizendo, de escombros.

As cercas brancas antigas corriam ao longo de um lado do caminho. Uma dúzia de cabeças de gado, cobriam os densos pastos, suas cabeças se levantavam curiosas, enquanto a caminhonete se apressava caminho abaixo.

—Realmente me preocupo por isso. Era a única prova que tinha.

Dawg sabia. Como sabia que a prova estava a salvo guardada a sete chaves em sua caixa forte.

Estava escondida. No caso de necessidade. Mas maldita seja, dizer a Crista que ele a tinha todo este tempo ia irritá-la. Não era o que queria para hoje.

Ele diria amanhã. Ele não deixaria que nada interferisse em sua apreciação de sua carne escorregadia e doce quando chegasse o momento.

Só umas horas mais. Seis horas, se muito, e a sensibilidade da delicada carne que tinha sido depilada deveria retornar à normalidade. O spa, tinha jurado Kelly, tinha os melhores especialistas no assunto, e os cataplasmas que usavam depois da depilação com cera acalmavam a carne irritada imediatamente.

Ele contaria sobre a nota amanhã. O papel timbrado da companhia de entrega, a

data, e a nota ajudaria. Infelizmente, não tinha sido assinado pelo repartidor. Ao menos a letra na nota definitivamente não era de Crista.

Isto se acrescentava ao fato que inclusive com os contatos de Natches, suas habilidades com o computador, e capacidades furtivas, não tinha podido encontrar um centésimo no nome de Crista naquela casa que ela compartilhava com Alex ou em algum lado relacionado com ela. E ele tinha passado a melhor parte dos últimos dias procurando algo disso.

Crista não era a moça do dinheiro, a mulher solitária que tinha roubado o milhão de dólares dos compradores, supostamente em interesse dos ladrões.

Os homens em custódia não a tinham identificado, mas Dawg não tinha sido capaz de interrogá-los, tampouco. E ele estava malditamente seguro que não era Crista.

De onde vinha essa confiança? Essa pergunta rondava nele enquanto passava ao lado do gado no caminho que levava a propriedade em que tinha estado trabalhando durante anos.

A terra, mais de duzentos acres de bosque e pastos, confinava com um braço do Lago Cumberland. A ajeitada cabana de troncos de dois andares que ele tinha começado a construir no verão anterior se localizava em uma elevação com vista para o lago, rodeada em três lados por abetos, carvalhos e arces. O pátio do rancho estava rodeado pelas mesmas cercas brancas que se elevavam ao longo do caminho. Os estábulos se localizavam a oitocentos metros à esquerda, e o celeiro e o abrigo do trator à direita. Todos os edifícios estavam distribuídos de modo que estivessem protegidos em três lados pelos densos bosques que rodeavam a área.

As pequenas enseadas de terra clara tinham sido criadas dentro da linha de árvores, davam à terra um aspecto natural e pacífico. Isto também agradava sua necessidade de espaço e intimidade.

Isto era de Dawg. Comprado com o dinheiro que ele tinha economizado em seus anos com os Marinhe e logo com a ATF, junto com a parte dos lucros proveniente do armazém nos últimos quatro anos. Não tinha sido comprado com a herança de seu pai, e não estava preso às lembranças de seus pais.

Era dele. Só dele. Assim como Crista.

—Deixa de se preocupar. —deu uma olhada e viu o cenho franzido em seu rosto— Ninguém sabe que estamos aqui. Inferno, ninguém em Somerset, exceto Natches, Rowdy, e Kelly conhecem este lugar.

—Onde estamos de todo o modo?

—Jabez. Ainda estamos no Condado de Pulaski. Pode ver o lago por trás, mas há um trecho até ali.

Dawg caminhou da caminhonete antes de abrir a porta lateral traseira e alcançar a

cesta de piquinique.

—Vem? —Ele olhou por cima dos óculos de sol, e aquele olhar chispou— Há uma agradável e pequena clareira lá atrás onde podemos fazer o piquinique. Embora primeiro, mostrarei a casa.

Crista saiu da caminhonete e contemplou a casa. Os troncos escuros a ajudavam a mesclar-se com as árvores dos arredores, como fazia a cor marrom escura do terraço de estanho. Um alpendre a rodeava, assim como um balcão no último andar.

—Tenho uma jacuzzi instalada no balcão, fora do dormitório principal traseiro. —Ele varreu sua mão para a casa quando a encontrou em frente à caminhonete— Quando o interior estiver terminado, provavelmente trarei o Nauti Dawg e o atarei ao cais que obterei a permissão de construir na borda.

—Está tentando se assentar, Dawg? —perguntou ela quando ele abriu um portão de madeira e a guiou pelo pátio do rancho.

Ele ainda podia ouvir o nervosismo em sua voz, seu medo. O conhecimento de que Cranston agora suspeitava, tinha-a provocado. Mas não havia nenhuma culpa em seus olhos ou em sua expressão. Confusão, medo, sim. Mas isto não ardia; estava subtendido. Tanto se Crista queria admiti-lo ou não, ela confiava nele.

—Entremos na casa. —Ele abriu a porta principal, lentamente com um empurrão, e checou os cômodos, bem ventilados, antes de mostrar o caminho.

As paredes estavam sem pintar. Os pisos estavam sem acabamento. A escada não tinha corrimão, e em cima não era muito melhor. Era, como gostava de dizer Rowdy e Natches, um produto em processo.

Do tipo de Crista. Ele a olhou quando ela percorreu com o olhar a entrada nervosamente e sorriu. Esse mesmo sorriso que parecia preocupar tanto Natches. Apoderar-se de seu coração não seria tarefa fácil, mas ele estava malditamente decidido a fazer justamente isso.

Capítulo 17

A casa do Dawg era incrível. A grande entrada abrangia uma escada curvada por volta do segundo andar e um corredor aberto que dava sobre os inacabados corrimões. Não havia portas nas cinco entradas do segundo andar, mas a luz do sol se vertia das janelas da seção frontal e banhava o corredor assim como o vestíbulo, em uma miríade de raios das altas janelas, que davam para o caminho de cascalho.

A sua direita, uma grande e aberta entrada conduzia, dentro do que supôs, seria um salão, com outra entrada no outro extremo para outro cômodo. A sua esquerda, mais à frente do vestíbulo, havia outra ampla entrada para a sala de jantar. Crista avançou com vacilação, contemplando a sala e vendo os dois pares de janelas que davam ao amplo alpendre que rodeava a casa. No extremo dessa sala havia outra abertura que se dirigia ao que, evidentemente, era uma cozinha.

—Vamos, mostrarei a casa. —Dawg encabeçou a marcha para a sala de jantar, logo para a cozinha — O vestíbulo se abre para um corredor traseiro. —Assinalou outra porta, enquanto entravam na ampla cozinha— Há uma despensa, um banheiro e mais um pequeno quarto, um pouco mais à frente do corredor, também há um escritório que dá ao salão.

Nada estava acabado. Por isso se via dos muros e do pó no chão, não fazia muito que tinham sido instalados.

—Estou surpresa. — disse enquanto a conduzia a um rápido tour pela casa, acima e abaixo— Tem feito isto sem levantar nenhuma suspeita.

Sorriu fugazmente enquanto iam de volta da escada ao vestíbulo.

—Isso tampouco foi fácil. Comprei a terra há uns três anos através de um terceiro, e tenho feito o trabalho por etapas, através das mesmas pessoas. Uma vez terminado, apresentaremos as escrituras apropriadas, ao condado. Mas apesar de tudo, é minha.

—Por que ocultá-la? —perguntou enquanto retornavam à cozinha.

Dawg foi para a tosca estrutura central da ilha, onde se encontrava a cesta de piquinique, em cima do compensado sem envernizar que cobria a parte superior da armação. Apoiou o quadril no lateral e olhou ao redor, silenciosamente, durante longos instantes.

—Provavelmente por puro ressentimento. —Suspirou, sacudindo a cabeça com pesar— Meus parentes parecem gozar sabendo cada maldito movimento que faço, assim, se transformou em um jogo fazer coisas sem que saibam e possam colocar seus narizes nelas.

—E o que acontece com a casa que seus pais deixaram? —Crista tinha visto o exterior dessa propriedade, várias vezes. A parte dianteira da casa era tudo o que se via do pé da montanha, em que tinha sido construída em seu interior. O pai de Dawg havia dito ser um dos primeiros arquitetos no país em fazer tais construções.

—O lugar me dá claustrofobia. —Fez uma careta— Certamente ao final a venderei.

—Uma vez que tenha espremido de seus parentes toda a satisfação que possa extrair? —Sorriu por sua vez.

Um irônico sorriso lhe curvou os lábios enquanto a contemplava.

—Não somos exatamente uma família muito unida. —admitiu— Nadine Grace e

Dayle Mackay são espinhos cravados em meu flanco, e sem dizer para Natches e Rowdy. Se pudessem destruir tio Ray, fariam-no em um suspiro. Infelizmente para eles, Ray averiguou faz tempo como proteger-se. Por isso, sei por todos, que eles já eram mesquinhas serpentes desde criança.

—Exceto Ray. —Crista tinha ouvido isso. De todos os Mackay adultos, Ray era o único de que falavam com amabilidade.

—Exceto o tio Ray. —Assentiu Dawg, sua expressão oscilou com carinho — Ray criou bem Rowdy, e Rowdy ajudou a criar Natches e a mim até que Ray pôde nos jogar as mãos em cima. Nenhum deles perdeu a esperança conosco. Rowdy nos manteve unidos.

—Até o ponto de lhe atrair o compartilhar? —perguntou.

Uma gargalhada abandonou então sua garganta.

—Vamos, falaremos enquanto caminhamos.

Dawg lhe estendeu a mão, esperando, observando enquanto ela a olhava durante um segundo antes de levantar sua mão, menor e delicada, para a dele. Dawg entrelaçou seus dedos com os dela, observando como sua mão, mais pálida e suave, entrelaçava-se com a sua.

Ele se sentia bem. Sentia-se malditamente bem. Maldita seja. Tinha as vísceras e o coração retorcido em tantos nós que sabia que nunca se livraria dela.

Enquanto a guiava pela casa e pelo pátio traseiro sombreado pelas árvores, Dawg encontrou a si mesmo sentindo emoções que não tinha esperado. À parte do protecionismo que sentia, havia um poço de fome apaixonada, feroz possessividade e ternura que nunca tinha sentido por outra mulher.

—Você e Alex estão muito unidos. —disse enquanto a deixava estender a toalha sobre a espessa e bem cortada grama, na beira da pequena clareira que dava para uma privada baía natural que a terra criou pelo lago.

—Tínhamos que estar. —disse ela enquanto metia uma grossa mecha de cabelo atrás da orelha e alisava a toalha.

Dawg deixou a cesta no centro antes de sentar-se sobre a toalha e inclinar-se para trás. Crista parecia mais insegura, sentada mais que estirada, mas ao menos se sentou, suficientemente, perto dele para lhe assegurar que não estava fugindo.

—Seus pais eram bastante distantes com as pessoas. —disse enquanto tirava a pequena vasilha cheia de frango ainda quente e começava a extrair as guarnições.

—Também eram assim com Alex e comigo. —Um pequeno franzimento enrugou sua testa enquanto falava— Planejaram o nascimento de Alex, mas eu fui uma surpresa. —A curva de seus lábios se inclinou com uma expressão de sutil amargura— Não me queriam. Entregaram-me a Alex para que, mais ou menos, me criasse. Mamãe só estava preocupada em agradar papai, e ele só estava preocupado por ela e seus projetos para fazer dinheiro.

Chester Jansen sempre tinha estado seguro de que uma fortuna o esperava à volta da esquina. Tinha procurado ouro e artefatos. Quase tinha arruinado o pequeno negócio jogando na bolsa, e tinha sido pilhado constantemente em projetos turvos para fazer dinheiro.

—Alex fez um bom trabalho criando-a. — ele assinalou.

—Fez. Alex já tinha dez anos quando nasci. Tinha aprendido a dar duro, e aplicou isso, para cuidar de mim. —Assentiu enquanto servia o frango e as guarnições, antes de colocar dois pratos de porcelana entre eles e tirar a jarra de vidro, com doce chá gelado e desenroscar a tampa que a fechava, antes de verter o escuro líquido nos copos.

—Nenhum de vocês saiu muito mal. — Aceitou o copo que lhe oferecia, logo observou enquanto ela começava a tirar a comida e colocava as colheres de servir nela.

—Sobrevivemos. —deu de ombros, olhando-o com cautela outra vez— Sabe, advertiu-me sobre você quando tinha dezesseis anos.

—Sério? —disse Dawg arrastando as palavras— Terei que discutir isso com ele. Que advertência fez?

—Permanecer afastada dos primos Mackay. —Lançou-lhe um sorriso zombador— Disse que todo o lote era um mau negócio para uma garota que quisesse amor, mais que jogos sujos.

—E você não queria jogos sujos? —Sorriu-lhe perversamente em resposta. Tinha o pressentimento de que alguns desses jogos ela os teria aceitado com naturalidade uma vez que crescesse. Sem dúvida alguma os aceitaria agora.

Ela abaixou a cabeça, durante um segundo comprido, antes de levantá-la lentamente e olhá-lo fixamente com determinação.

—Não quero ser um dos brinquedos dos meninos travessos. Assim é como chamam a suas mulheres.

—Mas você quer ser minha mulher? —Precisava sabê-lo. Precisava ouvi-la dizer.

Crista afastou o olhar do de Dawg e contemplou a clareira e a serenidade da pequena baía em frente a ela. A água lambia a rochosa borda com uma relaxante cadência.

Tinha querido ser a mulher de Dawg. Ainda então, dez anos antes, em um tempo quando não tinha o conceito do que significava ser a mulher de alguém. Sua fascinação por ele tinha sido profunda, e tinha culminado em uma apaixonada noite que tinha ameaçado destruir sua alma.

—Querida ser sua mulher. — admitiu em um suspiro. Não tinha mentido nesse sentido. Mentir era algo que odiava. Tinha-o odiado de menina, e de adulta ainda o tinha odiado mais.

—O que mudou Crista? —perguntou-lhe então, sua voz insidiosamente suave, tenra— Estivemos uma noite juntos, e em lugar de me golpear com uma frigideira na

manhã seguinte, fugiu.

Ela assentiu com a cabeça. Durante os dias anteriores o tinha compreendido por si mesmo.

—Era muito jovem para você, Dawg. — admitiu por fim, enquanto se virava para ele — Ambos sabíamos que era muito jovem para você. Não podia assumir o que sentia por você e o que pensava que queria de mim. Era muito.

—E agora?

—Agora está me chantageando. —E o amava mais agora que antes.

—E se não estivesse a chantageado?

Havia algo em sua voz que a atraía. Algo que estava segura poderia ver em seus olhos se tirasse os óculos escuros do nariz.

Estendeu a mão e fez exatamente isso. Deslizou-os por seu rosto, enquanto ele a observava, encontrando seu olhar obscurecido e sentindo como o coração dava um tombo em seu peito.

Contemplava-a como nenhum outro homem nunca tinha feito. Com partes iguais de fome e dor.

E se não a tivesse chantageado?

—No final teria me rendido. — sussurrou apanhada, imobilizada por esse olhar em seus olhos— Uma dessas noites que conduzia pelo porto só para ver se estava ali, teria fraquejado. Teria ido a sua casa flutuante, e se tivesse estado sozinho, teria ido a você.

Teria fraquejado e sabia. Tentada por seus sorrisos, suas provocações, seu decidido chateio cada vez que ela o rechaçava.

—Vinha ao porto só para ver-me? — Estendeu-lhe a mão, as pontas acariciando sobre a clavícula e enviando acalorados espirais de necessidade, lançando-se através de seu corpo.

Crista lambeu os lábios, e por uma vez, não combateu a necessidade que emanava dentro dela. Não combateu o amor que sabia nenhum outro homem possuiria jamais.

—Frequentemente. — Lutou para superar a falta de fôlego, a pressa de seu coração— Me detinha e olhava as luzes do Nauti Dawg, e tinha que me manter no carro. Tinha que lutar com a necessidade de ir para você.

—Deveria ter vindo para mim. —Cavou-lhe a nuca com a mão, e a arrastou para ele— Deveria ter me deixado amá-la, Crista.

Os sentidos de Crista estalaram quando a tocou com os lábios. Não eram os ferozes e famintos beijos aos quais estava acostumada. Era uma lenta e terna exploração. Deixou-a acostumar-se a sentir a língua contra os lábios antes de deslizá-la dentro. Era compartilhar uma amostra de si mesmo, inclusive, enquanto ela continha a sua. Era apaixonado, sensível, era um beijo que lhe tirava o ar dos pulmões e a deixava gemendo com a necessidade de

mais.

Apoiou as mãos no tecido, embaixo deles, enquanto o cabelo os envolvia, escondendo seus rostos, seus beijos, defendendo-os em um véu de intimidade quando ele afastou os lábios só o suficiente para lhe provocar que abrisse os olhos enquanto um gemido de negação abandonava seus lábios.

—A teria empurrado dentro. —sussurrou, seus lábios acariciando os seus enquanto falava— Teria deixado fora o mundo e a teria arrastado a minha cama. Teria me assegurado de que nunca mais quisesse partir.

—Não quero partir agora. —Não pôde conter as palavras.

Uma parte distante de seu cérebro amaldiçoou sua insensatez, amaldiçoou seu débil coração e à parte de sua alma que nunca tinha esquecido a lembrança de seu beijo, seu toque.

Observou como os olhos de Dawg se dilataram, obscureceram-se, então lhe roubou um beijo. Saqueou seus lábios, os comeu, e cresceu a ânsia do sabor dela. A língua lambeu, a cabeça se inclinou, e o beijo se aprofundou enquanto os foguetes explodiam no corpo dela. Radiante paixão. As chamas lambeiram sobre sua carne e queimaram suas terminações nervosas.

Quando retrocedeu à posição original, ambos respiravam com dificuldade, rápido e trabalhando em excesso por recuperar o controle.

—Ainda não. —Sua voz era um irritado som de necessidade— Merda, muito cedo. Faltam algumas horas antes que possa suportar isso.

—Há outras formas. —inclinou-se para frente, tocando-lhe os lábios com os seus outra vez, e vendo a surpresa em seus olhos. Sussurrou-lhe maliciosamente— Vamos, Dawg. Me mostre quão sujo pode ser.

Mostrar-lhe quão sujo podia ser? Oh, não tinha nem idéia das fantasias que tinha, sendo sujo com ela.

—O que acontece com o almoço? —Deu uma olhada à comida que ela tinha disposto.

—O frango é mais gostoso frio. — recordou ela, Dawg observou com faminta antecipação o lento e pequeno gesto que fez ela com sua língua sobre os lábios— Sempre podemos comer mais tarde.

Empacotar a comida foi um simples assunto de tampar os recipientes e colocá-los outra vez na cesta. A cesta foi afastada a um lado. Dawg se encontrou baixando-a e obrigando-a a ficar de costas enquanto ele ficava em cima.

—Não serei amável. —lhe advertiu— Pode querer reconsiderar esse pequeno desafio que acaba de fazer.

Deixar soltas suas fantasias podia ter desastrosos resultados. Porque tinha um montão de fantasias.

—Poderia ser pior que uma surra e um plugue anal que vibra e gira? —Olhou-o fixamente com divertida incredulidade, inclusive, enquanto suas mãos tiravam sua camisa dos jeans.

Ela estava selvagem, lasciva. Dawg já podia vê-lo em seus olhos, e se perguntava se de algum jeito não tinha percebido anos atrás essa natureza selvagem nela.

Conteve-se, sentindo os esbeltos dedos puxando os botões de sua camisa, soltando-os um por um enquanto o olhava fixamente com olhos desafiantes.

Perguntava-se até onde chegaria. O selvagem que ficaria antes de voltar atrás. E possivelmente uma parte de si mesmo tinha que sabê-lo. Não tinha desejo de compartilhá-la, mas isso não significava que sua sexualidade tivesse diminuído no mínimo. Gostava do sexo prolongado, duro e sujo. Crista podia não ter nem idéia exatamente do quão duro e sujo que podia ser com ela. Mas podia mostrar-lhe. Podia mostrar-lhe e pôr todo seu empenho em não afugentá-la enquanto o fazia.

Porque assustá-la era sem dúvida algo que não queria fazer. Mas a desejava. Toda, de maneiras, que mantinham seu pênis pulsando de agonia em só pensar nisso.

—Sem dúvida posso lhe dar mérito pelo plugue anal. — Lhe assegurou com um sorriso enquanto os dedos puxavam sua camisa dos ombros.

Dawg se desfez da malha, sentindo a brisa do verão sussurrando através das árvores acariciando sua carne nua. Não havia nada tão sensual como sentir os dedos de Crista em seu cinturão, tirando o couro da fivela antes de puxar o botão metálico que mantinha assegurada a cintura.

—Rouba o fôlego a uma garota com suas cruéis maneiras, senhor Mackay. — falou arrastando as palavras, provocadoramente, essa alusão a beldade sulina marcada a propósito enquanto o zíper chiava ao descer.

Dawg se sentiu indefeso em cima dela. Olhou fixamente os olhos cor chocolate, seguro de que ele deveria estar fazendo algo. Beijar seus suaves lábios, tirar sua roupa do corpo, mas em troca tudo o que podia fazer era manter a força em seus braços para sujeitar-se sobre ela.

Já tinha os jeans frouxos; suas sedosas mãos agarraram a cintura e começaram a tirá-los do corpo.

—Isto não vai funcionar. — ele advertiu com uma careta— Ainda temos que nos desfazer das botas, carinho.

Ela sorriu, um temerário e apaixonado sorriso que apertou suas bolas de antecipação.

—Deite-se. —ordenou com delicadeza, as palmas empurrando em seu abdômen— Deite-se, Dawg, e veremos se não podemos nos desembaraçar delas.

Ele se deitou.

Entregar o controle a uma mulher nunca tinha sido seu ponto forte, mas o entregou a

Crista. Porque observá-la, sentir seu toque era como ser esquentado no inverno. A sensualidade o envolveu e o reconfortou em lugar de lhe permitir jogar-se sobre seu par.

Lançou a ele um apaixonado olhar por debaixo de suas pestanas enquanto se dirigia para os pés e lhe tirava as botas, depois as meias três-quartos. Logo, como a lascívia com a que tinha sonhado, agarrou-lhe a cintura do jeans e a cueca e começou a baixá-los pelas pernas.

Era uma tortura, observar como o despiu, vendo o prazer em seus olhos e sabendo quão quente a colocava. Ele arqueou uma sobrancelha, enquanto ela jogava os jeans ao final da toalha vermelha quadriculada onde estava deitado.

—Ainda está vestida, Crista.

Ela olhou os arredores como se medisse a privacidade do lugar onde estavam. Quando ele começou a falar, suas mãos agarraram a barra da curta camisa que usava, e a tirou pela cabeça.

Não usava nada debaixo, exceto, um fino sutiã de renda. Um que emoldurava seus agraciados seios e quase revelava os escuros e duros mamilos.

Observando-o com sonolentos e sexys olhos, ficou de pé lentamente e deixou cair a calça de algodão enquanto tirava as sandálias dos pés.

—Deixe a calcinha. —Sua voz foi áspera quando ela enganchou os dedos na estreita banda elástica da tanga que usava.

Seus lábios se inclinaram outra vez. Cúmplices, sexuais.

—E o sutiã?

—Senhor, tenha piedade. —ele suspirou— Tira isso. Soltou o broche entre os seios lentamente e deixou que as taças caíssem dos montículos duros e bicudos antes de tirá-los dos ombros.

E ali não houve misericórdia a encontrar. Houve o derramamento da luz do sol através das altas árvores banhando sua cremosa pele com dourados raios de paixão.

Quando foi para ele, Dawg não pôde evitar tragar ar ante a completa sensualidade de seus fluidos movimentos. Não estava envergonhada. Não estava se fazendo de tímida. Estava faminta, e ia alimentar-se da intensidade sexual e sensual ardendo entre eles.

Levou seus lábios para os dele. Agarrou-lhe os pulsos com as mãos, sujeitando-os sobre a cabeça enquanto os seios lhe acariciavam o peito. Os mamilos eram como ardentes ferros candentes, os lábios quando chuparam os dele, mordiscando, lambendo com luxúria, eram prolongações da ânsia espreitando entre eles.

O pênis de Dawg estava tão duro, tão completamente grosso que doía. Cada roçar dos mamilos contra seu peito o fazia arquear-se, seu corpo desejava ardentemente ter o controle do jogo sexual e enterrar seu membro tão profundamente nela como pudesse.

—Está cruzando a linha, carinha-linda. —grunhiu quando ela retirou os lábios, a

cortina de seu cabelo os envolveu em um mundo íntimo, próprio.

Crista notou flexionar os braços de Dawg sob sua mão e vislumbrou os poderosos músculos de seus bíceps quando se avultaram.

—Ainda não estou cruzando nada, Dawg. —recordou provocadoramente, baixou a cabeça assim sua língua pôde lambe os poderosos tendões do pescoço.

Suas mãos acariciaram ao longo dos braços enquanto se apoiava de joelhos em ambos os lados da poderosa coxa. O pênis pressionava contra seu quadril, seu forte peito roçava seus mamilos em cada respiração. E sob a renda de sua calcinha, sua vagina se umedecia intensamente.

—Segue assim, e vai conseguir mais do que pode dirigir durante umas quantas horas. —adverteu com dureza, seus quadris se flexionavam embaixo dela, apertando o membro com mais firmeza contra o quadril.

A forte coxa masculina que montou escarranchada também se moveu, lhe produzindo um ofego nos lábios e uma quebra de onda de sensações em cheio no clitóris, contra o que se pressionava.

—Outras formas. —choramingou. Havia formas que morria por provar. Atos longamente sonhados que precisava experimentar com ele.

—Outras formas. —Sua voz estava repleta de desafio— Melhor começamos com essas “outras formas”, carinha-linda. Sou um homem morto.

Ele também era condenadamente sexy. Estendido ao longo da manta de piquinique, seus estranhos olhos verdes cintilavam por trás das pestanas baixadas.

Crista desceu a cabeça outra vez, seus lábios e língua encontraram um plano e duro mamilo masculino trabalhando-o com a boca. Um gemido mudo proveio do peito dele. Os braços se moveram como se tentassem alcançá-la.

—Fica quieto para mim. —Empurrou os braços de volta à toalha quadriculada— Só um pouco mais, Dawg. Deixe-me fazer isto.

Ela o necessitava. Precisava dele. Precisava provar, explorar e encher seus sentidos com ele.

—Crista, carinho, está me matando. —Respirava forte e entre ofegos, mas seus braços ficaram quietos enquanto os lábios dela se mudaram ao mamilo oposto e atormentaram a carne do duro calhau.

Com uma lambida final, mudou-se para mais abaixo. As mãos acariciaram as fortes coxas, de dentro para fora. Os lábios beijaram, a língua lambeu no peito e o firme abdômen um caminho de descida sensual e serpenteante.

Os duros músculos ondebaram sob seus lábios. As coxas se apertaram; a grossa e encrestada ponta de seu pênis reluziu úmida quando os dedos por fim agarraram o rígido eixo.

Crista se ajoelhou entre suas coxas e contemplou seu corpo, seguindo o rastro da pele úmida e por fim encontrando-se com o entrecerrado olhar dele.

—Vou tomar primeiro a sobremesa. —disse com um lento sorriso.

Baixou a cabeça, a língua lambeu sobre a tensa crista, dando círculos sobre ela enquanto um lento e faminto grunhido ressoava na garganta dele.

—Doce Crista. —gemeu— Essa doce e pequena língua é como o fogo.

As mãos de Dawg se prenderam no tecido debaixo dele. Estava morrendo. Estendido em uma tormenta de sensações que aumentavam o suor de seu corpo e apertavam seus testículos com antecipação.

Observou enquanto ela sorria de novo. Um sonolento e sexy sorriso, um segundo antes que seus lábios se abrissem e tomasse a latente cabeça de seu pênis em sua apertada boca, sugando-o lento e sem pressa. Os dedos acariciaram e roçaram, torturando e tentando, até que seus quadris empurraram em seu agarre, fodendo seus lábios enquanto a paixão aumentava entre eles.

—Venha aqui. —Tentou alcançá-la. Que o amaldiçoassem se recebia essa tortura apenas. — Dê a volta, carinho.

Os lábios nunca abandonaram seu pênis. Mas virou o corpo e a doce carne coberta de renda se aproximou dos famintos lábios dele. Pela primeira vez em sua vida sexual, Dawg se encontrou impaciente, sem cuidadosa deliberação.

Uma mão agarrou a perna dela, levantando-a sobre sua cabeça antes que ambas as mãos lhe agarrassem os quadris. Os dedos agarraram a renda e a afastaram, lentamente, da recém depilada pele entre suas coxas. Dawg contemplou as nuas dobras, deliciosamente rosas e reluzentes com os sucos. Doces e melosas gotinhas abraçavam sua carne e lhe fizeram lambe os lábios com antecipação.

—Oh sim. —Suspirou, aproximando-a mais— Venha aqui, neném, me deixe te mostrar quão bom pode ser agora.

Era uma das coisas mais sexys que ela nunca tinha imaginado.

Crista ficou sem respiração quando Dawg lambeu as saturadas dobras entre suas coxas. Os cachos protetores que uma vez a haviam coberto tinham desaparecido, e as sensações eram suficientes para deixar louca uma mulher.

Agora não havia nada que a isolasse do toque de sua língua ou das suaves lambidas que lhe dispensava. Suas carícias só a deixavam mais excitada, só faziam crescer dentro dela a necessidade de aflorar até o desespero. Até a cobiça.

Lambeu e chupou com tenros movimentos, sem cravar os dentes nas sensíveis dobras a não ser aliviando-os, sussurrando sobre eles, comendo-lhe enquanto a boca dela chupava a cabeça de seu pênis. Estava decidida a levá-lo a ponto do desespero pela satisfação como ela estava se colocando.

Juraria que a brisa batendo-se ao redor dela agora estava aguilhada com fogo. Dawg sujeitou facilmente suas coxas, controlando sua frenética necessidade de movimento contra a boca dele. A boca se enterrou em sua fenda, lambendo e movendo-se em círculos sobre o clitóris.

Acariciou, chupou e açoitou o ardente volume, com lambidas famintas, os ambiciosos lábios chupando até que o inferno começou a arder em chamas fora de controle dentro dela.

Fortes dedos separaram as bandas de seu traseiro e acariciaram a estreita fenda.

Respirando sem pensar; os gritos que saíram de sua garganta enquanto chupava o membro de Dawg foram involuntários. Tudo o que sabia, era que a paixão corria por suas veias, as chamas lambiam sobre sua pele, e a dor crescia com cada lambida de sua língua entre as coxas.

O sabor da paixão masculina e a carne avivada, encheu seus sentidos. Sentir sua língua esfregando, estocando e lambendo a afligia.

Nada importava exceto o prazer. O prazer dela. O prazer dele. A corrida para o alívio e a necessidade de culminação. Era como uma febre no sangue, essa necessidade que consumia e afligia todo o resto.

Os dedos acariciavam e bombeavam a rígida carne de seu pênis. Ela chupava a pulsante cabeça. A língua açoitava, acariciava e provava a ardente paixão masculina, enquanto sua língua a distraía. Acariciando, empurrando e fodendo dentro dela enquanto seus dedos acariciavam e pressionavam contra a tenra abertura entre as bandas de seu traseiro.

Ela estava alagada de prazer. Tomada por ele. Os quadris se retorciam em cima enquanto a segurava para ele, empurrando-a contra a língua e levando-a mais fundo dentro do doloroso núcleo que estava possuindo.

Os gritos dela e os gemidos dele encheram a clareira.

Os dedos penetravam seu ânus e sua vagina simultaneamente. Os lábios rodeavam seus clitóris, puxando-o e chupando-o com força malévol.

Crista cavou os dedos de uma mão ao redor de suas bolas, roçando-as e acariciando-as enquanto a outra mão manuseava a vara dura como o aço e sua boca chupava a cabeça com faminta cobiça.

Os dedos bombearam nela, fodendo-a com carícias que, combinadas com a apaixonada sucção de sua boca ao redor do clitóris, levou-a a um orgasmo que a teria feito gritar, deveria-a ter feito gritar. Mas a liberação de Dawg o arqueou, pressionando o pênis mais profundamente em sua boca e enchendo-a com a cremosa essência de seu sêmen.

Paralisaram-se por vários segundos depois, a cabeça de Crista descansando na coxa de Dawg enquanto ele se virava para ela, os lábios pressionaram o interior de seu joelho

enquanto lutavam por respirar.

—Não a deixarei partir. —disse ao fim a ela, sua voz perigosamente calma, aturdindo-a quando as palavras chegaram a seus ouvidos— Não importa o que faça Crista, nunca a deixarei partir outra vez.

Capítulo 18

Ele recordou.

Ao sentir o orgasmo de Crista lhe convulsionando o corpo, as lembranças se derramaram sobre ele como uma quebra de onda de confusas emoções. Como o tinha encontrado naquela sargeta do caralho, a caminhonete que ele conduzia então ficou condenadamente atolada, sua mente alcoolizada não podia resolver como tirá-la de lá.

A voz dela tinha sido suave, cheia de sofrimento, e tinha acalmado os irregulares bordos de fúria que rasgavam sua mente. Tinha-lhe permitido que o levasse da caminhonete ao carro de Alex, e enquanto ela os conduzia ao porto, seu perfume o tinha envolvido como a luz do sol.

Tinha-a feito rir.

Inclinou-se sobre ela e disse algo a respeito de Alex tê-la permitindo sair e brincar com os meninos mais velhos, e ela riu.

Uma vez que conseguiram chegar ao porto, ela evitou que caísse do cais nas escuras águas abaixo. Conduzindo-o ao Nauti Dawg, tinha continuado com uma constante e sussurante conversação. Zombadora, sua voz o tinha excitado e posto seu pênis tão duro que ele se surpreendeu. Havia pensado que tinha bebido suficiente uísque, nessa noite, para evitar que estivesse duro durante dias.

Mas estava duro por Crista.

E uma vez que a teve dentro da casa flutuante, colocá-la em cima de sua cama não tinha sido tão difícil. Tinha querido assegurar-se de que ele estivesse a salvo. De que estivesse confortável.

Caiu sobre o sofá, e ela o libertou das botas e da camisa. Quando ele lutou com sua calça, também o ajudou, inclusive enquanto se ruborizava até suas virginais raízes. Quando começou a afastar-se, abarcou sua cabeça com a mão e atraiu os lábios para os seus.

Desde esse momento ela tinha sido dele. Sua de uma forma como nenhuma outra mulher o tinha sido. Tinha respondido a seu toque como se tivesse sido criada só para ele. E talvez, de algum jeito, assim houvesse sido.

Agora, oito anos mais tarde e quase duas horas depois de que a lembrança tivesse

cauterizado sua mente, caminhava atrás dela, de volta à casa flutuante, com a cesta de picnic ainda cheia em sua mão e os ombros rígidos de Crista na frente dele.

Tornou-se pouco comunicativa no mesmo minuto em que ele fez sua declaração.

—Precisamos conversar. —ela tinha comunicado enquanto se levantava de seu lado e começava a procurar as roupas.

—Então falemos. —Dawg tinha se levantado, colocando o braço sobre seu joelho levantado, e observou a resistência dela com a roupa.

Ela negou com a cabeça furiosamente.

—Aqui não. Não posso fazer isto aqui.

E agora estava mais que interessado, em que demônios, à tinha zangado.

À havia amendrotado, oito anos atrás, admitia isso. Mas não até o extremo como ele pensava. Pensamentos inacabados deslizaram por seus lábios. A possessividade, que então, havia sentido crescer em seu interior, havia-o transtornado, deixando-o cambaleante e desequilibrado.

Agora, oito anos depois, era razoavelmente mais amadurecido, mas ainda se sentia perdido com Crista Ann Jasen.

Quando entraram na coberta do Nauti Dawg, Dawg abriu a porta e a deixou passar enquanto elevava uma sobancelha ante seu prolongado silêncio.

Mal tinha falado no carro. Quanto mais tinham se aproximado do porto, mais silenciosa se tornou.

—Aqui estamos.

Ele colocou a cesta sobre a mesa e se voltou para olhá-la, cruzando os braços sobre seu peito e inclinando a cabeça.

Seu olhar piscou ao redor da habitação antes de descansar sobre ele. Seus lábios se separaram, e ao mesmo tempo, um duro golpe soou na porta de vidro atrás dela.

Crista saltou como se tivesse ouvido um disparo em vez do som de nódulos contra o vidro.

—Quem é? —ladrou ele.

—Dawg tenho Cranston comigo. Abre a condenada porta. —A voz de Natches soava um pouco menos que feliz.

Apertando seus lábios, Dawg se dirigiu zangado à porta e entreabriu os painéis da persiana para ver a forma baixa e robusta de Cranston parada atrás de Natches.

Gesticulando, abriu a porta novamente, observando pela extremidade do olho como Crista se virava para os visitantes com um olhar de curiosidade.

Timothy Cranston entrou na sala com a maleta apertada em sua mão e seu olhar indo

direto para Crista. Dawg fechou a porta, observando como o agente especial a observava com tal intensidade que o fez franzir a testa assim como a Crista.

—O que há Natches? —Dawg não se preocupou em suavizar o tom suspeito de sua voz.

—Não vai acreditar nisso, Dawg. —O sorriso de Natches era cínico, frio— Tive umas quantas horas para digeri-lo e ainda não acredito.

—Cranston?

O agente especial ainda estava observando Crista e estreitou seu olhar enquanto ela o olhava diretamente, com um desafio brilhando em seus olhos marrons.

—Ela tem, mais ou menos, suas medidas. Cor de olhos correto, cabelo correto. Mas que me condenem se não tiver razão com as diferenças.

Dawg sentiu que seu corpo se esticava quando Cranston caminhou lentamente ao redor de Crista.

—Transformou seu navio em uma sala de leilões, Dawg? —Crista falou com brutalidade, irritada, enquanto o agente percorria cada curva e espaço de seu corpo.

—Há uma diferença nas curvas. Também tinha razão nisso. —resmungou ele.

—Natches. —Dawg mordeu as palavras com uma advertência — De que infernos ele está falando?

Dawg pôde sentir a advertência formigando em seu estômago, o formigamento na parte posterior de seu pescoço. A forma como Cranston observava Crista estava incitando sua fúria e cansando-o. E isso não estava fazendo muito por ela, de qualquer forma. Dirigiu-lhe um duro olhar, uma advertência de que fizesse algo com a atitude de bulldog do pequeno homem, que continuava observando-a como uma estranha peça de quebra-cabeças que estivesse tentando entender.

—Não vai acreditar nisto. —Natches sacudiu sua cabeça— Eu ainda não estou seguro de acreditá-lo.

—Por que não explica e nos dá a opção de poder acreditar, Natches? —respondeu Crista com zombadora doçura enquanto se afastava de Cranston e se aproximava de Dawg.

Era o primeiro movimento que tinha feito para ele do momento que tinham passado na clareira. Cruzando os últimos passos para ela, Dawg envolveu o braço ao redor de sua cintura e a atraiu para si, ignorando o sardônico olhar de Cranston e a silenciosa observação de Natches.

Entretanto, podia notar o medo de Crista pelo rosto de Cranston. Ela sabia quem era; sabia o perigo que podia representar para ela. Um perigo que, Dawg jurou, nunca ia deixar que a tocasse.

—Isto tem alguma coisa a ver com a agente Dane tentando nos seguir antes? —perguntou Dawg.

—Completamente.

Os brilhantes olhos marrons de Cranston reluziram alegremente enquanto corria seus dedos sobre seu curto cabelo cinza e dirigia para eles um vitorioso sorriso.

Vitorioso. Como se estivesse a ponto de ganhar uma batalha.

—Vai nos explicar isso logo?

Aparentemente, não estava a caminho de uma próxima prisão. Cranston não cometeria o engano de tentar prender à mulher de Dawg sem ajuda.

Timothy sorriu alegremente.

—Sabe, minha esposa, Angie, sempre está me dizendo que devo ir ao ponto mais rápido. Mas algumas vezes... —Olhou-os fixamente com um tipo de alegria que colocava os cabelos em pé— Algumas vezes, tem que desfrutar antes de chegar lá, não é verdade, Dawg?

Dawg olhou para Natches. Seu primo tinha baixado a cabeça e estava sacudindo-a lastimosamente ante a atuação de Cranston.

—Dawg, quem é esta pessoa? —perguntou Crista finalmente.

Deveria ter permanecido em silêncio, pensou ele com um inaudível grunhido.

—É verdade. —Timothy caminhou para frente com sua palma estendida. —Nós não fomos apresentados, não é senhorita Jansen? Eu sou Timothy Cranston, agente especial. Timothy Cranston, do Escritório da Segurança Nacional. Sou o chefe de Mackay.

—Segurança Nacional? —Ela levantou seu olhar para Dawg, afastando-se ligeiramente dele. Pensei que estava com a DEA.

Cranston riu disso.

—OH, não. Seu amigo Dawg está com o ATF embora se afeiçoasse, temporariamente, a OSN. Ele não tinha contado?

Crista deixou Timothy lhe estreitar a mão, mas observava Dawg, com a expressão tensa de ira.

—Não o mencionou.

—Assim é Dawg. —Timothy assentiu com a cabeça enquanto dava um passo para trás— É bom guardando segredos, não é Dawg?

Dawg suspirou.

—Vá ao ponto, Timothy.

Cranston esfregou as mãos com antecipação uma vez mais.

—Agora, o que Dawg provavelmente não lhe contou tampouco é que na noite em que quebrou várias leis federais e arrastou seu precioso traseiro para fora do armazém, nós estávamos no processo de prender uma pequena equipe de antigos militares imbecis que pensavam que podiam roubar vários projéteis experimentais enquanto iam para Fort Knox, antes de continuar seu caminho para um depósito. Nós conseguimos encurralar aos

ladrões, assim como também a um ardiloso e pequeno intermediário mercenário que ia comprar esses mísseis para um terrorista de alto nível. —Olhou de repente para Crista com aguda curiosidade— Não tinha lhe contado isso, verdade?

—Não, não o tinha feito. —Crista se afastou de Dawg.

Timothy assentiu com a cabeça, satisfatoriamente, enquanto dirigia a Dawg um olhar de aprovação.

—Estou desiludido com você, filho, mas contente de ver que ainda sabe como manter a boca fechada.

—Timothy. —Dawg não estava contente, e não pretendia fingir isso.

Crista pôs vários passos entre eles e agora estava observando Dawg e Timothy como se neles tivessem crescido chifres e presas.

—Bem, vamos lá.

Dawg observou enquanto Timothy lançava sua maleta à mesa e esfregava as mãos daquela alegre forma que tinha. O homem estava, verdadeiramente, transbordante de satisfação. Isso era suficiente para enviar um calafrio pela coluna de Dawg.

Timothy não parecia um agente especial a cargo de uma investigação, mas isso era exatamente o que era, e era condenadamente bom em seu trabalho.

—Ontem pela tarde, depois que seu bom amigo e primo aqui presente, tratou com atenção os clientes, nessa pequena cafeteria da cidade, sobre como sua noiva se zangou com você, e possivelmente estivesse de caminho da Virginia, teoricamente ela entrou no centro de detenção onde nossos sequestradores estavam retidos e solicitou uma visita ao líder de nosso alegre bando de ladrões, Camdem Penetre. Nosso homem, Camdem, vive à saída de Fort Knox. Alguém registrado como a senhorita Jansen se encontrou ali com o senhor Penetre, falaram amistosa e familiarmente durante uns minutos, deu-lhe lembranças e logo partiu.

Timothy abriu a maleta e começou a tirar as fotos.

—O encontro com Camden Penetre.

Crista se aproximou da mesa, os olhos cravados na foto do severo homem mais velho. Os olhos avelã se voltaram com fria indiferença com um rosto tão inexpressiva como um robô.

—Conheço-o. —Estava transtornada por conhecê-lo— Trabalhava para a companhia elétrica. Esteve na minha casa depois que meus pais morreram. Alex pediu que instalassem um novo relógio contador.

—Bingo. —O agente especial Cranston lhe sorriu como se tivesse respondido a uma pergunta particularmente difícil— Isso foi a alguns anos, não?

Crista assentiu lentamente enquanto Dawg a olhava fixamente surpreso. Tinha ignorado que ela tivesse estado na cidade nesse momento, ela tinha se assegurado disso.

—Alex me pediu que viesse e me encarregasse de umas coisas enquanto estava fora do país.

—Assim, ontem, enquanto a senhorita Jansen, supostamente, estava a caminho da Virginia, apareceu no centro de detenção.

Outra foto caiu em frente a ela, fazendo com que Crista ficasse imóvel de susto.

—Essa não sou eu!

Mas parecia com ela. O cabelo, o perfil, inclusive as roupas.

—Assim Natches passou um considerável tempo me colocando de lado depois que Dawg encontrasse meu agente perdido nas montanhas esta tarde.

Crista virou o olhar para ele enquanto sentia que o temor começava a crescer em seu interior.

—Ontem estive com Dawg. Todo o dia.

—E Natches estava na cidade espalhando histórias de seu abandono.

Ele negou com a cabeça com tristeza e lançou a Natches um reprovador olhar repleto de brincadeira.

—Às vezes tem que contar algumas mentiras para conseguir a verdade.

O sorriso de Natches era carente de humor.

—Estivemos no escritório depois de nos encontrar com o intento de roubo. — informou Dawg— A mantive lá em cima até muito tempo depois de fechar.

—Sim, Natches também contou isso aos clientes. —Assentiu Cranston— Insinuou que a acusou do roubo?

Dawg grunhiu enquanto Crista dava um passo para trás e contemplava os três homens.

—Quem é a mulher da foto? —perguntou.

—Se parece com você.

Cranston a olhou brandamente.

A patente falsa do olhar de inocência teria sido divertida em algum outro momento.

—Crista, olhe atentamente o resto das fotos. —disse Natches em voz baixa.

Crista retornou à mesa enquanto Cranston mostrava meia dúzia de brilhantes fotos coloridas e em preto e branco. Nenhuma mostrava o rosto da mulher com clareza. A maioria era de perfil, e todas se pareciam, surpreendentemente, com ela.

—Tenho roupas iguais a estas. —sussurrou de modo instável, sentindo Dawg aproximar-se dela, colocando a mão consoladoramente em suas costas.

O simples, quase sério conjunto, era idêntico ao que estava pendurado em seu armário.

—A agente Dane revistou sua casa e confirmou que essas mesmas roupas estavam penduradas em seu armário. —Assentiu Cranston.

—Estiveram em minha casa? —Virou o olhar para ele, transtornada. — Sem uma ordem judicial?

—Carinho, é uma investigação criminal; é obvio que revistamos a casa com uma ordem judicial na mão. Agora as roupas estão sob custódia e a caminho do laboratório para a análise.

—Que tipo de análise?

O sobressalto encheu agora sua voz, não só sua mente.

—Análise de DNA, juvenzinha. —Cranston franziu o cenho— Estamos procurando DNA diferente do seu. Os criminosos nem sempre pensam sobre as diferentes maneiras em que o DNA pode ser encontrado. Um fio de cabelo, suor, às vezes sangue de algo tão inocente como um arranhão. Esperamos que nosso menino tenha deixado algum indício.

—Menino?

Dawg se deu conta dessa palavra antes que Crista lhe desse sentido.

—Captou-o Natches. —Timothy sacudiu a cabeça— Aqui.

Tirou uma das fotografias e a deu a Dawg.

Crista olhou fixamente a foto. Era uma foto frontal, entretanto quem fosse quer que fosse que estivesse posando tinha virado a cabeça de lado, permitindo que um cabelo idêntico ao de Crista cobrisse seu rosto.

Tomou um minuto, mas o viu. Piscou segura de que não via com clareza. Os seios estavam cobertos pela suave seda cor chocolate da blusa que a outra mulher usava, cobrindo os montículos que eram aproximadamente do tamanho dos de Crista. Mas com uma diferença. Nessa foto o leve material da blusa tinha aberto um espaço onde um botão se desabotoou e mostrou uma peluda porção de carne sob o peito.

Crista piscou e olhou outra vez.

—Pelo peitoral?

—Passamos as outras fotos uma vez mais, Natches captou isso. —disse Cranston— E encontramos outras anomalias. Como esta.

A seguinte foto tinha um círculo vermelho ao redor de uma escura mancha sobre o suave, cremoso e depilado braço que parecia feminino.

—Esta foto foi tirada por outro agente na França, onde nosso jovem se encontrou com Akron Svengaurrd, o mercenário que servia de intermediário com o assunto dos mísseis.

Uma vez mais, não havia traços faciais, mas Crista se concentrou no círculo vermelho que assinalava uma marca de algum tipo.

—Que me condenem. —resmungou Dawg, a voz de repente grossa, amargurada— Não posso acreditar.

—Desapareceu depois que os mísseis fossem roubados. —disse então Natches —

Recorda? Perguntávamos onde demônios tinha ido? Também conhecia Penetre, trabalhou para o pai de Penetre durante um tempo na fazenda perto de Frankfort. O tiramos da investigação porque as conexões eram todas superficiais. Caramba Penetre tinha um monte de conhecidos em Somerset.

Crista olhou conscienciosamente a foto, segura de que estava deixando algo. Então o viu, recordou-o. Uma pequena marca, mais uma mancha de nascimento, no pulso de um amigo.

—Johnny. — sussurrou, vendo então a familiaridade na curva de seu rosto, a postura, inclusive vestido como estava com suas roupas. —É Johnny Grace.

—Visitou o centro de detenção premeditadamente. —disse então Natches— Para implicar Crista. Cada movimento que fez foi feito para implicá-la, para distrair Dawg, e possivelmente também a mim. Tinha que cobrir-se, e esta foi a melhor maneira de fazer isso. Pensou que você e Crista tinham discutido, e ela ia para a Virginia. O centro de detenção está no caminho, um pequeno desvio que razoavelmente pôde ser feito. Então, a prenderiam, os meninos maus pensavam que ela tem o dinheiro, os meninos bons a crucificavamm. E Johnny foi condenadamente bom; esses fodidos mercenários realmente pensavam que ele era ela. Teriam matado Crista à primeira oportunidade que tivessem.

Atrás dela, Dawg estava perigosamente em silêncio. Crista jurou que pôde notar a fúria açoitando agora a sala, tanto de Dawg como de Natches.

—Primeiro se fez amigo de Crista quando ela voltou, porque conhecia sua história com Dawg, e sabia da fascinação de Dawg por ela. Era uma das poucas pessoas que pôde ter sabido o que ocorreu quando se foi há oito anos atrás.— soltou Natches.

—Sim. Trabalhava na clínica quando Crista teve o aborto. De carregador de maca ou algo assim. — acrescentou Cranston.

Crista sentiu então o mundo desabar ao seu redor.

O silêncio na sala de repente se tornou pesado, tenso e cheio de perigo. Não se atrevia a olhar a Dawg; não podia. Mal podia respirar, mal podia formar um pensamento.

—Cranston, vou matá-lo. —sussurrou então Natches— Tínhamos um acordo.

O olhar de Cranston foi então para Dawg e Crista.

—Os acordos são com os homens nos quais posso confiar, Natches. —disse zombadoramente— Os dois quebraram essa confiança com seus intentos de esconder a presença da senhorita Jansen nesse armazém. Considere-o um soco no braço.

Capítulo 19

Algo no interior de Dawg fez-se em pedaços. Pôde senti-lo. Combateu-o, tratou de conter em sua forma os fragmentos da alma, mas eles continuavam quebrando-se, pedaço a pedaço, destroçando-o no processo.

Cranston era um homem inteligente. Uma vez que deu uma olhada à expressão de Dawg, desculpou-se e se foi. Rapidamente. Teria sido engraçado se não fosse pelo fato de que tudo dentro de Dawg uivava em silêncio.

E ela não disse nenhuma palavra. Nenhuma palavra. Inclusive depois que Natches se foi, ela cravou a vista no tapete e evitou seu olhar.

Dawg não era um homem propenso às lágrimas. Não tinha chorado desde que tinha cinco anos, mas neste momento, desejou não ter esquecido como derramar lágrimas.

Porque queria derramar lágrimas. Por seu filho, por que o tinha perdido antes inclusive de ter nascido. Pela mulher que tinha fugido da dor, e o homem que não tinha tido nem um indício da dor que a tinha infligido em uma noite de prazer.

Tinha havido um filho. Ela tinha levado seu filho, e por alguma razão, alguma extravagância do destino, o tinham arrebatado dela. Por Deus! O tinham arrebatado a ambos.

O arquivo continha mais fatos que o aborto natural. Sua vida durante oito fodidos anos.

Cada movimento que fez nos passados oito anos estava ali, assim como o dia a dia com os dois homens na Virginia e sua orientação sexual.

Eram homossexuais. Os dois homens eram amantes, e Crista, em vez de ser terceira no ninho de amor, tinha sido tratada mais como uma irmã caçula. Uma irmã que precisava de amparo, cuidados.

Os vizinhos tinham sido interrogados com relação a Crista, assim como seu anterior chefe. Cada um lhe tinha dado encarecidas recomendações e insistiram em afurmar quão responsável, formal e amável que era.

Uma senhora idosa tinha contado ao agente, que se fazia passar por um eventual chefe, que Crista Jensen era um passarinho ferido quando chegou com Mark Lessing pela primeira vez e se mudou a seu apartamento. Cranston relatou essa parte de informação com curiosa satisfação.

Enquanto lia, a angústia se estendia pelo seu peito com cada palavra e as implicações do que lhe tinha feito. A agonia perfurava seu coração, sua alma e rasgava sua mente.

Crista tinha fugido dele, perdido seu filho, logo abandonou a cidade, mal curada do aborto. Imediatamente tinha se inscrito na faculdade de administração. Muito poucas vezes teve encontros, nunca a sério, e as fotos desses homens estavam incluídas no arquivo. Um

contador, um banqueiro, o vice-presidente de uma fábrica de produção. Os três eram afáveis, sofisticados e tão perigosos ou sexuais como um gato doméstico capado.

Crista tinha trabalhado duro, brincado em poucas ocasiões. Tinha sido voluntária em vários fins de semana ao mês em um hospital local na seção de pediatria, e todo mundo a queria.

E tinha estado sozinha. Tinha abandonado Somerset depois de perder seu bebê. Depois que ele a tomou com bêbada luxúria e cometesse o intolerável pecado de ter esquecido essa noite. Exceto em seus sonhos. Sonhos onde o tinha tentado e atormentado. Amado.

Com razão não a tinha esquecido. Com razão tinha sonhado com ela durante oito longos anos e com sua volta se centrou nela com algo próximo à obsessão.

E com razão o tinha rechaçado em cada avanço. Com razão o tinha evitado em cada ocasião. Deveria ter atirado nele. Surpreendia-se que Alex não tivesse feito o trabalho por ela.

—Queria o bebê? —Seu bebê. Seu filho. A angústia quase lhe rasgou as tripas ante o pensamento desse filho que nunca tinha tomado fôlego.

—Mais que a minha própria vida. —A voz dela era áspera, espessa com lágrimas não derramadas enquanto sua própria garganta se fechava de dor.

—Poderia ter me dito isso. —A teria reclamado, reclamado seu bebê. Teria abraçado-a, protegido, compartilhado sua angústia.

—Era muito jovem para você. —A dor possuiu sua voz e sua alma— Não fugi por causa do aborto, ou pela ameaça de Rowdy e Natches. Teria dado um jeito para informá-lo que isso não ia acontecer. Mas não pude lidar com o que me fez sentir nessa noite.

Dawg levantou os olhos da pasta, e quis uivar ante a dor que viu nos olhos dela.

—Amava-me, inclusive então. —Sabia, sabia em sua alma, e esse conhecimento estava matando-o. Ela o tinha amado, sofrendo em solidão, e ele nem recordava a noite em que tinham gerado seu filho.

—Amava-o. —sussurrou ela— Sempre o amei, Dawg. Mas o que aconteceu entre nós... —Elevou a mão, logo a deixou cair de impotência— O que me fez sentir. Não podia controlá-lo. Desejava-o. Chorei por você durante meses, mas não podia retornar.

—Por quê? —Sua voz era sombria, gelada.

—Disse a mim mesma que era por Rowdy e Natches. Disse a mim mesma que não podia assumir um coração quebrado quando você se negava a abandonar esse estilo de vida, mas quando voltei no ano passado e o vi pela primeira vez, soube. Não podia voltar porque sabia que acabaria se apropriando de minha alma. E se isso acontecesse, não seria capaz de simplesmente me afastar. Odiaria-o. Acabaria me destruindo no caminho, mas se me tivesse pressionado, sei que não poderia ter rechaçado nada que desejasse.

Confrontar esse fato tinha sido a parte mais dura dos passados dias, e Crista sabia. Saber que em seu coração tinha perdido oito anos de sua vida fugindo de si mesma não tinha sido fácil.

—Sentiu-se aliviada com o aborto, Crista? —perguntou-lhe, a voz desolada, destrozada.

Não tinha esperado essa pergunta dele. Tinha esperado recriminações, uma suspeita de que ficou grávida de propósito, mas não tinha esperado isto.

—Quase morro, Dawg. —chorou com voz rouca— Quis morrer.

Levantou a cabeça do arquivo, a expressão tão sombria, tão furiosamente atenta que ela sentiu o peito oprimido de dor.

—Por que queria tanto a esse bebê, Crista? —perguntou-lhe então.

Suspeita. Ouviu-a em sua voz, mas tudo o que viu em seu rosto foi a mesma expressão que tinha visto na noite em que o encontrou bêbado, a caminhonete na sarjeta e sua bêbada amargura derramando-se pela voz enquanto amaldiçoava seus pais.

—Porque era nosso bebê. —respondeu simplesmente, repleta de lágrimas — Uma parte de você e uma parte de tudo o que sentia por você. E era inocente, Dawg. Não importava quão assustada estava, ou o que você queria, não era culpa de nosso bebê.

Meu Deus, ele tinha os olhos úmidos, tão escuros agora, possuídos e repletos de agonia enquanto voltava os olhos para ela.

—Teria me contado sobre o bebê?

Como responder a isso? Agora se sentia, como uma criminosa em um julgamento, e Dawg era o juiz e o jurado. A forma em que a observava a aterrorizou.

—Não. —Não ia mentir para ele, agora não— Mas Alex o teria feito. Estava a ponto de lhe dizer isso quando abortei. Eu estava... —mordeu o lábio enquanto afastava o olhar durante uns segundos— Estava tão assustada, Dawg. Não sabia se teria sobrevivido a sua negativa de nosso filho. Nem recordava a noite que passamos juntos. Sabia que não. Nunca teria acreditado que levava seu filho.

Olhou fixamente o arquivo, fechando-o lentamente e afastando-o. A tristeza em sua expressão partiu seu coração. Tinha as sobrancelhas baixas, os traços tensos com a angústia que tinha sentido no minuto em que se deu conta que ela tinha perdido seu filho.

—Teria acreditado em você. — disse ele ao fim, a voz áspera, rude, enquanto elevava a cabeça e voltava a olhá-la, os olhos verdes, escuros de pesar— Não sabe, Crista? Teria utilizado qualquer desculpa para a reclamar para mim.

Tinha que afastar-se dele. Pressionou a mão contra os lábios enquanto a dor lhe rasgava o peito. Não podia respirar, não podia deter as lágrimas que alagavam seus olhos. Tinha que esconder-se do que viu em seus olhos. Abriram-se as comportas, ele se despojou da distância que sempre se obrigou e a solidão e a dor cintilavam nos círculos verdes claros.

E ela não podia encará-lo. Não podia confrontar o fato do que tinha acrescentado mais dor.

Um segundo depois seus braços a envolveram, arrastando-a contra seu peito, rodeando-a com uma calidez que ela só tinha conhecido quando estava em seus braços.

—Teria destroçado a ambos. — ela sussurrou cheia de lágrimas, as mãos agarrando os fortes antebraços enquanto abaixava a cabeça— Nos teria feito miseráveis.

—Shh. Não, Crista. —sussurrou ao ouvido— Não se culpe. Ambos amadurecemos neném. Mas pensar em você passando sozinha por isso. Levar meu filho e perdê-lo. —Uma mão se elevou para seu rosto enquanto a virava, o braço oposto envolto nela e segurando-a enquanto lhe secava as lágrimas de um olho— Faz-me pedaços.

Crista tratou de negar com a cabeça.

—Não o faça. —Deteve-a, suspirando pesadamente quando pousou sua testa na dela. —Esteve assustada inclusive ao me dizer isso Crista. Se conteve, deixou-me machucá-la e não me considerou contar isso não?

—Eu ia dizer isso quando voltássemos aqui. —Ela engoliu com dificuldade— Não podia contê-lo mais, Dawg. Amá-lo me aterrorizava, até que despertei em seus braços e me dei conta que sempre o amei. E que estive morrendo por dentro sem você todos estes anos. Nunca sabendo, sempre me perguntando e se? A incerteza estava me matando. Estar sem você partia mais meu coração a cada ano.

Olhou-o nos olhos fixamente, e seu coração de partiu. Sua expressão estava alterada com rugas de angústia, as sobrancelhas avultadas com a dor interna que ela podia vislumbrar em seus olhos.

—Não a deixarei partir, Crista. —sussurrou então— Agora não, nem nunca. Vamos chegar ao final desta investigação, averiguar que, demônios, Johnny traz entre as mãos e então vamos tirar a limpo esta relação. Só você e eu.

—Eu deveria ter dito isso. —Estendeu a mão, embarcando seu rosto, e sofrendo ante a dor nele— Não deveria ter fugido de você Dawg.

Agora o admitia, entretanto era algo que tinha sabido, inclusive então. Fugir dele não tinha sido a solução. Fugir como tinha feito de si mesma tinha sido inclusive pior.

—Sem mais fugas. —disse em voz baixa, com ternura, seus lábios desceram para os dela, tomando-os em um beijo que lhe dificultou a respiração no peito.

A mesma ternura desequilibrou sua mente. A forma em que inclinou a cabeça, a persistente emoção e a depositada paixão pareciam sumir em sua alma e deixá-la lutando por respirar de uma maneira que a crua luxúria nunca fez.

Quando se afastou, a angústia se retirou de sua expressão e iluminou seus olhos assim como a luxúria. A luxúria, a fome e a necessidade tão potentes agora que lhe roubaram o fôlego.

—Se começarmos isso agora não nos deteremos. Façamos nossa refeição, doçura, analisemos algo disto, e depois... —Seus olhos estavam angustiados. Cheios de dor e necessidade— Mais tarde, retomaremos isto.

Crista inalou com muita dificuldade, tratando de reprimir seus pensamentos e aparentar um pouco de ordem. Tratou de lhe dar o tempo que necessitava, e ela sabia que necessitava de tempo. Podia vê-lo em seu rosto, em seu desolado olhar.

—Não posso acreditar que Johnny esteja envolvido nisto. —Ela negou com a cabeça perguntando-se quantas vezes mais Dawg poderia suportar as traições da família que deveria tê-lo apoiado.

Tinha Rowdy, Natches e o pai de Rowdy, Ray, mas Crista tinha visto quão sozinho esteve, deixando à parte estes três. Tinha poucos amigos; não confiava em ninguém exceto nos primos com os quais tinha crescido e o único tio que o tinha apoiado.

E ninguém o apoiava.

—OH, eu posso acreditar em qualquer coisa de Johnny. — soltou Dawg lentamente afastando-se dela e encaminhando-se à mesa onde estava a cesta de picnic. — É sem dúvida filho de sua mãe.

O coração de Dawg estava quebrado pelas coisas que ambos tinham perdido por causa de sua ignorância... por seu filho, pela mulher que amava antes de saber o que era o amor. Já não era o mesmo homem imaturo. Tinha sido muito renomadamente estúpido para ir atrás do que queria, embora tivesse intuído o que Crista poderia significar em seu futuro. Já não era um estúpido.

—Entretanto, por que o faria? —Crista pôs a cesta no extremo do balcão antes de entrar na cozinha e tirar gelo do refrigerador para o chá que tinha guardado com a refeição. — É seu primo. Quando abandonei Somerset, Johnny o seguia atrás das árvores como uma sombra.

Dawg negou com a cabeça.

—Johnny nos seguia como uma sombra para ver quantos problemas mais poderia tramar. Inclusive então já sabíamos que era gay, e estava aterrorizado que o delatássemos. Não é que nos importasse, era sua maldita fofoca o que não suportávamos. A sua e a de sua mãe.

Crista franziu intensamente o cenho enquanto enchia os copos com gelo.

—Sempre recordarei quão agradável foi Johnny. —mordeu o lábio enquanto levantava o olhar para ele, e Dawg se perguntou se alguma vez tinha visto esse olhar nos olhos de alguém. Não era lástima; era compaixão e fúria por ele. Ela estava furiosa em seu nome, porque o amava. Inclusive agora, depois de tudo o que lhe tinha feito.

Oprimiu-lhe o peito ante o pensamento. Ela até disse as palavras, e desta vez, não era uma nebulosa lembrança. Amava-o, e que o condenassem se ia perder um prezado tempo

desconfiando dela.

Não, ela não formava parte da Trindade, mas era um presente do mesmo Deus. Os dias que tinha passado com ela, apesar dos problemas que tinham surgido, tinham sido os mais livres, os mais felizes que qualquer um que tivesse conhecido em sua vida.

—Johnny é um pequeno bastardo mentiroso. Gosta de aproximar-se, e cada segundo que está atuando como preocupado colega e querido amigo, está procurando as formas de cortar sua garganta. Aprendeu a arte nos joelhos de sua mãe, e depois da morte de seu pai ela teve rédea solta para reforçar as lições.

—Seu pai, Ralph, foi um dos poucos amigos de meu pai. —Os lábios de Crista se inclinaram com tristeza— Entretanto, mamãe odiava Nadine. Inclusive odiava vê-la entrar na loja.

Dawg assentiu em resposta.

—Ralph gostava de todo mundo. Se tivesse vivido, com o tempo se divorciaria de Nadine, mas possivelmente Johnny teria tido uma oportunidade.

—Como acha que se viu envolvido neste assunto dos mísseis? —Então franziu o cenho— E não ache que não vai pagar por mentir para mim sobre as drogas.

—Nunca disse que eram drogas, Crista Ann; você achou que eram. —Suspirou.

—Podia ter corrigido minha hipótese.

O amplo sorriso ainda estava tingido com o pesar que permanecia em seu olhar, mas ao menos um pingo de diversão se inclinava agora, pensou Crista.

—Johnny tem o costume de fazer amizade com militares. —disse a ela— No princípio sentem pesar por ele, até que se dão conta que é desejo sexual e não adulação o que mostra. De algum jeito, finalmente se enganchou a alguém bastante idiota para conseguir entrar em um de seus projetos ou lhe escapou a informação, e ele a utilizou. De uma ou outra maneira, logo que Natches e Cranston reúnam a informação e uma ordem judicial, já não será uma ameaça.

Ela se deteve, voltando o olhar para ele enquanto a incredulidade golpeava no interior de sua cabeça.

—De que fala? Não irão prendê-lo agora?

—Não sem provas suficientes. Ainda não temos provas suficientes. —Dawg colocou os pratos na mesa enquanto ela continuava olhando-o fixamente horrorizada.

—Mas foi ele. Todos o reconhecemos, Dawg.

Ele negou com a cabeça, a expressão cansada, amargurada.

—Não importa Crista. Qualquer advogado de defesa decente o tiraria da prisão em uma hora e com uma acusação contra os agentes que o prenderam não muito depois. Necessitamos de provas, não o testemunho de dois primos que tem todas as razões do mundo para querer crucificá-lo.

A amargura de sua voz não era de ódio se não de desencanto.

—Sinto muito. —Lutando por refrear seu aborrecimento— A família deveria permanecer unida, não tentar destruírem uns aos outros.

Ela não poderia ter sobrevivido a sua infância sem Alex. Seu irmão tinha sido sua rocha, sua âncora, e mais tarde, seu melhor amigo. Não podia se imaginar odiando-o o suficiente para tentar destruir a ele ou a qualquer um que amasse.

—Embora, isso aconteceria em um mundo perfeito, doçura. —Ele sacudiu a cabeça como se sacudisse suas próprias dores, logo lhe deu um sorriso que era ao mesmo tempo provocador e faminto. —Vamos comer nosso almoço. Ficaremos no porto esportivo o resto do dia, até que Natches retorne. Uma vez que decidamos o que fazer, as coisas se moverão bastante rápido. No momento vamos desfrutar da calma.

Enquanto dizia isso, um golpe soou na porta.

Os lábios de Crista se crisparam quando vislumbrou três sombras, duas altas, a outra pequena e delicada.

—Demônios! —Dawg passou os dedos através do cabelo e se encaminhou à porta com passo impetuoso.

Ray Mackay, Rowdy e Kelly estavam, no outro lado, esperando. Kelly estava preocupada, mas Ray e Rowdy estavam irritados.

—Que Deus benza a alma de Ralph Grace. —Ray sacudiu a cabeça enquanto Dawg fechava a porta atrás dele. —Estará se revolvendo em sua tumba.

—Fique tranquilo tio Ray. Resolveremos tudo.

Crista ouviu o tom que usou Dawg e se admirou por ele. Estava consolando seu tio em vez de aceitar qualquer consolo.

—Resolverei eu. —espetou Ray— Pondo um ponto final com meu rifle. Pensa que é o único Mackay que sabe como disparar uma arma?

—Papai. —Rowdy deu uma olhada a Dawg, e Crista viu a preocupação em seus olhos— Vejamos o que podemos fazer aqui para ajudar em vez de derramar sangue.

—Parece que derramar sangue seria a melhor opção. —Ray contraiu o rosto, entretanto foi para seu sobrinho, aplaudiu-lhe o ombro nesse gesto de camaradagem masculina e sacudiu a cabeça, aborrecido. — Dawg, filho, um dia destes, vai ter que aprender: dê a essa maldita gente uma polegada e eles tomarão uma milha. Ainda não pude convencer Natches disso, não de todo. Pensou que desistiriam quando sacrificou esse terreno. Disse que Johnny nunca se deteria.

A amargura também se impregnou na voz de Ray Mackay, e Crista começou a vislumbrar a dinâmica familiar que estava repleta de dor e cólera.

—Recuperarei o terreno quando prenderem Johnny, tio Ray. Meu advogado se assegurará disso.

Crista, observava confusa, quando Kelly caminhou para ela e se apoiou contra o balcão de trás.

—A mãe de Johnny as enganhou para apoderar-se da metade da propriedade do legado do pai de Dawg. — contou a Crista em voz baixa, obviamente vendo a confusão em seu rosto. —Era uma parte de primeira da propriedade e delimita o terreno que Dawg comprou para construir a casa. Ela e Johnny desfrutaram sobre isso depois. Como Dawg desfruta sobre o fato de que lhe pertence o resto desse vale e que eles não têm nem idéia de quem o comprou.

—Eles são loucos. —resmungou Crista— Como puderam roubar sua herança? Seus pais não fizeram testamento?

—Um testamento que Nadine impugnou apoiando-se em várias cartas que o pai de Dawg lhe enviou afirmando que Dawg não o merecia, e como desejava que Johnny tivesse sido também seu filho. Eles leram essas cartas na sala do tribunal. Eu estava ali quando aconteceu. Juro-lhe isso, Crista, podia ver como algo se quebrou então no interior de Dawg. Durante anos, houve tão pouca ternura dentro dele que teria aterrorizado você.

Aterrorizava-lhe agora. Isso teria destruído à maioria dos homens.

—Johnny é um morto andante. —disse então Kelly, sua voz firme, entristecida— Rowdy, Ray ou Dawg não o tocarão, mas Natches... —Ela deu a volta e olhou Crista nos olhos, seu próprio olhar intenso com remorso e temor— Natches o matará. Está perto de Dawg como ninguém. Não o deixará passar.

E isso destruiria a Dawg.

Crista contemplou os três homens enquanto entravam na cozinha, e pôde ouvir a preocupação na voz de Ray quando perguntou por Natches.

—Estará bem, tio Ray. —Assegurou Dawg a seu tio, mas Crista pôde ouvir também a preocupação em sua voz.

—Crista, sabia que não começou a construir essa casa até que retornou a Somerset? —perguntou então Kelly.

Crista a olhou surpresa.

O rosto da outra mulher era reflexivo, o olhar avaliativo.

—Espero que o ame tanto como acredito, e isso não é nem comparável ao muito que sei que Dawg a ama. Não o traia. —A voz de Kelly foi dura então— Traia-o, e você fará alguns inimigos muito maus.

Foi uma advertência, e uma que Crista não tomou como uma ofensa. Ela negou com a cabeça e um pequeno sorriso tocou seus lábios.

—Kelly, morreria primeiro. —disse em voz baixa— Não esperei oito anos para amadurecer e retornar a ele só para traí-lo. Pode esquecer as advertências, porque não são necessárias.

Então um radiante sorriso inclinou os lábios de Kelly, e um indício de um riso zombador encheu seus olhos.

—Então vamos ser grandes amigas. —declarou a outra mulher—Depois de tudo, precisamos uma da outra para falar deles. Confia em mim, terá dias em que jurará que lhe daria um tiro mais que amá-lo, mas o balanço é positivo. Rowdy e Dawg são muito parecidos. Há dias em que juro que vou lhe dar um tiro, mas sei que nunca poderia viver sem ele, assim me resigno a tentar com isso.

Crista pôs o olhar sobre Dawg outra vez. Permanecia com Rowdy e Ray no outro extremo da cozinha. Estavam falando em voz baixa enquanto se fortaleciam com as cervejas que Dawg tinha tirado da geladeira.

Seus olhos se encontraram com os dela, e as comissuras dos lábios se inclinaram em um alentador sorriso assentindo a algo que dizia Ray.

—Dawg é diferente com você, Crista. — disse então Kelly— Mais calmo. Não tão propenso a permanecer distante e afastado dos outros. Fazia isso antes que voltasse. Lentamente afastando-se de Rowdy. Quebrava o coração de Rowdy.

Enquanto observava Dawg, pôde entender por que teria se afastado. Rowdy tinha um pai que o amava, uma família, e uma mulher que enchia seu coração. Dawg compreendeu o que faltava a sua vida, assim como Crista sempre tinha sabido o que faltava na sua.

—Rowdy era amado. — murmurou então Crista— Tinha algo que Dawg sabia que ele também precisava.

Kelly deu uma olhada a Dawg, logo retornou para Crista enquanto assentia lentamente.

—A mudança não começou depois de chantageá-la. Começou com sua volta. Dawg sabia o que tinha perdido, e pensou que nunca o encontraria. Quando retornou, a parte dele que sabia quanto a amava voltou a despertar, Crista. Não o duvide. E não duvide por um minuto que daria sua alma para a proteger.

Assim como ela daria a sua. Não. Corrigiu-se. Ela já não tinha uma alma separada da de Dawg. Estava mesclada com a sua e assim tinha sido durante oito anos.

—Vamos pegar mais pratos e os alimentemos. — disse Crista então, calculando a quantidade de comida que havia na mesa e quanto daria de si. Deveria alargar-se.

—Boa idéia. A comida normalmente tranquiliza os instintos sangrentos de Rowdy. — Suspirou Kelly— Está a ponto de ajudar Ray a matar Johnny.

Não era o único.

Enquanto se reuniam ao redor da mesa, Crista continuou observando os três homens, captando impressões e obtendo as peças finais do quebra-cabeça, que mostravam Dawg, encaixando no lugar.

Seu vínculo com Rowdy e Ray se estendia a Kelly, mas não havia luxúria, nenhum

sinal de desejo quando olhou à outra mulher. Crista viu amizade, afeto, mas nada mais. Enquanto observava, deu-se conta que um de seus grandes temores tinha sido ver Dawg contemplar Kelly com desejo sexual.

Sabia dos jogos que tinha praticado no passado com seus primos e encontrou difícil de acreditar que pudessem afastar-se disso tão facilmente. Inclusive por amor.

Mas parecia que ao menos Dawg e Rowdy faziam isso. Crista não estava desconfortável quando Rowdy a olhou; não viu outro interesse que o normal que teria esperado.

Dawg brincou com Kelly, rindo com ela, mas não a desejava.

Observar a interação deles a fez dar-se conta exatamente do que perdeu nos anos que tinha estado longe, mas não eram anos que de causar pesar. Tinha amadurecido, crescido, aprendido algo de si mesma e do mundo ao redor dela. Suficiente para saber onde estava o lar e a quem pertencia seu coração.

Dawg lhe pertencia. Sentiu-o, onde antes o tinha temido. Assim como pertencia a ele.

—O que acha Crista? —A voz de Dawg a tirou de seus pensamentos e a fez olhá-lo. Pestanejou e retornou o foco para ver o calor apaixonado em seus olhos verde claros e o intenso interesse em sua expressão enquanto a observava.

—Do que? —respondeu ela.

—Em nos dirigir amanhã pela manhã à cidade para obter alguns pães recém assados. Depois de tudo, até onde está informado Johnny, nenhum de nós sabe no que está metido. Como se sentiria sacudindo-o um pouquinho?

Ela olhou fixamente os três homens e à mulher que a observavam espectadores e sentiu a consternação crescendo em seu interior.

—Penso que perdeu a cabeça. —replicou incrédula— Não acha que então se dará conta de que nunca abandonei Somerset e que ele é suspeito? Ou que entenderá que está atrás dele?

O sorriso que Dawg lhe ofereceu era francamente aterrador. Estava cheio de espera, antecipação e um brilho de perigosa determinação.

—Isso, carinha-linda, é exatamente com o que contamos.

Capítulo 20

—Eu não gosto disso! —exclamou outra vez Crista, horas mais tarde, depois que a casa flutuante ficou limpa e ela seguiu Dawg para cima, onde com cuidado puxou um painel da parede do quarto e exibiu mais armas do que ela pensava.

Senhor, o homem tinha um arsenal.

—É totalmente seguro, doçura. —Estava usando esse tom conciliador que tinha utilizado lá embaixo.

Odiou-o então, e certamente o odiava agora. Fedia a super proteção, e isso, era algo que nunca tinha tolerado muito bem.

—Não me engane. —lhe disse com ferocidade— E não se incomode em ser super protetor agora que não pode me chantagear mais, Dawg. Isso só vai me irritar.

—E a chantagem não irritou? —Os olhos se enrugaram com diversão, diversão raiando a dor, enquanto percorria com o olhar o painel aberto e tirava várias pistolas e carregadores.

Crista contemplou de soslaio as armas. Reconheceu as pistolas Glocks; Alex tinha várias parecidas. Isso não significava que gostasse ou que precisasse tê-las.

—Ao menos compreendi a chantagem —lhe espetou— Eu mesma teria feito se tivesse tido oportunidade.

Ele se deteve, arqueando as sobrancelhas, enquanto colocava as duas armas na penteadeira e fechava o painel enquanto voltava o olhar para ela com interesse.

—Teria feito? —Seu olhar se esquentou, enchendo-se de excitação, enquanto ela observava seu corpo esticando-se em preparação.

Crista, em resposta, franziu-lhe o cenho com ferocidade.

—Não vá, Dawg. Vamos falar disto.

—É obvio que sim. —lhe assegurou com suavidade enquanto se sentava na cama e dava tapinhas no joelho. —Venha aqui carinha-linda, e me diga o que teria feito se tivesse podido me chantagear.

Apertou os lábios firmemente, controlando a diversão que lhe teria escapado.

—Não vou falar de chantageá-lo. —Cruzou os braços sobre os seios e o olhou furiosa— Dawg Johnny pode não estar completamente lúcido...

Um amargo ganido de risada abandonou a garganta de Dawg.

—Crista, doçura, Johnny não está demente. É extremamente inteligente; graduou-se só um ponto abaixo do universitário responsável pelo discurso de despedida. Abaixo de Natches, que teve essa honra durante a graduação universitária. Não está louco; é uma ameaça extremamente inteligente que cortará sua garganta se lhe der as costas. Como fez com o motorista do transporte militar que levava esses mísseis.

Crista voltou o olhar para ele com medo.

—Mataram-no?

—A única mulher do grupo rasgou sua garganta. Suspeitamos, nos apoiando no vídeo e a caixa de voz na cabine do transporte, que ele a conhecia. Ou a ele, segundo o caso. Sabemos que Johnny se faz passar por uma mulher em toda essa trama. Por você.

—Então ele colocou o explosivo em meu Rodeio? —sussurrou.

Dawg assentiu com veemência.

—É o único com um motivo, Crista. Assassinando-a faria parecer um golpe dos mercenários e faria recair toda a culpa em você. Poderia fugir com o dinheiro, e os mercenários teriam estado na prisão batendo as cabeças.

—O que tem que os amigos do homem que prenderam?

Ele negou com a cabeça enquanto a alcançava e a arrastava para ele, dando-a em seu colo.

Crista se apoiou nele, a cabeça descansando no ombro enquanto lhe rodeava o pescoço com os braços.

Beijou-a no alto da cabeça antes de responder.

—O mercenário e sua equipe não tinham o nome da mulher, só uma descrição, a que deram. Sem nome, e os traços físicos do rosto, que embora similares, não eram os seus. Os compradores tampouco falaram. Penetre conhecia seu nome, mas só depois de Johnny lhe fazer uma visita no calabouço. Na breve conversação, Johnny lhe disse que estava fodido, simulando ser você. Tinha o dinheiro e estava livre; Penetre não. Isso teria levado esses mercenários diretamente a sua porta. Inteiraram-se separadamente durante o interrogatório dirigido por Cranston e Natches depois da visita de Johnny. Suspeitamos que realmente, não estavam seguros, exatamente, com quem estavam tentando. Johnny é ardiloso, Crista. Sempre foi. Simplesmente estou surpreso que pudesse realmente matar a sangue frio. Não esperava isso dele.

Tampouco Crista. Mas tinha o pressentimento de que Johnny tinha decepcionado também Dawg. Ainda com todas as falhas de Johnny e a influência de sua mãe, Crista tinha o pressentimento que Dawg as tinha arrumado para guardar certa esperança para seu outro primo.

—Foi ele quem contou ao pai de Natches sobre o compartilhar, quando éramos adolescentes. —disse então Dawg— Pensei que Dayle o tinha matado quando chegamos a sua casa com o tio Ray. A mãe de Natches telefonou tão tranquila, e disse a Ray que era necessário que fosse por Natches antes que Dayle o matasse. Havia sangue por toda parte, e seu pai ainda tentava de moê-lo a golpes. Esteve no hospital durante uma semana e se negou a admitir o que seu pai tinha feito. Ainda tem cicatrizes nas costas. E Johnny chorou quando enfrentou a ele. Choramando como um menino e jurando que não sabia o que ocorreria. Que tinha brincado, incitado por Dayle, porque sempre era tão crítico com ele.

A voz de Dawg reverberou com esse horror do passado.

—Insinuou que o fez?

—Não sei. —refletiu Dawg — Até agora, ainda não sei. Mas suspeito que sabia o que aconteceria. Todos nós sabíamos que não devíamos pressionar Dayle no que concernia a

Natches. Dava-lhe um grande prazer moê-lo a pauladas sem justificação.

Crista conteve as lágrimas.

—E seu pai? —Já conhecia uma parte da história de Dawg, tinha sabido, inclusive, antes dessa primeira noite que tinha passado com ele.

—Não era tão violento quanto Dayle. —deu de ombros descuidadamente— E eu sabia como me defender. Natches nunca se defendeu, e nunca entendi o porque.

—Por Janey. —Crista levantou a cabeça e olhou fixamente Dawg, de repente, suspeitando por que Natches nunca se defendeu.

—Janey? —perguntou.

—A irmã de Natches.

—Sei quem é Janey, mas o que tem a ver com isto?

—Possivelmente não se defendeu porque tinha medo que a agressividade de Dayle se voltasse contra Janey. Possivelmente tentava esperar até que ela fosse suficientemente velha para fugir, se fosse necessário.

Janey era muito mais jovem que Natches, ao menos dez anos. Teria dez ou onze anos, quando Natches foi abertamente repudiado tanto tempo atrás.

—Possivelmente. —disse Dawg refletindo antes de suspirar profundamente — De todo o modo, que Deus ajude ao bastardo se alguma vez golpeá-la. Natches o mataria.

—Realmente isto é necessário, Dawg? —pergunto-lhe ao fim com um suspiro— Pressionar assim Johnny? Poderia ser perigoso.

—Só para Johnny. —Sua voz escureceu lhe provocando um calafrio na coluna com o perigo que emanava— Anote minhas palavras, Crista, não o deixarei escapar disto. Sabia o que estava fazendo quando decidiu te preparar uma emboscada. E deveria ter sabido o que aconteceria se alguma vez, eu averiguasse o que estava fazendo.

Abriu os lábios para continuar discutindo, mas em troca se encontrou deitada de costas na cama e olhando fixamente Dawg com surpresa.

—Já basta de Johnny. —grunhiu— E já esperei bastante para me ressarcir dessa pequena provocação anterior no lago.

—Provocação? —ofegou com sarcástica ofensa— Isso não foi uma provocação, Dawg Mackay. Não estava exatamente gemendo porque não conseguiu gozar, sabe.

—Foi uma provocação, pura e simples. —Sua mão empurrou a barra da camiseta por cima do estômago. —Tudo o que tenho que fazer é lambe essa doce xana, enquanto me leva a loucura com sua boca. Preciso de mais. Doce céu, Crista. Preciso muito mais de você.

Tirou-lhe a camiseta lentamente e a deu no chão.

—Mantém os braços ali. —Pressionou-os contra o colchão, sobre a cabeça, como ela o tinha feito antes sob o vento e o céu— Deixe-me desembrulhá-la, Crista. Meu próprio presente especial. Em algum momento tive que ser um menino muito bom para merecer

isto.

Sua garganta se oprimiu ante a emoção na voz dele, ante a ternura de seu toque, enquanto liberava a presilha do sutiã e o tirava de um puxão.

As mãos cavaram os seios cheios, passou os polegares por cima dos mamilos enquanto o olhar se obscurecia ante a visão das avermelhadas pontas.

—Teria dado o seio a nosso filho? —perguntou-lhe, a voz incrivelmente grave, cheia de pesar e fome, dor e espera.

—Sim. —Crista se arqueou ante seu toque, sentindo os mamilos ainda mais escuros enquanto o dedo e o polegar agarravam a ponta dura como um seixo.

—Teria me deixado observar? — Desceu a cabeça, os lábios revoando sobre a clavícula enquanto Crista se arqueava ante a apaixonada carícia.

—Sim. —Choramingou a palavra.

Os dedos atormentaram seus mamilos, deixando-a selvagem pelo toque de seus lábios, lábios que se moviam lentamente sobre um ruborizado montículo, a língua lambendo sua carne enquanto se aproximava do dolorido pico.

—Adoro seus seios. Como se sentem, o seu gosto. Quão duros e ardentes que seus pequenos mamilos ficam por mim. —As mãos cavaram outra vez os montículos, elevando um mais perto dos lábios enquanto a língua se lançava ao rígido pico.

Quando a boca o cobriu, Crista estava a ponto de suplicar. Uma vez que sentiu a calidez de sua boca amamentando e o açoite de sua língua tomando posse, esteve suplicando.

—Dawg. Por favor. —As mãos agarrando em um punho a manta embaixo ela— Mais. Mais forte.

Seu toque era leve, terno. Ela precisava de dureza e ardor. Ela necessitava a fome controlada que mal podia sentir dentro dele. Uma fome que a estava rasgando oprimindo seu sexo, convulsionando seu útero.

—Mais forte carinho? —Lambeu sobre um mamilo— Não quero ir depressa. Quero aumentar o fogo dentro de você. Quero-a preparada para qualquer coisa, para qualquer coisa que possa te dar.

E ela recordava exatamente o que ele podia dar quando a tocava lenta e pausadamente. Quando cada carícia deliberada aumentava o fogo dentro dela até o ponto que o prazer beirava a dor, e a dor se transformava em uma sensação tão erótica que inclusive os atos mais obscenos eram os que lhe contribuíam o máximo prazer. As maiores sensações.

—Ambos recordaremos isto, Crista. Para sempre. —ele jurou— Nenhum de nós o esquecerá.

Porque ambos estavam conscientes, conectados agora, de uma forma que não

tinham estado antes.

Crista se estirou em frente a ele, os quadris levantando-se da cama enquanto ele agarrava a cintura do short e o tirava pelas pernas. As palmas das mãos a acariciavam, subindo pelas pernas, sobre a estreita cintura da calcinha, e também a tirou.

Ela abriu os olhos, com o olhar aturdido quando desceu o olhar para ele, observando como lhe estendia as coxas lentamente. O olhar dele se intensificou, sonolento de sensualidade.

—Que xana mais bonita. — gemeu os polegares entrando no sinal entre suas coxas e as tenras dobras de seu sexo— Suave e rosada. Seus sucos brilhando nela.

E os havia. Já a sedosa inundação de sua excitação estava brilhando em sua carne.

Entretanto não se deteve para tocá-la ou prová-la. Ao contrário, deslizou a seu lado na cama, inclinando-se sobre ela, e beijando-a com toda a luxúria reprimida que viu brilhando em seu olhar.

Uma mão grande agarrou seus pulsos quando tratou de levantar as mãos para tocá-lo. Amarrou-os na cama sobre a cabeça e lhe saqueou os lábios. A língua se enroscou com a sua, saboreando sua boca e lhe acariciando os lábios. Com a mão livre acariciou seus seios, o ventre, as coxas. Os dedos lhe inchavam os mamilos, agarrando-os e provocando-os, e propagaram as ardentes chamadas deles.

Crista corcoveou sob as carícias. As calosas palmas acariciando sobre as terminações nervosas que se fizeram hipersensíveis. As unhas arranhando sobre o estômago. E tudo o que ela podia fazer era, aguentar.

Segurou-a facilmente embaixo dele, suas mãos e seu corpo grande controlando seus ondulantes corcoveios. Entretanto ela estava perdida, sem controle. A necessidade por seu toque eclipsava qualquer outra coisa.

Ao fim, quando levantou os lábios dos dela, sua mão perambulava mais abaixo de seu estômago. Os olhos de Crista se abriram sem rumo outra vez, encontrando os dele um segundo antes que sua mão lhe outorgasse uma intensa carícia entre as coxas.

—Meu Deus, Dawg. —Sacudindo-se debaixo dele, os quadris arqueando-se subitamente ante a pequena e intensa palmada que aterrissou na cheia carne a cada lado de seus clitoris.

—Não tão forte. —grunhiu ele— Sua carne é tão sensível. Tão sedosa e não está acostumada a ser depilada.

Outra palmada, prima longínqua de um moderado soco, foi administrada outra vez na carne. Uma sensação um pouco mais leve e oscilante atravessou as úmidas dobras e vibrou dentro de seu sexo.

O clitoris se inchou mais tirante com cada intensa carícia, a fera pulsação se fez quase dolorosa, enquanto os agudos gemidos enchiam o ar.

—Tão doce. — cantarolou ele, sua áspera voz um negro veludo enquanto as coxas se afastavam ainda mais, abrindo-se para seu toque. Os dedos deslizaram através da escorregadia fenda, dividindo as gordinhas e cheias dobras antes de rodear o dolorido clitóris.

—Dawg, por favor. —gritou aflitamente— Não me torture.

—Não é tortura, doçura, simplesmente prazer. —prometeu, os dedos passando roçando sobre o clitóris antes de abandonar a úmida carne e mudar outra vez para os seios.

Desceu por seu corpo. Deslizando os lábios sobre o pescoço, a clavícula. Apanhando um duro mamilo em sua boca. Sugando-o profundamente, a língua açoitando-o, os dentes mordiscando-o quando as mãos de Crista se soltaram de um puxão de seu agarre.

Entrelaçando as mãos no cabelo dele, Crista se arqueou para mais perto, a cabeça caindo para trás de prazer, enquanto as mãos dele se entrelaçavam nos longos fios de seu cabelo e os puxava com firmeza. Ela devolveu o puxão, a reação instintiva, a dominante necessidade do orgasmo crescendo em seu interior.

Dawg estava decidido em seu ritmo. Suas carícias eram lentas e pausadas, aumentando as chamas ardentes em seu útero com calculados golpes e apaixonadas carícias.

Não lhe deu a oportunidade de pegar fôlego entre níveis. Não houve oportunidade de pensar, nem oportunidade de recuperar o controle.

Antes que se desse conta, de onde se pousavam as carícias, já estava presa. Quando os lábios começaram a beijar um meticuloso caminho descendo por seu torso e sobre o estômago, as coxas se abriram mais e mais, os joelhos dobrados, fazendo espaço para seus amplos ombros entre eles.

O alívio chegaria agora, estava segura.

Podia lhe fazer o que nada ou ninguém podia. O prazer ricocheteava por seu corpo e a apanhava em uma rede de amor e luxúria tão intensa que sabia nunca romperia.

A língua lambia sobre a recente pele nua, e soube por que ele queria que experimentasse este prazer. Era incrível. Sua língua tocava terminações nervosas que não sabia que existiam. Cada sorvo, cada delicado raspar de seus dentes e sugadores beijos a faziam arder a mais alta temperatura, mais fogosa. Pôde sentir o fluir de seus sucos, indo da vagina, e descendo para a estreita fenda de seu traseiro quando os dedos começaram a seguir o caminho.

Minutos depois, quando sua língua ao fim explorou a estreita abertura de sua vagina, sentiu a fria e espessa lubrificação sobre os dedos enquanto pressionavam contra a entrada traseira.

Conhecia essa sensação. Era mais do que ele tinha feito no escritório; podia sentir. Desta vez nenhum brinquedo ia invadir seu corpo.

O controle, cada deliberado beijo e carícia, tinham sido para um propósito. Para um fim. Reclamar cada parte dela.

—Tão doce. —Sua voz trovejou contra a ultra-sensível carne que estava acariciando com os lábios e a língua— Como um doce e quente xarope.

A língua perfurou a rodeada abertura enquanto dois dedos penetravam sua entrada traseira, enviando um prazer urgente através do seu corpo.

—Oh Deus! Dawg! —Gritou seu nome quando as simultâneas carícias a fizeram tratar de retorcer-se, tratar de escapar das incríveis sensações que balançavam seu corpo.

Paixão e relâmpago, ferozes chamadas lambendo sobre sua carne e queimando sob a pele. Era incrível. O prazer era como ser deitada sobre um potro de tortura de êxtase iminente e torturada com o conhecimento dessa sorte esperada.

Respirar era quase impossível quando o desejava. Suas pernas tensas com o esforço de conseguir estar mais perto. De atrair seus dedos e a língua para uma maior profundidade. Para lhe fazer, obrigá-lo a lhe dar o que precisava para aliviar o quase doloroso prazer que abrasava seu corpo.

Tentou apertar as pernas, para aproximá-lo o suficiente para esticar a sensação sobre seus clitoris, para lhe dar essa pressão final que estava segura que necessitava para chegar ao orgasmo.

Debaixo dela, Dawg riu roucamente, um áspero, um roçar de excitação e prazer vibrou através dela quando sua língua lambeu com pecaminosas carícias a rodeada entrada de sua vagina.

Os dedos atrás penetraram ainda mais. Acariciando. Empurrando.

—Está me matando! —Cravou os dedos no colchão, os quadris se elevaram, lutando para estar mais perto, para lhe facilitar a pressão que ela tão desesperadamente necessitava.

Um grito derrotado quebrou sua garganta enquanto o eco de um som de prazer sussurrava sobre sua xana.

—Está bem, carinha-linda. — ele assegurou, eroticamente, antes que sua língua lambesse rodeando o clitoris outra vez e seus dedos se flexionassem no traseiro— Me ocuparei de você.

Os lábios cobriram seu clitoris. Arrastou-o ao calor de sua boca e o chupou, puxando-o até que esteve gritando pela liberação. Passou a língua por cima, e ela suplicou. Quando a liberação cresceu em seu útero, ele diminuiu a velocidade, abaixou a cabeça, a língua lambendo os sucos outra vez e lhe negou o alívio pelo qual ela suplicava.

—Maldito seja! Para de brincar comigo. —Tratou de alcançá-lo, os dedos aprisionaram seu cabelo e o agarraram quando outro ardente empurrão encheu seu traseiro.

—Desejo seu cu, Crista. — gemeu, os lábios pressionando contra a coxa antes que os dentes mordissem a carne dali.

Ela estremeceu, recordando a cena, sabendo o que lhe faria, sabendo como a vincularia a ele. A submissão total. Tinha sussurrado essas palavras quando a tomou por ali na primeira vez. Dele.

Crista voltou o olhar para trás quando ele se moveu, levantando-se de joelhos, separando mais ainda suas coxas enquanto deslizava os dedos de seu traseiro.

—Dawg? —Crista se sobressaltou, observando como arrastava mais perto os quadris e empurrava para trás suas pernas.

Observou, aturdida, rasgada entre o temor feminino e a excitação erótica enquanto viu estender uma grossa capa de lubrificante sobre o pênis.

Brilhava, grosso e poderoso. Grossas veias pulsavam sob a carne enquanto a cheia cabeça palpitava visivelmente. Crista tragou com dificuldade. Parecia enorme, muito grande, muito duro para atravessar a estreita abertura contra a que se remetia.

—Dawg. —Elevou os olhos para ele, fascinada, pelo desejo sexual de sua expressão e o obscurecimento dos pálidos olhos verdes.

—É minha Crista? —perguntou-lhe, com voz rouca do fundo de sua garganta enquanto o pênis pressionava contra ela, dentro dela.

—Sempre. —Não pôde negar o que sua alma sempre soube.

Um gemido abandonou seus lábios quando reacomodou sua sujeição sobre ela e deixou cair as pernas por seu peito, enquanto uma mão lhe agarrava o quadril, a outra agarrou o haste de seu membro.

Crista sentiu a invasão, lentamente, uma penetração que enviou uma devastadora sensação através das sensíveis terminações nervosas. A entrada anal começou a dilatar-se, a abrir-se sob a expressa força de sua ereção.

—Oh Deus! Dawg não posso suportar. —Seu corpo se balançou involuntariamente enquanto as mãos agarraram em um punho a manta debaixo dela.

As chamadas lambiam seu traseiro enquanto a carne se dividia. Prazer e dor, submissão e sedução. Era a posse. Não de sua mente nem na realidade de seu corpo. Posse de sua sensualidade, de seu prazer. A intimidade era algo tão vinculante que, mesmo, oito anos depois que ele a tivesse dado pela primeira vez, nunca tinha se recuperado desses efeitos em sua alma.

Estava marcando a ferro a si mesmo dentro da alma dela e dentro de seu corpo.

Os lábios dela se abriram em um mudo grito enquanto a densamente lubrificada cabeça transpassou a entrada, logo se amoldou dentro outra vez. Enterrou a cabeça do pau dentro do apertado tecido, gemendo enquanto ela gritava seu nome de emocionante prazer.

Então Dawg se deteve, respirando com dificuldade, rápido, enquanto o suor lhe gotejava pelo peito e os olhos desceram para a sensível abertura que estava possuindo.

—Tão quente e apertada. — gemeu, movendo-se outra vez, com lentos e pouco profundos impulsos que tentavam afundar mais seu membro dentro dela pouco a pouco. — É como ser empunhado pelas chamas, Crista.

Ou possuído pelas chamas.

A cabeça dela se movia agitadamente sobre a cama enquanto o pênis se aprofundava mais no interior de seu anus, estirando-a, lhe mostrando terminações nervosas tão sensíveis que o açoite da sensação reverberou em seu clitóris. Estava rodeada por um prazer tão intenso, tão poderoso, que se perguntava se sobreviveria.

—Está me queimando vivo. —O rouco grunhido de sua voz enquanto os centímetros finais de sua ereção se enterravam em seu ânus contraíram seu útero com um iminente orgasmo.

Era tão pecaminosamente erótico. Era o ato mais proibido, mais submisso que Crista podia imaginar, e estava ultrapassando sua prudência.

O controle era uma coisa do passado. Dawg tinha o controle. Tinha a ela. Deslizava e se movia, quase saindo antes de avançar outra vez. Abraçava-a e acariciava e fez arder terminações nervosas que não tinham estalado à vida em oito anos.

Crista se arqueou para ele, os quadris corcoveando em seu agarre enquanto a necessidade começava a crescer, demesuradamente, fora de controle. Necessitava-o forte e profundo. Necessitava que ele...

—Foda-me. —Não reconheceu sua própria voz quando o destroçado rogo encheu o ar— Por favor, Dawg. Mais forte. Foda-me mais forte.

Levantou as pestanas, seu olhar empanado enquanto tentava focar-se em seu rosto. Um duro gesto o retorceu, o prazer cobriu seus traços enquanto ele negava com a cabeça, o suor salpicava e gotejava pela testa enquanto as mãos agarravam seus quadris e o pênis pulsava dentro de seu ânus.

—Mais forte. —sussurrou ela outra vez, tentando-o com uma contração dos músculos internos, apertando sobre sua carne e sentindo também os espasmos de prazer atravessando-a.

—Caralho. Crista. — gemeu, ofegando de prazer como ela.

—Preciso de você. —Engoliu com força— Todo você. Foda-me mais forte, Dawg. Dê-me o que necessito.

Seus quadris se sacudiram, tirando a ereção antes de empurrá-la dentro dela com uma estocada mais longa e mais forte. Enquanto o fazia, uma mão se mudou do quadril até meter-se entre suas coxas.

Longos dedos masculinos deslizaram através da espessa essência que se reunia ali,

encontrando o choroso centro, e dois dedos empurraram dentro com força.

Então se moveu. Empurrando duro e forte enquanto Crista abria os olhos de par em par, o olhar nublando-se enquanto o êxtase começava a alagá-la.

Seu orgasmo chegou rápido e forte. Com os dedos golpeando forte e com segurança dentro de sua vagina, seu membro enterrando uma e outra vez dentro de seu ânus, não havia volta atrás. O intenso erotismo e o prazer extremo eram demais.

Crista ouviu seus próprios gritos com um assombro distante. Soavam destroçados, agonizantes. Por debaixo desse som estavam os de Dawg. Seu brutal gemido masculino enquanto se enterrava profundamente em seu traseiro, sua semente saindo a jorros, abundantes, dentro dela, sempre o recordaria.

O quebrado “Te amo, Crista. Deus me ajude, amo você” a lançou a um orgasmo muito alto, fazendo pedacinhos de sua alma com o puído fio de esperança e dor que ouviu em sua voz.

Sacudiu-se contra ela, derramando seu sêmen no traseiro antes de dar um gemido final e afrouxando-se lentamente do apertado agarre no que ela o tinha.

Crista choramingou ante a sensação acrescentada. Senti-lo lentamente deixá-la, seu pênis afrouxando-se dela, os dedos deixando de acariciar sua vagina era quase doloroso agora por sua intensidade.

Ambos estavam completamente banhados em suor enquanto relaxava na cama a seu lado e a puxou para seu peito. Os lábios pousaram em cima de sua cabeça em um beijo que oprimiu seu peito de emoção.

Sob seu rosto o coração dele ia a toda velocidade, como o seu, e os pulmões se elevavam para respirar.

Assim era cada vez. Não era simplesmente o esforço do sexo se não as intensas emoções que os rasgavam e os deixavam débeis e trementes.

—Amo você, Dawg. — sussurrou quando pôde por fim encontrar o fôlego e os sentidos. — Sempre o amei.

Capítulo 21

A padaria e confeitaria Graceful estava na esquina da rua North Main nos subúrbios da cidade. A casa que Johnny Grace tinha comprado estava na quadra ao lado da casa que Crista tinha herdado de seus pais.

A casa de tijolos de dois pisos estava em meio de um gramado perfeitamente arrumado e recortado. As flores cresciam abundantes pela propriedade, abóbadas de

madeira sustentavam as parras e rosas trepadeiras, e o alpendre dianteiro era a sede de urnas de cimento repletas de flores docemente fragrantes.

Crista caminhou para a ampla porta principal. O pôster pendurado na porta afirmava: Aberto para Cumprir suas mais Doces Necessidades.

—Isto é uma idéia muito ruim. —murmurou ela, não pela primeira vez, enquanto Dawg agarrava o trinco e abria a porta.

Imediatamente, uma profusão de aromas os envolveu. Pães assados, doces decorados, e tentadoras delícias. Crista inalou inconscientemente e sentiu despertar seu gosto pelos doces em vingança.

Johnny sempre a tinha tido sortida de doces. Durante o ano passado não tinha tido que comprar muito mais que um pão por causa de sua generosidade. O pagamento por traí-la? Uma consciência culpado? A traição e a fúria começaram a arder mais vívidas dentro dela. Doeu-lhe o peito ao saber que Dawg tinha tratado com isto a maior parte de sua vida.

—Crista. —A voz de Johnny a saudou com um fio de inquietação enquanto ela entrava no que uma vez tinha sido um salão de jantar aberto. Agora continha um desdobramento de mostradores bem sortidos de doces e pães.

Havia outros clientes. Johnny tinha uma clientela fixa, que o mantinha ocupado ao longo do dia.

Separou-se da caixa registradora, o cenho puxando sua testa, enquanto dava uma olhada a Dawg atrás dela.

—Natches disse que tinha deixado a cidade. —Seu olhar estava repleto de inquietação— Vai tudo bem?

Agarrou-lhe as mãos antes de beijá-la no rosto. Reagir com normalidade foi a coisa mais difícil que Crista fez. Queria enfurecer-se; queria gritar. Apesar de todos os problemas com a família Mackay, ela sempre tinha desfrutado da companhia de Johnny.

—Tudo bem, Johnny. Natches entendeu mal uma leve discussão que Dawg e eu tivemos. Nada pelo que preocupar-se. Mas senti falta de meu pão de noz e plátano. Fez algum?

Johnny olhou sobre o ombro dela uma vez mais, piscando com indecisão.

Crista deu uma olhada para trás. Dawg não tirou os óculos escuros, e parecia bastante mau para rasgar as roupas. Ela o golpeou com o cotovelo no escuro abdômen com um olhar de advertência.

Os clientes observavam a cena com curiosidade, uma enxurrada de sussurros, desataram, quando Dawg baixou o olhar para ela e esfregou o duro estômago quase distraidamente.

—Sempre tenho seu pão, Crista. —A voz de Johnny podia conter nervos, aborrecimento ou temor. Era difícil de dizer.

Voltou-se e retornou ao mostrador principal. Elevando a porta articulada de vidro do comprido mostrador, Johnny agarrou uma bolsa de papel, levantou uma barrinha de pão de noz e plátano do mostrador, e o pôs rapidamente em uma bolsa branca encerada que utilizava para o pão.

—Aqui está. —disse, indo para a caixa registradora, a expressão sem mostrar emoção, o olhar oscilante entre Crista e Dawg. — Algo mais? —Seu olhar permaneceu sobre Dawg, e Crista jurou que então viu brilhar o ódio mais profundo.

—Tentei lhe dizer que podia conseguir o pão em algum outro lugar. —Disse então, claramente, Dawg, com tom zombador— Tem um bonito lugar, Johnny. Realmente bonito. Estou contente de ver os frutos de sua batalhinha no tribunal.

O dinheiro e a terra que tinham obtido durante a batalha legal com Dawg, evidentemente tinham custeado a loja.

—Dawg. —o repreendeu Crista, odiando a necessidade de manter uma aparência de compaixão para Johnny. Pôde notar a animosidade que começava a tomar corpo entre os dois homens. Tirou um pouco de dinheiro rapidamente da bolsa para pagar o pão, querendo unicamente sair dali, respirar sem o fedor da traição de Johnny asfixiando-a.

Johnny sustentou a mão no alto, antecipando o pagamento, seu olhar endurecido enquanto a contemplava fixamente.

—Pelos velhos tempos. —Sorriu tensamente— Mas por favor, telefone antes de vir. Assegurarei-me de ter meu ajudante trabalhando nesse dia. Não preciso de Dawg em minha loja, se não se importar.

Atrás dela, Dawg estalou a língua com ironia.

—Johnny, somos uma família, homem. Certamente me permite a entrada na loja depois de ter pagado por ela? Não posso acreditar que tenha um coração tão frio.

Este era o Dawg zombador em supremo grau. Isto, Crista, já tinha visto antes. Estava pressionando Johnny, tentando zangá-lo, tentando que o golpeasse.

Em lugar disso Johnny voltou a olhá-la.

—Crista, telefone primeiro. —recordou— Estou seguro que entende as razões do porquê.

Os clientes formaram redemoinhos na loja observando agora com interesse, a fábrica de intrigas se preparou para uma corrente de falatórios que continuaria durante meses.

—Entendo Johnny. —Manteve a voz baixa, mas por dentro, doía-lhe. E sentiu começar a crescer a fúria.

Esta loja era o orgulho de Johnny. A grande casa que sua mãe tinha construído, os ares e a segurança de seu lugar na sociedade, tinham sido compradas com a dor da infância de Dawg. Acrescentadas à crueldade de seu pai por volta de Dawg e exacerbando as lembranças que obcecavam Dawg inclusive agora.

Crista olhou fixamente o pão em sua mão, logo a Johnny. Sua expressão tensa enquanto a deixava outra vez no mostrador.

—Pensando melhor, Johnny, acredito que depois de tudo não preciso disso.

Um olhar de surpresa cintilou enquanto contemplava o pão embrulhado, logo a Crista.

—Está segura, Crista? —Pode ser paranóia, mas estava segura que ouviu uma advertência em seu tom. Ela estava escolhendo o grupo de Dawg, em vez de permanecer neutra, ou muito melhor, no grupo de Johnny.

Os lábios de Crista se afinaram enquanto o contemplava, vendo agora quão fácil pôde ter assumido sua personalidade. Tinham o mesmo peso, quase a mesma estrutura. Não teria sido difícil para Johnny copiar as curvas que tinha seu corpo, vestido com suas roupas, e simulando ser ela.

Conseguir suas roupas e devolvê-las não tinha sido difícil. Sua casa estava ao lado da dela, e pôde ter feito uma cópia da chave as poucas vezes que a tinha deixado, vezes tais como, quando tinha esperado o técnico da TV a cabo e ela tinha que trabalhar.

—Estou segura, Johnny. —afastou-se do mostrador antes de dar a volta e dar uma olhada a Dawg— Já estou preparada para partir.

Não o esperou. Deu a volta e se dirigiu intencionalmente para a porta, notando Dawg movendo-se protetoramente atrás dela. Era o sentimento mais estranho, saber que estava ali sem sequer olhar, sentindo sua calidez rodeando-a, inclusive, quando não a estava tocando.

Ele passou ao redor dela enquanto se aproximava da porta e a abriu com rapidez. Dando um passo atrás para deixá-la passar pela saída, Dawg voltou o olhar para Johnny. Deveria sorrir satisfeito. Podia ter contrariado ao pequeno bastardo mais ainda, pensou.

Mas enquanto olhava fixamente Johnny, tudo o que podia sentir era piedade. Era muito parecido com sua mãe, muito influenciado pela necessidade do mesquinho poder e a obsessão de ter mais sem merecer.

Dawg viu o ódio nos olhos de Johnny. Viu o ressentimento e os anos de agressividade reprimida, provocada pelo fato de que apesar uma vez em sua vida ele tinha ganhado de Dawg. Essa vez sendo a batalha no tribunal que Dawg quase tinha perdido.

Em vez de dizer algo mais, simplesmente negou com a cabeça, suspirando ante o cansaço da luta empreendida entre ele e Johnny na infância, e abandonou a pequena loja que Johnny tinha comprado com os benefícios desonestos de trair o sangue.

Abandonando o edifício, Dawg seguiu Crista para a calçada, sentindo o peso no peito e o remorso que sabia era melhor deixar esquecido.

Sabia, no fundo de sua alma, que seu próprio pai teria preferido deixar sua herança para Johnny e a sua mãe. Mas foi a mãe de Dawg quem frustrou esses planos.

Apesar da paranóia, as tendências suspeitas e o comportamento frio e sem sentimentos, Brenda Mackay tinha compreendido a lealdade familiar. Poderia ter sido incapaz de não deixar que seu marido golpeasse sem piedade seu filho quando era jovem, mas tinha aconselhado a Dawg nas melhores maneiras de evitar o temperamento de Chandler, e tinha assegurado que no caso de suas mortes a herança de Dawg fosse preservada. Se não tivesse sido por sua meticulosa redação nos testamentos e seus desejos claramente manifestados, então Dawg teria perdido tudo.

Ajudou Crista a entrar na caminhonete, vendo a fúria crescendo em seus olhos e o rubor de seu rosto enquanto fechava a porta do passageiro e ia para o lado do motorista.

Quando se impulsionou dentro da caminhonete e ligou o veículo, deu uma olhada em Crista outra vez e se encontrou indeciso no que dizer.

Ele tinha aceitado a animosidade entre Johnny e ele há anos. Encontrava a si mesmo raramente surpreso por seu primo até que compreendeu que realmente tinha que matá-lo. Também rechaçou explicar ou fabricar desculpas por seu comportamento no que se referia ao outro homem.

Agora encontrou a si mesmo desejando poder encontrar as palavras para explicar a Crista. Estava doída e furiosa. Johnny tinha sido seu amigo.

Pela primeira vez em sua vida, estava em uma situação que não podia ganhar, sem importar o que fizesse. Não podia influenciar na decisão de Crista. Não era uma guerra que pudesse ganhar com uma arma, os punhos ou o dinheiro.

Quando era jovem, os punhos o tinham protegido. Uma vez que se uniu a Marinha e entrou no sombrio mundo de um assassino, aprendeu que sua arma podia dirigir aos monstros do mundo. Monstros que assassinavam e mutilavam. Mas o trabalho tinha cobrado um pedágio em sua consciência. De maneira que Dawg freqüentemente pensava que a bala que lhe tinha dado no joelho tinha sido uma bênção.

Quando voltou para casa, voltou com suficiente dinheiro para assegurar-se que os advogados podiam combater suas batalhas e se encarregaria das coisas que necessitava.

Os punhos, as armas ou os advogados não iam mudar o que Crista estava sentindo agora: a traição, a fúria, o saber que tinha acreditado em alguém que a tinha utilizado.

Conduziu para a loja de madeiras, em silêncio, percorrendo-a com o olhar, desejando agora que não tomasse a decisão de enfrentar Johnny de maneira nenhuma. Não queria que se tornasse tão dura nem tão cínica quanto ele.

Acabaria logo. Cranston apanharia Johnny de noite com as acusações de terrorismo e por vender armas militares. Depois disto, possivelmente poderia respirar com tranqüilidade. Ela não estaria a salvo até então; Dawg o tinha visto em seus olhos. Os agentes que o vigiavam o seguiriam, mas até que estivesse entre as grades, Dawg não respiraria com tranqüilidade, não poderia.

—Sinto muito. —disse ele ao fim, mal que respirando enquanto entrava no estacionamento lateral da loja— Não deveria ter feito isso com você.

Surpreendeu-o com um bufo, pouco feminino e um brilho de desafio nos olhos.

—Se esse pequeno rato bastardo pensou que com um pão ia me compensar por assumir minha personalidade, então merece outra coisa. Como a você se pensar que precisa se desculpar pela estupidez de seu primo.

Suas sobrancelhas se elevaram de surpresa enquanto descia os óculos pelo nariz e a olhava por cima das lentes.

Apertou os lábios enquanto olhava ao longe, logo se voltou para ele.

—Sempre pensei que possivelmente os problemas entre o Johnny, você, Rowdy e Natches eram por suas preferências sexuais. Sinto por ele. Era muito menor que o resto de vocês e sempre parecia tão alterado porque não formava parte da diversão. —Ela deu de ombros com inquietação— Sei sobre a batalha legal, como ele e sua mãe tentaram roubar sua herança, mas pensei que era um intento de conseguir atenção mais que outra coisa.

O pesar oscilou por trás do aborrecimento no olhar dela.

—Pode ter começado desse modo. —aceitou Dawg— Quando éramos muito mais jovens. O problema em admitir Johnny na diversão era que tendia a dedurar-se. Rowdy estava bastante a salvo; o tio Ray não tinha uma mão dura. Entretanto, Natches e eu pagamos muitas vezes pela incapacidade do Johnny de manter esses segredos. Assim mantivemos distância dele.

Ela fez um gesto de dor.

—Os pais deveriam ser cuidadosos. —sussurrou— Uma mão dura só gera ressentimento.

—Ou ódio. —apontou Dawg clinicamente antes de negar com a cabeça e pena através do pára-brisa para o lateral metálico da loja de madeiras— Não vale a pesar discutir neste momento. Só lamento que tenha sido metida nisto, Crista.

—Fez isso para fazer mal a você. — disse, atraindo seu olhar para ela— Usurpou minha identidade, atraiu-me ao armazém, e logo entrou na prisão judicial vestido como eu para assegurar minha detenção. Fez isso apenas para machucar você.

Dawg já tinha concluído isso, mas lhe doía porque ela se deu conta. Seu peito se oprimiu, e seu coração realmente doía.

Estendendo a mão, deixou que a parte traseira de seus dedos acariciasse a linha da mandíbula dela, sentindo a calidez de sua pele, vendo a aceitação em seu olhar.

—Não a teria detido. — disse finalmente em voz baixa— Se a tivesse largado na noite em que a chantageei, teria deixado você partir, Crista. Tinha a nota que deixou no carro. Sabia que era inocente.

—Acha que não sei? —Tomou a mão e a segurou contra seu rosto— Sempre soube,

Dawg. Possivelmente simplesmente precisava de uma desculpa para deixar para trás o passado e tratar de obter o que queria.

Tirou os óculos do nariz e os pôs no painel, em todo momento olhando-a fixamente, memorizando os traços e as emoções que enchiam seu olhar.

Era amor. Pôde ver o amor. Do mesmo modo em que Kelly olhava Rowdy, o modo em que María contemplava seu marido Ray. Incitante, escuro com aceitação e com uma emoção que desafiava a descrição.

Amor era uma palavra tão insossa para o que sentia e para o que via nos olhos dela.

Dawg engoliu compulsivamente, de repente inseguro, desestabilizado por ela. Demônios, ela sempre as tinha arrumado para lhe fazer isto, inclusive oito anos antes. Fazendo-o se sentir como um novato que não sabia como conseguir uma garota.

—Quero te dar outro bebê. —Fez uma careta quando as palavras transpassaram seus lábios, e os olhos dela se abriram de par em par pela surpresa— Não, escuta. —Cobriu-lhe os lábios com os dedos quando se abriram— Sei que agora mesmo não está preparada. Quero me casar com você, Crista. Quero meu anel em seu dedo. Quero-a ao meu lado. Mas também quero te dar outro bebê. Eu... —deteve-se de repente, os lábios apertados ante sua incapacidade de pôr os sentimentos em palavras.

Demônios, queria atá-la a ele; era simples assim. Queria ter a certeza de que nunca se separaria dele outra vez, que nunca quisesse afastar-se dele outra vez.

—Dawg. — sussurrou, estendendo a mão para ele, pousando-a no rosto, enquanto o olhava fixamente, desesperado por todas as coisas que tinha perdido depois que ela abandonou a cidade— Não o abandonarei outra vez. Nunca.

Algo dentro dele relaxou ante suas palavras. Como se uma mola de temor tivesse estado apertando em seu peito, as palavras dela o liberaram, exaltando uma parte de sua alma que nunca tinha sabido que estava reprimida em seu interior. A paixão o atravessou loucamente. Não simplesmente a excitação e a luxúria, se não as emoções que o alagavam e o assombravam.

Estava mais duro do que tinha estado em sua vida, e apesar de tudo, no interior, o duro nó de cólera, cinismo e pesar estava se dissolvendo.

Não podia dizer nada. Havia apenas uma maneira de combater a desconhecida restinga de emoções que agora o atravessavam.

Estendeu-se para ela. Rodeou-a com os braços, deslizando-a através do painel de controle até que seu traseiro descansou em seu colo, a cabeça em seu ombro, e seus lábios cobriram os dela.

Um inferno de fome explodiu em suas veias. Sua pele ardia de paixão, e o beijo se tornou faminto. Não podia aprofundar o suficiente, não podia saboreá-la ou tocá-la o suficiente.

Seus lábios se abriram para ele, tomando-o, enquanto os dedos trespassaram em seu cabelo e lhe puxavam a parte traseira da cabeça para segurá-la no lugar. Não é que ela estivesse rechaçando o beijo. Demônios, não. Ela tinha as mãos em seu cabelo, lhe dando puxões e devorando-o, enquanto sua língua encontrava a dele, lambendo e acariciando e deixando-o louco com a intensa e apaixonada batalha que estavam liberando.

Ela era um raio de sol, surpreendentemente quente e veloz para o centro de sua alma. Ela era um caloroso dia do verão e uma fresca e balsâmica brisa tudo ao mesmo tempo.

—Deus, deixa-me louco. — gemeu com os lábios movendo-se sobre a mandíbula e pescoço dela— Me esqueço até de onde estou e me importa um caralho quem nos veja.

E não lhe importava. O estacionamento de empregados estava bastante protegido, mas não era de maneira nenhuma particular. Entretanto, Dawg era um homem desesperado. As emoções emanavam em seu interior, a fome por Crista que sabia nunca seria saciada, e suas mãos que não podiam tocá-la o suficiente.

Elevou a cabeça, baixando o olhar enquanto passava a mão sob a barra de um de tantos desses malditos rodeados tops que usava. Que acariciava sobre os seios e roçava sobre o ventre só um pouco muito ajustado para o bem-estar de um homem adulto.

Observou enquanto a áspera e escura pele de sua mão tocava o suave e cremoso ventre dela sobre os jeans de cintura baixa que usava. Crista não era de estrutura magra, era bem arredondada, e essas curvas o deixavam louco.

Subiu a mão pelo ventre, empurrando ainda mais a camiseta até que pôde cavar um montículo coberto de renda de seu seio.

—As câmeras. —de repente ela gemeu, estremecendo quando seus dedos agarraram um duro mamilo e o puxaram lentamente.

—Heim? —Sua atenção estava fascinada nesse duro mamilo, sua boca se enchia de água por prová-lo.

—Dawg! —A voz cheia de risada e excitação— Estacionou debaixo da câmara de segurança.

De um puxão levantou os olhos para a janela, e para a câmara que focava a caminhonete.

—Merda. —disse entre dentes.

A risada borbulhou de seus lábios enquanto descia a camiseta, escondendo os suculentos e tentadores bagos pelos quais estava morrendo.

—É um menino mau. —o acusou, engatinhando de seu colo e tentando arrumar as roupas e o cabelo. A risada cintilou em seus olhos e curvou os sedutores lábios.

—Caramba, parece surpreendida. —Dawg suspirou enquanto se movia em seu assento e tentava aliviar a pressão de seu jeans contra seu pênis. Essa parte de seu corpo

estava tão grossa agora que era doloroso.

—Surpreendida, nunca. —Ela negou com a cabeça com uma leve risada enquanto descia o visor, arrumando a maquiagem sob os olhos, e arrumava a seda de seu cabelo antes de checar a camiseta.

Depois de ajustar o decote, emituiu-lhe um provocador olhar, logo abriu a porta e saltou da caminhonete. Maldita seja! Sabia o que lhe estava fazendo, pensou Dawg, e não pôde fazer nada exceto sorrir enquanto obrigava a si mesmo a sair do veículo e apertar o fechamento automático do chaveiro. As luzes da caminhonete cintilaram quando um pequeno bip lhe confirmou que tinha fechado.

—Vamos, pequena provocadora. —Rodeando a caminhonete, seu braço deslizou ao redor da cintura enquanto se dirigiam à entrada de empregados— Nos encerraremos no escritório e terei meu lado perverso com você ali.

—Não acredito. Tem pedidos para terminar, e ainda não fez a lista para o inventário de inverno. Precisa se adiantar aos grandes hipermercados e planejar as vitrines.

Franziu-lhe o cenho enquanto iam para as escadas do escritório.

—Não quero fazer vitrines de inverno. Custam muito caro, e não são efetivas.

—Só porque você é o único que as faz. —expôs ela— Estive vendo suas vitrines, Dawg. Não são efetivas porque não tem nem idéia do que procuram as mulheres.

—Sei o querem as mulheres. —Franziu-lhe o cenho, perguntando-se então, se algo do que fez, tinha sido ineficaz com esses explosivos orgasmos que lhe tinha dado.

—O que as mulheres querem na cama e o que estão dispostas a comprar em público são duas coisas diferentes. —A risada em sua voz o esquentou, fazendo-o sorrir— Confia em mim. Vou faltar com você com isto. Vamos ter incríveis vitrines de inverno. Só espere até que veja o Papai Noel que estou pensando em trazer. E encontrei uns incríveis arcos de ferro forjado muito baratos. Com classe, e não disponíveis na maior parte desta região. Quero comprar todo o estoque do distribuidor, para me assegurar que os grandes hipermercados não os obtenham.

Enquanto a escutava, esteve tentado a negar com a cabeça. Ela tinha planos, e que o amaldiçoassem se não estava de acordo com ela. Ao ritmo que ia, acabaria fazendo com que seu pai se revolvesse em sua tumba ante o êxito.

—Preciso que comprove com Jim Bedsford e veja o que aconteceu com o pedido do Connelly, agora que penso. —Ela franziu o cenho enquanto entravam no escritório e foi para a mesa— Quase me esqueci, com tudo o que aconteceu. Layla teve que reembolsá-lo em um quarto do pedido quando não chegou a tempo. Está bastante chateado com isso.

Dawg tomou a folha de pedido e franziu o cenho. Esforçou-se muito para que Connelly deixasse o Mackay encarregar-se do fornecimento para o complexo de apartamentos que estava construindo.

—Maldição. —grunhiu— Hoje vou ter que trabalhar.

A suave risada e a calidez feminina sussurrou a seu redor então.

—Você e eu, ambos. Agora se ocupe de Bedsford. E se eu fosse você, consideraria muito a sério substituí-lo.

—Por quem? —grunhiu Dawg.

Seu olhar se encontrou com o dela. Estava segura, certa.

—O marido de Layla, Jamie. Tem experiência, e passa a metade do tempo aqui de toda a forma. Melhor que o ponha para trabalhar.

E tinha razão, maldita seja.

Grunhiu evasivamente, sabendo malditamente bem que acabaria fazendo isso.

—Não se meta em problemas. —advertiu antes de lhe pressionar um forte beijo nos lábios e dirigir-se para a porta— E não abandone a loja com ninguém que não seja eu. Não está a salvo até que Cranston apanhe Johnny. Prometa-me isso Crista.

—Sim, senhor. —espetou zombadoramente. —Alguma outra ordem, senhor?

Virou-se na porta e elevou as sobrancelhas.

—Estar nua quando voltar?

—Só em seus sonhos. —Revirou os olhos e o despediu com a mão—Adeus, Dawg. Nos vemos no almoço.

Ria entre dentes enquanto abandonava o escritório, assombrado agora ante os sentimentos que o atravessavam. Ainda estava malditamente duro e o jeans era desconfortável, mas esse nó de desencanto, que o tinha açoitado toda sua vida, estava afrouxando. Por ela.

Negando com a cabeça, desceu rapidamente as escadas, lançou uma saudação a Layla, e fez nota mental de falar com ela sobre seu marido antes de encaminhar-se à parte dos fundos da loja. Bedsford obviamente ia ter que ir embora; Dawg só queria averiguar primeiro, o porque de ele estar sabotando os fornecimentos que se encarregavam a Madeiras Mackay.

Capítulo 22

As vitrines de verão eram tão importantes quanto as de Natal, mas era muitíssimo mais difícil sem o tempo para prepará-las.

Crista passou a primeira de várias horas olhando para fora através das janelas tingidas que davam ao armazém, seu olhar entrecerrado enquanto Layla trabalhava no escritório atrás dela para preparar uma recontagem sobre os artigos necessários que iriam

precisar para criar o desenho que Crista queria.

A vitrine do armazém era importante. No momento era todo estacionamento. Não havia áreas cercadas para as exposições de verão e os ajardinamentos. Nada para chamar a atenção dos compradores enquanto conduziam pela frente do Mackay para chegar ao grande hipermercado e o centro comercial ao ar livre localizado mais acima da estrada

—Temos por fim os planos do caramanchão? —perguntou Crista a Layla.

Dawg tinha se encarregado sozinho de um pequeno número de caramanchões, os quais foram vendidos com regularidade durante os últimos anos

—Temos vários planos. —Layla se deslocou para os arquivos laterais do outro lado do escritório— Os coloquei aqui depois de trazer os últimos caramanchões. O distribuidor envia os planos ou os constrói por si. Seria incrivelmente mais barato se Dawg pagasse a uns poucos trabalhadores mais jovens para que empregassem algumas horas extras para montá-los.

Ela tirou um arquivo e estendeu o primeiro plano sobre a mesa de café.

—Estes são os únicos que estão vendendo melhor no momento.

Os pequenos caramanchões tinham um balanço com dois assentos com um banco no outro lado. Crista olhou fixamente o desenho, franzindo os lábios pensativamente.

—Temos os balanços?

—Vários deles. —Layla assentiu— E poderíamos obter as flores das quais estava falando em menos de três dias. Há um proprietário de uma estufa local que conheço que poderia assegurar-se de que Mackay só tenha as flores mais frescas. Eles treinam os empregados para cuidar delas e os controlam a cada, poucos dias. O que não usamos, não pagamos. Especialmente as perenes, os arbustos de flor e as árvores porque podem ser plantados no outono e vendidos aos paisagistas na primavera seguinte.

Crista tomou umas poucas notas rápidas na pasta que levava, ao redor do esboço que estava fazendo da exposição ao ar livre que queria.

—Seus meninos estão trabalhando este verão? —perguntou a Layla.

Layla sacudiu a cabeça rapidamente.

—Não têm nada ainda. Têm aulas de verão no colégio, seria muito difícil para eles trabalharem em mais lugares agora.

—Poderia a Mackay contratá-los para trabalhar pela tarde e os fins de semana? —perguntou-lhe— Precisaremos de alguém que construa os caramanchões e ponha os mostruários juntos. Há algumas garotas preparando o chão que tenho em mente para a seção de jardim agora, mas eu gostaria de ter isto resolvido primeiro

—Seria o trabalho perfeito para eles Crista. —assentiu Layla.

—Deixe-me encontrar Dawg. —Crista se voltou e olhou para fora, para a planta baixa outra vez. —Presumo que foi falar com Bedford sobre o pedido de Connolly

—Eu o vi no armazém de madeira antes que me chamasse aqui. Estavam carregando os artigos desaparecidos da folha de inventário. Telefonou para Connelly e o agradeceu por postergar a compra de artigos em outro lugar se Dawg se ocupasse dos pedidos pessoalmente. Escutei-o discutir com Connelly pelo telefone celular. — admitiu Layla com uma tímida careta— Dawg pode ser persuasivo. Suponho que seguirá Jim de perto. O armazém de madeiras está bastante ocupado agora

Quantos pedidos tinha jogado por terra Bedsford, enquanto isso, perguntou-se Crista, com um cenho franzindo suas sobrancelhas ao pensar no outro homem.

Ela conhecia Jim Bedsford, não muito bem, mas o conhecia.

Então o coração lhe saltou no peito, uma estranha lembrança relampejou em sua cabeça. Ela tinha visto Johnny e Jim uma noite. Tinha sido tarde, depois de sair da cafeteria. Jim estava subindo no carro de Johnny, mas ela não tinha visto Johnny. Oh Senhor, tinha visto uma mulher. Uma mulher de compridos cabelos e traços escurecidos. Tinha estado muito escuro para ver muito, mas tinha parecido estranho, fora do lugar, porque ela sabia que Johnny era gay. Pensou que tinha emprestado o carro a seu amigo, o fazia algumas vezes. Ela o tinha tomado emprestado uma vez.

Tinha sido Johnny, vestido como ela, e Bedsford tinha sabido.

Jim era um pouco mais alto que Johnny, com um peito largo e forte e um perpétuo cenho em seu rosto picado de varíola. Tinha dado baixa no exército por razões médicas, tinha ouvido ela, embora não tinham sido especificadas.

—Temos que encontrar Dawg. —sussurrou com o coração na garganta.

Layla a olhou surpresa.

—Deveria ter acabado no armazém de madeira já. Provavelmente esteja na loja. Algo vai errado?

—Preciso falar com ele sobre a exposição exterior de maneira para que possamos começar com ela. — disse. Além disso, precisava lhe falar sobre Bedsford e Johnny— Pode ficar aqui e atender os telefones enquanto vou?

Layla assentiu.

—Agora tenho Crystal vigiando a loja. Não será um problema.

—Volto em seguida.

Crista deixou rapidamente o escritório e desceu os degraus metálicos. Seu olhar esquadrinhou as fileiras e os corredores laterais enquanto se encaminhava ao longo da loja para o fundo do edifício onde madeiras e expositores eram dispostos. Parte do estoque se deixava dentro para os pequenos compradores, enquanto a maior parte era deixada em um hangar coberto atrás do armazém.

Quando entrou na seção de madeiras, parou, franzindo o cenho quando não viu Dawg. Virendo por um dos estreitos corredores, caminhou rapidamente para o fundo do

armazém, depois se dirigiu para o outro lado quando uma dos rapazes do armazém mencionou tê-lo visto na maquinaria.

Maldita seja, precisavam de walkie-talkies. Ela não levava seu telefone celular, e exatamente agora podia ter tido uma pista sobre onde, demônios, estava ele. Tomou uma rápida nota em sua pasta para dispor de um sistema para os empregados. Também o faria muito mais fácil para os clientes.

—Bradley. — Ela interrompeu na maquinaria a um dos rapazes que estava carregando uma máquina de lavar roupa em um carrinho de mão metálico —Viu ao senhor Mackay?

—Acaba de sair. —Bradley agitou sua descabelada cabeça para a porta de empregados que conduzia à parte lateral do estacionamento.

—Obrigada Bradley. —Assentindo rapidamente, moveu-se para a porta, empurrando-a para abri-la e caminhando para fora enquanto levantava a mão para proteger os olhos e olhar ao redor.

—Olá senhorita Jansen, posso ajudá-la? —Jim Bedsford deu vários passos desde vários carrinhos de mão de partilha, lançando um cigarro ao chão enquanto olhava atrás dela com o cenho franzido.

—Estava procurando Dawg. —Dirigiu-lhe um frio olhar, o medo fustigando de repente dentro dela— Possivelmente esteja lá dentro.

—Está no armazém de madeiras. —Jim se aproximou— Me despediu, sabe?

Crista se congelou quando ele bloqueou seu caminho ao redor do lado do edifício.

—Discutirei isso com ele. —Ela tentou se insinuar para a porta.

—Senhorita Jansen, abra essa porta e atirarei em você.

Virou-se lentamente, os olhos muito abertos ante a visão do negro canhão sob o escuro boné de beisebol que Bedsford levava em uma mão.

Ela lançou um olhar à câmara. Não havia forma de dizer que o homem estava levando uma arma.

—Vai vir comigo, sem armar alvoroço. —Ele sorriu com frieza— Precisamos falar.

—Dawg saberá com quem parti, Jim. —o advertiu— Dawg saberá.

—Não tente me enredar com sua boca, puta. —Sua voz não se elevou, não baixou, permaneceu fria, desumana — Só sobe na, fodida, caminhonete e deixa de discutir comigo antes que tenha que matá-la. Não quero feri-la, mas não me importa.

Crista olhou ao redor do estacionamento com desespero.

—Se tiver que matá-la, então terei que matar também Dawg. —assinalou no que ela assumia era um tom razoável— Não será difícil. Não é o único rapaz de Somerset que passou, sigilosamente, no treinamento. Ou o único que pode brincar de assassino. Agora vai colaborar, ou tenho que ficar zangado?

Dawg logo sentiria sua falta. Crista olhou à câmara com desespero, os punhos apertados a seus flancos enquanto saía do alcance do piscante olho e se deu conta de que o monitor provavelmente nem sequer teria captado Bedford. Mas ele saberia, disse a si mesma. Dawg saberia, e iria por ela.

—Não quero machucá-la. —Abriu a porta de uma pequena caminhonete pintada e a empurrou antes de segui-la.

—Se coloque no assento do motorista. Sairemos daqui tranquilamente.

—Por que está fazendo isso? —Crista ficou no assento do motorista e tomou as chaves com mãos trementes— Estou segura de que pode encontrar um trabalho em algum lugar mais, Jim.

Uma áspera risada recebeu suas palavras.

—Demônios, acha que este trabalho significa uma merda para mim? —sentou-se no chão atrás do assento passageiro, a pistola firmemente sujeita na mão e nivelada para ela — Senhora, não me importa uma merda este trabalho, exceto, pelo fato de que nos ajudava a manter Dawg vigiado. Precisávamos saber em que estava, de maneira que trabalhei aqui, e mantive o posto. Mantê-lo ocupado onde pudesse.

—Nós?

Ela arrancou do espaço do estacionamento, rogando que alguém a tivesse visto, que alguém soubesse com quem se foi.

—Vamos, não é uma cadela estúpida. —estalou ele com diversão— Johnny soube esta manhã que Natches tinha lhe preparado uma armadilha. Alguém o averiguou. Ele fez uma, condenadamente, boa imitação sua até que Dawg se conectou com você e foi capaz de rastrear seus movimentos. Só precisávamos de um pouco mais de tempo, e teríamos tido o dinheiro enquanto aqueles repugnantes e pequenos terroristas teriam acreditado que foi você. Inclusive todos aqueles moleques que ajudaram a roubar os mísseis não sabiam quem era Johnny. Ou você, para o que importa. Até o outro dia.

—Disse a eles quem eu era?

Bedford riu de novo.

—Foi direto ao centro de detenção, mostrou sua carteira de identidade e assinou com seu nome. Todos eles sabem quem é você agora. Não acredito que Dawg vá ser capaz de mantê-la segura. Os homens que ajudaram Johnny a roubar os mísseis pensam que você os tem. Os homens que pagaram a metade de uma remessa que nunca vão obter pensam que ele é você. —Seu sorriso era satisfeito— Está morta, não importa como.

Não ia deixá-la ir. É obvio, Crista tinha imaginado isso assim que saíram.

—Assim por que não atira em mim simplesmente e acaba de uma vez com isto?

Suas mãos apertavam forte o volante enquanto vireva pelo caminho encaminhando-se à auto-estrada.

Ela não acreditava em saídas fáceis. Tinha uma oportunidade, e seria arriscado. Ao final da pista havia um semáforo. Estava verde agora, mas se ela cronometrasse bem, teria uma oportunidade para escapar.

Seu coração estava correndo, o medo bramando em sua cabeça enquanto se aproximava.

—Sabe, não me importará se sua cabeça voar se tentar alguma loucura. —A pistola se moveu em sua mão, o canhão assinalando-a enquanto ela fazia parar a caminhonete quando a luz ficou vermelha— Não doeria muito menos simplesmente seguir comigo e rogar para que seu namorado a resgate?

Ele não poderia resgatá-la se não soubesse onde estava ou quem a tinha levado. E não poderia resgatá-la se tivesse uma bala na cabeça.

Lançou um olhar de novo à pistola, logo o levantou ao cenho franzido no rosto de bulldog de Jim.

—Dawg matará você. —disse ela, sabendo que ele faria. Mas ainda estaria perdida se não fizesse alguma coisa. Rápido.

O olhar de advertência de Johnny, mais cedo nesse dia, a tinha assegurado que tinha tomado o caminho errado. Não mostraria mais piedade para ela do que tinha tido com o motorista do transporte cujo caminhão tinha sequestrado.

—Dawg não me matará, se tiver que limpar seu pequeno e doce nome, e eu estiver onde não posso ser encontrado. —grunhiu ele— Olhe puta, só temos que fazer uma coisa mais. Isso é tudo. Se estiver desaparecida quando isto acabar, e nós voamos fora daqui, então seremos livres, não importa o que você diga. Sua palavra contra a nossa, assim claro e simples. E não importará nada. Johnny vem comigo para a Nicarágua. Tenho amigos ali. Alguns contatos.

—Está louco Jim? —perguntou enquanto entrava na auto-estrada, surpreendida pela estupidez do homem—Acha que Johnny simplesmente escaparia para alguma úmida selva? Não tem intenção de deixar Somerset com você ou deixá-lo ir.

—Na realidade não me importa o que faça com você. —Havia uma despreocupação na voz de Jim— E ele prometeu. Vamos pegar o dinheiro e nos assentar em uma pequena e linda fazenda ali. Temos tudo escolhido.

Crista piscou surpreendida, dirigiu um olhar para ele, enquanto movia rapidamente a vista para a auto-estrada.

Bedsford estava apaixonado por Johnny? Podia escutar isso em sua voz. Suavizada, e o cenho não era tão marcado em seu rosto. Sua expressão reluzia de emoção, e seus olhos marrons escuro brilhavam de determinação.

—Johnny não pode viver sem estar bastante perto de seus primos para jogar suas falhas em seus rostos. —sussurrou ela com dor, sabendo que estava conduzindo para seu

próprio funeral.

—Vire no próximo semáforo. — ordenou ele — Vamos nos dirigir para fora da cidade. Deixarei você saber quando tem que virar de novo.

—Não vamos para a casa de Johnny?

—Por que faria isso? —perguntou-lhe Jim como se o surpreendesse—Seria como pendurar um pôster em sua porta. Vamos nos encontrar com ele em algum outro lugar. Isso é tudo.

—Onde matará a ambos. —Estava segura disso— Matou o motorista do caminhão de transporte sem nenhuma razão, Bedford. Não vai deixar você viver. Nem a mim.

—Johnny me ama. —A confiança de sua voz aterrorizou Crista.

—Johnny ama o dinheiro que sua mãe dá, tentando roubar mais de seus primos, e convencendo a todo mundo de quão socialmente aceitável é. —disse ela— Não verá isso destruído. E não deixará a nenhum de nós com vida.

Ela revistou freneticamente a rua com os olhos. Em cada semáforo procurava alguém que conhecesse, alguém que pudesse ajudá-la. E seus olhos não encontraram ninguém. O tempo estava correndo, e sabia.

Ele riu entre dentes ante sua opinião.

—Quando retornei oito anos atrás, Johnny parecia um desastre pela morte de seu tio e pelo o que Dawg tinha roubado dele. Chandler Mackay tentou fazer o correto por Johnny. Ele sabia que Johnny era mais inteligente e melhor do que era seu filho. E Johnny sabia quanto queria Chandler estar seguro de que fosse recompensado por ser o filho que Dawg não seria. Dawg roubou sua herança, senhorita Jansen. E eu respaldei Johnny. Ajudei-o a recuperar a confiança e sentido de permanência no mundo. Ele me ama. E virá comigo. O que sua mãe ou os Mackay têm não é nada comparado com o que eu posso lhe dar na Nicarágua.

—Um país cheio de guerra e morte. Com insurgentes, rebeliões e terroristas? —Crista sacudiu a cabeça— Nunca deixará Somerset por isso, Jim. Sabe que não o fará.

—Se não se calar, vou fazer voar sua cabeça bem aqui na metade da cidade.

Uma vez mais sua voz só era dura e escura. Maliciosa. Ali não havia consciência, arrependimento nem remorso.

Crista inalou com força, logo estremeceu pelo som de um celular. Não era o seu. Não, ela não podia ser tão afortunada. O seu estava atrás dela no escritório.

—Hey, nenê. — Jim respondeu a chamada, adoçando a voz— Estou me dirigindo ao ponto de encontro. Você tem tudo preparado?

Crista apertou o volante mais forte, sabendo que não podia ir muito mais longe. Se realmente acertasse para deixá-lo tirá-la da cidade, então ninguém nunca saberia o que lhe tinha acontecido.

Olhou fixamente o tráfego que a rodeava, em frente a ela. Havia um semáforo mais. Se ela cronometrasse bem e corresse...

Um carro se deteve diante dela, e do assento traseiro uma mão se agitou. Crista enfocou, quase gemendo de alívio ante a visão de Rowdy Mackay.

Não sabia quem estava conduzindo, mas Rowdy estava no assento traseiro. Estava levantando dedos. Seis dedos. Assinalando ao redor dela.

Seis. Seis pessoas seguindo-os. Não se atreveu a assentir, não podia fazer nada que atraísse a atenção sobre si mesma. Comprovou o espelho retrovisor mas, não viu Dawg. Entretanto, estava ali. Se Rowdy estava aqui, então Dawg estava perto.

Rowdy levantou logo um pedaço de papel.

“Faça o que ele diz!” O longo e negro escrito a deslumbrou.

Ela levantou um dedo do volante para indicar que compreendia.

—Não se preocupe Johnny. Estou vigiando-a —assegurou Jim— Estaremos aí logo, e tudo pode proceder como está planejado. Só se assegure de estar preparado.

Lançou-lhe um olhar. Ele tinha os olhos seguindo-a, o cenho firmemente situado.

Ela se voltou. Rowdy estava levantando outra nota.

“Está coberta!”

Levantou os dedos para indicar que compreendia. Então ele se virou, o carro mudou de pista outra vez e permitiu que a caminhonete o adiantasse.

Estava coberta. Respirou lentamente. Profundamente. Dawg não deixaria que lhe ocorresse nada agora. Só tinha que permanecer calma.

—Amo você nenê. Só permanece tranquilo. Outros quinze minutos, e estaremos aí. —A áspera voz de Jim se suavizou, quase pondo Crista doente. E não tinha nada a ver com a evidente relação sexual entre Jim e Johnny. Mas como podia um homem amar tanto alguém e ser um assassino?

Jim se moveu então, deslocando-se entre os assentos e dando uma olhada pelo pára-brisa. Olhou ao redor com tranquila satisfação, controlando o espelho retrovisor, logo se deslocou à parte traseira da caminhonete para olhar através dos escuros vidros.

—Excelente. —grunhiu— Olhe, saímos fácil e limpamente, Crista. Dawg nunca saberá quando foi. Pergunto-me se inclusive se dará conta de que não está no armazém há muito tempo.

—Saberá. —Tinha sabido em poucos minutos.

Jim riu.

—Ele não sabe uma merda. Assegurei-me disso. Tem tal desastre que desenredar no armazém de madeiras que provavelmente ainda está tentando resolvê-lo. Planejei isto com muito cuidado, sabe.

Não o suficiente. Crista olhava fixamente para frente e tentava concentrar-se em só

respirar. Dawg estava perto, podia senti-lo. Tudo daria certo. Repetia isso a si mesma uma e outra vez e rogou por estar certa.

Dawg tinha a caminhonete no campo de visão do assento traseiro da caminhonete de cabine dupla cor vermelha intensa. Cranston e Dane tinham estado esperando do lado de fora, em frente do armazém.

Estava suando. Podia sentir a umidade caindo por sua testa e umedecendo suas costas. Tinha prometido mantê-la a salvo. Recordava isso. Enquanto conduziam a casa de Johnny, tinha prometido que não aconteceria nada com ela. Só iriam deixá-lo saber que estavam sobre ele, fazê-lo deslocar-se. Tudo ia ser perfeito.

Deveria ter sabido melhor. Que Deus o ajudasse, deveria ter entendido um ano atrás que não podia tentar tanto à sorte. Deveria ter sabido que Johnny tinha um cúmplice. Alguém próximo a Dawg. Alguém que tinha averiguado de algum jeito que ele estava trabalhando com o ATF.

Aquele alguém era Jim Bedsford. Ex-militar com contatos que Dawg estava seguro se estendiam dentro das forças da lei da comunidade. Jim tinha estado envolvido nas Forças Especiais e com investigações encobertas durante sua estadia no Exército.

—Alguém cometeu um erro. —comentou como se não estivesse imaginando-se derramar o sangue de alguém pelo desastre. Particularmente o de Cranston.

—A temos coberto Dawg. —assegurou Cranston, não pela primeira vez — Temos um rastreador no veículo de Alex assim como naquela bolsa que encontramos na casa de Grace. Seu rastro verificou que ele deixou a casa por trás vestido como Crista, e está conduzindo o carro de Alex. Não o perdemos.

Examinando o vídeo do centro de detenções, eles tinha arrumado, para identificar o carro que Johnny tinha utilizado para visitar seus amigos. O carro de Alex, se supunha, que estava guardado na garagem aberta atrás da casa em que ele e Crista tinham crescido. Johnny tinha as chaves da casa dela, as chaves da garagem e as do carro.

—Sabe de quantas maneiras diferentes vou matá-lo se fizer isso, Cranston? — perguntou-lhe Dawg em voz baixa.

Cranston pigarreou com inquietação.

—Não tenho nenhuma preocupação, Dawg. O deixamos coberto.

—Grace só saiu da auto-estrada e se dirige ao caminho de caçadores do lago. — informou Greta Dane. Mostrou um mapa no computador portátil que tinha sobre o colo, o movimento do ponto vermelho indicando que o carro de Johnny estava em movimento.

—Natches, você o tem? —perguntou Dawg pelo celular.

—Tenho-o aqui, Dawg. —disse Natches brandamente— Está se dirigindo para a velha cabana de caça de Brigeland. Rodearei-o e tomarei posição. Não se preocupe irmão,

cobrirei-a.

Dawg escutou a totalmente impassível determinação na voz de Natches e sentiu o grosso nó do medo começar a desenrolar-se em seu ventre. A lealdade de Natches era indisputável, como era sua habilidade com o rifle. Dawg sabia que ficaria perto.

—Nos dirigiremos para lá. —disse Dawg— Não corra riscos, Natches. Não me preocupa se ambos, Bedsford e Johnny, percam matéria cinza. Mantenha Crista segura para mim.

—Não tenha medo, irmão.

Dawg conhecia aquele tom de voz. Existia toda a possibilidade do mundo que Bedsford e Johnny acabassem com uma bala na cabeça no final.

—Natches, segue as fodidas ordens. —espetou Cranston com fúria enquanto lançava uma enfurecida olhada a Dawg pelo retrovisor— Precisamos dos dois vivos.

A chamada se desconectou.

—Maldito seja, Dawg. —grunhiu o agente especial— Se esses dois acabarem mortos, arrancarei sua pele.

—Se esses dois acabarem mortos, não perderei o sono por eles. —resmungou em resposta— Não me amole, Cranston. Sabia que Bedsford estava envolvido nisto, e não se dignou a dizer isso a nenhum de nós. E não se incomode em negar.

Tinha tomado poucos minutos para Dawg juntar tudo, e se não tivesse conhecido Cranston tão bem como o fazia, não teria suspeitado. Mas conhecia Cranston. Lançava um curinga na mescla, e era um frio assassino. Cranston não era frio. Se não estivesse conduzindo, estaria esfregando as mãos de regozijo.

—Como descobriu que Bedsford estava envolvido nisso?

Cranston o olhou por baixo

—É família do motorista morto, soldado Dwayne Stockton. Tinha chamadas de seu celular a Bedsford nas semanas prévias do seu assassinado.

—E por que eu não sabia disto? —Dawg teve que obrigar às palavras a sair de seus lábios e a sua mão a se afastar da arma.

—Porque estava trabalhando para você, e decidi esperar antes de informá-lo dos fatos

Filho da puta.

—Pensou que eu estava envolvido.

—Não acreditava que você estivesse envolvido, mas tinha que estar seguro. Quando estive seguro, a senhorita Jensen estava envolvida, e tinha que decidir a melhor maneira de lidar com isso. Encarreguei-me de vigiar suas costas e as dela até que soube aonde isto ia nos levar.

—A caminhonete está virando. — disse Dane em voz baixa— Natches conduziu

nossos homens na frente dele usando uma rota alternativa. Grace está no lugar, e Natches os tem a vista.

—Vire à direita na próxima entrada. —os dirigiu Dawg, odiando a idéia de perder Crista de vista naquela maldita caminhonete— A próxima entrada nos deixa paralelo a ele e nos situa em posição de nos deslocar a pé até a cabana.

A cabana de caça de Bridgeland tinha mais de um lamacento caminho levando a ela devido aos terrenos usados para acessá-la.

Dawg passou a mão pela testa, o olhar cravado na caminhonete diante deles até que Cranston deu a volta. O espiral de fúria e medo gelado logo em seu ventre.

Dawg tirou sua pistola da capa das costas e comprovou o carregador. Voltando a colocá-lo, tirou os carregadores extras de reserva que Cranston tinha jogado para trás, comprovando-os rapidamente, logo carregou o colete a prova de balas, vestindo-o e segurando os lados em seu lugar.

Deus benzesse o coração de Layla Matcher. Se não tivesse sido sua permanência na janela e ter visto Jim Bedford obrigando Crista a entrar na caminhonete, então Dawg nunca a teria encontrado.

Cranston tinha estado vigiando Johnny Grace na região principal do estacionamento. Era evidente que ninguém tinha esperado que Bedford se movesse tão rápido ou fizesse algo sem Johnny respaldando-o fisicamente.

—Bedford tinha os contatos para os compradores do mercado negro. —disse Cranston— Descobrimos isso nas últimas vinte e quatro horas. Os mercenários suecos que faziam a compra fizeram ao final um trato com o fiscal federal. Não tinham o nome de Bedford, mas tinha suficiente informação para que nós o identificássemos. Passou seu tempo de serviço no exército fazendo contatos no mercado negro e pondo em funcionamento entendimentos com armas.

—Deveria ter sido mais inteligente, Cranston. — Dawg atou uma arma de apoio em seu tornozelo e colocou vários carregadores de reserva em outro bolso do colete— A fodeu.

—A informação chegou lenta. —Cranston sacudiu a cabeça—. Nossas fontes tinham outras coisas nas quais também estavam trabalhando, sabe.

—A fodeu. E se fizerem mal a Crista, então está realmente fodido. Porque o matarei.

Dawg não deixou livre a fúria que queimava em um pequeno canto de sua mente. Manteve-a engarrafada, manteve-a contida. Não podia permitir-lhe agora, não quando lógica e pensamentos claros só iriam tirar Crista disto.

O celular soou.

—Me dê as boas. — perguntou com uma ordem a Natches.

—Situei-me em um dos pinheiros junto à cabana no lado que a caminhonete de

Bedsford teria que utilizar. Johnny está aqui disfarçado de Crista. Diabos Dawg, ele parece quente. —Havia morte na voz de Natches— Quer que derrame um pouco de sangue?

—Se segure forte. Cranston tem um transmissor naquele maldito porta-moeda que Johnny está levando assim como na peruca. Estarei em posição antes que Bedford chegue aqui. Entraremos juntos.

—Já! —Cranston lhe lançou um aparelho de comunicação para colocar no ouvido— Estamos o bastante perto para usar estes. Diga a Natches que fique em seu lugar agora. Que não me foda, Dawg. Isto é um jogo de equipe, não uma vingança.

—Utiliza o aparelho de comunicação Natches. —Dawg sorriu às costas de Cranston através do espelho retrovisor. A visão desse sorriso fez que o olhar do agente especial piscasse.

Acoplado o dispositivo de comunicação, Dawg o ativou, logo o comprovou, rapidamente, antes de desconectar o telefone. Cranston e Dane estavam conectados como, assumiu Dawg, estava o resto da equipe.

—Agora, todos estaremos aqui. —disse Cranston pelo dispositivo.

—Agora, posso dizer que vou chutar pessoalmente seu rabo quando isto estiver acabado, Cranston. —disse Natches através do receptor— Não o adverti sobre soltar surpresas sobre nós, cara?

Cranston grunhiu.

—Tira seu dedo desse gatilho, Natches, e seus olhos de Grace. Deixe-nos por fim conseguir uma pequena evidência contra esses bastardos antes que comecemos a disparar. Se não se importar, está bem?

—E se me importar?

Capítulo 23

Natches manteve o rifle de franco-atirador apontado para Johnny e o dedo no gatilho. O dedo se movia com inquietação. Tinha tanta vontade de matar o bastardo que era tudo o que podia fazer para reprimir-se. Corroíam-lhe as vísceras de tal maneira que quase lhe dava indigestão.

Johnny Grace. Era seu primo irmão. Tinha crescido com ele quando era mais jovem, até que ele, Rowdy e Dawg descobriram que Johnny era mais parecido com o pai de Natches que ao pai amável e risonho que tinha Johnny.

Ralph Grace, antes de sua morte, tinha dado um jeito para manter sua esposa e seu filho sob controle. Entretanto, depois de sua morte, Nadine e Johnny tinham mostrado a

veia mesquinha e malvada que possuíam.

Acariciou o gatilho do rifle enquanto apontava a mira na testa de Johnny. Fodido bastardo. Deus, como odiava Johnny. Era um ódio que quase rivalizava com o ódio que tinha por seu próprio pai, Dayle Mackay.

Enquanto olhava fixamente através da mira do rifle, não via a imagem que Johnny estava tentando suplantar, que era a da amante de Dawg, Crista Jansen. Não, ele via Johnny. Só a Johnny. Os redondos e brilhantes olhos entrecerrados quando se apoiou no carro de Alex, os braços cruzados sobre os falsos seios enquanto observava a poeirenta estrada que esperava que Bedsford utilizasse.

Natches sabia que deveria tê-lo esperado. Deveria ter sabido que Cranston estava bem escondido; era o que Cranston fazia melhor. E para ser honesto, tinha suspeitado; simplesmente não tinha somado dois mais dois, suficientemente, rápido.

Porque tinha estado muito condenadamente ocupado em aplacar uma ira mais pessoal.

Já era bastante ruim que Rowdy tivesse que ser tão malditamente possessivo com Kelly, mas agora Dawg tinha que ir e fazer o mesmo com Crista. Essa falta de conexão estava afetando-o. Começava a sentir-se desligado, frio. Esse apertado nó de gelo amargo dentro de sua alma com o que tinha lutado toda sua vida agora era mais forte.

Rowdy e Dawg tinham amadurecido, e tinham se afastado, entretanto estava seguro que eles não o viam desta maneira. Desde que Rowdy tinha reclamado Kelly, Natches tinha tentado compartilhar o tempo com Dawg e Rowdy mais que com as mulheres. Mas caramba, as mulheres ocupavam tempo, e Kelly estava tão consentida como nenhuma mulher que Rowdy tivesse tido.

Às vezes, Natches pensava que eles eram carne e unha, e agora Dawg e Crista, estavam tomando o mesmo caminho. E estavam deixando Natches de fora, observando, perguntando-se e lamentando-se.

Tinha pensado que o compartilhar continuaria. Tinha cuidado de Kelly, deixando que entrasse em seu coração, acreditando que quando Rowdy retornasse para casa, ele formaria parte da intimidade, só para descobrir que Rowdy tinha encontrado um fundo de possessividade em alguma parte.

E Dawg. Dawg estava fazendo o mesmo. Nenhum outro homem tocaria Crista sem que desejasse impedi-lo. E Dawg era um bastardo mal-humorado quando estava irritado.

E isso era o porquê de Natches não ter relacionado Bedsford com Johnny. Porque estava muito ocupado adaptando-se às mudanças que não tinha esperado, muito ocupado tentando encontrar uma maneira de manter derretido o gelo ao redor de sua alma.

Não teve êxito. E a prova desse fato tinha seu dedo ardendo para mover-se só o suficiente para pôr uma bala na parte posterior da cabeça de Johnny.

Johnny tinha instigado cada surra, cada humilhação, cada desumano ataque que Dayle Mackay fazia sempre contra Natches. Tinha levado os rumores a seu pai, e em algumas ocasiões, provas dos supostos crimes de Natches.

Compartilhar a suas mulheres. Beber muito jovem. Os exemplos eram muitos para nomeá-los e muito perigosos para recordá-los agora mesmo.

Doía-lhe terrivelmente o ombro enquanto permanecia entre as grossas ramas do pinheiro, o rifle descansava em um ramo de espessas folhas enquanto se inclinava para manter Johnny no ponto de mira.

A bala que o tinha licenciado da Marinha não o tinha deixado completamente fora de jogo. Uma vez um assassino, sempre um assassino. Uma vez que um homem deliberadamente colocava seu ponto de mira em outro homem e apertava o gatilho, então isso formava parte dele para sempre. Podia afastar-se, mas nunca poderia escapar.

Natches nunca tinha querido afastar-se ou escapar. Simplesmente não tinha tido outra opção.

—Natches, nos colocamos em posição. —A voz de Dawg proveio do receptor em sua orelha— Bedsford deve entrar no jardim da cabana em alguns segundos.

Natches levantou a vista do visor da arma e olhou para baixo, à estrada.

—À vista. —A caminhonete levantava um poeirento rastro, ricocheteando sobre os sulcos enquanto a motorista obviamente tomava seu tempo.

Crista estava conduzindo. As vísceras de Natches se retorceram ante o temor que ela devia estar sentindo. Dependia deles para protegê-la, confiava que Dawg e ele se assegurassem que nada lhe acontecesse.

—Natches. —Dawg disse seu nome, nada mais, mas entendeu a mensagem implícita. O rogo de que Natches a mantivesse a salvo, sem importar o que custasse.

—Tenho-a coberto, irmão. —disse tranquilamente— Não tema.

—Natches precisamos desses dois com vida. — repetiu Cranston— Precisamos de todos com vida. Não me jogue a merda em cima.

Os cantos dos lábios de Natches se levantaram com diversão. Era uma boa coisa que lhe caísse bem Cranston.

—Faz seu trabalho; eu farei o meu. —disse em voz baixa— Crista é prioritária. E ponto.

Cranston amaldiçoou, mas Natches pôde jurar que ouviu a respiração de alívio de Dawg.

Ele morreria por Dawg e Rowdy. Sem eles, não teria sobrevivido à adolescência. Estava vexado pela direção que tinham tomado suas vidas; às vezes, malditamente irritado, por isso. Mas o entendia. Especialmente a Rowdy. Rowdy nunca tinha conhecido a escuridão pela qual tinha passado Natches e Dawg. E inclusive Dawg, que tinha conhecido a

dor, mas não a pura maldade que Natches tinha experimentado.

Kelly e Crista tinham curado Rowdy e Dawg. Não podia culpar às duas mulheres por não ver a solidão que isso causava a Natches.

Entretanto, a solidão não matava. Doía, zombava, mas não matava. Podia sobreviver à solidão.

—Caminhonete à vista. —Natches prestou atenção quando a caminhonete pintada de branco entrou no jardim da cabana.

Envolveu a correia do rifle ao redor de uma mão, sustentando-o firmemente contra o ramo, e acariciando o gatilho com a outra. Tinha que acabar primeiro com Bedsford, logo Johnny, se isto se convertia em uma matança, paciência.

Protegeria Crista. Rowdy e Dawg o tinham protegido, tinham-no salvado. Não podia fazer menos por eles agora.

Crista parou de repente a caminhonete ao lado do carro de Alex e contemplou o clássico Camaro azul marinho do ano 67. Contemplou o carro e teria estremecido ante o aborrecimento que Alex ia experimentar se alguma vez soubesse que seu bebê tinha sido tirado da garagem onde o mantinha encerrado.

Ia cair sobre Johnny Grace com uma força que tiraria a carne dos seus ossos e o faria rogar pelo perdão.

Isso seria, se Johnny conseguisse sobreviver a Dawg.

—Sabe que Johnny acaba de assinar sua sentença de morte com esse carro? — perguntou-lhe enquanto Bedsford se endireitava atrás dela— Alex o perseguirá até debaixo das pedras.

—Primeiro terá que nos encontrar. —A porta lateral se abriu, e se voltou para ela com um ondeio de pistola— Vamos senhora. Vamos acabar com isto assim poderemos ir de uma maldita vez deste seu pequeno e magnífico condado.

Crista se moveu rigidamente do assento do motorista, o olhar na arma de sua mão antes de mover-se e sair para a poeirenta clareira para enfrentar Johnny.

Olhou-o fixamente, percorreu com o olhar as roupas que levava. Um de seus melhores vestidos. A peruca era uma cópia quase perfeita de seu cabelo, e com a maquiagem que utilizava, os traços eram quase iguais.

E estava apoiado contra o Camaro, um amplo sorriso em seu rosto enquanto ela o observava em silêncio.

—Fez isso bem, nenê. — disse tranquilamente Johnny a Bedsford enquanto o outro homem ia para ele.

Johnny elevou o rosto e deu a Bedsford um rápido beijo enquanto mantinha os olhos sobre Crista.

—Pobre Crista. —Suspirou Johnny enquanto Bedsford se afastava dele— Deveria ter mantido distância de Dawg. Teria te ajudado um pouco agora se o tivesse feito. Exceto que torturar meu primo foi uma das coisas neste jogo que mais desfrutei.

—Que triste. —sussurrou Crista, de propósito – Preferiu passar sua vida cobiçando tudo de Dawg, do que construir sua própria vida. Por que?

Entrecerrou os olhos sobre ela.

—Porque deveria ter sido meu. Ainda não averiguou, Crista? Na realidade penso que Dawg deveria ter descoberto, mas nunca foi o bastante inteligente para somar dois mais dois.

Voltou o olhar para ele, antigas intrigas açoitavam sua mente enquanto examinava seus traços, sua constituição. Parecia-se com sua mãe, em nada com seu pai, assim era impossível de dizer.

Riu, com um fraco e aterrador som.

—Recorda, não? Depois que Ralph Grace morreu, os rumores começaram a deslizar-se pelo condado como serpentes que se negavam a morrer. Minha mãe estava grávida quando se casou com Ralph. Infelizmente, Ralph não era o pai, sem importar que ele pensasse que sim.

Era doentio.

Crista afastou o olhar dele, com os olhos fechados momentaneamente ante o pensamento dessas velhas intrigas.

—Sim, Chandler Mackay era meu pai. —Soou animadamente agradado ao relatar essa informação— Na realidade nasci primeiro, por uns poucos dias. Brenda Mackay, a mãe de Dawg sabia, é obvio, e o utilizou para obrigar a nosso pai a assinar tudo a favor de Dawg no testamento. Puta estúpida, deveria ter pegado seu pequeno bastardo e partido em vez de rondar e roubar tudo o que deveria ter sido meu.

Crista sentiu seus joelhos fracos ante a ira na voz de Johnny.

Incesto. Chandler Mackay, haviam rumores, deitou-se com sua irmã durante anos antes de se casar com Ralph Grace, e logo depois de novo, quando o outro homem morreu. Havia quem jurasse que Chandler Mackay tinha tido algo a ver na morte de Grace.

Virou-se e olhou Bedsford então, observando como seu olhar perambulava pela área, os olhos entrecerrados, como se procurasse algo.

—Seu namorado aqui presente pensa que vai fugir para Nicarágua com ele, Johnny. — disse, mais para distrair Bedsford que nada mais— Disse a ele que você nunca abandonaria Somerset ou Dawg. Que graça teria tudo isto se não pudesse torturá-lo com isso?

Um sorriso de satisfação se formou nos lábios de Johnny enquanto Bedsford se virava para ele.

—Nossos planos poderiam mudar agora que a tenho aqui. —deu de ombros como se não importasse — Por que abandonar Somerset quando, como você diz, posso ficar e torturar todas as partes envolvidas?

—Assim definitivamente tem intenção de me matar. — Rogou que Dawg estivesse perto. Sem dúvida se estivesse agora aqui, faria algo.

—Na verdade não tenho opção, doçura. —Suspirou, negando com a cabeça com fingida compaixão.

—Esse não é o plano, Johnny. —Bedsford o olhou transtornado—Não podemos ficar por aqui agora. Não há forma de que os Mackays não saibam que estamos atados.

—Não saberão nada, Jim. —prometeu, estendendo a mão para tocar o cenho no rosto do outro homem— Acalme-se, amor. Tudo sairá à perfeição. Já o verá.

Crista o viu vir, e estava segura que provavelmente Jim também. A mão que segurava a pistola se moveu enquanto franzia mais o cenho, mas a outra mão de Johnny se levantou muito rápido. A arma que segurava estalou. A bala perfurou o peito de Bedsford, direto no coração, e o deixou olhando para Johnny em estado de choque.

Caiu de joelhos, as mãos estendidas para Johnny enquanto Johnny dava um passo para trás, logo Bedsford desabou no chão.

Crista olhou fixamente transtornada, os olhos cravados no olhar surpreendido e agonizante de Jim Bedsford, enquanto lentamente se enfraquecia e se esfriava.

—Má sorte. —Suspirou Johnny.

Crista levantou a cabeça, só então se deu conta que Johnny usava finas luvas de látex nas mãos.

—Ele o amava. —disse ela, sabendo que não importava. Nada importava a Johnny exceto destruir Dawg.

—É obvio que me amava. —Johnny revirou os olhos ante a declaração— Me adorava. Esforcei-me muito para me assegurar de que o fizesse. Mas já não preciso dele. Desta maneira, não tenho que dividir o milhão de dólares, e não tenho que abandonar Somerset por temor a sua crescente consciência sobre a morte de seu primo. Jim era um pouco chorão. Não queria matar o menino.

—Dawg sabe que está envolvido nisto, Johnny. Se me matar, não precisará da lei ao seu lado. Esmagará você. Sabe que o fará.

—Um milhão de dólares pode comprar um montão de proteção. E Dawg e Natches não são os únicos que sabem como ocultar e disparar um rifle, Crista. — ele disse com divertida indiferença.

Johnny não podia saber da presença dos agentes que tinha em cima; se soubesse, não estaria tão seguro. Tudo o que ela tinha que fazer era ser paciente; Dawg estaria ali. Johnny não o esperava. Por isso, ela sabia ninguém o considerava suspeito de suplantar a

identidade dela.

—E Alex? Não acha que tomará onde Dawg possa falhar? Isto não vai ser esquecido tão fácil como pensa Johnny.

Durante longos instantes esteve em silêncio. Instantes que pareceram intermináveis, permanecendo imóvel enquanto o bosque ao redor deles continha a respiração. O silêncio desceu na clareira quando o aroma do sangue e da morte, começaram a encher a cabeça de Crista.

Ela se sentia agitada, tremendo.

Onde estava Dawg? Rowdy tinha prometido que estaria ali, que estariam observando-a, seguindo-a. Um frio temor lhe atravessou o corpo, fazendo com que apertasse os dentes para não tagarelar.

—Planejei isto durante muito tempo, Crista. —Suspirou— Entretanto não tinha intenção de matá-la. Só me assegurar que iria presa por meus crimes. —Seu sorriso era alienado— Isso destroçaria Dawg. Está verdadeiramente apaixonado por você, sabe? Quase se embebedou até a morte depois que foi embora há oito anos. É obvio, não recordava a noite que passou com ele. E... —seu sorriso se transformou em demoníaco— tampouco sabia de seu aborto, não? Sabe agora?

—Sabe. —Tinha a garganta tão oprimida que se sentia como se a estivessem estrangulando— O que não entende, Johnny, é que ele sabe que está envolvido. Os agentes de Segurança Nacional sabem que é você; Alex saberá. Não vai escapar disto.

—Ninguém tem suficientes provas para algo. —Disse rechaçando sua ameaça— Ninguém pode me tocar, Crista. Assegurei-me disso. Quando seus corpos forem encontrados, vai parecer que tiveram um desacordo e mataram um ao outro. E é obvio, vou atestar que Jim me confiou sua aventura com ele. Muita gente sabe que ao menos foram amigos. Tenho tudo calculado, doçura. —Então se moveu, deslizando-se de lado enquanto ondeava a pistola por volta do carro de Alex— Agora se mova para cá.

Crista se moveu lentamente, rezando. Dawg tinha que estar perto. Podia senti-lo, sentia olhos observando-a, assim como estava segura que o fez Jim até que o distraiu. Antes que Johnny o matasse.

—Já está bom. —Johnny lhe devolveu um sorriso enquanto se inclinava e levantava a arma de Jim do chão— Agora, tudo o que tenho que fazer é colocar uma bala no seu coração, colocar as armas adequadamente, e sair daqui. Isso é tudo.

—Nem de brincadeira! —soltou Crista. Não ia fazer isso tão fácil.

Então tudo pareceu ocorrer simultaneamente. Crista caiu diante do carro de Alex, golpeando o chão quando ouviu uma bala ricocheteando no metal. Então o bosque pareceu voltar para a vida com os disparos.

Rodou de costas, observando como Johnny tomava a primeira bala na cabeça, a

segunda, a terceira e uma quarta no peito. O corpo se sacudiu violentamente enquanto o sangue salpicava a seu redor.

—Crista! —A voz de Dawg gritou seu nome. Logoele estava ali, seus braços a rodearam, levando-a ao outro lado do carro, as mãos percorrendo-a freneticamente— Está bem? Crista, neném, me responda. —Ela olhou para cima, aturdida, sentindo o sangue pulsando em sua cabeça, palpitando em seu cérebro enquanto o choque começava a estremecê-la.

—Oh Deus! —sussurrou, sentindo os bordos da escuridão rodeando-a —Vou desmaiar, merda.

Sua cabeça dava voltas diante dos olhos enquanto agitava as pestanas.

—Desmaie sobre mim, e juro por Deus que não a foderei durante uma semana — soltou, em voz baixa, a expressão intensa— Não se atreva, Crista Ann.

Não a foderia durante uma semana? Poderia esperar uma semana? Podia reprimir a escuridão que se estendia nela?

Ela sorriu, sentindo a diversão penetrando através da escuridão.

—Está bem. Uma semana está bem. —E se rendeu.

Não tinha feridas. O único sangue sobre ela era o que Bedsford tinha salpicado. Estava coberta de pó, os braços arranhados de lançar-se ao chão, e as lágrimas sulcavam seu rosto.

Estava pálida, mas respirava.

Dawg a estreitou entre seus braços, enterrando o rosto em seu cabelo quando se deu conta que estava tremendo e as lágrimas escapavam entre as pestanas enquanto a balançava contra seu peito.

Estava viva. Obrigado Deus, estava viva, estava a salvo. Estava a salvo, e nada mais importava. Aproximou-a tanto como pôde a seu corpo, sentindo os silenciosos soluços que atormentavam seu peito.

Não tinha nem idéia do muito que a amava até que viu essa pistola apontada para ela. Até que viu o momento em que Johnny em efeito ia apertar o gatilho. Seu mundo se limitou a uma coisa. Detê-lo. Sem importar o que custasse. Sem importar quanto sangue derramasse Johnny ou se Cranston tinha ou não seus suspeitos.

Então o bosque tinha explodido em disparos.

—Dawg, cara, está bem?

Alex? Dawg levantou o rosto do cabelo dela e olhou fixamente o rosto com pintura de camuflagem, o temor nos olhos cinza do outro homem, e os selvagens contornos de sua expressão.

—Que diabos está fazendo aqui? —soltou Dawg, a mão pressionando a cabeça de Crista mais perto de seu peito— Onde demônios estava, quando ele apontou a arma para

seu peito?

O sorriso de Alex era tenso quando se sentou sobre os pés e assinalou os quatro homens ao redor, pintados e vestidos de modo parecido.

—Gravando este pequeno evento para as autoridades. —indicou— Tyrell apontava; pôs uma das balas na cabeça de Grace. Suspeito que Natches pode levar o mérito de outra. Mark. —Assinalou o soldado de duros olhos a seu lado— Crista permaneceu com ele e Ty na Virginia. Quando chamou o número de emergência, foi através de Mark. Reuniu alguns amigos enquanto eu abandonava a missão no Afeganistão. Reunimo-nos aqui ontem a meia-noite depois que Mark engenhou para obter informação da operação e seguimos Johnny até aqui.

—Moveu-se rápido. —Dawg inalou asperamente, a mão pressionando as costas de Crista, sentindo cada respiração.

—Tinha um pressentimento de que se meteria em alguma coisa na última vez que falei com ela. —Suspirou Alex— Tinha tudo controlado no caso disso acontecer.

—Tudo exceto um número de emergência. —soltou Dawg— Filho da puta, Alex, não acha que precisava?

—Se o tivesse tido, não teria ido —lhe disse então Alex— A queria onde precisava estar.

—Não foi para mim, estúpido bastardo. —Dawg estava enfurecido— Por pouco consegue que a matem em um armazém durante o ataque que fizemos aos compradores e vendedores dessas estúpidas e fodidas armas. Grace lhe preparou uma armadilha, Alex. Quase morre ali.

Alex empalideceu.

—Não o chamou?

—Não nem sequer um fodido aviso. —A fúria o golpeava agora— É um bastardo com sorte, consertarei isso para lhe salvar o rabo. De outra maneira, agora teria que matá-lo.

—Caramba, não sabia que fosse tão condenadamente teimosa. —Alex esfregou o rosto com a mão, desbotando a pintura que levava no rosto enquanto contemplava a clareira— Terei que ter um bate-papo com ela sobre isso.

—E uma merda terá. —Dawg a aproximou mais quando as sereias uivaram ao longo do agreste caminho que conduzia ao pátio da cabana. —Diga-me que há um fodido médico em algum lugar?

—Ty. —Alex se virou para um dos dois homens que permaneciam atrás dele — Consegue sua mochila e examina-a. Onde está Cranston?

Alex se levantou, sua voz no comando ressoou na área enquanto Cranston amaldiçoava ao fundo.

Tyrell Grayson ficou de joelhos ao lado de Crista, os dedos, foram para o pescoço, a

expressão preocupada.

—Vivia com você? —soltou Dawg— Dormia com você?

Os duros lábios se elevaram em um sorriso.

—Mark e eu cuidamos muito dela. —lhe disse então— Veremos se pode fazê-lo assim também.

O olhar de Dawg se moveu cortante para Mark Lessing. Ambos os homens eram perigosos, tão perigosos quanto Alex e igualmente duros. Não havia nem um grama de fraqueza neles.

—Obrigado. —obrigou-se a tirar as palavras entre os dentes apertados— Por cuidar dela.

Ty assentiu.

—Para isso estamos aqui. Protetores de corações partidos. Cuida melhor dela desta vez, ou vamos quebrar seus ossos.

Não era uma ameaça, era uma advertência. Desnecessária de fato.

—Está bem. —Ao fim Ty assentiu com dureza— Provavelmente despertará com dor de cabeça. Nunca a vi desmaiar, mas sei que a tensão lhe dá assassinas dores de cabeça. Estarei mais tranqüilo se nos deixar levá-la ao hospital e mantê-la esta noite sob observação, só para nos assegurar.

Dawg assentiu quando Natches e Rowdy, ficaram então, a seu lado.

—Vejo que não precisa de nossa ajuda. —Ty ficou de pé, olhando para Crista com o primeiro gesto de suavidade que Dawg vislumbrou nele— Ela é uma mulher excelente, amigo. E sofreu durante muito tempo por você. Olhe se puder consertar isso agora. Ela merece. —Assentiu antes de dar a Dawg a oportunidade de dizer alguma coisa e se afastou.

—Minha bala acertou Johnny na testa, ao mesmo tempo, que a de alguém —lhe informou Natches— No mesmo lugar, ao mesmo tempo. Esses caras, não são de brincadeira.

A equipe de Alex desapareceu lentamente no bosque enquanto Alex mantinha Cranston ocupado.

—Alex gravou tudo. —Dawg se levantou, elevando Crista em seus braços enquanto a ambulância que Cranston tinha tido de apoio entrava no caminho— Cranston tem o que precisa. Eu tenho o que preciso.

Crista descansava contra ele, a salvo, ilesa. E caramba sim, asseguraria-se de reparar os anos perdidos. Logo que a examinassem no hospital e fosse capaz de aceitar seu carinho.

Esperar uma semana como ameaçou? Nem de brincadeira. No minuto em que pudesse estar dentro dela e estar seguro que ainda era dela, ilesa, a salvo e sã, melhor. Não poderia respirar com tranqüilidade até então. Caramba, não sabia se seu coração ia parar de correr como um cavalo desbocado até então.

—Fez isso bem. —murmurou Natches— Os fez falar. E quando se deu conta que Johnny estava a ponto de disparar, lutou. É forte, Dawg.

—Sim. É. —Beijou-lhe o topo da cabeça quando o serviço de emergência apareceu com a maca da parte traseira da ambulância e correram para eles— E está a salvo. Isso é tudo o que conta.

Capítulo 24

—Olhe, estou bem. —Dois dias depois, Crista passeava pela sala da casa flutuante e olhava com fúria para Dawg enquanto estava recostado no sofá— Quero voltar para o trabalho.

—Ainda não. —Estava tão intransigente como o tinha estado horas antes quando ela tentou ir à loja de madeiras.

—Tenho que conseguir esses produtos para a vitrine, ou será muito tarde.

—Layla e sua prole se encarregam disso. —Tomou o copo de chá doce e bebeu de maneira despreocupada enquanto seus olhos verdes a contemplavam fixamente por cima da beirada do copo.

—Estou aborrecida. —Apoiou as mãos nos quadris e o enfrentou, esquentando-se com a maneira em que o olhar dele percorria o short e a folgada camiseta que usava— Eu não gosto de estar presa sem razão alguma. Não sou uma maldita inválida.

Mas podia ter sido. Ou pior ainda.

Dawg pôs o copo com cuidado na beira da mesa, bloqueando a lembrança do horror do dia em que quase a perdeu.

—Dawg. Por favor, poderia deixar esse copo sobre o suporte que está ao lado. —soltou— Para isso o coloco ali.

Sorriu brandamente e colocou o copo sobre o amparo do suporte antes de voltar o olhar para ela.

Deu-se conta dos duros mamilos uma hora antes. A forma em que o observava à expectativa, claramente mais que preparada para ser tocada.

Reprimiu-se desde que a trouxe para casa no dia anterior. Apesar de sua excitação, sua antecipação e a necessidade de tomá-la, obrigou a si mesmo a controlar a necessidade.

Ela tinha que ir para ele. Tinha-a chantageado, mais ou menos obrigado a ir a sua cama, e apesar do fato de que sabia que o amava, necessitava que ela fosse para ele.

—Então, o que planeja fazer hoje? —Seu olhar roçou ligeiramente o colo dele e a inequívoca excitação.

—O que queira fazer. Enquanto não pode ir do porto esportivo. —acrescentou quando os lábios dela se abriram em resposta.

Um cenho se franziu em sua testa enquanto apertava os lábios.

Ela não tinha nem idéia do pouco que queria compartilhá-la com os curiosos empregados e clientes desse maldito armazém. Agora mesmo não queria ninguém ao redor dela. Queria contemplá-la, ouvir sua voz enquanto falava com ele a sós, e convencer-se de que estava a salvo.

Agora tinha pesadelos. Tinha passado quatro anos na Marinha, dois deles treinando como assassino, e não trouxe para casa os pesadelos. Mas agora, os demônios o perseguiram em sonhos. Demônios concentrados em obrigá-lo a reviver o dia em que quase a tinha perdido. Obrigando-o a enfrentar o horror de sua vida quando a bala de Johnny perfurava o peito dela.

Podia aguentar os pesadelos. Não poderia ter sobrevivido à realidade disso.

—Para de me olhar assim. —A suave voz o trouxe de volta dos pesadelos — Estou bem.

Ainda estava machucada. Seus braços ainda arranhados. Havia uma cicatriz em seu peito. Contemplou-a, desdenhando esquecer que quase a tinha perdido.

—Sim, está bem. —Assentiu enquanto estirava os braços sobre o respaldo do sofá e deixava que seu olhar se atrasasse sobre o corpo dela.

Duros mamilos pressionando contra o fino algodão. Perguntava-se se sua xana estava úmida. A sedosa pele nua brilhando com a feminina nata. Ante esse pensamento sua boca se encheu de água.

—A este passo, seu negócio vai afundar. —lhe advertiu, mas ele contemplava a suavidade de seu corpo, o quase imperceptível movimento de suas coxas, a aceleração da respiração.

—E? —disse lambendo os lábios ante o pensamento de saboreá-la.

—Posso o convencer para ir mais tarde? —A insinuação em sua voz o fez elevar as sobrancelhas quando encontrou seu olhar.

—Sou fácil. —lhe assegurou— Se tiver algo com o que negociar. —assegurou-se de deixá-la saber com o olhar exatamente como gostava de negociar.

Crista quase sorriu ante o olhar. Tinha sabido quando despertou entre seus braços, a ereção cravada em seu traseiro, mas Dawg estava de um humor inusitado. Não tinha tentado aliviar sua excitação. Por alguma razão, estava se mantendo à espera. Enquanto avançava a manhã, ela começou a imaginar por quê.

Desejava-a tanto quanto ela a ele. Mas Dawg precisava de aceitação. Precisava que ela fosse para ele. A hora anterior tinha sido uma batalha por isso quando ela pressionou, mediu sua resolução, e só conseguiu estar mais excitada enquanto ele se continha.

O que faria uma vez que esse controle escapasse? Uma vez que o desejo o apressasse, quanto mais empenho colocasse?

Ela não desejava sexo lento e pausado. Não desejava jogos preliminares. Desejava intensidade. Desejava-o duro e profundo dentro dela, amassando em sua vagina e marcando-a com sua fome.

Desejava Dawg incontido. Desejava toda essa fome e toda essa emoção alagando-a como uma maré.

Mas não ia ser forçado.

—Sim, ouvi que é fácil. —Assentiu com sensatez, escondendo seu sorriso ante o cenho que apareceu entre as sobrancelhas dele.

—Fácil para você. —corrigiu com o sobrecenho franzido.

—Sério? —Ela levantou as sobrancelhas, incrédula — Hoje está sendo muito cabeça dura.

—Não está me convencendo da maneira correta. —Os lábios se arquearam de diversão, entretanto seu olhar estava alerta e ardente.

—Sério? —Ela se deslocou, os dedos brincando com a barra da camiseta enquanto voltava a olhá-lo por debaixo dos cílios— O que custaria o convencer, Dawg?

Ele engoliu fortemente quando levantou a camiseta. Não usava sutiã. Não tinha se incomodado depois da ducha após o enfrentamento com a teimosa negativa de Dawg de ir à loja.

As mãos dele se apertaram no respaldo do sofá.

—Sabe que estava acostumada a sonhar, Dawg? —sussurrou-lhe enquanto brincava com os dedos sobre o estômago.

—O que? —Tinha o olhar cravado nesses dedos, seus próprios dedos acariciando o respaldo do sofá em ato reflexo.

—Estava acostumada a sonhar que vinha para mim. Que entrava no apartamento que compartilhava com Mark e Ty. Eles se foram. Dava um passo na porta, dava-me uma olhada e logo me tomava. Contra a parede. As pernas envolvidas em seus quadris enquanto golpeava dentro de mim.

De um puxão tirou a camiseta pela cabeça e a jogou no chão antes que suas mãos fossem para o short. Conseguiu mover a cintura elástica até as coxas antes que ele se movesse.

Ele arrancou a camiseta pela cabeça e a lançou a um lado. Antes que ela pudesse fazer mais que respirar, ficou de joelhos em frente a ela, afastando suas coxas e enterrando os lábios entre elas.

—Foda! —exclamou— Sou um molenga. Sem controle.

Teria ido ao chão se não a estivesse segurando. Sua língua deslizou através da estreita

fenda de seu sexo, lambendo enquanto gemia antes que seus lábios rodeassem o duro broto de seu clitóris.

Ela o desejava duro e faminto, e ele ia dar se podia senti-lo.

Suas costas encontraram a parede antes de dar-se conta de que ele a tinha manobrado nesses poucos passos. O short estava no chão, e Dawg levantou sua perna, colocando-a sobre o ombro enquanto sua cabeça se inundava e sua língua se dirigia ao interior de seu sexo.

—Oh Deus! —A cabeça de Crista golpeou na parede enquanto estremecia ao sentir sua língua fodendo-a.

Moveu os lábios, deslizando-os para trás para o clitóris, enquanto os dedos ocupavam o lugar da língua, e ela se derretia a seu redor.

—Tenho que fodê-la. — murmurou, lambendo seu clitóris, sugando-o, beijando-o — Está me matando. Não posso esperar uma semana.

—Não espere nem um minuto. —gemeu ela, puxando seus ombros— Foda-me, Dawg. Agora.

—Logo.

—Agora.

Colocou-lhe o pé no chão e se levantou, mas suas mãos a pressionaram pelos ombros.

—Chupe meu pau. —ordenou bruscamente— Deixe-me ver como me chupa.

Crista se ajoelhou ansiosamente, as mãos rodearam a grossa e dura carne enquanto lhe cobria a cabeça avidamente. Não perdeu tempo. Agora estava tão desesperada, a paixão aumentava com força e rapidez dentro dela, queimando-a viva com a necessidade de senti-lo em seu interior.

Sugou a torcida cabeça, sua língua bateu as asas sobre ela enquanto as mãos acariciavam o pulsante eixo. Amava tê-lo em sua boca, sentindo o duro pulso do sangue bombeando, saboreando o acre sabor salgado do líquido pré-seminal na língua.

Estava fodendo seus lábios com movimentos pouco profundos, as mãos enredadas em seu cabelo, a cabeça arremessada para trás de prazer. As coxas se balançavam com força, os abdominais pregados em tensão quando os dedos de uma mão se cavaram em suas bolas.

—Foda. Isto é bom. —gemeu— Chupa com vontade, Crista. Fodidamente bem.

Sua voz era áspera, enviando uma sacudida de sensações descendo por sua espinha dorsal ante o prazer contido.

Examinou com a língua sob a cabeça antes de enroscar-se sobre ela, sua boca chupando-o mais profundo enquanto olhava seu amplo peito.

Uma conta de suor sobre a pele brilhou e alcançou os curtos cachos. Ficou na boca a

cabeça do pênis, gemendo sobre ela, e logo choramingou ante o eminente êxtase quando a pôs em pé.

—Contra a parede. — espetou, os lábios retraídos dos dentes enquanto a olhava com ardente luxúria—. Oh, neném, posso tomar contra a parede.

Um braço lhe envolveu os quadris enquanto a levantava, o outro aliviando uma perna ao redor de seu quadril enquanto a outra perna a seguia no lado oposto.

Um segundo mais tarde, Crista gritou intensamente, dor e prazer açoitando-a sem piedade, duros impulsos que o enviavam a se aprofundar na apertada malha de sua vagina.

—Deus, sim! —Suas mãos agarraram seu traseiro enquanto se balançava contra ela, acariciando-a internamente, lhe enviando um cataclismo de sensações atacando as terminações nervosas— Está tão fodidamente apertada, Crista. Tão quente e doce.

—Faz isso outra vez. — gemeu ela, com as mãos obstinadas a seus ombros, as unhas cravando-se em sua carne quando ele se inclinou para trás— Tome duro outra vez.

Ele retrocedeu, quase deslizando fora de seu agarre, antes de arpoar dentro dela com um rápido e contundente impulso.

—Oh Deus, Dawg. Eu adoro isso. — gritou com voz rouca.

—Você adora isso, não, doçura? —Retrocedeu de novo, inundando-se de novo em seu interior, acariciando a labareda interna ao máximo até que o suor empapou seus corpos em um esforço para regular o calor corporal.

Não houve regulação do desejo abrasador crescendo agudo e rápido dentro deles. Crista pôde sentir seus fluxos fluindo entre eles em resposta ao prazer. O pênis de Dawg estava implacavelmente grosso em seu interior, acariciando as, uma vez escondidas, terminações nervosas e queimando-a com a líquida e quente luxúria aumentando com mais força no interior deles.

—Quer mais? —As mãos apertaram o traseiro dela, seus dedos deslizavam dentro da estreita fenda até que encontraram a úmida entrada.

Acariciou, brincou. Deixou aos dedos afundar-se dentro dela enquanto o membro amassava em seu sexo. Formigamentos de afiada paixão, duros embates que enviavam impactantes ondas de sensações vertendo-se em seu útero.

Era muito. Começou a empurrar mais rápido em seu interior com profundos e precipitados golpes que enviavam quebras de onda de sensações, de violento prazer e emoções impactando dentro dela.

—Amo você. —Ela não pôde reprimir as palavras— Amo você. Sempre o amei. Sonhava... —As lágrimas alagaram seus olhos e lhe caíram pelo rosto— Oh Deus, Dawg, sonhava...

—E eu sonhava Crista. — gemeu ele, os lábios deslocando-se por seus ombros, logo pelo pescoço, enquanto os quadris empurravam e emergiam, enchendo-a com seu pênis

com rápidos e duros golpes. —Sonhava te amando. Abraçando-a. Sempre te amando.

A emoção avivou o prazer e avivou a luxúria. A conflagração resultante os fez gritar. Os soluços de Crista se mesclaram com os ásperos gemidos masculinos enquanto o êxtase começava a explodir dentro deles, logo a seu redor.

Sentiu os duros e ferozes jorros de culminação explodindo dentro dela. Sentiu o apertado e ardente agarre de sua vagina agarrando-o como um forte punho, dobrando-se ao redor dele e dando-o no cúmulo do seu próprio alívio.

Muitos minutos mais tarde, encontraram-se no chão, respirando com dificuldade, seus corpos ainda enredados, os braços envolvidos apertadamente um no outro.

—Me abandone outra vez, e não a foderei em uma semana. — resmungou Dawg contra seu ouvido.

—Esquece outra vez que me fodeu, e eu mesma atirarei em você. —Ofereceu-lhe um bufo não muito feminino, então sorriu ante o lento endurecimento do pênis em seu interior.

—A primeira vez, eu não esqueci. —lhe sussurrou então— Simplesmente não queria aceitar que tinha sido tão malditamente estúpido. Vivia em meus sonhos, Crista. Cada noite longe de mim, vivia em meus sonhos. E em minha alma.

Ela se inclinou para trás e o contemplou, vendo a intensidade em seus olhos, o pálido verde parecia brilhar dentro de sua bronzeada face quando a sensual culminação relaxou suas feições.

—Nada mais de sonhos —sussurrou ela— Só isto.

—Só isto.

Era mais que amor, mais que luxúria. Era o sonho, o desejo escondido, e a culminação de dois corações encontrando-se, duas almas fundindo-se.

—Amo você. —sussurrou ela— E tenho vontade de muitas, muitas noites travessas em seus braços, Dawg.

—Muitas. —prometeu ele — Muitas noites travessas em meu coração.

Ali, em meio da sala onde tudo tinha começado oito anos antes, o futuro começava. Para Dawg e Crista.

Semanas mais tarde.

Natches escutava os sons da noite. Era avançado já o verão. O lago estava repleto desses resolvidos a aproveitar cada segundo dos dias finais do verão.

Os meninos riam, os pais os repreendiam, os adolescentes se davam no cais, e o som dos botes ressurgia de noite enchendo o ar de vida.

E se escutasse atentamente, realmente atentamente, acreditava que podia ouvir os sons de prazer provenientes do navio do lado. Mudou-se do lugar ao lado de Nauti Boy depois que Kelly se mudou para lá com Rowdy. E ancorou o Nauti Dreams ao lado do navio de Dawg.

Não havia nenhuma praça livre para evitar os sussurros noturnos de paixão e prazer que às vezes fluíam dos dois navios.

Encurvou-se ainda mais em sua cadeira e olhou para o lago da coberta superior do bote e considerou suas opções. Não havia muitas.

Estava seguro de estar farto de balas perseguindo-o, farto de levar um rifle de franco-atirador, e farto de diabos dos caramelados beijinhos no rosto a seu redor. Seus dois primos e suas mulheres, monógamos e orgulhosos disso.

Terminou a cerveja pensando nisso, logo abriu outra. Não havia muito perigo de embriagar-se; não mantinha a suficiente provisão de álcool no navio, assim é que mais ou menos anulou a opção sendo esquecida.

Caralho, podia ir à cidade. Havia um apartamento sobre a garagem, e de todas as formas passava ali muito tempo. Algo para afastar-se da monógama sorte instalada na parte posterior do cais dos Mackay.

Fim

